

Segredos Revelados

Uma trama envolvente sobre mentira, traição e, acima de tudo, as consequências de nossas escolhas.

FERN
MICHAELS

Autora best-seller #1 do *The New York Times*
com mais de 70 milhões de livros vendidos



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Segredos Revelados

Uma trama envolvente sobre mentira, traição e, acima de tudo, as consequências de nossas escolhas.

FERN
MICHAELS

Autora best-seller #1 do *The New York Times*
com mais de 70 milhões de livros vendidos



Página | **1**

Página | **2**

Kate e Alex Rocket são abençoados com um casamento maravilhoso

uma casa adorável. Apesar de Kate ser incapaz de ter filhos, ela e Alex cuidam

de Sara e Emily, as afetuosas filhas de seus bons amigos Don e Debbie Winter,

como se fossem da família. Com uma ligação, tudo muda. Sara acusa Alex de

um crime hediondo, criando uma briga entre os casais. Em um único momento,

a vida deles se tornou um pesadelo sem fim. Kate só pode observar, impotente,

enquanto seu marido inocente é condenado e mandado para a prisão. Quando

uma tragédia ainda maior acontece, Kate não tem escolha a não ser transformar

sua dor em raiva... Quando sua vida está no momento mais obscuro, Kate

descobre uma força interior e uma solução arriscada para limpar o nome do

marido — e arruinar a vida daqueles que destruíram tudo que ela construiu com

Alex. Mas o maior desafio de Kate será vingar Alex sem ter seu futuro perdido

— e um novo amor precioso. Enquanto Kate tiver coragem e esperança, talvez

ela não perca tudo...

Prólogo

As mãos normalmente firmes de Alex Rocket tremeram quando ele apertou o botão para desligar o telefone e o colocou na base, no centro da

cozinha. Ele olhou para o telefone como se fosse um demônio, algo a temer, e

então examinou o local, lembrando. Tantos momentos felizes ocorreram

naquele paraíso vermelho-cereja e branco! Várias receitas de Kate foram criadas

ali. Algumas boas e outras nem tanto, mas, na maioria das vezes, Alex

relembrou a alegria que sempre sentia na grande e animada cozinha.

Aparelhos vermelhos retro O'Keefe & Merritt, armários artesanais, a coleção de

potes de cerâmica de Kate, alguns que ela mesma fizera, e vários potinhos

cheios de ervas aromáticas, dezenas de livros de receitas lotando as prateleiras,

tudo contribuindo para a atmosfera alegre da cozinha.

Os utensílios Ruffoni, que Alex comprara para Kate como presente de

casamento, cintilavam, brilhantes e de cobre, pendurados no armário no centro

da cozinha. Nada de diamantes e ouro para Kate. Um sorriso triste surgiu no

canto de sua boca enquanto ele relembrava quando perguntou a Kate o que ela

queria de presente de casamento. Ela queria utensílios de cozinha Ruffoni —

revestidos e fabricados na Itália. Ele analisou os utensílios da cozinha como se

estivesse em um museu. Para cada garfo, faca e colher havia uma lembrança.

Tigelas, pratos e facas de carne uma vez ou outra tiveram um papel insignificante em sua vida diária, sem que ele nunca pensasse em utilizar o

objeto de outra forma do que seu uso básico. Agora, no entanto, todos os

objetos inanimados na cozinha tinham um significado. Com cada garfo, faca e

colher ele tinha compartilhado uma refeição com Kate, talvez com Gertie. Sem

que Kate soubesse, ele sempre mimou um pouquinho os filhotes com as

refeições diárias. Todas essas lembranças desmoronavam em sua mente. Ele

não podia impedi-las, sentia como se fosse se afogar na abundância absoluta

delas, eram muitas. A maioria de suas lembranças era boa. Se ao menos

pudesse voltar ao passado, aos bons tempos. Maldição! Se pudesse voltar no

P á g i n a | **4**

tempo apenas uma hora. Um súbito mau pressentimento o envolveu como uma

manta. A partir daquele momento, as mãos do tempo mudaram rapidamente o

curso da vida como ele conhecia. Daquele segundo em diante, a vida como ele

conhecia nunca mais seria a mesma.

P á g i n a | **5**

Capítulo 1

Naples, Flórida

— Como você pode pensar em comida numa hora dessas? — Emily

perguntou a Sara, sua irmã mais nova, enquanto a garota mais velha se sentava

sobre sua mala Samsonite azul-bebê, com a esperança de que o peso extra

tornaria o fechamento mais fácil. Ela tinha presentes para o tio Alex e para a tia

Kate, e não queria que Sara ou seus pais vissem.

Aos 12 anos, Sara era 20 quilos mais pesada que Emily, que já tinha 15

anos. Emily queria que sua irmã não pensasse tanto em comida.

— Mamãe diz que sou saudável porque como bem. Papai também

Então... — Sara lutava para sair da cadeira de balanço infantil que tinha desde

os 3 anos. Ela ficou com a cadeirinha presa a seus quadris ainda em desenvolvimento.

— Aqui. — Emily fechou o zíper das bagagens. — Deixa eu te ajudar.

— Com um rápido movimento, Emily puxou a cadeira de balanço dos quadris

de Sara.

— Ai! — gritou Sara.

— Você é um pouco grandinha para esta cadeira. Você precisa de uma

cadeira para adultos agora — explicou Emily.

— Não, não preciso. Você está com ciúmes. — Sara sorriu enquanto esfregava a parte de trás das mãos para cima e para baixo.

P á g i n a | **6**

Emily virou os olhos e colocou sua bagagem no hall. — Não posso

imaginar por que você disse isso. Ouça, precisamos nos apressar.
Mamãe e

papai disseram para estarmos prontas às oito. São quase nove —
berrou Emily.

— Mamãe arrumou minhas coisas ontem à noite. Além disso, não
vou a

lugar nenhum até que eu tenha tomado meu café da manhã.
Então... — Sara

mostrou a língua para Emily. Ela movimentou seu corpo volumoso
pelo quarto,

parando na porta de entrada. — E não me importa que horas
sejam.

— Chata! — berrou Emily para a irmã ao sair. Em breve Sara estaria
do

tamanho de uma casa se nada fosse feito em relação a seu peso.
Emily tentaria

conversar com ela mais uma vez quando chegassem à casa de tio
Alex. Sara

não parecia agir como uma desmiolada quando elas visitavam os
tios. Emily

realmente aguardava ansiosa esta visita. Ela sempre foi muito
próxima ao tio

Alex, e ele tinha todos aqueles maravilhosos golden retrievers.
Nesta fase de sua

vida, imaginou, isso era o mais próximo do paraíso que ela poderia
estar.

Emily ouviu o portão elétrico da garagem se abrir, lembrando-a de que

era hora de partir para Asheville. Agarrou seu diário, aquele que ela pegou Sara

bisbilhotando outro dia. Por precaução, colocou-o no fundo de sua sacola de

livros. Ela deu uma olhada no quarto mais uma vez, só para ter certeza de que

não estava deixando nada importante para trás, então fechou a porta e foi para

o andar de baixo.

Emily mal podia esperar para sair daquele lugar a que ela

particularmente se referia como um —palácio de gelo||. Sua mãe era muito

meticulosa, sempre com receio de que uma manchinha de pó arruinaria os

ridículos móveis brancos da casa. A casa de tia Kate era muito mais relaxante.

Eles nem mesmo se importavam se os cachorros pulavam em todos os móveis.

Além disso, tia Kate jamais teria móveis brancos. Os dela eram usados e

macios, e então qual o problema de terem um pouco de pelo de cachorro?

Emily adorava aquela vida informal e amava todos os animais vagando pela

casa. Ela imaginou que sua mãe teria uma parada cardíaca se um animal de

qualquer tipo entrasse em sua casa.

P á g i n a | **7**

Emily seguiu para a cozinha bem a tempo de ver Sara sentada à mesa do

café com gema de ovo espalhada por seu rosto rechonchudo. Emily pegou um

papel-toalha, o umedeceu e o entregou a Sara.

— Limpe seu rosto. É hora de sair. Se nós não pegarmos a estrada, acabaremos passando a noite em um desses hotéis de 20 dólares com papéis

higiênicos ásperos que você odeia.

Sara arrancou o papel-toalha de Emily e com indiferença limpou a boca.

— Espero que esteja satisfeita! — Sara jogou a folha suja no chão da

cozinha.

— Vamos, Sara, não aja como um porco. Vamos embora. O papai está

nos esperando no carro. — Emily recolheu o papel e jogou-o na lata de lixo sob

a pia. — Eles estão esperando, Sara — disse Emily, pronunciando cada palavra

lentamente.

— Mamãe ainda não está no carro — replicou Sara.

Emily revirou os olhos.

— OK, mas ela está quase pronta. Acabei de ouvir a porta bater.

Sua mãe sempre odiou o fato de irem à Carolina do Norte de carro em

vez de avião. Se algo a contrariasse minimamente, sua mãe sempre fazia todos

ao redor ficarem sabendo. No ano passado, as portas batendo se tornaram

muito populares.

Com relutância, Sara se afastou da mesa e seguiu Emily até a porta da

garagem.

Emily enfiou sua bagagem entre Sara e a parte de trás do Explorer. Foi

para o banco de trás e pegou um romance de sua sacola de livros. Esperava que,

ao ler, pudesse evitar que Sara fizesse as coisas piorarem com todos os tipos de

perguntas e comentários estúpidos. Ela amava sua irmã mais nova, mas, às

vezes, desejava que seus pais tivessem um pouco mais de controle sobre o

P á g i n a | 8

comportamento dela. Sara era muito malcriada e não tinha amigos de verdade

na escola, então a maior parte de seu tempo livre em casa era gasto

atormentando Emily com perguntas idiotas e comentários toscos.

Emily soluçou ao ouvir a porta da frente bater. Sua mãe devia estar

pronta para sair. Não ousou desviar o olhar do livro. Quando sua mãe estava

daquele jeito, Emily sabia por experiência própria que era melhor ficar calada.

Sara estava segura de que iria distrair sua mãe.

Vestindo uma calça branca e uma blusa de seda verde-limão, Debbie

Winter parecia estar vestida para um de seus almoços de caridade, não para

uma longa viagem de carro. Emily observou sua mãe deslizar sobre o assento da

frente. Seu cabelo castanho e curto estava com laquê e ela tinha passado

delineador demais. Seus cílios estavam tão densamente revestidos com rímel

que ela parecia um elfo. Por que ela não pode ser como a tia Kate?
Emily quase

podia garantir que tia Kate não usaria calça branca e uma blusa de seda em uma

viagem de carro. Provavelmente, vestiria um jeans e uma camiseta confortável.

Com certeza, ela não teria se preocupado com toda aquela maquiagem e laquê.

Emily apenas sacudiu a cabeça e mergulhou em seu romance.

— Todos prontos para sair? — perguntou Don Winter ao entrar no carro.

— Acho que seria melhor estarmos prontos, com certeza você não esperaria se não estivéssemos. — O sarcasmo foi vomitado da boca de Debbie

com gloss rosa.

Naquele momento, Don Winter cerrou o maxilar e seus olhos cinza

como aço queimaram feito fogo. Ele respirou fundo, em seguida expirou

lentamente.

— Então me deixe repetir. Estamos todos a postos para ir a Asheville? —

Ele olhou sobre o ombro para Emily e Sara no banco de trás. Como não havia

nenhuma resposta, deu a partida. — Acredito que estejamos prontos. — Sem

outra palavra, Don Winter dirigiu vagarosamente pelo Lago Quail, o requintado condomínio em Naples. Eles passaram pela moderna academia, por

um salão de dança que ninguém parecia usar, pelo SPA e pelo centro de

P á g i n a | 9

massagem. Eles até tinham um salão exclusivo para festas de aniversário. Um

chafariz em estilo toscano ia do piso central aos portões de saída. Uma guarita

que parecia uma pequena mansão abrigava dois homens idosos uniformizados,

ambos pareciam tão entusiasmados por estarem trabalhando quanto uma

bailarina em um estádio de futebol. Don Winter acenou para o homem quando

pararam no portão. Um caleidoscópio de flores decorava a via do condomínio

fechado. Hibiscos amarelos e gerânios vermelhos salpicavam a borda das

calçadas de concreto. Cipós de buganvílias roxas, vermelhas e amarelas estavam

cheios de flores. Em algumas semanas, os jardineiros iriam retirar as folhas

secas e outra planta ou arbusto dominaria a paisagem. As casas do Lago Quail

eram vendidas por milhões de dólares. Don Winter quis se mudar para uma

casa menor quando as garotas foram para o colégio. Se ele pudesse lucrar mais

com a venda, então ele teria mais poder. Debbie se recusou a discutir a venda

da casa. Ela dissera que aquela era a sua casa e não haveria mais conversas

sobre vendê-la. Ele tinha concordado no momento, mas sabia que a decisão era

apenas temporária.

Há dois meses, Don Winter tinha instalado um celular no Explorer. Por

não estar acostumado a ouvir o toque do telefone no carro, ele quase foi na

contramão ao entrar na Rodovia 41.

— Alô.

— Eu pensei que você estivesse perto da montanha há essa hora. E aí?

— A voz alegre de Alex Rocket soou como se estivesse no carro com eles. A

tecnologia moderna ainda o surpreendia.

— Ei, seu idiota. Acabei de entrar na estrada. Saímos tarde. — Don olhou para Debbie escolhendo alguma manchinha imaginária na calça dela.

— Idiota, né? Não sou eu que estou atrasado. — A risada boba de Alex

podia ser ouvida pela linha.

— Três mulheres. Isso leva tempo.

P á g i n a | **10**

— Aposto que sim. Liguei para saber se eu poderia fazer uma surpresa

para Emily. Ginger acabou de ter filhotes, acho que ela ia querer um. O que

você acha? Não queria dar a ela um cachorrinho sem sua permissão.

Don Winter examinou rapidamente a calça branca de Debbie. Ela não

podia lidar com um cabelo humano em sua casa perfeitamente decorada, menos

ainda com pelos de cachorro.

— Eu adoraria dizer que sim, mas Deb não é muito carinhosa com

animais. Todos aqueles pelos. Sinto muito. — Don não se importaria com um

animal, mas Debbie preferiria morrer a ter um em casa.

Don ouviu o suspiro de Alex pelo telefone.

— Sem problemas. Eu sei o quanto Emily ama cães.

— Talvez quando estiver morando sozinha ela possa ter cachorros.

Agora ela está bastante envolvida com escola e esportes. Emily está novamente

no time de basquete feminino. Você deveria ver. Lembrei-me de você, —homem-

foguete||, quando estávamos no Ensino Médio.

— Não me chamam assim há muito tempo — disse Alex,

melancolicamente. — Diga a Em que esperarei um jogo enquanto ela estiver

aqui.

Don sorriu.

— Pode contar com ela. Se o trânsito não estiver muito ruim e as meninas estiverem dispostas, devemos estar aí esta noite, senão, amanhã cedo.

— De qualquer forma, estaremos aqui esperando. Kate mal pode esperar

para ver as meninas.

— Elas também estão animadas. Vejo você em breve, meu velho.

—

Don apertou o botão desligar e colocou o telefone na base.

P á g i n a | **11**

— Alex e Kate estão realmente ansiosos para ver as meninas — disse

Don.

Debbie olhou seu marido de dezessete anos. De repente, ela não conseguia se lembrar do que a deixou atraída por ele. — Kate é estéril. Ela se

entusiasma com qualquer criança.

— Não fale uma coisa dessas. Ela adora as meninas, e você sabe que é

verdade — respondeu Don, aumentando a voz.

Debbie riu.

— Eu não disse que ela não gostava das meninas. Eu simplesmente expus um fato. A mulher é estéril. Ela usa as meninas como filhas substitutas.

— Isso não é verdade, mãe — disse Emily.

— Como se você entendesse alguma coisa. Espere até você ter seus próprios filhos antes de dar uma opinião sobre algo de que você não sabe nada.

Você está igualzinha a seu pai. Sempre acha que sabe alguma coisa de tudo.

— Debbie, isso é desnecessário. — Ela estava de mau humor há dias.

Don estava cansado dela. — Pare de soltar os cachorros em cima de Emily.

Emily queria dizer mais em defesa de tia Kate, mas uma discussão com

sua mãe era a última coisa de que precisava naquele momento. Ela voltou a ler

seu romance.

— Eu não estou soltando os cachorros em cima da Emily. Só estou dando um passeio, Don. Nós poderíamos ter ido de avião a Asheville, mas,

como sempre, você tem que controlar tudo o que fazemos. Estou surpresa por

você não ter me dito o que vestir. — Debbie revirou os olhos e segurou suas

unhas ovais tão bem cuidadas.

— Não vamos começar, OK? Temos uma longa viagem pela frente e eu

gostaria de dirigir em paz.

P á g i n a | **12**

— Se fôssemos de avião, não teríamos que sofrer com esta viagem longa

e chata — disparou Debbie de volta.

— Eu gosto de dirigir. Isso me relaxa. Você sabe disso.

— Sim, eu sei. Sempre faço o que você quer, e estou ficando cansada

disso. Don quer isso, Don quer aquilo. E o que Debbie quer? Quando é que

você vai se importar? Não é verdade?

Don acelerou, passando por uma casa geminada na interestadual 75 a

uma velocidade vertiginosa. Ele agora desejava que tivesse mandado Debbie

antes em um avião. Ela ia passar as próximas dez horas cacarejando e

reclamando. Ele estava cansado disso e já estavam na estrada há quase uma

hora.

— E então? — insistiu Debbie.

Com os ombros tensos e as duas mãos apertando o volante, Don

imaginou envolver as mãos em volta do pescoço de sua esposa, apertando-o até

que ela desse seu último suspiro. Deus, aquilo era um casamento? Ultimamente,

a palavra divórcio rastejava em sua mente, mas, cada vez que pensava sobre

isso, ele se lembrava de todo seu trabalho duro e o quanto tinha a perder. Não,

ele agia como lixo há muito tempo.

Com as duas meninas no banco de trás, Don se acalmou. Ele não queria

que elas fossem tão como ele naquele momento.

— Pela primeira vez vamos desfrutar de estarmos juntos. Em pouco tempo as meninas vão para a faculdade. Não haverá mais férias em família.

Além disso, pense em todo o tempo livre que você vai ter enquanto as meninas

estiverem com Alex e Kate. Duas semanas no Caribe parece uma troca justa

para mim. — Don sabia que ele estava usando o cruzeiro que fariam como um

meio de subornar Debbie, e, se isso a mantivesse quieta o restante da viagem,

então tudo bem. Ele iria jogar e beber. Se tivesse sorte, poderia até pegar uma

mulher disposta a desfrutar dele como um homem e manter seus pensamentos e

opiniões para si. Ao menos isso.

Don lançou um olhar sobre Debbie. Um lampejo de um sorriso surgiu

nos lábios dela. Sem dúvida, Debbie estava pensando em todo o tempo livre que

teria sem as meninas em seu pé.

Com um toque de grosseria, Debbie disse: — Acho que posso dar uma

trégua. Por enquanto.

Don balançou a cabeça, perplexo. Mais tarde, teria muito a pagar.

Agora, ele simplesmente não se importava mais. Ele estava disposto a fazer

qualquer coisa para mantê-la calada. Queria chegar a Asheville sem uma

acusação de assassinato contra ele. Ele nunca recorreu à violência física, mas

podia imaginar o prazer que sentiria ao dar um soco na boca de Debbie. Ele

sorriu. Ela agia como uma alpinista social desde que se mudaram para sua nova

casa no Lago Quail. Ele tinha escutado fofocas sobre sua mulher vindas dos

maridos das mulheres com as quais Debbie convivia. Aparentemente, estavam

rindo pelas costas. Não importa, ela seria sempre a menina do Brooklyn com o

sotaque de Nova York. Não importa quantas aulas de dicção ela tenha feito,

sempre soava áspera e sem sofisticação. Don subitamente percebeu que estava

desiludido com a vida, especialmente com seu casamento. Onde estava toda a

diversão e companheirismo pelos quais ansiava? Seu casamento com Debbie

fora um erro, nada mais que uma farsa. Uma vez a bordo do cruzeiro, ele

analisaria honestamente sua situação. Nada como navegar no Caribe para

refletir sobre a vida.

Don decidiu que tinha sido mesmo melhor mudar de assunto. Seus pensamentos estavam se tornando muito sombrios.

— Obrigado, Deb. Agora, quem quer ir ao Krystal almoçar? — Don

adorava mini-hambúrgueres, mesmo que lhe causassem uma péssima

indigestão.

— Eu quero! Eu quero! Posso pedir uma dúzia? Por favor, por favor!
—

gritou Sara do banco traseiro.

— Balofa! Você está ficando maior a cada minuto, e ainda quer uma

dúzia de hambúrgueres — disse Emily com nojo.

P á g i n a | **14**

— Emily, isso não é uma coisa muito agradável para dizer a sua irmã.

Sara ainda é uma menina em fase de crescimento. Ela precisa de três refeições

por dia, embora eu tenha que concordar com Emily. Uma dúzia de hambúrgueres é demais. Você pode comer seis, com algumas batatas fritas e um

milk-shake de baunilha, se quiser — explicou Debbie a Sara.

Sara olhou para Emily e sussurrou —vadia||.

— Mãe, não acho que esse seja o almoço mais saudável para Sara. Ela

precisa de um pouco de alface sem molho para salada e um copo d'água. —

Emily riu da expressão de horror no rosto rechonchudo de Sara.

— Já chega! As duas. Sara, você deveria ouvir os conselhos de sua irmã.

Ela já passou por isso, e sabe como é. — Don olhou no espelho retrovisor e

piscou para Emily. Ela nunca foi gordinha, mas, se uma mentirinha a faria

parar de argumentar, que mal poderia fazer, Don perguntava a si mesmo.

— Papai! Isso não é verdade! — refutou Emily.

— Você é muito jovem para se lembrar. Agora, vamos procurar um outdoor do Krystal. Toda essa conversa sobre comida está realmente me deixando com fome.

— Eu também! — gritou Sara. Ela começou a pular para cima e para baixo no banco de trás.

— Sente, sua moleca! Você age como um etíope faminto. Você não pode

parar por apenas um minuto? — Emily desejava que eles já estivessem com tio

Alex. Estava ficando muito difícil permanecer tão perto de Sara agindo como

um coelho.

Sara mostrou o dedo para Emily.

Emily agarrou o dedo médio de sua irmã, e em seguida puxou.

— Ai! — gritou Sara.

P á g i n a | **15**

— Chega, vocês duas! — gritou Don.

— Ela me ferrou! — declarou Emily indignada.

— Mentirosa! — gritou Sara, e então começou a berrar a plenos

pulmões. — Ela é uma mentirosa, ela é uma mentirosa! Mamãe, por que ela

sempre mente sobre mim?

Emily empurrou o dedo indicador no rosto de Sara esperando deixar uma marca. — Você está realmente descontrolada, Sara. Você está doente.

— E agora temos uma psiquiatra na família. Emily, você precisa guardar

suas opiniões para si. Sara não tem ideia do que significa ferrar. — Então

Debbie acrescentou com raiva: — Eu mal posso esperar para largar vocês com

seu tio.

Don balançou a cabeça, consternado. — Deb, eu acho que já basta. O

Krystal é logo à frente. Vamos parar e pegar um hambúrguer. Eu quero que

vocês duas parem de discutir.

— Mas, papai — interrompeu Sara —, eu não fiz isso. — Sara olhou diretamente nos olhos de Emily. — Ela é apenas uma gorda mentirosa. Eu te

odeio! — Sara mostrou a língua para Emily.

Emily respondeu secamente:

— Ah, é? Bom, o sentimento é recíproco.

— O que isso quer dizer? — lamentou Sara.

— Se você prestasse atenção na escola, saberia, idiota! — acrescentou

Emily.

Debbie se inclinou sobre o banco da frente para espiar sua filha mais

velha. — Eu a proíbo de falar mais alguma coisa para sua irmãzinha. Você vai

corrompê-la. Agora, nem mais uma palavra.

P á g i n a | **16**

Emily empalideceu e mordeu o lábio inferior, algo que só fazia quando

estava chateada. Sua mãe tinha uma visão tão distorcida de Sara. Era óbvio que

a garota precisava de ajuda. Ela rezou para que Sara não agisse como uma

idiota quando chegassem a Asheville. Ela odiaria que tia Kate e tio Alex vissem

Sara deste jeito. Eles nunca mais iriam querer uma visita dela. Passaram pelos

outdoors do Café Risqué, um clube para homens cujas garotas não pareciam

muito mais velhas do que Emily. Painéis de propaganda no sul da
fronteira

deviam custar milhões porque apareciam antes de cada saída. Eles
pararam lá

em muitas ocasiões, quando as meninas eram pequenas, mas o
lugar não era

mais divertido.

— Lá está — gritou Sara, apontando o dedo gorducho para a placa.

Don pegou a próxima saída e entrou no estacionamento do Krystal.

— Vamos entrar e ver se podemos agir como uma família civilizada.
—

Don captou o olhar de Debbie. Se um olhar matasse, ele estaria em
um caixão.

Ele não podia aceitar a maneira como ela falou com Emily. Quando
as meninas

estavam longe o bastante para não ouvir, ele conversaria com ela.

— Bem-vindo à terra da gastronomia — disse Debbie quando abriu
a

porta do carro.

Don ignorou seu comentário. Aquele não era um almoço
requintado,

apenas algo diferente. —Será que tudo sempre tem que ter uma
boa impressão

para sua esposa?||, ele se perguntava.

Sara voou para fora do carro e correu para dentro. Emily ficou para trás

até que seus pais estivessem lá dentro. Uma vez lá, ela sentou-se em uma mesa e

rezou para que Sara se comportasse. Sara estava fora de controle, não apenas

em seus hábitos alimentares. Ela tinha problemas em dizer a verdade. Emily

não conseguia entender por que seus pais mimavam Sara o tempo todo. Não

era saudável. Não era de se admirar que a pobre garota não tinha amigos da sua

idade. Ela agia como se tivesse 6 anos, e seus pais continuavam a encorajá-la.

O cheiro de cebola frita e gordura a fez sentir náuseas. Ela não sabia

como Sara ou a mãe e o pai podiam comer aquela porcaria. Escolheu batatas

P á g i n a | 17

fritas e uma Coca-Cola. Isso era tudo que seu estômago permitiria. Emily mal

podia esperar para comer a comida caseira de tia Kate. Ela era uma chef

profissional. Às vezes, as refeições eram gourmet, outras vezes ela poderia fazer

algo tão simples como um bolo de carne com purê de batatas e molho de alho.

Não importava o que ela fazia, era sempre delicioso.

Don carregava uma bandeja cheia dos mini-hambúrgueres que ele amava. As batatas fritas e a Coca-Cola foram repassadas. Sara agarrou sua

comida como um animal faminto.

— Onde está o meu milk-shake? Mamãe disse que eu poderia tomar um!

— Sara deu um grito que atraiu olhares curiosos dos outros clientes.

Emily torcia para que ela fosse sugada para um buraco negro.

Envergonhada, tomou um gole de Coca-Cola, com a cabeça baixa. Mais três

anos, disse a si mesma. Ela iria para a faculdade. Não haveria mais passeios

familiares humilhantes como aquele. Não haveria mais Sara. Parte dela se

sentiu mal por sua irmã mais nova e os maus pensamentos que ela sempre

parecia ter quando se tratava de Sara, em seguida, outra parte dela queria socá-

la toda vez que ela abria a boca.

— Shhhh, Sara. — Debbie voltou-se para o marido. — Eu lhe disse para

trazer um milk-shake para ela. É tão difícil fazer isso? Pegue um para ela.

Sem dizer outra palavra, Don caminhou até o balcão, voltando minutos

depois com um enorme milk-shake de baunilha para Sara. Ela rapidamente

enfiou seu canudo no milk-shake e começou a sugá-lo como uma vaca.

Debbie colocou a mão na barriga de Sara.

— Não tão rápido, querida. Você vai ter uma dor de barriga.

— Está bem, mamãe. Eu estava com muita sede. Posso ganhar uma sobremesa se eu comer tudo? — Sara olhou para Emily, depois voltou a olhar

para sua mãe. — Por favor?

P á g i n a | **18**

Rapidamente, Emily perguntou quais eram as chances de sua irmã não

comer tudo o que estava em seu prato. Na casa dos bilhões, sem dúvida.

— Não vamos exagerar — disse Debbie a Sara.

Emily não podia acreditar em sua mãe. Em alguns momentos, ela era

tão má como a Bruxa do Oeste e, depois, ela fazia Glinda, a Bruxa Boa, parecer

uma vaca. Poderia falar com raiva com ela ou com o marido e, no momento

seguinte, ser tão doce quanto à sobremesa de Sara.

Toda entusiasmada, Sara perguntou:

— Isso quer dizer que sim?

— Claro, mas vamos ter que nos apressar. Seu pai quer dirigir direto para Asheville. Não vamos ter tempo de parar e jantar.

Don chutou Debbie na canela por baixo da mesa. — E a mamãe quer

chegar lá o mais depressa possível também. Ela não pode esperar para se livrar

de vocês duas. — Isso foi dito com um sorriso, mas Don estava sério. Ele

conhecia sua esposa, ele assistia àquele seu número por muito tempo. Ele sabia

que estava dançando conforme a música dela, mas às vezes não conseguia

evitar.

— OK, você mesmo disse, não vamos discutir. Dê a Sara uma torta de

maçã e vamos — disse Emily enquanto saía da minúscula mesa e se dirigia ao

carro. A discussão sobre Sara e seus hábitos alimentares era insuportável. A

garota teria sorte se não tivesse uma doença cardíaca e pressão arterial elevada

antes de ter idade suficiente para dirigir.

Don juntou as embalagens e latas vazias e jogou no lixo que estava na

porta de saída.

— Emily está certa. Pegue a sobremesa e vamos. — Ele olhou para

Debbie e Sara. — E vocês duas vão ao banheiro antes de pegarmos a estrada.

Eu não quero parar em cada saída porque uma de vocês tem que fazer xixi toda

hora. — Depois de anos de viajando pelas estradas, Don tinha aprendido os

P á g i n a | **19**

truques de Debbie. Apesar de ela lhe dizer que estava com dor de barriga para

que parassem várias vezes, ela só fazia isso para atrasá-los, pois sabia que ele

era extremamente pontual. Novamente, ele se questionava por que permanecia

casado com ela por dezessete anos.

Hesitante, Sara se levantou de seu assento, parando brevemente para

comer uma batata frita que tinha esquecido. — Eu vou tomar um sundae de

chocolate quente com duas caldas e chantilly extra.

— Querida, no Krystal não tem sundaes. Tem torta de maçã ou biscoito

de chocolate. Qual você quer?

Sara levou uma eternidade para decidir.

Don insistiu.

— Vamos lá, Sara. Precisamos voltar para a estrada antes da meia-noite.

Ela colocou um dedo gordo contra o rosto rechonchudo. — Tudo bem

se eu escolher um de cada, já que vai demorar para eu comer novamente?

Debbie olhou para Don.

— Claro, querida. Don, pegue a sobremesa enquanto vamos ao banheiro.

— Sejam rápidas — disse Don enquanto elas se retiravam.

Sobremesas em mãos, Don seguiu caminho até o Explorer. Emily se inclinou sobre o banco da frente para abrir a porta do motorista para ele.

— Ela ainda está comendo? — questionou Emily.

— Não, agora está no banheiro, mas aposto que você não adivinha para

quem é esta sobremesa. — Ele ergueu a caixa que continha a torta de maçã e os

biscoitos de chocolate. — Um para a estrada.

P á g i n a | **20**

Emily sorriu para o pai. — Você quer dizer os dois.

— Sim, eu acho que sim. Vamos apenas tentar manter a paz com sua

mãe e sua irmã. Assim que chegar a Asheville, sua mãe vai ser boa para todos.

Você sabe como ela gosta de passar uma boa impressão para Alex e Kate.

Emily assentiu. Ela sabia disso, mas sabia também que sua mãe não

impressionava seus tios. Não que eles tivessem dito alguma coisa a ela. Apenas

era algo que podia sentir. Ela sentia vergonha de sua mãe e, algumas vezes, se

odiava por sentir-se desse jeito. Talvez pudesse entender sua mãe quando fosse

mais velha. Ela esperava que sim.

Quinze minutos se passaram e sua mãe e Sara ainda não tinham saído

do banheiro. Assim que Emily saiu do carro para procurá-las, elas se materializaram.

— O que é que vocês estavam fazendo para demorarem tanto tempo? —

perguntou Don enquanto saía do estacionamento.

— Sara está entupida — Debbie contou.

Emily teve que morder o interior de sua boca para não rir em voz alta.

Se ela não podia ir ao banheiro agora, bastava esperar um pouco. Assim que

aqueles mini-hambúrgueres navegassem até o intestino de sua irmã, ela jorraria

Hersheys durante dias. Só de imaginar, o sorriso de Sara aumentou. Talvez ela

fizesse nas calças. Seria legal se acontecesse. Talvez assim ela não agisse como

um porco no futuro.

— Mamãe! — gritou Sara.

— Está tudo bem, querida. Você não pode fazer nada se estiver doente.

São os nervos dela. — Debbie se virou para olhar para Emily, que estava se

esforçando muito para não rir da conversa.

— Emily, pare de pegar no pé da sua irmã. Desse jeito ela fica mal de

estômago. Todas essas brigas causaram estragos ao estômago de Sara.

P á g i n a | **21**

— Nós sabemos, Debbie. Agora, podemos falar de outra coisa? — Don

sorriu pelo espelho retrovisor para Emily.

Ela sorriu de volta.

Pela primeira vez eles pensavam da mesma forma.

P á g i n a | **22**

Capítulo 2

Asheville, Carolina do Norte

Kate tomou cuidado para não fazer muito barulho conforme tirava as

taças e os utensílios do armário. Don e Debbie chegaram depois da meia-noite e

provavelmente queriam dormir. Ela pretendia fazer um reforçado café da

manhã para todos. Começaria com suas panquecas de mirtilo caseiras. Ela

pegou fatias grossas de bacon defumado e uma garrafa especial de xarope

caseiro vindo de Vermont. Laranjas frescas para o suco das meninas e suco de

toranja para Debbie. Kate tinha certeza de que ela ainda bebia suco de toranja.

Ela estava em dieta desde que Kate a conhecesse e, além do álcool, Kate nunca

tinha visto Debbie beber outra coisa.

Kate amava as manhãs. Sempre acordava muito cedo, tinha esse costume há muito tempo. Começaria seu dia com uma boa xícara de chá forte.

Alex não gostava muito de chá, por isso ela comprou os melhores grãos de café

torrados que encontrou em Daily Grind, uma mercearia local especializada em

cafés gourmet e alimentos difíceis de encontrar. Preparou um bule de café, em

seguida pegou os mirtilos que colheira recentemente, os colocou em uma peneira

e lavou-os na pia da cozinha. Kate amava sua cozinha quase tanto quanto

amava o estúdio de arte que Alex havia construído para ela logo depois que se

casaram. Era um sótão logo acima dos canis onde ficavam todos os cães.

Quando precisava de inspiração, ela simplesmente descia as escadas e brincava

com todos os retrievers maravilhosos que Alex adestrou e criou. Quase sempre

voltava animada para o estúdio e ia trabalhar em seu torno por horas. Kate

planejava mostrar para as meninas como usá-lo durante sua visita este ano.

Embora ela quisesse que Emily tentasse aprender a usar o torno há alguns anos,

por medo de ferir os sentimentos de Sara, ela esperou até que as duas meninas

P á g i n a | **23**

tivessem idade suficiente. Dessa forma, poderia ensinar às duas. Aos 15 e 12,

Kate percebeu que ambas estavam prontas.

Kate terminou de preparar o café da manhã e sentou-se à velha mesa de

carvalho no canto da cozinha. Tomou um gole de chá, apreciando o silêncio.

Embora não estivesse frio, ela acendeu a lareira. O amanhecer nas montanhas

da Carolina do Norte sempre era um pouco frio, mesmo no verão. Era dessas

manhãs que Kate gostava mais. Ela amava a fumaça de madeira saindo pela

chaminé, o cheiro úmido de terra, os insetos espalhados pelas centenas de

árvores no início da primavera. Ela abriu a janela sobre a pia da cozinha para

admirar a vista. Quando o sol nasceu acima das montanhas, limpando o

nevoeiro roxo-acinzentado suspenso sobre o Blue Ridge Parkway, Kate

observou os primeiros raios de luz do dia. Este é o país de Deus, ela pensou.

Nunca tinha visto um nascer do sol como aquele. No outono, era de tirar o

fôlego. Dourados, vermelhos e laranja, eram centenas as cores que decoravam

as montanhas, como milhares de joias brilhantes e coloridas.

O toque de Old Spice fez Kate se virar.

— Bom dia, querida. — Alex passou os braços em volta de sua cintura.

Kate respirou profundamente, amando o cheiro do corpo recém-saído do banho

de Alex, ainda úmido, contra sua pele.

— O café está quase pronto — disse Kate.

Alex deu vários beijinhos em sua bochecha.

— Não é só isso que está pronto — brincou ele.

Kate se desviou do abraço de Alex, golpeando-lhe no peito de brincadeira.

— Ei, nós temos visita, você esqueceu?

Alex sorriu. — Isso nunca me impediu antes.

P á g i n a | **24**

Depois de treze anos de casamento, Kate ainda era tão apaixonada por

Alex quanto no dia em que se casou. Sua vida amorosa não tinha abrandado.

Ela teve sorte. Tinha ouvido outras mulheres falarem e sabia que o relacionamento dela e de Alex era único, sem igual. Estava tão feliz e se sentia

um pouco culpada por suas amigas não terem com seus maridos o que ela e

Alex compartilhavam.

— Bem, agora você vai ter que esperar. — Kate colocou café na caneca

em forma de golden retriever favorita de Alex. — Aqui está.

Alex tomou devagar um gole de seu café. — Você não tem que fazer

tudo por mim, Kate.

Kate puxou sua cadeira e sentou-se com o marido.

— Eu sei disso. Faço as coisas para você porque quero, não porque tenho que fazer. Você sabe disso. — Ela se estendeu sobre a mesa e esfregou o

antebraço dele. Ser casada com Alex era fácil.

Alex virou a palma da mão para cima. — Está bem, está bem. Você pode servir meu café a qualquer hora.

— E o meu também — disse Don.

Kate se levantou e deu um abraço em Don. Alex o agarrou em um abraço de urso e desarrumou o cabelo perfeitamente penteado. Por uma fração

de segundo, Don olhou irritado, em seguida passou os dedos em seu cabelo

bagunçado. — Porra, cara, eu passei dez minutos arrumando o cabelo.

— E ainda é possível ver sua careca — brincou Alex.

— Ei, Alex, isso não é uma coisa agradável de dizer a uma visita, especialmente antes de ela tomar café — acrescentou Kate. Ela serviu uma

xícara para Don e colocou-se diante dele sobre a mesa.

— Então, quanto tempo vai durar o cruzeiro desta vez? —
perguntou

Alex.

P á g i n a | **25**

Debbie e Don eram ávidos por cruzeiros e fizeram mais de
cinquenta

desde que se casaram. Os quatro brincavam dizendo que Don e
Debbie

passavam mais tempo na água que na terra.

— Duas semanas. Espero que esteja tudo bem pra vocês — Don
respondeu.

— Claro que sim. Estamos contentes por as garotas ainda quererem
nos

visitar. Sei que elas estão ficando mais velhas, e é aí que você
normalmente as

perde para meninos e maquiagem. Eu pretendo ensiná-las a usar o
torno nesta

visita — disse Kate.

— Emily vai adorar isso. Ela sempre teve um grande interesse em
seu

trabalho — disse Don. — Com Sara, por outro lado, eu seria
cauteloso. Ela está

passando por uma fase um pouco complicada agora. Certifique-se
de que nada

de valor esteja em seu caminho.

— Você está falando de mim, papai? — Sara falou no vão da porta.
—

Você sabe que eu odeio quando você faz isso. — Sara caminhou pela cozinha e

se sentou no colo do pai. Kate achava que ela era grande demais para isso, mas

guardou o pensamento para si.

— Estão tomando café da manhã? — Sara perguntou.

— Estou fazendo panquecas de mirtilo e bacon. Que tal? — anunciou

Kate.

— Legal! Eu amo panquecas. Posso comer seis extragrandes e seis pedaços de bacon? E faça o bacon bem crocante que nem a mamãe faz — disse

Sara com naturalidade.

Don deu um sorriso. — Debbie queima o bacon.

Sara cruzou os braços sobre suas banhas. — Não queima! Eu gosto desse

jeito. Ela cozinha tudo o que eu quero do jeito que eu quero! — Sara olhou para

Kate como se a desafiasse a contradizê-la.

— Bem, então, se você quer seu bacon bem passado, é exatamente assim

que vou fazer. — Kate piscou para Don e Alex. — Sara, por que você não corre

lá para cima e vê se Emily quer tomar café da manhã conosco?

— Eu o quê? Eu a odeio. Ela é uma... Digo, idiota. Ela não me deixa mais ver seu diário. Mamãe diz que é porque ela está escondendo algo.

— Sara, não dê apelidos à sua irmã, e você deveria ter vergonha de ser

xereta. Você é madura o suficiente para dar valor à privacidade de Emily, assim

como sua mãe. Agora corra para cima e diga a Emily que é hora do café da

manhã — Don ordenou. — E deixe sua mãe sozinha. Ela vai querer dormir,

tenho certeza.

Relutantemente, Sara deslizou do colo do pai e se dirigiu para as

escadas. Quando ela já estava fora do alcance de sua voz, Don falou baixinho.

— Nós temos tido alguns problemas com a Sara. Acho que ela está com ciúmes

de Emily, por ser mais velha e tal. Emily não consegue mais agradar a Sara. Se

ela causar problemas, não lhe dê sobremesa. Esse é o pior castigo que ela pode

ter.

Alex e Kate se olharam. Kate falou primeiro.

— Duvido que tenhamos problemas com ela. Ela sempre foi tão doce.

Doze anos é uma idade difícil. Não é mais uma menina, mas também não é

uma mulher.

— Bem, vamos torcer para que ela não cause problemas. Eu já presenciei

muitos dos seus acessos de raiva — disse Don.

Kate colocou uma mão no ombro de Don. — Ela vai ficar bem. Você e

Debbie aproveitem o cruzeiro e nós vamos curtir as meninas. Esta pode ser a

última vez que elas queiram passar as férias de primavera com a gente. Elas

estão crescendo muito rápido.

Meia hora depois, satisfeito de panquecas e bacon, Alex pediu licença

para cuidar dos canis.

— Pensei que você tivesse contratado alguém para ajudar —
comentou

Don.

— Gertie. Ela é a melhor coisa que já aconteceu comigo. Bem, sem
contar Kate. — Alex piscou para Kate enquanto ela enchia a
máquina de lavar

louça. — O irmão dela, Reece Wilkes, tem sido meu advogado nos
últimos oito

anos. Ele é muito conhecido em Asheville. Ele a recomendou um dia
quando

veio para uma visita. Mal sabia eu que ela havia trabalhado para os
pais de Kate

anos atrás. Gertie nunca teve filhos, então ela dedicou sua vida ao
cuidado dos

animais. Eu não sei como cuidaria do canil sem ela.

— Aparentemente, você conseguiu ganhar a vida cuidando dos cães
—

disse Don categoricamente.

Kate fechou a lava-louça com um pouco mais de força. Ela virou-se
para

enfrentar Don. — E fez um ótimo trabalho. — Don era sempre
rápido para

fazer comentários sarcásticos sobre a profissão escolhida de Alex.
Houve uma

época em que seus pais cuidaram de um canil. O canil e os animais eram muito

queridos.

— Ei, vocês dois, não vamos começar isso de novo. Nós já passamos por

isso tantas vezes que eu já perdi a conta. Eu não queria estudar medicina

veterinária. Eu não teria tido a coragem ou paixão por isso. Gosto de criar os

filhotes, sabendo que eles vão para boas casas. Isso me dá mais satisfação do

que todo o dinheiro do mundo poderia me dar — disse Alex. — Quem liga para

dinheiro?

— Alguns de nós não nasceram com uma colher de prata enfiada goela

abaixo — Don respondeu. — Alguns têm que trabalhar muito para ter uma vida

decente.

Os pais de Alex eram extremamente ricos, e Don sempre o deixava ressentido por isso, embora ele raramente mencionasse.

Kate olhou para Don. Ele tinha 1,80 metro de altura, cabelos pretos perfeitamente penteados, nada fora do lugar. Ele era perfeito demais. E também

tinha inveja de seu marido. Kate compreendeu que tipo de pessoa Don era na

primeira vez em que eles foram apresentados. Mesmo que eles fossem amigos

desde a escola primária, Kate muitas vezes se perguntou se Don ficou mais

próximo de Alex por causa do dinheiro de sua família. Quando alguém não tem

sempre quer. Os pais dela lhe ensinaram isso. Eles passaram muito tempo por

conta própria, ainda viviam uma vida simples criando cães. Sua infância foi

quase perfeita. Ela queria que seus pais ainda estivessem vivos. Kate pensava

neles todos os dias, e a falta deles era terrível, embora tivessem morrido em seu

primeiro ano de faculdade. Ser filho único de pais mais velhos tinha o seu lado

negativo.

Kate se perguntou se Debbie e Don sabiam como eram sortudos por

terem duas filhas lindas. Ela daria tudo para ter filhos com Alex.

Aparentemente, Sara estava passando por um período difícil, mas Kate

tinha fé. Sabia que Sara iria passar por esta fase e rir de si mesma nos próximos

anos. Ter 12 anos era difícil.

Emily comeu em silêncio, enquanto Kate terminou de lavar a louça do

café. Ela comeu metade de uma panqueca e um suco de laranja. Ao contrário

de Sara, Emily era um pouco mais que magrinha. Kate perguntou-se se Emily

teria algum distúrbio alimentar, mas deixou o pensamento de lado. Emily era

muito sensível, e sempre foi mais alta e mais magra do que a média. Emily a fez

lembrar-se de si aos 15. Mais madura do que sua idade. Kate tinha certeza de

que Emily estava comendo o suficiente para satisfazer sua fome, e ela não devia

criar confusão sobre algo que não era um problema.

Emily saiu de sua cadeira e caminhou até a pia. Lavou seu prato e

colocou na prateleira inferior da máquina de lavar louça. — Algo errado, tia

Kate?

Kate sorriu para Emily. — Apenas distraída, só isso. Você faz isso

quando está velha.

— Você não é velha, tia Kate. Você é mais jovem do que mamãe e papai.

P á g i n a | **29**

— Então? O que isso quer dizer? — perguntou Kate.

— Eu nunca vi nenhum dos dois distraídos.

Kate riu alto. — Ah, Emily, tenho certeza de que eles têm seus momentos também. Você ainda não os pegou fazendo isso.

— Suponho que eles fazem — disse Emily.

Kate podia sentir a leve hesitação. — Algo mais?

Emily balançou a cabeça: — Estou indo para os canis. Mal posso esperar

para ver os novos filhotes.

— Por que você não vê se Sara quer ir? Tenho certeza de que ela adoraria ver os novos filhotes também.

— Eu não sei se isso é uma boa ideia — disse Emily, com a voz baixa e

olhando para o chão.

— Por que você acha isso? — perguntou Kate. Emily olhou ao redor da

cozinha, em seguida, deu um passo adiante para ficar ao lado de Kate. Ela

olhou para trás uma última vez antes de falar. — Promete que não conta nada?

Kate sabia que a confiança era uma questão importante entre os adolescentes e faria tudo o que pudesse para manter a confiança de Emily. Mas,

se o que ela estava prestes a dizer era algo que Kate achava que Don e Debbie

deveriam saber, ela não tinha certeza se poderia cumprir sua promessa, mas não

diria isso para Emily. Ela respirou fundo.

— Eu prometo. — Por um segundo, pensou em esconder as mãos atrás

das costas e cruzar os dedos, mas ela era muito velha para isso e, de qualquer

maneira, isso não significava nada.

— Nós temos alguns vizinhos, os Conzelman. Eles vivem duas casas abaixo de nós. Estão aposentados há não sei quanto tempo, mas são idosos

muito gentis. — Emily sorriu. — Você sabe o que quero dizer. Enfim, eles têm

P á g i n a | **30**

três gatos, Snuggles, Eddie e Clovis. Eles têm vários gatos, mas Snuggles, o

mais antigo, escapou outro dia. Sara o encontrou em nosso quintal.

— Eu espero que ela o tenha levado para casa — comentou Kate.

— Eu fiz isso. Mas, antes que eu o levasse para casa, eu a vi arrastando-

o pelo nosso quintal pela cauda. O pobre Snuggles gritava. Você sabe como os

gatos miam quando choram? Era quase como um bebê de verdade. Eu espiei

pela janela pensando que era um garotinho perdido ou algo assim. Foi quando a

vi puxando o gato. Corri para fora, peguei o gato e levei para casa. Não contei

para minha mãe ou meu pai, mas o protegi de Sara.

Kate não poderia imaginar nada pior.

— Por que você não contou aos seus pais?

Emily balançou a cabeça.

— Não faria diferença. Sara mente quando é acusada ou coloca a culpa

em mim ou em quem quer que seja. Não tenho certeza se podemos confiar nela

quando está perto dos filhotes.

Alarmes soaram na cabeça de Kate. Ela tinha lido recentemente que

crianças que eram cruéis com os animais corriam um alto risco de ter problemas

emocionais graves. Emily era jovem demais para lidar com isso.
Don disse que

tivera problemas com Sara. Talvez ela devesse insistir que a
levassem para a

terapia. Quem sabe o que poderia acontecer se o seu problema de
comportamento não fosse diagnosticado e tratado?

— Estou feliz por ter me contado. Vou te dizer o que podemos fazer.
—

A mente de Kate zuniu com ideias. — Vamos nos certificar de que
Sara não

ficará sozinha com os animais. — Ela não precisava quebrar a
promessa que fez

a Emily, mas gostaria de mencionar a Alex que ele precisa
supervisionar Sara

cuidadosamente quando ela estivesse com os cães. — Por
enquanto, vou manter

isso entre nós duas, mas, se eu achar que seus pais precisam saber,
vou ter que

contar.

P á g i n a | **31**

— Tudo bem. Eu confio em você.

— Obrigada, Emily. Isso significa muito. — Kate bateu suavemente
nas

costas de Emily. — Agora, por que você não vai até o canil? Tenho certeza de

que Alex está esperando você. Vou manter Sara ocupada até sua mãe se

levantar.

Emily hesitou.

— Tem mais. — Ela olhou ao redor da cozinha como se pudesse encontrar alguém ouvindo a conversa. Quando viu que não havia mais

ninguém, continuou sua história. — Sara é maldosa. É mais grave do que você

imagina. Eu sei que mamãe e papai sabem disso, mas eles não fazem nada,

exceto suborná-la com a sobremesa.

Kate podia ver pelo olhar angustiado no rosto de Emily que o comportamento de sua irmã mais nova era muito preocupante para ela.

— Todos esses acessos de raiva que ela está tendo. Seus olhos ficam

vidrados, é quase como se ela fosse outra pessoa. Na semana passada a peguei

xeretando minhas gavetas. Corri atrás dela da sala até a cozinha. — Emily fez

uma pausa. — Havia uma faca no balcão da cozinha. Sara agarrou-a e disse

que, se eu contasse que era uma xereta, ela cortaria minha garganta.

— Emily, você tem que contar a seus pais. Esse é um comportamento

muito anormal, não é uma brincadeira de criança.

— Eu sei, mas é como eu disse. Eles vão mimá-la, e ela vai prometer

nunca mais fazer isso novamente, então voltará a agir do mesmo jeito.

Kate iria falar com Alex mais tarde. Então, eles poderiam decidir o que

fazer.

— Eu não posso imaginar Sara fazendo algo tão terrível, ela ainda é uma

menina. Duvido que ela estivesse falando sério. — Kate não estava totalmente

certa disso, mas, por enquanto, guardaria o pensamento para si.

P á g i n a | **32**

— Você não diria isso se tivesse visto a expressão em seu rosto. Tia

Kate, ela realmente me assusta. Eu só quero que você e tio Alex observem. Não

há como dizer que o monstrinho vai agir neste momento — disse Emily.

Kate assentiu, forçou um sorriso. — Vou me lembrar disso. Agora, por

que você não corre até os canis? Alex está esperando por você.

— OK, eu gostaria muito. Obrigada, tia Kate. Eu me sinto melhor com

você sabendo o que realmente está acontecendo com Sara.

— Não se preocupe com ela agora. Vamos apenas aproveitar esta visita.

— Kate acariciou o rabo de cavalo liso e loiro de Emily. — Agora, saia daqui e

vá se divertir.

— Eu sabia que podia contar com você — gritou Emily enquanto se dirigia para os canis.

Kate estava extremamente preocupada com Sara. Se ela ameaçou a irmã

com uma faca, quem sabe o que mais poderia tentar. Ela falaria com Alex assim

que tivessem um minuto sozinhos. Juntos, poderiam decidir se isso era algo que

precisava ser compartilhado com Don e Debbie antes que partissem para o

cruzeiro ou se era algo que podia esperar. Kate não gostava de adiar as coisas.

Ela ia encontrar alguns minutos para falar com Alex durante o dia. Algo lhe

dizia que eles não deviam adiar esta conversa.

P á g i n a | **33**

Capítulo 3

— Você acredita na Emily? — Alex perguntou a Kate. Ela repetiu as preocupações de Emily para Alex enquanto ele tomava banho. Ela não queria

que mais alguém escutasse a conversa. No momento, o banheiro era o lugar

mais seguro da casa.

— Claro que sim. Emily não sairia por aí inventando esse tipo de coisa.

E, além disso, qual seria o motivo? Ela está muito preocupada com Sara, e,

francamente, estou um pouco nervosa com ela em casa por duas semanas.

Havia algo inquietante sobre ter 12 anos. Não foram somente as coisas

que Emily revelara a ela. Havia mais. A palavra maldade ficava voltando à sua

mente. Kate não poderia mencionar isso a Alex. Pelo menos ainda não. Ela

faria o seu melhor para passar as próximas duas semanas. Só tinha que ser mais

vigilante. Em duas semanas, as meninas voltariam a Naples com seus pais. Ela

e Alex retomariam sua rotina.

Alex desligou o chuveiro. Kate lhe entregou uma toalha de banho grande quando ele pisou no tapete rosa macio.

— Acho que sua preocupação é desnecessária. Esta é provavelmente

apenas alguma fase pré-adolescente que ela está passando. Talvez ela esteja

tentando chamar a atenção. Vamos manter nossos olhos e ouvidos abertos. Vou

colocá-la para trabalhar no canil com Gertie. — Alex riu. Os cantos de seus

olhos ficaram enrugados quando sorriu. Podia iluminar o pior dos seus dias.

Kate jogou a toalha sobre o cesto e entregou a Alex um roupão verde-

escuro.

P á g i n a | **34**

— Teremos de avisar Gertie. Faça com que ela saiba o que Emily

observou. Se alguém puder ajudar a endireitar uma criança difícil, esse alguém é

Gertie — disse Kate. Ela sabia disso por experiência própria. Ela se perguntou

se Gertie tinha as habilidades para lidar com uma criança como Sara. Talvez

Kate devesse dizer a Debbie o que Emily tinha testemunhado. Não, ela

esperaria. Tinha feito uma promessa e faria o seu melhor para mantê-la.

Além disso, Gertie tinha trabalhado para seus pais durante vinte anos.

Kate se lembrou de ter sido repreendida por Gertie em mais de uma ocasião.

Ela teve que admitir, Gertie sempre fora justa e sábia em sua disciplina. Ela

salvou sua pele de seus pais mais de uma vez. Quando Kate imaginava estar

prestes a fugir de um —crime||, Gertie sempre parecia ter uma punição

apropriada. Como no dia em que ela e Jocelyn Myers pegaram um vinho de

morango da Fazenda Boone. Isso foi em uma noite de sexta-feira. Jocelyn ia

dormir na casa de Kate. Ambas acharam que iam beber e, em seguida, passar

todo o sábado contando a experiência. Mas Gertie tinha outros planos. Às 5 da

manhã, ela foi para o quarto, se acordou e exigiu que descessem e esperassem

na parte traseira de sua caminhonete. Pensando que isso era algum tipo de

piada terrível, Kate se recusou. Gertie saiu da sala e voltou alguns minutos mais

tarde com três garrafas vazias da Fazenda Boone. Kate sabia que ela e Jocelyn

tinham sido pegadas. Com Gertie no volante e ela e Jocelyn na cabine da

caminhonete, Gertie dirigia pela rodovia esburacada, com cuidado para acertar

cada buraco na estrada. Ela as levou para a cantina mais próxima. Elas

passaram o dia com uma ressaca forte, servindo café da manhã e almoço para

alguns bêbados largados. Kate nunca mais olhou para o vinho depois daquele

dia.

Sim — pensou Kate —, Gertie pode ser exatamente do que Sara precisa.

Alguma disciplina à moda antiga, e Sara logo estará de volta nos trilhos. Kate

não podia esperar para ver a mudança de Sara quando Don e Debbie voltassem

de seu cruzeiro. Eles iriam agradecer a ela e Alex, elogiando o milagre.

— Se ela é com as crianças como ela é com os animais, Sara não vai se

endireitar em momento algum — observou Alex.

— Então vamos apenas esperar que as preocupações de Emily não se

manifestem.

P á g i n a | **35**

Kate pegou uma calça vermelha da Levi's e a entregou a Alex. Ele as

tinha desde os tempos de faculdade. Alex ainda era tão magro e bonito como

nas fotos em seu anuário de colégio. Na verdade, Kate o achava ainda mais

bonito. Ele certamente fora admirado na escola. Tanto ele quanto Don tinham

garotas em seus pés, de acordo com Don, mas elas não saíam de perto de Alex.

Kate podia entender o porquê, mas ela sabia que era mais por sua boa

aparência. Alex era o homem mais gentil que tinha conhecido. Havia um ar de

bondade nele. Kate sabia que era tendenciosa, mas qualquer um que já

conhecera Alex concordaria. Ele era demais.

— No que está pensando agora? Você parece muito séria — Alex disse

enquanto vestia a calça jeans.

Kate riu. — Na verdade, eu estava pensando como sou sortuda.

— E o que causou isso?

— Não sei. Pensar em minha vida. Ser casada com você. É o melhor. —

Mais uma vez, Kate abriu um grande sorriso. Alex a pegou nos braços.

— Eu sou sortudo. Você é um sonho, Kate. No dia em que comprei o canil minha vida mudou. Tenho você, uma carreira fantástica, os animais que amo. O que mais eu poderia querer?

Kate sabia, mas não quis expressar seus pensamentos. Alex parou de

abraçá-la e olhou seus olhos verdes. — Sei o que você está pensando, e isso não

importa. Eu lhe disse uma centena de vezes. O que será necessário fazer para

convencê-la?

— Eu sei, mas simplesmente não posso deixar de pensar que uma criança seria a cereja no topo do bolo. Nossa vida seria, ah, não sei, mais

completa — explicou Kate.

Kate passou os seis primeiros anos de seu casamento tentando engravidar. Quando isso não deu certo, ela tentou a fertilização in vitro por

mais três anos, e nada de filhos. Ela finalmente entendeu que nunca teria filhos

P á g i n a | 36

com Alex, ou com qualquer outra pessoa. Alex passou por uma série de

exames, mas ele estava bem. Era ela. Por alguma razão, ela não podia ter filhos.

Ela aceitou, mas não gostou.

Alex deu um passo para trás. — Você realmente acha que uma criança

nos... Completaria? Você bem sabe. Nós temos um ao outro, isso é tudo que

realmente precisamos. Nós dois concordamos que isso era aceitável.

— Eu sei, e é só quando as meninas nos visitam que percebo que faz

falta. Aceitei o fato, Alex, mas nunca vou gostar, não importa o que

discutirmos. — Kate pegou a mão de Alex. — Eu não quis insinuar nada, Alex.

É apenas algo em que vou sempre pensar. Mas então, quais são seus planos

para hoje?

Alex balançou a cabeça, espalhando gotinhas de água por todo o quarto.

Ele fazia Kate se lembrar de um dos cães após o banho.

— Vou pedir a Emily e a Sara para me ajudarem a dar banho nos

filhotes. Você sabe o que um trabalho pode fazer. Gertie está esperando duas

famílias esta tarde. Eles preencheram todos os requisitos como pais para adoção

do animal de estimação. — Alex riu. — Todos, exceto para o selo de aprovação

de Gertie.

Kate sabia que, se Gertie tivesse qualquer dúvida sobre a possível família

de um dos filhotes, eles não iriam levar o cachorro, fizesse chuva ou sol. Alex

levava seu negócio muito a sério. Gertie não tinha chamado sua atenção ainda,

e Kate não achava que ela faria. Gertie tinha um cuidado meticuloso em suas

decisões.

— É só não deixar Sara sozinha com os cães — disse Kate.

— Não deixarei. Vou dizer a Gertie para ficar de olho nela. Ela não vai

fazer nada, Kate. Ela é apenas uma garota, com hormônios e confusa. Você se

lembra dos seus 12 anos?

P á g i n a | **37**

Ela lembrava. Foi duro, mas ela nunca sentiu o desejo de machucar um

animal ou um ser humano naquela época. Ela atacava seu travesseiro, mas isso

era aceitável.

Kate assentiu. — Lembro. Você está certo. É uma idade difícil, mas não

vamos nos esquecer do que Emily disse. Não importa o quanto Sara seja doce e

amorosa, não queremos que os filhotes sofram.

— Eu não vou deixar nada acontecer com os cães, não se preocupe —

Alex garantiu a ela enquanto prendia a camisa na cintura de sua calça Levi's.

Ele colocou um cinto de couro, prendeu a fivela, em seguida se sentou na cama

para amarrar suas botas de trabalho.

Kate sentou-se ao lado dele. — Não estou preocupada, realmente. Acho

que estou apenas paranoica. Você está certo. Provavelmente são os hormônios,

e quem sabe o que mais está acontecendo na cabeça dela. Talvez você possa

conversar com ela e ela pode se abrir com você enquanto estiver ajudando com

os cães.

Alex levantou-se, passou as duas mãos ao longo de suas coxas, como se

removesse algo com a palma das mãos. — Vou ver o que posso fazer. Enquanto

isso, distraia Deb e Don para mim, pelo menos até eu dar banho nos cães.

— Farei isso, mas não se esqueça de que vamos jantar com eles esta

noite. Vou pedir a Gertie que fique de olho nas meninas enquanto estivermos

fora. Não me sinto confortável em deixá-las sozinhas ainda.

Alex riu. — Tudo o que você quiser. Vou falar com ela. Agora, vá fazer

algo divertido. Você não tem uma aula de culinária na próxima semana?

— Sim, tenho. Achei que pudesse tentar fazer algumas das minhas novas

receitas para você e as meninas. Emily adora experimentar novos pratos.

— Me parece um bom plano. Basta lembrar, Sara vai querer sobremesa.

— Vou fazer algo leve — acrescentou Kate.

P á g i n a | **38**

Alex deu-lhe um beijo rápido e foi para o canil.

Kate rezou para que Sara não causasse qualquer problema durante sua

visita. Ela estava muito preocupada com a menina, mas não queria exagerar.

Falaria com Debbie no jantar. No momento, ela tinha muita coisa para mantê-

la ocupada.

Kate tinha várias receitas que queria fazer para Chloe, o restaurante

onde trabalhava meio período e dava aulas de culinária duas noites por semana.

Ela ficava em êxtase total durante seu turno de oito horas. Cozinhar era sua

paixão. Ver a alegria no rosto dos clientes era incrível. Ela pensou em abrir seu

próprio restaurante, mas com sua cerâmica e o canil ela sabia que era mais do

que poderia assumir naquele momento em sua vida. Talvez quando se

aposentasse, ela e Alex abrissem um restaurante onde os clientes podiam levar

seus animais. Isso estava virando moda em Nova York. Ela não via isso

acontecendo no sul do país por algum tempo. Ainda assim, era uma possibilidade para o futuro.

Kate voltou para a cozinha, lavou a frigideira que tinha usado para o

bacon, limpou o balcão e pegou um pacote de camarão para descongelar.

— Ora, ora, não somos donas de casa ocupadas? — comentou Debbie

enquanto ela estava na porta.

Kate virou-se de repente. — Você me assustou! — Ela colocou a mão

contra o peito. Seu coração palpitou. Era como se Debbie tivesse surgido do

nada.

— Desculpe. Estava procurando alguém que pudesse me dizer onde

minhas filhas estão. Emily sabe que gosto do meu suco antes de eu sair da

cama. Onde está aquela vadiazinha?

Kate teve que segurar seu pulso esquerdo com a mão direita para não

esbofetear Debbie. Por que mulheres como ela tinham filhos? Por que foram

autorizadas a ter filhos? Não é de admirar que Sara estivesse com problemas.

Kate apostaria seu último centavo que Debbie era a culpada pelo comportamento de Sara.

P á g i n a | **39**

Ela respirou fundo e contou até dez antes de responder.

— As meninas estão ajudando Alex com os cães. Don disse que você

queria dormir.

Debbie puxou o cinto de seu robe de seda dourado apertado, em seguida

abriu com força a porta da geladeira. — Você tem alguma coisa para beber? —

Ela olhou para as prateleiras, viu um jarro, pegou-o e olhou para Kate. — Um

copo seria bom.

Kate percebeu que não gostava de Debbie tanto assim. Ela ignorou o

comportamento rude de Debbie por anos. Era hora de pôr um fim naquilo. —

Quantas vezes você e Don trouxeram as meninas aqui para nos visitar? —

questionou Kate.

— Por que você está me perguntando isso agora? Eu quero um copo —

afirmou Debbie. Seu sotaque de Nova York tornou-se mais proeminente. Kate

pensou que parecia que Debbie havia engolido um balde de cascalho após

fumar durante toda a noite.

Kate falou lentamente. — Pensei que você se lembrasse de onde os

copos ficam. Você já esteve aqui vezes suficientes para saber. Se quiser ser

servida, sugiro que espere até o cruzeiro começar. Ao contrário de suas filhas,

eu não sou sua empregada.

Debbie ficou boquiaberta, e Kate se lembrou de um bebê babando que

ainda não aprendera a se controlar. — Que diabos é tudo isso? Você está

naqueles dias ou o quê? Eu simplesmente quero um copo para beber. O que é

isso, Kate? Você está de TPM? Ou é inveja de pessoas que têm filhos?

Kate sentiu tudo queimar desde a boca do estômago até o topo de sua

cabeça. Sua audição parecia distante, como se estivesse escutando através de

um túnel. — Os copos estão no armário ao lado da pia.

Kate saiu da cozinha aturdida. Em questão de minutos, Debbie arruinou

seu dia. Ela sempre pisou em ovos com Debbie, tomando cuidado para não

P á g i n a | 40

ofendê-la. Alex e Don eram melhores amigos, ela realmente queria ser amiga de

Debbie, mas já sabia que não ia acontecer. Ela tentara durante anos. Debbie

tinha acabado de irritá-la mais uma vez. Por que chamar sua filha de 15 anos de

vadia se ela não traz um copo de suco? Ela cancelaria seus planos para o jantar.

Diria a Alex que estava com dor de cabeça. Don e Debbie poderiam pensar o

que quisessem.

— Ei, espere um minuto... Preciso de algo para comer — gritou Debbie.

Pela primeira vez, Kate queria estar em qualquer lugar, menos na cozinha.

P á g i n a | **41**

Capítulo 4

— Don ficou chateado por eu não ter aparecido para o jantar? — perguntou Kate. Passava da meia-noite. Ela estava cansada e não queria nada

mais além de dormir. Alex tinha ido jantar com Don e Debbie. Ela queria saber

como a noite acabou.

— Não, ele não ficou chateado. Mas ele estava curioso. Disse a ele que

you não estava se sentindo bem e decidi ficar em casa. Debbie não deve ter

dito nada a ele sobre a discussão de vocês.

— Não foi nem mesmo uma discussão, na verdade. Não sei o que deu

em mim. Em um minuto eu estava pronta para fazer o café da manhã dela e, no

seguinte, ela me irritou mais do que eu poderia suportar. Ainda não posso

acreditar que ela chamou Emily de vadia. Essa foi a gota d'água. Eu não me

importaria se nunca mais olhasse para essa mulher novamente.

— Bem, você não pode fazer cena perto das meninas. Don e Debbie vão

sair na parte da manhã.

— Claro, eu não pensaria em agir de modo infantil na frente das meninas — Kate disse com firmeza.

Alex puxou-a para o lado dele até que sua cabeça estivesse descansando

em seu peito. — Você nunca agiu de forma infantil, Kate. Tenho certeza de que

Deb não se comportou de forma apropriada. Ela sempre agiu como uma

piranha. — Houve um tempo em que Alex não pensava assim, mas era melhor

não comentar. O passado viria à tona.

— Sim, e eu só me rebaixei ao seu nível por reagir.

P á g i n a | 42

— Eu não ficaria muito chateado com isso. De acordo com Don, ela quer dar o fora daqui. Ela mal pode esperar para entrar naquele cruzeiro para

que não tenha que, abre aspas, olhar para mim ou para essas
pirralhas por duas

semanas.

— Mulheres como ela não deveriam ter filhos — falou Kate.

— Você provavelmente está certa, mas não há nada que podemos
fazer

sobre isso. O lado positivo é que eles vão embora amanhã e não
vamos ter mais

nada a fazer além de passar um tempo legal com suas filhas.

Kate sorriu. — Sim, acho que posso ser boa com Debbie mais uma
vez,

apenas pelo privilégio de ter as meninas. — Kate pensou sobre o
futuro. — O

que vamos fazer quando elas crescerem e não quiserem mais
passar as férias e

os verões conosco?

— Vamos nos preocupar com isso amanhã. Por agora, o que você
acha

de terminar o que começamos esta manhã na cozinha? — Alex a
puxou para

cima dele. Ele traçou com os lábios a curva suave onde os ombros e
o pescoço

se encontravam. Macio e suave.

Kate suspirou com prazer.

— Acho que vou pensar na oferta, Sr. Rocket.

Mais tarde, relaxada e contente, ela caiu no sono.

Kate sorriu tanto nas últimas três horas que pensou que seu rosto ia

rachar. Ela estava feliz por finalmente ter um momento para ficar sozinha. Don

e Debbie foram embora sem incidentes. Ambas as meninas pareciam contentes

de vê-los sair. Ela certamente estava. Debbie mandou um abraço e um beijo de

longe como sempre. Ela e Alex prometeram cuidar muito bem das meninas,

como de costume, e em seguida os convidados partiram. Ela tinha acabado de

limpar a cozinha. Fez um pequeno almoço para todos. Se não fosse por Sara, a

comida e o esforço teriam sido um desperdício total.

P á g i n a | 43

Alex e as meninas estavam no canil à espera de se despedir de um dos

filhotes. Gertie tinha aprovado uma adoção na tarde do dia anterior, então ele

queria estar lá para a despedida. A família chegaria um pouco antes do meio-

dia, deixando Kate livre para trabalhar por algumas horas.

Kate decidiu ir ao estúdio para finalizar uma peça que estava preparando

para a próxima exposição, em Asheville, no mês seguinte. O tema era culinária,

e ela se mostrava muito animada. Estava trabalhando há três meses, na

esperança de ter suas primeiras amostras de barro prontas a tempo para a

exposição. Se tudo corresse conforme o planejado, com mais um ano teria sua

própria linha de panelas à disposição do público. Era algo que ela sempre quis

fazer, e, depois de uma grande dose de procrastinação, finalmente conseguiu se

comprometer.

Kate subiu para vestir suas roupas de trabalho. Calça jeans velha coberta

com tinta e endurecida por causa do barro e um moletom eram seu traje

habitual de trabalho.

Ela saiu pela porta dos fundos na cozinha seguindo um corredor bem

arrumado. Isso a permitia ir e vir ao estúdio sem ser vista pelos clientes de Alex.

Embora quando estava dentro do estúdio, pudesse ouvir os cães latindo e

brincando.

Ela tirou a chave do bolso de seu jeans, parando um momento para ouvir Alex e a chegada da nova família. Ela não ouviu nada, então pensou que

os compradores ainda não tivessem chegado. Talvez Alex e as meninas

estivessem com Gertie. Ela morava na pequena casa de hóspedes que seus pais

havam construído em sua propriedade anos atrás. Quando Kate estava no

colégio, ela ocasionalmente passava os fins de semana no quarto com um bom

livro e muita pipoca. Não havia nada de que ela gostasse mais do que se perder

em um romance. Fora uma leitora ávida a maior parte de sua vida e ainda

gostava de ler quando tinha tempo. Colocou a chave na fechadura, certa de que

Alex tinha levado as meninas para a casa de Gertie.

Kate girou a maçaneta e tentou empurrar a porta. Algo pesado estava

encostado na porta, fazendo-a arrastar. Ela não se lembrava de ter deixado

qualquer coisa que pudesse ter caído tão perto da porta. Deu um empurrão mais

P á g i n a | **44**

forte e a porta se abriu. Ela parou. É evidente que aquele não era seu estúdio.

Como uma sonâmbula, saiu e entrou novamente, pensando que desta vez

despertaria e a visão seria diferente. Sim, era real. Muito real. Sua coleção

inteira para a próxima exposição tinha sido espalhada em um milhão de

pequenas peças em todo o assoalho de madeira. Ela empurrou a porta e ficou

no meio da sala. Virou-se, tentando absorver o significado do que viu. Sua

coleção inteira de barro destruída. Caminhou através dos montes de vidro, grata

por estar usando tênis em vez de chinelos. Inclinando-se, pegou vários cacos de

barro vermelho. Não havia palavras. Entorpecida, ela atravessou a sala, na

esperança de que as três peças que não havia concluído ainda estivessem na

prateleira onde deixara. Não, elas foram embora também. Cada pedaço,

destruído. Pegou o barro vermelho quebrado. Meses de trabalho em ruínas.

Precisava chamar Alex, possivelmente a polícia. Ela atravessou a sala, e os tênis

quebravam os pedaços enquanto seguia para o telefone.

Kate discou o número de Gertie.

— Droga. — Kate tinha certeza de que Alex e as meninas estavam na

casa de Gertie. Ela não atendia ao telefone. Gertie sempre atendia quando

estava em casa. Kate seguiu seu caminho entre os pedaços de vidro. Ela deu

uma última olhada antes de ir para o canil. Estava em choque. Quem faria algo

assim? E mais, por quê? Não é que não tivesse concorrentes na exposição.

Todos os artesãos ficaram entusiasmados com seu trabalho, mas não havia um

deles que iria tão longe para sabotá-lo. Novamente, não havia razão.

Kate entrou no canil, esforçando-se para ouvir Alex ou as meninas.

Nada, exceto o doce som de filhotes de cachorro brincando. Eles deviam estar

em casa. Kate olhou para o relógio. Ela havia saído de casa há apenas dez

minutos. Certamente teria passado por eles se tivessem saído da casa de Gertie

ou do canil. O caminho da cozinha levava tanto ao canil quanto ao chalé.

Kate correu de volta para a casa. — Alex, Gertie! Tem alguém aqui? —

Ela esperou. Nada.

Ela subiu as escadas só para ter certeza. — Alex? — Nenhuma resposta.

P á g i n a | 45

Com as mãos trêmulas, foi até a cozinha para usar o telefone. Chamou a

polícia para relatar o arrombamento em seu estúdio.

— Esta é uma emergência? — perguntou a operadora.

Kate balançou a cabeça — Hum, não, não acho que seja. Mas, sim, espere. Não consigo encontrar Alex ou as meninas. — Ela correu os dedos

pelos cabelos, de repente, ainda mais alarmada. — Não, não consigo encontrar

meu marido ou as crianças. Eles... Eles devem tê-los levado. Ah, Deus!

— Calma, senhora — a voz a incentivava.

Kate gritou para a operadora: — Basta enviar a polícia depressa! — Ela

bateu o telefone. Será que quem invadiu seu estúdio estava com Alex e as

meninas? E Gertie, também? Ainda estavam no canil, esperando por ela?

Talvez eles ainda estivessem dentro de seu estúdio. Havia um banheirinho perto

do fundo. Ela não tinha pensado em ir até lá. Não havia nenhuma razão. Até

agora. Olhou ao redor da cozinha. Precisava de uma arma. Kate pegou uma

faca de açougueiro Henckels que estava na bancada. Engraçado, quando a usou

naquela manhã, nunca pensou que teria que encará-la como uma arma. Ela

agarrou a faca com sua mão direita, com cuidado para manter a lâmina para

baixo. Ela saiu correndo pela porta dos fundos, em seguida, diminuiu quando se

aproximou do estúdio. Estava prestes a empurrar a porta aberta quando ouviu

as sirenes a distância. Graças a Deus. Agora, ela poderia encontrar Alex e as

meninas. Decidida a esperar pela polícia, correu até a calçada para a via sinuosa

que levava até a casa. Três carros da polícia seguiam até a unidade.

— Aqui! — Kate acenou para eles, então se lembrou da faca na mão. Ela

a soltou ao acaso.

Um sargento alto, de ombros largos, saiu do carro. Ele tinha cabelo curto, olhos escuros e penetrantes e usava seu uniforme como se fosse feito por

um designer de primeira, exclusivamente para ele.

— Sou o Sargento Furdell, senhora — disse ele. — Fui o primeiro a receber a chamada.

P á g i n a | **46**

— Alguém entrou no meu estúdio. Meu marido está ausente, e tem as

crianças. Eu estava prestes a voltar para o estúdio, tem um banheiro, pensei que

eles estivessem escondidos... — Kate viu os olhos do policial mirarem a faca ao

seu lado. — Pensei que eu poderia precisar de uma arma. Voltei para procurar

Alex e, bem, eu liguei...

— Calma, minha senhora. Vamos dar uma olhada primeiro.

Kate assentiu: — Claro.

— Fique perto do veículo.

— OK.

Outros dois policiais, grandes como o sargento Furdell, surgiram de seus

carros e seguiram seu chefe.

Kate não podia acreditar que aquilo estava acontecendo com ela.

Polícia, seu estúdio, e, o pior de tudo, Alex e as meninas, que não conseguia

encontrar. Ela fez uma oração silenciosa para que tudo não passasse de uma

piada sórdida e que pudesse rir daquilo mais tarde. Deus amado! O que ela faria

se algo acontecesse com Alex? E as meninas também. Ela havia prometido a

Don e a Debbie que cuidaria bem delas. O que pensariam se soubessem que

Sara e Emily sumiram? Ela teria de contatá-los em breve. Kate tinha o número

do celular de Don e teria de ligar. Mais tarde, quando ela tivesse alguma notícia

de Alex e das meninas.

O som de uma risada fez com que ela olhasse por cima do ombro.

Chegando em sua pick-up Ford antiga, Alex ao volante, Gertie com a

espingarda de equitação e Emily com outras três crianças na parte de trás!

Rindo. Um Lincoln branco os seguiu até lá.

Ela largou a faca e correu em direção ao veículo em movimento. —

Alex! Ah, meu Deus, você está vivo! Onde você estava? O que aconteceu com

as meninas? O estúdio está destruído! — ela disse isso tão rápido que sabia que

ia demorar alguns segundos para Alex absorver.

P á g i n a | 47

Ele estacionou seu veículo amassado e saltou para fora.

— Meu Deus, Kate, por que a polícia está aqui? — Ele apontou para os

três carros de patrulha.

— Houve uma invasão. Meu estúdio, alguém destruiu tudo que eu tinha

feito para a exposição em Asheville. Liguei para Gertie, ela não estava lá.

Então, percebi que você e as meninas tinham sumido. Eu... — Suas palavras

vacilaram quando percebeu que agira como uma tola. De pé, na carroceria,

estavam Emily e três crianças. O carro atrás deles tinha desligado o motor. Um

casal com seus 30 e poucos anos saiu do carro com olhares de espanto em seu

rosto. — Ivey, Ashleigh, Edyn, venham aqui, por favor. — As três meninas,

todas com cabelo ruivo e sardas, desceram da carroceria, caindo no chão.

Kate olhou para eles, depois de volta para Alex. — A família Taylor?

Alex balançou a cabeça. — Eles estavam perdidos. Ligaram e eu lhes

disse que iria encontrá-los na base da montanha. Acho que eu deveria ter lhe

avisado que estava saindo. Gertie e Emily foram junto.

Kate olhou para o casal. — Sara? Onde ela está?

Alex olhou para Emily, que olhou para Gertie. Gertie foi a primeira a falar. — Sara disse que não estava se sentindo bem e voltou para a casa.

— Nós pensamos que você soubesse — acrescentou Emily.

— Eu fui para a casa. Ela não estava lá, ou se estava, não deve ter me

ouvido chamando. — Ou, Kate pensou, ela simplesmente não respondeu.

Alex apontou para o casal ainda de pé ao lado de seu carro. Eles

caminharam até onde Kate estava. — Nós somos os Taylor. Eu sou Kathy e

este é meu marido, Fred. — Kate apertou a mão de Kathy e acenou para Fred.

— Vocês todos devem pensar que sou louca. — Kate riu.

P á g i n a | **48**

— Não se preocupe. Todos nós temos —aqueles|| dias. Nós nos perdemos. Falei para Fred pedir informações sobre o caminho. — Kathy deu

um sorriso conspiratório para Kate. — Você sabe como são homens e direções.

Antes de parar na Outer Mongolia, liguei e pedi a Alex para nos encontrar.

Kate sorriu para a mulher mais jovem. — Isso me parece razoável.

Aposto que todos gostariam de ver a nova adoção da família.

— Oba! Vamos, mãe, queremos ver Rosie. — As três garotas saltitavam,

quase incapazes de conter sua animação.

— Rosie? — seus pais perguntaram em uníssono.

— É assim que escolheram chamar o novo cãozinho — informou Kathy.

— Eu gosto desse nome — disse Emily.

Kate fez um gesto para Alex se afastar. — Onde você acha que Sara está? Tenho certeza de que ela não está em casa. Só peço aos céus que ela... Oh,

meu Deus! Alex!

— Kate, o que foi?

— E se quem invadiu o estúdio levou Sara? — O coração de Kate batia

tão rápido que ela tinha certeza de que iria explodir de seu peito a qualquer

minuto.

— Acalme-se. Tenho certeza de que há uma explicação para tudo isso.

Vamos esperar e ver o que a polícia sugere. Vou levar os Taylor para encontrar

Rosie. Emily, espere aqui com Kate.

Emily assentiu. A família Taylor voltou para seu carro e seguiu a caminhonete de Alex para o canil.

— Tia Kate, você acha que Sara está bem? Quer dizer, tenho certeza de

que ela está, mas, quando disse que não estava se sentindo bem, pensei que ela

tinha ido para a casa para lhe dizer.

P á g i n a | **49**

Kate não queria assustar Emily mais do que ela já estava. — Como disse

Alex, não há uma explicação para ela... desaparecer. — Kate não poderia parar

de pensar em Sara. Um minuto de cada vez, disse a si mesma.

Os três policiais revistaram todo o local, todos pareciam agir como se

estivessem em uma ocorrência casual. Um gato preso em uma árvore, Kate

pensou.

— Senhora — o sargento Furdell disse —, não parece haver qualquer

sinal de arrombamento. O banheiro está vazio. Revistamos sua casa e o

pequeno chalé. A única coisa que vimos foi uma garotinha dormindo em um

dos quartos no andar de cima.

— Ah, graças a Deus Sara está a salvo! Não sei como eu não poderia ter

dado falta dela. Mas, se ela estava dormindo, ela não deve ter me ouvido

chamá-la.

Os dois policiais sorriram e voltaram para suas viaturas. O sargento

Furdell colocou a mão no bolso do peito e tirou um de seus cartões.

— Se você

tiver mais algum problema, é só chamar. Sinto muito pelo que aconteceu em

seu estúdio, senhora. Vou abrir um boletim de ocorrência por vandalismo. Se eu

fosse você, mudaria todas as fechaduras por questão de segurança. Pode ser

obra de adolescentes entediados. Você sabe como eles são. — Ele apontou para

Emily. Kate queria dizer que, infelizmente, ela não tinha experimentado o

prazer de criar um filho, mas decidiu que não importava. Deu um sorriso

amarelo para Emily.

— Obrigada. Vou pedir para Alex trocar as fechaduras hoje. — Ela apertou a mão oferecida e, com um aceno rápido, ele voltou à sua viatura e foi

embora.

— Preciso ver Sara.

— Vou com você. Não posso acreditar que ela não a ouviu. Ela tem sono leve. Ou calmo, não estou certa. Ela parece nunca deixar passar nada em

P á g i n a | **50**

casa. Vai ficar surpresa quando perceber que não viu os policiais. Não consigo

imaginar como ela consegue dormir com aquelas sirenes altas.

Kate não podia, mas também não queria dizer isso em voz alta. Ela

repreendeu os pensamentos negativos que tinha sobre Sara.

Alguma coisa

estava acontecendo com ela, e Kate ia descobrir. De repente, ela sabia que não

tinha necessidade de mudar as fechaduras nas portas. Sabia exatamente o que

tinha acontecido em seu estúdio. Até que ela pudesse provar, no entanto, iria

permanecer em silêncio.

P á g i n a | **51**

Capítulo 5

— Sara, você deveria ter me avisado que estava aqui. Nós quase morremos de susto — explicou Kate.

— Sinto muito, tia Kate. Comi muito no café da manhã. O bacon cru que você me deu me fez tão mal que tudo que eu queria fazer era deitar e

descansar. Eu poderia estar envenenada.

— Eu faria uma lavagem intestinal. Isso a limparia por dentro. Apenas

no caso de ela estar envenenada — disse Emily.

Kate riu. — Acho que ela vai ficar bem. Vou me certificar de que você

coma coisas leves nas próximas 24 horas. Se você não estiver melhor, então eu

mesma vou levá-la ao pronto-socorro — Kate informou a Sara.

— Agora eu estou bem. Isso só acontece quando como carne de porco

crua. A que a minha mãe faz é bem passada, como lhe disse antes — ela

retrucou.

— Prometo que isso não irá acontecer novamente. Emily, Alex ainda está no canil com a família Taylor. Por que você não corre lá e vê se ele precisa

de qualquer ajuda? Vou ficar com Sara um pouco antes de resolver a bagunça

no estúdio.

Kate não tinha mencionado uma só palavra sobre a polícia ou o suposto

arrombamento para Sara. Ela queria ver se ela insinuaria algo sobre isso que

lançasse suspeitas sobre ela.

P á g i n a | **52**

— Tem certeza de que não precisa de mim aqui? Posso começar a limpar

o estúdio quando os Taylor saírem.

— Não, não quero que você corra o risco de se machucar, basta ver se

Alex precisa de sua ajuda. Informe aos Taylor que estou com uma criança

doente e não posso me despedir deles. Tenho certeza de que eles vão entender.

— OK. — Emily fez uma pausa, olhando para a irmã. — Não cause nenhum problema a tia Kate.

— Viu, isso é o que ela faz o tempo todo! Ela me culpa por coisas que eu

nem sequer fiz. Eu mal posso esperar até a mamãe voltar. Vou dizer a ela...

— Chega, Sara — Kate advertiu.

— Bem, eu vou contar a ela sobre quase morrer de intoxicação alimentar. Aposto que ela nunca me deixará fora de seu raio de visão

novamente. Ela não vai querer ir a um desses cruzeiros estúpidos nunca mais!

— Sara rodopiou para fora da sala como uma maré em movimento rápido.

— Claro que vou dizer à sua mãe que você estava doente. O que me faz

lembrar que eu preciso ligar antes que eles cheguem ao Cabo Canaveral — ela

disse pelas costas de Sara enquanto a insolente criança saía correndo da sala.

Kate balançou a cabeça e saiu da sala, com Emily a seguindo.

— Ela é tão maldosa, tia Kate. Eu não acredito que ela estava doente,

sabe?

— Não sei. Sei que não vou servir bacon cru no café da manhã. Foi provavelmente muita gordura. Ela está em uma idade difícil, Emy, lembre-se

disso. — Isso era ser fraca, mas era tudo o que Kate podia fazer.

— Isso. OK — Emily concordou. Ela saiu da cozinha e foi para o canil.

Finalmente, com alguns minutos para si, Kate sentou-se à mesa da cozinha, a fim de pensar em seu próximo movimento. É claro que ela tinha que

P á g i n a | **53**

limpar o estúdio. Iria procurar Nancy e dizer que não poderia fazer a exposição

depois de tudo. Havia vários outros artesãos que poderiam tomar seu espaço.

Então, ela falaria com Alex. Dividiria com ele suas dúvidas. Depois, decidiriam

o que fazer.

Ela ia esperar até que as meninas saíssem para que ela se permitisse uma

festa particular pela destruição de suas cerâmicas e a oportunidade perdida.

Meses de trabalho perdidos em um piscar de olhos. Ela tinha uma ideia do que

poderia ter inflamado o desejo de Sara para destruir, mas não o mencionara

ainda. Odiava acusar alguém sem provas concretas, especialmente uma criança,

mas, naquele caso, ela sentiu que tinha uma boa razão para desconfiar de Sara.

De repente, Kate desejou que as duas semanas acabassem, então, sentiu

um lampejo de culpa. Ela aproveitou tantos verões e férias com as duas

meninas... especialmente agora que elas estavam maiores. Adorava lhes ensinar

coisas novas, gostava de ver o sorriso de satisfação quando elas descobriam algo

que as animava. Aquela visita em particular teve um mau começo.

Tentando se desvencilhar de pensamentos negativos, Kate abriu o

freezer em busca de algo para preparar para o jantar. Tirou um frango inteiro e

colocou-o na pia para descongelar. Ela faria o seu frango com arroz amarelo

favorito. Aquilo não deveria prejudicar o estômago de Sara. Para a sobremesa,

serviria sorvete de limão com biscoitos açucarados. Pegou a massa de biscoito

congelado que tinha feito no início da semana do congelador e a colocou na

bancada. Quando estava estressada, cozinhar era como um sedativo para ela.

Ela começou a relaxar, conforme fazia suas tarefas simples.

Kate refogou o arroz e o colocou dentro da geladeira para mais tarde.

Cortou a massa parcialmente congelada, colocou os círculos redondos numa

assadeira e os guardou em uma prateleira na geladeira. Com nada mais a fazer

na cozinha, ela sabia que era hora de enfrentar o desastre que a aguardava no

estúdio. Pegou uma vassoura e um pano de chão no quatinho de serviço,

juntamente com alguns sacos de papel marrom. Tomando o mesmo caminho

que tinha feito anteriormente, Kate se perguntava como era possível que ela não

tivesse visto Sara destruindo sua coleção de barro. Por que ela não ouviu a

cerâmica se quebrar? Ela estava ocupada pensando em Debbie e Don, mas teria

se distraído tanto? É verdade, sim. Estava tão absorta em seus pensamentos que

P á g i n a | **54**

não tinha prestado muita atenção a qualquer coisa ao seu redor. Rezou para

estar errada sobre Sara, mas sabia que não havia outra explicação.

Uma vez dentro do estúdio, Kate varreu, emocionada, os restos de meses de trabalho duro para os sacos de papel, convencendo-se de que haveria

outra oportunidade para seus sonhos. Ela ia começar um novo projeto quando

as coisas se abrandassem no restaurante. Kate ainda tinha as aulas de culinária

para mantê-la ocupada, para não mencionar todo o fermento que ela fez para o

restaurante e seus muitos clientes durante a época de Natal. Uma vez que as

férias terminassem, ela e Alex voltariam para compartilhar os acontecimentos

do seu dia juntos com uma boa taça de vinho e uma refeição preparada por ela.

Às vezes, eles saíam, mas, principalmente, gostavam de ficar sozinhos em casa.

Não era incomum para Alex fazer várias viagens noturnas ao canil quando

tinha uma nova ninhada de filhotes. Noites lá fora não eram tão frequentes,

mas ela não se importava com isso. Ela gostava de sua vida como era, e odiava

a ideia de mudá-la. Disse a si mesma que a visita das meninas iria ficar melhor,

e tinha que ficar. Ela ainda não tinha certeza do que dizer a Sara. Por enquanto,

esperaria e conversaria com Alex.

Meia hora depois, Kate jogou fora o último saco de louças quebradas na

lata de lixo. Estava quente, e ela queria tomar um banho antes de Sara acordar.

Se ela estivesse mesmo dormindo. Kate olhou ao redor do estúdio pela última

vez apenas para se certificar de que não havia lascas de cerâmica. Seu olhar

varreu a sala comprida e estreita. A luz do sol na claraboia cintilava em forma

de folhas sobre os pisos de carvalho. Não viu um brilho ou qualquer coisa que

pudesse ser um pedaço de barro quebrado. Ela teria o cuidado de não usar

chinelos em seu estúdio nas semanas seguintes. Não que ela tivesse qualquer

razão para trabalhar em seu estúdio por um tempo. Desde que sua coleção de

louças fora destruída, ela fechou a porta sem olhar para trás. Mais tarde, iria

voltar e decidir sobre uma nova linha. Ela nunca seria capaz de recriar o que

havia sido destruído.

De volta para dentro de casa, Kate estava quieta enquanto subia as escadas para o quarto onde Sara estava cochilando. Ela não estava tentando

bisbilhotar. Só queria ter certeza de que, se Sara estivesse dormindo, não ia

acordá-la. Uma rachadura na porta do quarto revelou Sara deitada em posição

fetal. Seus olhos estavam fechados. Kate deu à criança o benefício da dúvida.

P á g i n a | **55**

Imaginou que ela estivesse realmente dormindo. Com a mão na maçaneta,

estava prestes a fechar a porta quando viu o tênis de Sara no chão. Um dos

sapatos estava virado, revelando o fundo da sola. Grudados na sola de borracha

de cor bege havia vários cacos de cerâmica vermelha. Sua mão tremeu quando

ela abriu a porta silenciosamente. Com cuidado para não acordar Sara, ela

pegou o sapato do chão e saiu correndo do quarto. Kate entrou no quarto

principal, depois fechou e trancou a porta atrás de si. Ela colocou o tênis em sua

cama. Antes que tivesse dúvidas, foi ao banheiro para pegar um saco plástico

debaixo da pia. Colocou o tênis com as lascas na sola no saco. Ela guardou o

saco em seu armário. Uma vez lá dentro, ficou parada em transe. Ambos os

lados estavam cheios de suas roupas. As de Alex estavam em um pequeno

armário no segundo quarto de hóspedes. Algum dia ela iria diminuir sua parte,

pois não precisava do armário todo. Mexendo nas roupas na parte de trás do

armário, Kate encontrou uma velha jaqueta de couro que não usava desde o

colégio. Enfiou o sapato no bolso de dentro. Ela não tinha certeza de por que

fez aquilo, mas parecia a coisa certa a fazer. Kate não sabia como abordar Sara

com o sapato incriminador, mas pelo menos ela tinha a prova concreta de que

não houve um arrombamento. Isso foi um alívio, mas saber que Sara foi a

responsável pelo dano a alarmou ainda mais, especialmente depois da conversa

que tivera com Emily. Sara precisava de ajuda, e precisava logo, antes que suas

travessuras se transformassem em algo muito pior. Kate se lembrou do que

Emily tinha dito a ela sobre a Sara e os maus-tratos com o gato de seu vizinho.

Sara precisava de ajuda.

E precisava imediatamente.

P á g i n a | **56**

Capítulo 6

Devido ao mau tempo no Caribe, Don e Debbie chegaram para pegar as

meninas um dia antes do previsto. Kate conseguiu manter Sara longe de

problemas pelo restante de sua estadia. Depois de muito pensar, ela permitiu

que Alex e Gertie acreditassem que tinha sido um assaltante. Ela sabia que

deveria ter dito a Alex que Sara fora a responsável, mas algo a fez omitir isso.

Ela odiava ser omissa, mas Alex gostava tanto quando as meninas o visitavam

que ela simplesmente não teve coragem de manchar a imagem que ele tinha de

Sara. Ela também gostava de Emily e Sara, mesmo que Sara se queixasse

constantemente. Ela concluiu que tinham levado doze anos para transformá-la

em uma jovem mimada. Kate sabia que não poderia esperar um milagre no

curto espaço de tempo que passou com as meninas. Decidiu falar em particular

com Don antes de partirem.

Como de costume, Kate fez um pequeno almoço para todos. Waffles

pecan, hambúrgueres e batata palha com cebola e pimentão verde. Fatiou um

melão para ela e Debbie. Depois que eles terminaram a refeição, Debbie subiu

com as meninas para ajudá-las a fazer as malas. Alex e Don bebiam seu café

enquanto Kate colocava os pratos na máquina de lavar louça.

Com todos os filhotes adotados desde a última ninhada, Kate sabia que

Alex não estaria tão preocupado com os canis. Ela precisava tirá-lo da sala por

alguns minutos. — Alex, por que você não corre lá para cima e ajuda Deb a

levar a bagagem das meninas para o carro?

Alex se levantou e se espreguiçou. — Acho que ela quer que eu comece

a trabalhar.

Don riu. — Então é melhor você mexer esse traseiro.

P á g i n a | **57**

Alex deu um beijo apressado na bochecha de Kate.

Kate não tinha muito tempo. Enxugou as mãos em uma toalha de cozinha e pegou o pote de café. Ela encheu a xícara de Don e a sua também

com o que restou de café. Don facilitou as coisas para ela quando disse: — Tem

algo que você queira me falar?

Ela assentiu com a cabeça. — É Sara.

— Como imaginei. O que o monstrinho fez de errado agora?

Kate desejava que fosse algo tão simples quanto uma maldade de criança. — Tenho medo de que seja mais que isso, Don. Ela parece ter

dificuldade em dizer a verdade. Não sei se ela falou isso para você ou para Deb.

O dia em que você partiu...

— Don, venha aqui! — Debbie gritou do quarto.

Ele se levantou. — O dever me chama. E Kate, obrigado por cuidar das

meninas. Quanto a Sara, eu sei que ela é complicada. Acho que ser a mais nova

é duro pra ela. Eu vou ficar de olho nela.

Antes que Kate pudesse mesmo começar seu relato do que tinha

acontecido, Don saiu da cozinha. Ela o seguiu, mas, para seu desânimo, Debbie

e as meninas estavam prontas para sair. A bagagem delas já estava no carro.

Agora tudo o que ela precisava fazer era dizer adeus. Ela realmente precisava

falar com Don sobre Sara. Ela iria ligar para ele assim que voltasse para a

Flórida. Poderia até ser mais fácil dessa maneira. Kate não teria que ver o olhar

em seu rosto quando ela lhe contasse sobre o incidente em seu estúdio. Sim, era

melhor assim. Afinal, o que Sara poderia fazer nas próximas 24 horas, enquanto

todos estivessem no carro juntos?

— Nós aproveitamos bastante, tia Kate. Mal posso esperar até as férias

de Natal. Você nos deixa vir para cá, não é, pai? — perguntou Emily.

P á g i n a | **58**

— Se Kate e Alex ainda quiserem, está tudo bem para mim. Debbie? —

ele questionou.

— Como quiser, Don. Se você acha que as garotas gostariam de estar

com sua família no Natal, mas, como de costume, faça o que quiser. — Debbie

olhou para o relógio Rolex de ouro em seu pulso. — Precisamos ir. Não quero

me atrasar.

Kate abraçou as duas meninas. — Vamos vê-las no Natal deste ano.

Preparem e envie-nos uma lista de desejos, então vou ter muito tempo para

enviá-la ao Papai Noel. — Ela tinha dito isso para as meninas sempre que

poderia se lembrar. E apesar de, obviamente, nenhuma delas ainda acreditar em

Papai Noel, ainda continuaram a enviar suas longas listas a cada ano.

— Eu não quero vir aqui no Natal. É muito frio — disse Sara à sua mãe.

— Falta muito tempo, Sara. Vamos discutir isso mais tarde. — Debbie

empurrou Sara para a porta da frente. — Vamos entrar no carro.

Kate e Alex abraçaram as meninas pela última vez. Don deu um rápido

abraço em Alex, enquanto Debbie deu-lhe beijos habituais.

— Ligue para nós quando chegar em casa para sabermos que chegaram

bem — disse Alex para Don.

— Lembre, eu tenho o celular no carro, caso precise entrar em contato

antes que cheguemos em casa.

— Vou fazer isso. Se cuida, meu velho. — Alex colocou a mão no ombro de Don, deu um tapinha rápido, então uma cotovelada, empurrando-o

para o Explorer. — Agora saia daqui. Cuide dessas meninas.

— Pode deixar — disse Don.

Conforme eles se dirigiram até a estrada, Kate os observou sair. Ela teve

um sentimento estranho, motivado pelo fato de estar se sentindo desconfortável.

Ela ficou na varanda da frente até que o veículo se perdesse de sua vista. Um

P á g i n a | **59**

sentimento de naufrágio na boca do estômago a levou a correr para a beira da

estrada. Ela precisava dar uma última olhada no carro. Kate não sabia por que,

mas algo naquela partida a incomodava de uma maneira ruim. Ela balançou a

cabeça, dizendo a si mesma que era porque ela havia deixado Don partir sem

falar sobre Sara. Não importa que tivesse se convencido de que era melhor falar

pelo telefone. Não, era mais do que isso. Algo sobre o qual ela não poderia

fazer nada.

Kate voltou para a casa, sentindo-se desolada. Ela deveria ter ficado feliz

em ter sua casa só para si novamente. Ela e Alex poderiam voltar à sua rotina

normal. Gertie iria cuidar da maior parte do trabalho no canil, permitindo-lhes

a noite juntos. Mas algo continuava a arrepiar sua nuca. Sentimentos

ameaçadores e assustadores destruíam sua compostura.

Ela balançou a cabeça para limpar os pensamentos negativos.

Isso é estúpido, disse a si mesma. Voltou para a cozinha, onde se sentia

mais confortável. Querendo desligar sua mente das meninas, Kate decidiu

trabalhar em um dos pratos que ela pensou para o restaurante. O Clube de

Senhoras faria seu almoço mensal na semana seguinte. Ela queria tentar algo

diferente, e aquele seria o grupo perfeito. Kate sempre lhes dava suas receitas

para experimentar em casa. E nunca tinha ouvido uma queixa. Algumas delas

tinham até lhe chamado em casa para dar ideias sobre o que fazer para o jantar

de aniversário de seus maridos, e até mesmo um bar mitzvah. Ela adorava

compartilhar seus conhecimentos de culinária com os outros.

Kate pegou todos os ingredientes de que precisava na geladeira. Cortou

um limão e espremeu o suco em uma tigela. Em seguida, colocou uma pitada

de rábano, alho fresco e azeite de oliva. Ela bateu a mistura com um garfo,

esfregou o dedo na tigela e o lambeu. — Nada mal. — Um pouco de pimenta

preta e mais um pouco de azeite de oliva devem dar o toque final. Ela sabia que

a maioria dos membros do Clube de Senhoras sempre observava seus pratos,

então, em vez do molho de maionese tradicional com gordura utilizado em

Crab Louis, ela queria algo leve, com apenas um toque de sabor cítrico.

Conforme provava, fazia anotações em um caderno espiral. Mais tarde iria

escrever as medidas exatas, mas, por enquanto, simplesmente listou os

ingredientes.

P á g i n a | **60**

Meia hora mais tarde, Kate terminou o trabalho na cozinha. Sentindo-se

deprimida, saiu em busca de Alex e Gertie. Todos iriam sair para jantar e

comemorar. O que comemorariam, ela não sabia. O que sabia era que precisava

estar com amigos e familiares para distraí-la de seus pensamentos sombrios.

Decidindo que eles realmente queriam celebrar, Kate, Alex e Gertie

aproveitaram o tempo livre para irem ao Grove Park Inn, em Asheville. Com

três restaurantes diferentes para escolher, selecionaram o Sunset Terrace,

notável pelas melhores vistas da cidade das montanhas Blue Ridge.

Eles pediram 350 gramas de filés, cobertos com molho de cogumelos e

conhaque. Para terminar, batatas assadas com alecrim e manteiga e uma salada

Caesar de tomate seco. Depois de seu jantar, Kate sentiu-se mais relaxada do

que havia estado em duas semanas.

— Fico contente por não comer tudo isso sempre. Eu não poderia me

mexer — observou Alex.

— Você está dizendo que não se alimenta o suficiente? — perguntou

Kate, provocativa.

— Mais do que suficiente. Essas porções são suficientes para alimentar

uma família de quatro pessoas — respondeu Alex.

— Eu não penso assim. Olhe para Sara. Nunca vi uma menina comer

tanto — acrescentou Gertie.

O estômago de Kate revirou. Ela não queria nem pensar em Sara, muito

menos discutir seus hábitos alimentares. Ela não podia dizer isso a Gertie ou

Alex, sem revelar por que, então não disse nada e esperou que Alex fizesse um

comentário. Já que ele não o fez, Gertie continuou:

— Há algo sobre aquela criança que não está certo. Não sei o que é, mas

aposto que ela vai ser problemática quando for mais velha.

Se ela soubesse, Kate pensou.

P á g i n a | **61**

— Ela é jovem. Don me disse que ela tem ciúmes de Emily. Acho que

tudo o que a está incomodando vai passar em breve. Está numa fase difícil.

Parece que ela só quer a atenção de Debbie — Alex disse a Gertie.

— Você pode estar certo, mas acho que é mais do que isso.

Kate se animou. — O que você quer dizer? — Será que Gertie sabia algo

mais sobre o comportamento de Sara que não tinha contado?

— Existe algo sobre o qual não podemos fazer nada. Ela é intrigante,

disso eu sei. Eu ficaria de olho se fosse os pais dela. Ela vai magoar seus

corações. — Gertie sacudiu a cabeça, balançando seus cachos macios cinzentos

como costumava fazer.

— Vamos mudar de assunto. — Os pensamentos de Kate formaram as

palavras antes que ela pudesse detê-las.

— Sim, vamos falar sobre as férias que temos adiado nos últimos três

anos — disse Alex.

Alex tinha estado tão ocupado com os canis e Kate com suas aulas de

culinária e o trabalho no restaurante que não tinham sequer considerado tirar

umas férias. Ah, eles falaram sobre isso, mas não como fariam. Aquele era um

bom momento.

— Ah, umas férias seria maravilhoso, Alex. Mas para onde iremos?
Não

consigo pensar em um lugar que seja mais bonito do que nosso jardim da frente

— disse Kate, e ela realmente pensava assim. A casa dela e de Alex tinha uma

vista privilegiada das montanhas Blue Ridge. No outono, Kate mal podia

suportar trabalhar dentro de casa. A primavera era tão notável. Os invernos em

Asheville não eram nada mal. Naquele momento, ela sentiu como se sua vida

não pudesse ser mais perfeita.

— Nós nunca estivemos em um cruzeiro. Don deixou alguns panfletos

para olharmos. Talvez seja a hora de navegarmos em alto-mar.

P á g i n a | **62**

Kate riu. — Não acho que navegar no Caribe seria considerado —alto-

mar||, mas certamente estaria disposta a ver o que um cruzeiro tem para

oferecer.

— Posso cuidar dos cães. Bella só vai parir daqui a um mês, de modo

que deve lhe dar tempo de sobra para fazer um cruzeiro — comentou Gertie.

Bella era a favorita de Alex, e Kate sabia que ele iria querer ser o único a

ajudar a trazer os filhotes para o mundo. Mesmo que ela parisse apenas em um

mês, Kate não queria perder nenhuma oportunidade. Bella poderia ter os

filhotes antes. Ela partiria o coração de Alex se eles viajassem quando ela desse

à luz.

— Talvez depois de Bella ter os filhotes possamos ir — sugeriu Kate.

Alex pegou a mão dela, dando-lhe um apertão. Ele não queria sair de

casa tão cedo, Kate pensou. Ela colocou a mão em seu antebraço, gentilmente

acariciando os músculos firmes.

— Você não acha que consigo cuidar de Bella? — perguntou Gertie.

Alex deu uma gargalhada. — Eu acho que você é mais do que capaz,

mocinha. Confio em você mais do que em qualquer outra pessoa. Você deve

saber. De qualquer forma, estamos apenas planejando. Kate poderia odiar a

ideia de sair em um cruzeiro. Nenhuma terra à vista por alguns dias. Nada a

fazer senão aproveitar o salão ao lado da piscina, beber aqueles drinques de

frutas pequenas e engraçadas com guarda-chuvas. Ter algum jovem garanhão

aos seus pés. Além disso, ela não seria capaz de preparar nossas refeições. Não

sei se ela gostaria.

Kate deu um soco de brincadeira em seu ombro. — E você está enganado, Alex Rocket, seus olhos estão até marejados.

— Eu te conheço. Depois de dois ou três dias sem nada para fazer, você

iria enlouquecer.

P á g i n a | **63**

Kate sabia que ele estava certo. — Talvez. Vamos pensar em um cruzeiro. Mais tarde. Por agora, acho que precisamos pagar a conta e ir para

casa. Nosso garçom está nos olhando feio.

Já passava das 11 horas e o restaurante havia fechado às 10.

— E deixar uma boa gorjeta — acrescentou Kate.

Quando eles estavam se preparando para dormir, Alex parecia

preocupado. Kate perguntou se algo o estava incomodando.

— Não, estou apenas cansado. Foram duas semanas longas. Estou pronto para restabelecer nossa rotina novamente. Como você está?

— A visita me pareceu um pouco mais cansativa do que o normal. Acho

que é porque estamos ficando mais velhos e não temos a energia de antes —

respondeu Kate.

— Suponho que você esteja certa. Isso é um saco — disse Alex.

— O quê?

— Você sabe. Ficar velho.

Kate sorriu no espelho. Alex estava deitado na cama com um livro de

Stephen King aberto. Ela limpou a maquiagem.

— Eu acho que envelhecer é uma coisa maravilhosa. Com certeza é a

melhor alternativa. — Pensou em seus pais. Ela só queria que eles estivessem lá

com ela. Desejava poder dizer-lhes que havia se casado com Alex. Eles teriam

aprovado.

— Suponho que você esteja certa sobre isso também, Sra. Rocket.

Agora, venha já para cá para eu lhe dar um beijo. — Alex alisou os lençóis

amassados e fez sinal para que Kate se deitasse ao lado dele.

P á g i n a | **64**

Depois de rolarem e se divertirem apaixonadamente, Kate adormeceu

sem absolutamente nada em sua mente.

E o dia seguinte seria um novo dia.

P á g i n a | **65**

Capítulo 7

Alex e Kate não tinham ouvido uma palavra da família Winter desde que eles tinham voltado para casa, há duas semanas. Don havia ligado para

Alex dizendo-lhe que tinham chegado bem, e isso foi tudo. Nem mais uma

palavra. Kate achava isso estranho, mas não mencionou a Alex. Ele já estava

com a cabeça muito ocupada nos últimos dias. Bella ia parir antes do previsto,

exatamente como ela imaginara. Alex passou a maioria dos dias e das noites no

canil com Gertie. Jay, o veterinário, passou as últimas doze horas com Bella.

Ela estava tendo um parto difícil. Kate rezou para que ela e seus filhotes

sobrevivessem. Alex estava preocupado e demonstrava isso. Ele tinha dormido

mal na semana anterior. Kate havia providenciado café quente e sanduíches

para ele e Gertie, enquanto ficavam ao lado de Bella. O jantar ocorreu por lá

mesmo. Kate ainda não tinha ouvido uma palavra de Alex ou Gertie sobre a

condição de Bella. Ela decidiu visitar o canil para ver por si mesma. Pegou uma

blusa do armário do corredor, calçou os tênis e saiu.

Kate estremeceu com o choque do ar frio que a cumprimentou quando

abriu a porta dos fundos. Uma frente fria viera do norte. Ela esperava que não

fosse o sinal de um inverno rigoroso pela frente. Ela amava o clima ameno, e o

tempo frio, por vezes, a deprimia. Seus pais haviam morrido em um acidente de

carro terrível em um dia de inverno sombrio de janeiro. Mesmo depois de todos

aqueles anos, dirigir na neve e no gelo a deixava nervosa. Apesar do frio, o

inverno ainda estava a meses de distância. Ela estava feliz.

Ela entrou no canil. Vozes animadas a cumprimentaram.

— Isso, garota! Eu sabia que você ia conseguir.

— Olhe só para ele! É um garotão!

P á g i n a | **66**

— Espere... espere, não acredito! Aí vem outro! — gritou Jay.

Kate permaneceu em silêncio, conforme Alex, Gertie e Jay cercavam o

parto de Bella. Alex segurou um filhote de cachorro, parecia que Gertie

segurava dois. Jay estava prestes a entregar outro.

— Olhe para isso! Acho que ela é a menor da ninhada. — Jay segurou o

cachorro para examinar.

Filhotes choramingando e Bella feliz. Lágrimas umedeceram seus olhos.

Uma linda cena, certamente.

— Vejo que cheguei bem na hora — anunciou Kate.

— Parece uma ninhada feliz para mim.

— Bella teve quatro filhotes! Mal posso acreditar. Ela é uma boa

menina, não é? — Alex esfregou a cabeça de Bella. Ela rosnou. — Eu sei, eu

sei. Agora chega.

Jay, para garantir, certificou-se de que todos os filhotes eram saudáveis.

Bella estava exausta do trabalho de parto, mas, mesmo assim, parecia muito

bem. Kate viu a felicidade nos olhos de Alex quando ele olhava para os filhotes.

Ela só podia imaginar o quão feliz ele teria sido ao ser pai.

— Acho que isso merece um brinde — disse Kate. — Tenho uma garrafa

de champanhe que guardei para esta ocasião. Vou correr até em casa. Volto já.

Ela voltou em questão de minutos e derramou champanhe em copos de

plástico vermelho.

— Gostaria de propor um brinde. — Kate viu os rostos sorridentes que a

cercavam. — Este é para Bella e sua equipe, por tornarem o dia perfeito. E para

Alex. Por tornar todos os meus dias perfeitos.

P á g i n a | **67**

Todos gritaram —Viva!!!. Depois que terminaram o resto do champanhe,

Kate e Alex deixaram os filhotes com Gertie e Jay. Ambos estavam

embriagados e com um humor exuberante.

Kate se lembrou mais uma vez de como sua vida com Alex realmente

era boa. Era quase boa demais, pensou. Não, era simplesmente perfeita. Nada

jamais mudaria seus sentimentos por ele. E Kate conhecia Alex. Ele sempre a

amaria e ficaria com ela, não importava o que acontecesse. Eles iriam cumprir o

—até que a morte os separe||, com certeza.

Braços ao redor um do outro na cintura, eles caminharam para a cozinha. Kate abriu um pote de café. Era cedo demais para chamar de noite.

Além disso, eles sabiam que Gertie e Jay viriam até a casa quando sentissem

que Bella estava pronta para ficar sozinha com os filhotes. Talvez ela estivesse

um pouco mais sóbria então.

Ela bebeu dois copos de café e Alex, quatro. Ela não costumava beber

muito café, mas era a única bebida que sabia que poderia aliviar o efeito de

quando bebia um pouco além.

— Vou querer mais um, e só. Este gosto é... péssimo — disse Kate a

Alex.

— Então, por que você bebe?

— Porque bebi muitas taças de champanhe. — As palavras de Kate foram arrastadas.

Alex riu. — Acho que você vai ficar bem, querida. Você não está acostumada a beber.

Alex estava certo, daí a incapacidade dela de lidar com algumas taças de champanhe.

— Vou subir e tomar um banho antes que Gertie e Jay venham aqui. —

Kate ficou com as pernas bambas.

P á g i n a | **68**

— Precisa de ajuda? — perguntou Alex.

— Ficarei bem. Volto logo. — Kate saiu da sala, agitando os braços como um pássaro.

Alex riu para ela. Kate raramente bebia. Ele estava feliz naquele dia.

Bella e os filhotes sobreviveram. Gertie era a melhor empregada que existia. Jay

tinha um cuidado excelente com os animais. O casamento com Kate ia além de

seus sonhos em todos os sentidos. Nada em sua vida era ruim. Ele pensou que

aquilo era bom.

Droga, eu fico um pouco emocional quando estou bêbado.

Ele estava prestes a subir para se juntar a Kate no chuveiro quando o

telefone tocou. Esperava que não fosse Jay ou Gertie chamando do canil para

dizer que alguma coisa tinha acontecido com Bella ou os filhotes.

— Alô — disse Alex para o receptor. Novamente, ele disse alô. Nada. O

telefone ficou mudo. — Bem, vai procurar o que fazer. — colocou o telefone de

volta na base. Ele tocou de novo.

— Sim, alô. — Alex levantou a voz. Se fosse um operador de

telemarketing, esperava que eles não ligassem mais quando ouvissem o tom

hostil.

— Sou eu, Alex.

— Por que você não fala mais alto? Fiquei me perguntando por que não

ligou antes, meu velho. Você acha que é bom demais para ligar para seu melhor

amigo? Você aí na Flórida, com todas essas casas chiques onde está trabalhando, né? Todas aquelas pessoas ricas — brincou Alex. — Estou feliz

por ter ligado. Tenho algumas boas notícias. Eu ia te ligar amanhã de qualquer

maneira.

— Alex, espere. Eu tenho algo que preciso falar com você. É muito sério. Você tem alguns minutos? — perguntou Don.

P á g i n a | **69**

— Sempre tenho tempo para meu melhor amigo — Alex respondeu, perguntando o que Don queria dizer.

— Andou bebendo, Alex? Você não parece bem.

— Nós bebemos uma garrafa de champanhe. Eu poderia ter bebido mais

algumas. — Alex arrotou no telefone. — Bebi demais. Mas ei, já sou grandinho.

Posso lidar com isso. Por que está tão sério, meu amigo?

— Eu... eu não sei como dizer isso — Don disse com um ar sério.

— Como sempre digo, diga como quiser. Pode mandar, meu velho.

O

que há?

— É Sara.

— Ela está bem? Ela não se machucou ou qualquer coisa, não é? — perguntou Alex, tendo todos os vestígios de sua bebedeira sumido.

— Fisicamente, ela está bem. Ou pelo menos ela diz que está. Acho que

você sabe mais sobre isso do que eu, Alex.

Os alarmes soaram alto nos ouvidos de Alex.

— Por que eu saberia, Don? Eu não tenho visto ou falado com Sara desde que você foi embora.

— Eu sei que... — disse Don, sua voz ainda mais sombria.

— Vá direto ao ponto. Sara está bem ou não?

— Não, ela não está, Alex. Ela está muito mal. Deb teve que levá-la ao

hospital duas vezes nas últimas duas semanas. Ela está tendo ataques de

ansiedade desde que deixou sua casa. O médico deu-lhe sedativos para acalmá-

la.

P á g i n a | **70**

Alex balançou a cabeça, esperando que a névoa de álcool em seu cérebro

desaparecesse. Ele ainda não conseguia entender por que Don estava lhe

dizendo tudo aquilo. Talvez ele precisasse de dinheiro? Devia ser isso. Talvez

Sara precisasse ser hospitalizada e ele não poderia pagar.

— Ouça, Don, você sabe que, se precisar de dinheiro para as contas do

hospital, apenas me avise que eu arrumo. Vou pegar no banco amanhã cedinho.

— Não preciso do seu dinheiro maldito, Alex. Eu preciso que você cale

a boca e ouça o que tenho a dizer. Apenas uma vez, eu queria que você não

falasse de dinheiro.

Alex ficou confuso. Don nunca tinha tido problemas em aceitar empréstimos dele no passado. Resolveu descarregar seu orgulho de repente?

Alex não se importava se Don pagaria o empréstimo ou não. Eles eram

melhores amigos desde o Ensino Fundamental, eram tão próximos quanto

irmãos. Talvez até mais. O dinheiro era irrelevante quando Alex estava

preocupado. Ele tinha muito para compartilhar com seu amigo. Ele sempre fez

questão de que Don soubesse disso também.

— Ei, me desculpe. O que há de errado, Don?

Alex podia ouvir Don respirar fundo.

— Isso não é fácil para mim, Alex.

— OK. Apenas fale. Podemos lidar com isso, não importa o que seja.

— Sara... ela disse que a última vez que vocês vieram para a Flórida

para nos visitar... ela disse que você, uh... que você a tocou, Alex. Sara disse

que você a tocou de forma inadequada.

Silêncio. E mais silêncio.

A mão de Alex balançou, e ele sentiu o fluxo de sangue do rosto até seus

pés. Certamente ele não tinha ouvido o que ele pensou que tinha acabado de

ouvir.

P á g i n a | **71**

— Diga isso de novo, Don. Não tenho certeza se ouvi direito.

Aparentemente, devo ter bebido muito.

— Acho que você me ouviu direito. Sara disse que você a tem molestado

durante anos. Ela diz que isso só acontece quando todos vêm à nossa casa para

visitar, exceto por um tempo durante as férias da Páscoa. Maldito seja, Alex!

Como você pôde? Ela é apenas uma menina! Juro, se eu estivesse no mesmo

local com você agora, iria matá-lo com minhas próprias mãos! Seu filho da

puta! Você percebe o que fez com ela? Você a arruinou pelo resto da sua

maldita vida. — Don soluçou no telefone. — Seu filho da puta, eu te adorava. E

agora olhe para nós.

Mais silêncio.

Alex limpou a garganta. Ele derrubou a xícara de café frio. Suas mãos

tremiam como folhas secas. — Não sei o que dizer, Don. Isto é... Eu não sei por

que... Eu nunca faria... Deixe-me falar com Sara. Ela é simplesmente o

inferno... Eu não sei o que estou dizendo.

— Não há nada a dizer. Você molestou a minha filha. Meu melhor

amigo, querido mais do que um irmão para mim. Não acho que existem

palavras adequadas para uma conversa desta natureza. Você arruinou minha

menina, Alex. Eu te vejo no inferno antes de permitir que você se safes dessa.

Vou te ver no inferno, velho! — Don gritou e bateu o telefone na cara de Alex.

Ele continuou a segurar o telefone como se fosse um tipo de corda de

segurança. Se ele desligasse e recapitulasse a conversa com Don, aquilo se

tornaria realidade. Tinha que haver uma explicação. Certamente, Don estava

fazendo uma brincadeira de mau gosto. Mas Don não faria isso à custa de Sara.

Ele poderia ser brincalhão, mas isso foi longe demais, mesmo para Don. Não,

tinha de haver outra explicação. Talvez ele tivesse feito uma aposta com um

amigo lá na Flórida, talvez Don só quisesse ver quantos truques ele faria antes

que entrasse em seu carro e seguisse para a Flórida para chutar sua bunda. Mas

isso era demais mesmo para Don. Era a única explicação possível — era um

exagero imaginar que talvez Sara tivesse realmente convencido seu pai de que

ele a tocava.

P á g i n a | **72**

Deus, era difícil até pensar, quanto mais realmente fazer algo tão repugnante. Ele molestar uma criança. Alex não podia imaginar algo assim

acontecer a ele nem nos seus piores sonhos. Talvez amanhã ele acordaria e

descobriria que aquilo não passara de um sonho.

— Alex. Alex, você está bem? — A voz de Kate parecia metálica, como

se viesse através de um túnel profundo, escuro. Kate o sacudiu. — Alex, você

está me assustando!

Alex olhou em torno da cozinha observando todas as coisas familiares

que ele e Kate haviam conseguido ao longo do casamento. Agora era tudo uma

brincadeira. Uma piada suja e imunda.

Arruinado.

Impuro.

— Se você não falar, Alex, vou pedir para Jay lhe dar uma injeção daquelas que ele dá nos cavalos loucos. Eu achei que ouvi você falando quando

saí do chuveiro. — Kate estava basicamente sóbria. Ela ainda tinha um

zumbido leve, mas nada que não pudesse suportar.

— Era Don no telefone — disse Alex, e suas palavras saíram como as de

um autômato.

— Finalmente ele ligou. As meninas estão bem? — Kate esperou Alex

responder.

— Não.

— Deus, Alex, o que aconteceu! Foi Emily? Sara? — Kate estava quase

gritando com ele, mas ele permaneceu sentado à mesa. Ele estava como um

zumbi em outro fuso horário.

P á g i n a | **73**

Ele se levantou e foi até a pia da cozinha. Jogou água fria no rosto, esperando que sua vivacidade lavasse tudo o que ele estava sentindo. Ele juntou

as mãos e bebeu com avidez água da torneira.

Kate nunca tinha visto Alex assim. Ele a assustava.

— Eu vou ligar para Don se você não me contar o que aconteceu. Estou

com medo, Alex.

As palavras de Kate o fizeram voltar a si. Ela mudaria para sempre quando ele lhe dissesse do que Don o acusou. Sua doce e perfeita Kate.

Qualquer resquício de inocência que ela já teve desapareceria. Eles tinham que

se unir. Por Kate. Eles teriam que passar por aquilo juntos. Ele rezou para que

ela acreditasse nele. Inferno, era Kate. Alex sabia que ela iria acreditar nele.

— Don disse que teve que levar Sara para o hospital duas vezes. Ela está

tendo ataques de ansiedade desde que voltou para casa.

Kate sabia o porquê. O monstrinho estava tendo um ataque de culpa. —

Eu estou contente. Serve de lição para o que ela fez. Ela tem idade suficiente

para entender, Alex. Eu sei que deveria ter te contado, mas você e as meninas

estavam se divertindo muito, eu odiaria ter que abrandar as coisas.

— Kate, do que você está falando?

— O estúdio. Não houve roubo, Alex. Foi Sara. Eu sabia disso o tempo

todo. Esperei para ver se ela falaria claramente enquanto estava aqui, mas ela

não o fez. Eu ia dizer a Don, mas eles foram embora, e nunca tive a chance de

contar. Pensei em ligar depois que as meninas partiram e dizer a Don o que ela

fez, mas desisti. Foi o fim. Achei que Sara fosse pedir desculpas quando fosse

mais velha. Acho que ela sabia que eu suspeitava dela.

Alex não conseguia acreditar no que acabara de ouvir.

— Você está me dizendo que Sara destruiu todas as suas cerâmicas e

você não fez nada sobre isso! Kate, por que não me contou? Eu teria dito a

Don. E então ele teria...

P á g i n a | **74**

— Teria o quê? Ele diria que é —coisa da idade|| e era problema dele. Isso

é o que Don teria feito. Ele com certeza não daria a ela a ajuda de que

precisava.

— Eu odeio dizer isso, Kate, mas poderia ter feito uma grande diferença

se você tivesse, pelo menos, dito a Don. Você não tem que me dizer. Agora,

porém, isso só vai tornar as coisas piores.

— Alex, fale em inglês ou diga algo que possa entender. Você não está

falando coisa com coisa.

— Don ligou e disse que Sara havia lhe dito que eu a tinha tocado.

Se Alex levasse um tapa na cara, ele não estaria tão chocado.

— O quê?

— Você me ouviu. Sara disse a Don e a Debbie que eu a tocava de forma inadequada.

— Isso deve ser uma piada horrível. Por que Don diria isso para você?

Para nós?

— Eu perguntei a mim mesmo inúmeras vezes. Ele estava sério, Kate.

Ele disse que Sara lhe contou que eu a tocava quando íamos visitá-los na

Flórida. Disse que tem acontecido por um longo tempo.

Kate passou de pálida a vermelha.

— Aquele monstrinho! Por que ela faria isso com você? Deve haver

algum engano, Alex. Eu vou ligar para Debbie. Vou esclarecer isso.
— Kate se

levantou da cadeira na qual não se lembrava de ter sentado. Pegou
o telefone de

Alex.

— Não, Kate. Don estava sério. Ele não brincaria com algo assim.

P á g i n a | **75**

— Então o quê? Você vai ficar sentado e não fazer nada? Eu não
penso

assim! Isso poderia arruinar a nossa vida, Alex. Você já pensou
sobre isso?

— Isto é um choque tanto para mim quanto para você. Não sei o
que

pensar neste momento. Acho que eu deveria esperar para falar com
Don

novamente.

— Será que ele realmente disse que iria ligar de volta?

Alex pensou por um minuto.

— Não, ele não disse.

Uma batida forte na porta dos fundos fez com que Alex derrubasse
o

telefone. Kate quase saiu de seu corpo.

— Quem está aí? — De repente, paranoica, ela olhou através da cortina,

esperando que quem estivesse ali simplesmente fosse embora.

— Kate. Alex, é Gertie. Abram.

Gertie. Jay. Bella e seus filhotes. Há apenas uma hora eles estavam comemorando o nascimento da ninhada. Pareciam dias atrás.

— Gertie, entre. — Kate abriu a porta, que ela não se lembrava de ter

trancado. Era isso o que o medo fazia com uma pessoa? Será que você faz

coisas loucas estando fora de si a ponto de não se lembrar?

— Vocês dois parecem pior do que Bella. Puxa, o champanhe era tão

ruim assim? — perguntou Gertie.

— Sente-se, Gertie — disse Kate.

— Vocês dois querem me dizer o que há de errado? Nenhum de vocês

parece bem.

P á g i n a | **76**

Kate olhou para Alex, silenciosamente pedindo sua permissão para contar a Gertie o que tinham acabado saber.

— Alex acabou de desligar o telefone. Era Don. Parece que Sara teve

ataques de ansiedade desde que chegou em casa. Eles... Ela disse que Alex a

tocou. — Kate soltou um suspiro profundo e inalado.

Pela primeira vez, Gertie estava petrificada e sem palavras. Ela olhou

para Alex, depois voltou a olhar para Kate, seus quentes olhos castanhos cheios

de fogo.

— Bem, espero que vocês não fiquem aí sentados! Você já falou com a

menina? Por que ela faria algo assim, o que ela ganharia? Eu sabia que aquela

garota tinha problemas da primeira vez que pus os olhos nela. Ela sempre esteve

do lado errado, mesmo sendo uma criança. O que posso fazer?

Gertie estava sendo Gertie. Graças a Deus. Kate e Alex precisavam de

seu senso comum descarado agora mais do que nunca.

— Não sei o que fazer, Gertie. Eu nunca imaginei ser acusado de algo

tão horrível na minha vida.

— Você vai precisar de um advogado, eu posso te dizer isso. Meu irmão

poderá lhe recomendar um bom advogado de defesa. Vou ligar para ele agora.

O irmão de Gertie era um advogado de primeira, conhecido em toda a

Carolina do Norte. Infelizmente, ele não atuava na área penal.

Ela pegou o telefone da sala de estar. Falou com seu irmão por cinco

minutos, depois voltou para a cozinha. — Isso vai ficar muito pior antes de

melhorar.

— Eu sabia que hoje estava tudo bom demais para ser verdade. É hora

de o velho Alex cair.

— E eu estarei lá para segurar você, Alex. Pode contar comigo — disse

Kate.

P á g i n a | **77**

Capítulo 8

— Como a menina manteve a acusação de abuso sexual ocorrido na

Flórida, se for a julgamento, vamos ter de ir até lá. — James Conroy, o

advogado de defesa de Alex, foi prático ao dizer aos seus clientes toda a

verdade e nada mais. Não havia razão para superprotegê-los

— Você acha que isso vai realmente a julgamento? — perguntou Kate.

— Por enquanto não posso dizer com certeza, mas provavelmente não.

Eu sei que, se Alex se render, será mais bem-visto aos olhos do tribunal.

Kate e Alex tinham vivido um turbilhão nos últimos três dias. Eles não

falaram mais com Don. O irmão de Gertie tinha recomendado James. Tão logo

eles contaram sua história, James contactou as autoridades no condado de

Collier. Como esperado, houve uma ordem de prisão para Alex.

— Então, vamos para a Flórida, Alex se rende, paga a fiança, e então o

quê? — perguntou Kate.

James Conroy era alto e magrinho, com cabelos louros. Um cavanhaque

macio, um queixo pontudo e um bigode cobriam o lábio superior fino. Ele

parecia um jovem professor. Se Kate o tivesse visto na rua, teria pensado que

era um acadêmico, e o um advogado de defesa criminal poderoso que tinha a

fama de ser. Os olhos azuis-claros de James encontraram os dela.

— Receio que não seja tão simples.

— O que você quer dizer? — perguntou Kate.

P á g i n a | **78**

O escritório de James ficava no centro de Asheville. Era no décimo andar do Edifício do Banco da América. Isso lhe permitia uma visão muito

melhor do que qualquer outro do prédio. As montanhas Blue Ridge dominam o

céu. A névoa cinzenta entre as montanhas ao amanhecer lembrava Los

Angeles, sua cidade natal, só que o nevoeiro era mais fumaça do que qualquer

outra coisa. O advogado olhou a vista lá fora e então dirigiu sua atenção ao seu

cliente. Ele falou com uma voz culta, cada palavra precisa e clara:

— Se a menina alega que os assédios ocorreram na Flórida, está em sua

jurisdição. O departamento de polícia vai enviar alguns oficiais para extraditar

Alex. Uma vez que ele for processado, será formalmente acusado em audiência

de acusação. Nós vamos fazer nosso apelo ao tribunal.

— E quanto à fiança? Como isso funciona? — persistiu Kate. Alex ainda

estava em estado de choque. Kate fez a maioria das perguntas enquanto ele

apenas escutava. Aquilo era um pesadelo, e ambos não queriam nada mais do

que acordar dele. Pelo que James falou, não parecia ser tão simples como eles

esperavam.

James se sentou em uma mesa de mogno grande, com a superfície limpa

exceto por um bloco de notas, um copo com lápis apontados, as pontas viradas

para cima, e uma luminária. A parede atrás dele tinha certificados que

comprovavam que se formara em Yale com o mais alto louvor.

— Sei que isso não é o que você gostaria de ouvir, mas as coisas são

assim. Fiança para alguém acusado de molestar uma criança no estado da

Flórida é muito difícil de obter. Isso pode ser feito, mas o valor é muito alto.

Claro que na conclusão do processo judicial o dinheiro é devolvido a quem

pagou.

Alex levantou-se e atravessou o escritório para olhar pela janela.
Alguns

segundos se passaram antes que ele se virasse para James e Kate.

— Então, em resumo, o que você está me dizendo é que eu sou culpado

até que prove minha inocência? E que, se tivermos sorte, posso não ir para a

cadeia porque sou rico?

P á g i n a | **79**

Kate estava começando a odiar a lei a cada minuto que passava: —
O

que você quer dizer? Alex pode ter de ficar na prisão até que prove sua

inocência? Ele não fez nada! Por que ele não poderia conseguir a fiança

estipulada? Esta é a coisa mais absurda que já ouvi! — Kate foi rude,

irritadíssima, e não se importava com quem a ouvisse.

— Eu não faço as leis, Sra. Rocket, mas tenho que segui-las. Porém nem

tudo está perdido. Você está preparado para gastar, pelo menos, 500 mil dólares

para garantir sua presença no julgamento? Pode chegar a um milhão, dada a

gravidade das acusações de abuso sexual por um longo período.

— Isso não é problema — disse Alex. — Se conseguir que o juiz dê a

fiança, nós pagaremos. Em dinheiro.

— Isso é bom. OK. Enquanto isso, Alex, você vai ter que se preparar,

caso passe algumas semanas na cadeia de Collier Country. Pelo que sei, é a

melhor que existe. Ar-condicionado, três boas refeições por dia. Livros,

televisão. Tente pensar nisso como umas férias repousantes, depois deve vir

algo pior.

Kate pulou da cadeira, ficou na frente da secretária de James e bateu

com a mão na superfície da mesa.

— Você está louco? Férias? Você percebe o estigma que Alex terá de

carregar para o resto da vida? Isso não é uma... uma multa de trânsito! É sobre a

vida do meu marido que estamos falando! — Kate cambaleou para trás e

desabou na cadeira que ela acabara de desocupar. Colocou as mãos na cabeça.

Ela estava sofrendo. Alex estava atrás dela, colocando as mãos em seus ombros.

— Ela está certa, James. Eu não posso ficar parado e não fazer nada.

Não há alguma maneira de provar que Sara está mentindo? E em relação a ela

ter destruído o estúdio de Kate? Kate ainda tem o sapato dela com o barro preso

na sola. Isso não prova que ela é capaz de fazer isso? Onde está a prova real?

P á g i n a | **80**

Atrás de Kate, Alex permaneceu rígido. O pesadelo piorou a cada minuto. Seus músculos estavam tensos, ele queria bater em alguma coisa ou em

alguém, qualquer coisa para aliviar a raiva intensa que crescia dentro dele.

— Essa é a desvantagem de uma acusação desse tipo. Você tem somente

a palavra da vítima. A menos que haja evidências físicas, hematomas, inchaço,

sangramento, cabe ao tribunal decidir a culpa ou a inocência. Nós vamos pedir

uma avaliação psiquiátrica. Meu investigador irá verificar os registros escolares

dela, amigos, qualquer coisa em que ela esteve envolvida nos últimos anos. Se

for preciso ir mais longe, nós o faremos. Uma vez que ela está afirmando que

isso começou quando ela tinha 5 ou 6 anos, deve haver algum padrão de

comportamento que comprove que ela tem problemas em dizer a verdade.

— Acabei de lembrar algo — disse Kate. — No primeiro dia em que as

meninas estavam aqui, Emily me chamou de lado. Ela me pediu para não dizer

nada a seus pais. Eu não falei, mas agora eu gostaria de ter contado. Emily viu

Sara aterrorizando o gato do vizinho. Disse que Sara o estava arrastando pelo

rabo. O coitado gritava como um bebê. Emily pensou que Sara estava fora de

controle. Ela ainda mencionou como a irmã contava mentiras. Isso é algo que

podemos usar?

James queria tranquilizar os Rocket, mas ele também tinha que ser

honesto com eles. — Pode ser. Teríamos de ter o testemunho de Emily no

registro. Ela é menor de idade. Isso exigiria a permissão de seus pais. É algo

com que trabalhar.

— E se ela for intimada? — perguntou Kate. — Ela não seria obrigada a

dizer ao tribunal o que ela disse para mim naquele dia na cozinha?

— Os tribunais não gostam de crianças sujeitas a depor, a menos que

seja uma situação de emergência.

Alex afastou-se da cadeira. — E como você chamaria isso, então? É uma

maldita emergência para mim. Minha vida e a de Kate estão em jogo. Não acho

que há outra coisa que poderia ser chamada de emergência.

P á g i n a | **81**

Kate concordou. Ela teria sido precipitada quanto à contratação de James Conroy?

— Você tem razão, Alex. Eu não quero dizer o contrário. Eu quero que

você confie em mim. Se não o fizer, não posso te ajudar. Quero que você diga

tudo o que lembrar sobre as vezes em que você e Kate visitaram a família no

inverno, na Flórida. Quer dizer, se você quiser.

— Eu não tenho muita escolha, né? — observou Alex. — Deus, foi há

muito tempo. Kate, quando foi a última vez que fomos para a Flórida?

— Ano retrasado.

— Isso pode tornar meu trabalho mais fácil. Vá para casa esta noite.

Sentem os dois com lápis e papel. Anotem as datas das visitas. Seja o mais

preciso possível. Diga quanto tempo durou cada estadia. Alguma vez a sós com

Sara? Emily? Por quanto tempo? Qualquer coisa que você pensar, eu preciso

saber. Temos um longo caminho pela frente, mas não tenho nenhuma dúvida

de que vai ser tudo resolvido.

— Quando eles vão me extraditar para a Flórida? Tenho um negócio para administrar. Existem acordos a serem feitos. Caso aconteça — disse Alex.

— Eu diria que em três ou quatro dias no máximo. Eles não perdem

tempo. Deixe seu negócio em ordem e deixe-me resolver. Agora, eu não posso

fazer isso de graça, então temos que discutir os valores.

— Claro, eu não esperaria que você fizesse isso de graça. Dinheiro não é

problema. Tudo que você precisar, vou assinar um cheque ou darei em dinheiro

se você preferir.

— Vou precisar de 25 mil como retentor. Se isso não cobrir minhas despesas iniciais, volto a conversar com você. — James levantou-se e estendeu a

mão. Alex apertou sua mão, e Kate simplesmente assentiu.

— Vou trazer um cheque amanhã, se isso for conveniente — disse Alex

a James.

P á g i n a | **82**

Ele soltou a mão de Alex. — Claro. Vejo vocês dois amanhã de manhã,

por volta das 9.

— Estaremos aqui — disse Kate ao se levantar da cadeira. Suas pernas

pareciam uma gelatina. Um tremor como nunca havia experimentado a rasgava

como um vendaval.

O caminho de volta para casa foi torturante. Poucas palavras foram trocadas. Kate sentiu a tensão, mas não sabia o que dizer ou fazer para aliviá-la.

Quando chegaram em casa, Alex fugiu para o canil e ela para a cozinha.

Três horas depois, ela tinha feito um bolo de amêndoas, duas tortas de

amora preta e três dúzias de biscoitos. Ela estava colocando os biscoitos no

plástico quando Alex e Gertie se juntaram a ela. Kate cortou uma das tortas,

encheu a cafeteira de água e colocou café dentro do filtro. Gertie e Alex

sentaram-se à mesa, silenciosos como mímicos. Kate esperou se Alex falaria,

mas, como ele não fez, ela se pronunciou.

— Então. O que você achou de James até agora? — Kate queria a opinião sincera de Alex. Havia algo nele de que ela não gostava, mas, se ele

livrasse Alex das acusações, ou pelo menos provasse sua inocência, era o que

importava. Kate cortou três pedaços de torta quente, colocando-os em pratos

pequenos. A cafeteira deu seu apito final. Ela pegou três canecas do armário,

encheu-as e colocou sobre a mesa. Pegou o creme de leite e o açúcar na

geladeira, então se sentou.

— Se ele esclarecer essa bagunça, vai ser meu melhor amigo pelo resto

da vida — Alex disse enquanto partia a torta.

Kate queria mais do que isso, ela precisava saber se Alex sentiu

quaisquer reservas. Aquele homem detinha um poder mais forte do que Alex

percebeu. Kate queria a garantia de que Alex estava pronto para colocar seu

futuro nas mãos de um estranho.

— Tem certeza de que está confortável com ele? Podemos confiar nele?

— perguntou Kate.

P á g i n a | **83**

Gertie falou: — Se meu irmão diz que ele é bom, então ele é bom. Reece

não recomenda ninguém que não seja o melhor em sua área. Mas Kate está

certa. Você tem que confiar nele. Se você sentir a menor dúvida, então, pelo

menos, ouça a opinião de outro advogado.

— Não acho que vai ser necessário, Gert. Eu confio nele. Suas credenciais são impecáveis.

Kate tinha reservas sobre o jovem advogado, mas talvez não fosse nada;

talvez ela estivesse apenas sendo paranoica. Ela iria esperar para ver. Se ele não

desse certo, sempre poderiam contratar outro advogado. Se Alex se sentiu

confortável com ele, era isso o que importava.

Alex empurrou o prato para o lado, tomou um gole de café e limpou a

garganta.

— Kate, há algo que quero te dizer.

Por uma fração de segundo, Kate parou de respirar. — O que é, Alex?

Por favor, não me diga que é...

— Droga, Kate. Você acredita que há alguma verdade nesse lixo?

Ela sentiu como se alguém tivesse jogado baldes de cloro em seus olhos.

Kate chorou mais nas últimas 24 horas do que em toda a sua vida. Ela limpou o

nariz com os nós dos dedos. Suas mãos tremiam quando pegou a caneca de

café. — Isso é um absurdo. Você só me assustou, isso é tudo. O que é que você

quer me dizer?

— Estive conversando com Gertie. Ela está comigo nisso, certo, Gert?

— perguntou Alex.

— Sim, estou.

Aquilo era mais difícil do que ele podia imaginar. Eram poucas as dificuldades que o levariam a realmente precisar implantar seu plano de

P á g i n a | **84**

recuperação, mas Alex não era um homem de apostas. Ele preferia algo mais

concreto.

— Pedi ao irmão de Gertie, Reece, para elaborar os documentos para

colocar a casa, terreno e o canil em nome de Gertie. Eu sei que não é racional,

mas, se algo acontecer comigo, você não teria que se preocupar.

Financeiramente, pelo menos. — Isso era tudo. Kate o observou como se ele

tivesse perdido a cabeça.

— Você realmente acha que isso é necessário? Não que eu não confie em

você. — Ela pegou a mão de Gertie. — De qualquer forma, parece definitivo.

— Nós não sabemos o que vai acontecer, Kate. Se isto for a julgamento,

que rezo para que não vá, mas, se isso acontecer, quero ter certeza de que você

estará protegida. Gertie irá desembolsar o dinheiro de que precisarmos para

honorários advocatícios, despesas básicas e, é claro, a fiança, se o juiz

concordar. Eu não posso deixar de pensar que Debbie vai tentar nos processar,

se ela tiver chance. Com todos os nossos bens em nome de Gertie, ninguém será

capaz de tocar em qualquer coisa.

— OK. Eu posso viver com essas disposições. Agora, sobre essa lista que

James quer, vamos tirar isso do caminho. — Por dentro, Kate estava

lentamente caindo aos pedaços. Ela estava sentada à mesa de carvalho velho

que tinha sido de sua família durante anos, falando sobre como proteger sua

casa, tudo o que tinha partilhado, apenas para garantir que o melhor amigo de

Alex não tentasse tirar tudo deles por causa de uma mentira. Se ela conseguisse

passar por aquilo, realmente não sabia o que fariam. Para começar, eles teriam

que se mudar. O dano à reputação de Alex seria irreparável. Eles teriam que

começar de novo em outro estado. Talvez até mesmo outro país.
Isso era como

uma novela, só que o drama era muito real.

Kate pegou um bloco de notas da gaveta da cozinha e colocou-o na frente de Alex.

— Vamos acabar com isso.

P á g i n a | **85**

— Vou dar uma olhada nos cães. Bella está ficando muito nervosa com

seus filhotes — disse Gertie.

— Obrigada, Gertie. Não sei o que faria sem você. — Kate deu uma abraço apertado na mulher mais velha. Alex acenou.

— Você vai ficar bem, Alex. Muito bem — falou Gertie por cima do ombro.

Kate fechou a porta e encostou-se contra o batente.

— Ela está certa, você sabe. Algumas semanas, e tudo isso vai ficar para

trás. Poderemos seguir em frente.

Os olhos azuis de Alex estavam cheios de angústia.

— Não sei se nós vamos seguir em frente e deixar isso para trás, Kate.

Estamos apenas começando e já me sinto como se eu estivesse perdendo. Sei

que é ser negativo, mas não parece haver muito mais que podemos fazer. Reze

para que, se isso for a julgamento, o júri veja Sara como a manipuladora que ela

é.

— Eu já fiz mais orações nos últimos três dias do que em toda a minha

vida, Alex. Nós vamos passar por isso. — Nós temos que passar, Kate pensou,

porque a vida não valeria nada sem Alex.

— Espero que você esteja certa. Vamos levar este papel e lápis para a

cama. Vou abrir uma garrafa de vinho. Vamos ficar mais relaxados. O que você

acha? — Alex estava se esforçando para suavizar o clima. Eles estavam muito

para baixo desde a acusação de Sara.

O vinho era a última coisa de que Kate precisava, mas, se isso ajudava

Alex a melhorar, então ela beberia uma vinha inteira.

— Estarei lá em um minuto. — Kate retirou as xícaras e os pires da

mesa. Ela os enxaguou com água quente até que suas mãos estivessem

vermelhas como pimentões. Então, ela colocou-os na máquina de lavar louça e

P á g i n a | **86**

limpou a mesa e as bancadas. Ela encheu o recipiente de creme e o açucareiro.

Varreu o chão, depois pegou um pano úmido e começou a esfregar os azulejos

já limpos. Uma hora depois, estava exausta. Tudo o que ela queria fazer era se

deitar. Kate não queria se lembrar de todas as suas visitas durante os invernos,

não queria imaginar o que Sara havia dito a seus pais sobre Alex. Pobre e

inocente Alex. Ele não faria mal a uma pulga. Ele não conseguia sequer

esmagar uma aranha. Ele escreveria em um papel o que fosse útil, então o

deixaria lá. Kate ainda não havia conhecido um homem que pudesse ser

comparado a Alex. Sabendo que não poderia protelar aquilo por mais tempo,

ela apagou as luzes da cozinha. No andar de cima, Alex estava dormindo, o

papel e o lápis postos de lado. Imaginando que aquela pudesse ser a última

noite tranquila que Alex teria por um tempo, ela se aninhou ao lado dele.

Ela estava muito cansada. Mentalmente, nunca estivera tão cansada.

Kate deixou a mente vagar em divagações.

Alex parecia ter 100 anos. Sua pele, que era morena do sol, estava pálida

e enrugada como papel de pergaminho. Não havia nenhuma cor em seus olhos,

o pigmento se fora. Seu cabelo tinha ficado completamente branco.

— Eu lhe disse que ia passar por isso, Alex. Por que você tem que ficar

aí trancado? Estávamos ganhando, você não tem que aceitar o apelo!

Os olhos de Kate se encheram de lágrimas quando ela viu o marido

através do vidro. Ele aceitou o desafio, dizendo-lhe que levaria apenas dez anos.

Apenas dez anos...

Kate saltou da cama como um míssil. Gotas de suor na testa e no lábio

superior. Ela ainda usava calça jeans e camiseta. Seu batimento cardíaco

quadruplicou. Ela olhou para Alex. Ele ainda dormia. Ela não iria acordá-lo.

Ela não podia lhe contar sobre seu sonho. Como uma criança, ela e seus amigos

sempre diziam: —Se você contar um sonho antes do café, ele vai se tornar

realidade||.

A manhã demoraria para chegar. Kate não contaria seu sonho a ninguém.

P á g i n a | **87**

Ela rezou para que não fosse um presságio do que estava por vir.

P á g i n a | **88**

Capítulo 9

— Eu sei que você está mentindo. Você é uma garota doente. Não acredito em você nem por um segundo, sua cocô de cachorro. Tio Alex jamais

faria algo assim... tão horrível. Especialmente com uma porca gorda como

você!

Emily sabia que ela estava sendo odiosa para Sara, mas, naquele momento, ela simplesmente não ligava. De alguma forma, ela tinha que ajudar

o tio Alex a sair daquela bagunça. Aos 15 anos, ela não sabia o que podia fazer,

mas tinha certeza de que faria algo.

— Você não sabe como é, então cale a boca. Eu fui abusada. Não fale

comigo desse jeito de novo ou eu vou dizer à mamãe. — Sara estava encantada

com seu novo papel de vítima e mostraria a todos o que ele valia. Ela disse para

Emily que era terrível as coisas nojentas que tio Alex fez com ela, então por que

ela não deveria ganhar alguma simpatia extra? Sua vida fora manchada para

sempre. Palavras que ela ouviu seus pais utilizarem.

— Você é uma mentirosa, Sara. Você não acha que por algum instante

alguém pode não acreditar em você? Ah, eu sei que mamãe e papai não, mas

eles logo vão perceber que você está fazendo isso apenas para chamar a atenção.

Esta não é a maneira de conseguir, certamente você deve saber. Mas,

novamente, você é apenas um bebê. Doze anos de idade. Por favor! E vá em

frente e fale sobre mim. Nada que eu faço é tão podre quanto o que você está

fazendo. Tenho vergonha de dizer que você é minha irmã! — Emily saiu do

quarto de Sara e seguiu para o dela, no final do corredor.

Ela ainda estava em choque pelas acusações de Sara. E seus pais realmente acreditaram naquela mentirosa! Eles tinham conversado com a

polícia, e quem sabe o que disseram. E Emily sabia, tão bem quanto sabia seu

P á g i n a | **89**

nome, que Sara estava inventando cada detalhe que tinha partilhado com os

pais.

Sara tinha uma consulta com a Dra. Chambers na manhã do dia seguinte. A Dra. Chambers era mãe da melhor amiga de Emily, que por acaso

era psiquiatra infantil. Talvez ela pedisse a Amy para bisbilhotar os arquivos de

sua mãe e ver o que Sara realmente queria. Sara deveria ter sido levada à Dra.

Chambers há muito tempo.

Ela queria ligar para a tia Kate, mas seus pais tinham proibido isso. No

entanto, eles não podiam vê-la o tempo todo. Emily pulou da cama e pegou o

cofrinho que tinha guardado em sua gaveta. Ela despejou o conteúdo sobre a

cama. Nove dólares e 73 centavos. Isso deveria ser suficiente para fazer uma

chamada de longa distância. Sem pensar duas vezes, Emily correu para a

cozinha. Já fazia um tempo que ela não andava de bicicleta. Isso poderia fazer

os pais suspeitarem, mas ela lidaria com isso.

Foi até a garagem pela porta lateral da cozinha. Sua Schwinn vermelha

estava encostada na parede oposta à porta. Bom, pensou. Ela apertou o botão

na parede para abrir o portão da garagem. Não era muito barulhento. Se seus

pais ainda estivessem descansando na piscina, eles não ouviriam.

Apressando-se, Emily subiu em sua bicicleta. Pedalando o mais rápido

que podia, desviou ao redor dos vasos enormes de plantas no final da calçada.

Quando estava fora da vista de sua casa, ela diminuiu a velocidade. Havia uma

loja de conveniência, a Circle K, um ou dois quilômetros da estrada.
Ela faria

um rápido telefonema e, em seguida, voltaria para casa o mais rápido possível.

Estaria de volta em seu quarto antes de seus pais perceberem que ela tinha

saído.

Vinte minutos depois, cruzou o estacionamento de uma loja e parou no

telefone público ao lado do edifício. Ela leu as instruções na base do telefone

apenas para ter certeza de que não erraria e perderia seu dinheiro. Uma voz

automatizada apareceu na linha e a instruiu a colocar 2,25 dólares no buraco de

fichas. Ela colocou, e, alguns segundos depois, o telefone da tia Kate estava

tocando.

P á g i n a | **90**

— Alô.

— Tia Kate, sou eu. — As mãos de Emily estavam tremendo. Por um

segundo, ela sentiu como se estivesse traindo sua família, mas o sentimento

passou tão rápido quanto veio. Ela estava salvando a vida de um homem.

— Emily? Por que você está ligando pra cá?

— Eu sinto muito, tia Kate. Sei o que Sara fez. — Envergonhada, os olhos de Emily se encheram de lágrimas. Ela olhou por cima do ombro para se

certificar de que ninguém a viu chorar. Ela morreria se alguém que conhecia a

visse.

— Não é culpa sua. Nós sabemos, querida.

— Eu só quero ajudar. Eles têm um compromisso com Sara amanhã. É

com a Dra. Chambers. Ela é uma psiquiatra. Mamãe disse que ia ao tribunal

testemunhar em nome de Sara. Não sei o que fazer, tia Kate. Isso tudo é tão

terrível. — Emily deixou as lágrimas caírem livremente, não se importando

mais se a vissem.

— Isso não é algo para você se preocupar. Tio Alex e eu vamos ficar bem. Nós vamos passar por isso.

— E eu nunca vou conseguir ver vocês de novo! — Os soluços de Emily

eram altos. Seu nariz estava escorrendo. Ela usou a bainha de sua camisa para

limpá-lo.

— Nós não sabemos, Em. Apenas temos que ter paciência, ver como

isso vai se resolver.

Emily assentiu, e então se lembrou de que estava no telefone. — Eu sei.

Odeio o fato de que ela está fazendo isto com vocês. Acho que Sara é má,

mentirosa, uma intrigante idiota, se quer saber.

Kate deu uma risada forçada. — Obrigada, garota. Realmente significa

muito que você acredite em Alex. Vou dizer a ele que você ligou.

P á g i n a | **91**

A voz automatizada voltou na linha de Emily dizendo que ela deveria

depositar mais 1,25 dólar para o próximo minuto ou a chamada iria acabar.

— Tchau, tia Kate. Eu te amo! — A linha caiu, mas Emily tinha certeza

de que tia Kate a ouvira. Sentindo-se um pouco melhor, ela pulou de volta em

sua bicicleta, pedalando em direção à casa.

Ela conseguiu entrar sem ser notada. De volta ao seu quarto, Emily formulou um plano. Ela ligou para Amy.

— Você acha que sua mãe vai desconfiar? — perguntou Emily à sua melhor amiga.

— Não. Ela está ocupada demais para notar. Além disso, vai achar que

está sendo uma boa mãe se eu me interessar mais pelo seu trabalho — explicou

Amy. Sua voz tinha um tom de emoção. Emily sabia que podia contar com ela.

— A consulta dela é amanhã. Quanto tempo sua mãe costuma levar para fazer suas anotações?

— Ela faz no final do dia. A secretária dela normalmente leva um dia ou

algo assim. Não se preocupe, Em, eu conheço a rotina. Vou fazer o que puder.

Eu sempre soube que Sara era uma vadia, mas nunca pensei que ela faria algo

assim. Claro, poderia ser verdade. Você já pensou nisso?

— Amy! Eu conheço meu tio e conheço Sara. Há uma razão para ela estar fazendo isso. Ninguém sabe por que, mas ela é muito estúpida para

perceber as consequências de suas ações.

— Inferno, Em, você soa como minha mãe — disse Amy.

— Desculpa, Amy. Isto é muito importante para mim. Tio Alex e tia Kate são como outros pais, só que melhores. Se Sara conseguir o que quer,

nunca vou vê-los novamente.

— Volto a falar com você assim que conseguir algo.

P á g i n a | **92**

Emily sorriu.

— Eu sabia que poderia contar com você.

— Ei, para que servem as melhores amigas? — Amy se despediu.

Após ter feito tudo que podia no momento, Emily tirou seu diário de debaixo do colchão. A cada dia ela escrevia sobre Sara e suas falsas acusações

contra o tio Alex. Algum dia, suas palavras poderiam fazer a diferença.

Don e Debbie passaram a melhor parte da tarde descansando em sua

piscina. Depois de uma jarra de margueritas, os dois cochilaram debaixo do sol.

— Mamãe! — Sara gritou.

Debbie se atrapalhou com as alças da parte superior do biquíni, prendendo-as em um nó frouxo.

— O que é isso agora? Você não vê que seu pai e eu estamos tentando

relaxar? Este é um momento muito estressante para nós.

Sara sentou na beirada da cadeira da mãe.

— Mamãe, eu estava me sentindo... sentindo tão suja. Acho que nunca

mais serei pura novamente. Emily me faz sentir tão suja também. Ela me

chamou de mentirosa hoje. Ela disse que tinha vergonha de ser minha irmã.

Debbie inalou fundo, suas narinas queimando.

— Você se parece com uma vaca quando seu nariz faz isso — disse Sara.

Debbie colocou a mão no nariz.

— O que estou fazendo?

— Suas narinas são do tamanho das de uma vaca.

P á g i n a | **93**

— Sara, você é tão rude! Você deveria ter vergonha — respondeu

Debbie. — Agora, o que você gostaria de jantar? Eu estava pensando em pedir

uma pizza do Domino, ou posso chamar aquele restaurante italiano de que

— Você gosta tanto e pedir algo de queijo e carne. A escolha é sua, querida.

Sua mãe conhecia o caminho para seu coração, mas a hora da comida

não era o que ela estava procurando. Sara realmente queria falar sobre o tio

Alex.

— Eu não me importo. Qualquer uma.

— Sara, você está bem? — perguntou Debbie.

— Não. Eu disse que Emily me chamou de mentirosa. Eu a odeio. Eu gostaria que ela saísse daqui. Ela pensa que estou inventando esta história sobre

o tio Alex. — O lábio inferior de Sara estava enrugado. — Não estou inventando, mamãe. Você e o papai acreditam em mim, não é?

Agora Don estava acordado, ouvindo a conversa.

Ele bateu em um lugar ao lado dele.

— Venha aqui, querida.

Sara se sentou ao lado de seu pai.

— Você acredita em mim, não é, papai? Eu me sinto tão mal, ele simplesmente era tão terrível. Ele me fez olhar para o seu... sua coisa. Era tão

feio. Não era como o seu, papai. — Sara se fez de tímida, quase como se ela

estivesse flertando com o pai.

— Sara Marie Winter! O que você está dizendo? — Debbie levantou-se

da cadeira, com os olhos focados em Don e em sua filha. — Por favor, me diga

que eu não entendi você.

P á g i n a | **94**

Sara arregalou os olhos como se ela não tivesse ideia do que a mãe estava falando.

— Eu disse que a coisa do tio Alex não era...

— Eu ouvi você! — gritou Debbie.

— Don, quer explicar como nossa filha de 12 anos de idade tem conhecimento de... de... você sabe o que quero dizer?

— Acalme-se, Deb — disse Don.

— Sara, você está fazendo as coisas soarem muito vulgares. Agora, diga

a sua mãe exatamente do que você está falando.

Sara abriu os olhos ainda mais.

— Eu vi o papai na hora do banho uma vez. Sua... sua coisa não era

como a do tio Alex, é isto. Isto é ruim, mamãe?

Debbie deu um olhar fulminante para Don.

— Não, não é, Sara, mas seu pai deveria trancar a porta quando ele está

no banho.

— Por que, mamãe? — perguntou Sara.

— Porque ele é um homem adulto, é por isso. Um homem adulto com

duas filhas adolescentes que vivem sob o mesmo teto.

— Eu tenho apenas 12 anos, mamãe. Não vou ser uma adolescente por

um longo tempo.

— Sara, você terá 13 em dois meses. Você está mais perto de 13 do que

de 12 — disse Debbie à sua filha.

Sara começou a uivar como um lobo pego em uma armadilha de urso.

P á g i n a | **95**

— Pare com essa bobagem, Sara! Você está me deixando louca! Eu não

consigo mais suportar isso! — Debbie gritou. Tinha certeza de que os lamentos

de Sara poderiam ser ouvidos por todo o bairro.

Sara engoliu em seco e soluçou mais algumas vezes antes de terminar de

choramingar.

— Eu me sinto tão suja, é só isso. E não quero ir à consulta com a Dra.

Chambers. Eu a odeio! — E ela fungou mais algumas vezes.

O coração de Debbie amoleceu. Claro que Sara estava com medo.

— Então você não precisa. Por que não nos disse que estava com medo

de ir? Nós vamos encontrar outro médico, não se preocupe. Agora, o que você

gostaria para o jantar?

Don balançou a cabeça.

— Eu não acho que a comida seja a resposta para o problema de Sara.

Sara — Don a forçou a olhar para ele —, por que você tem medo da Dra.

Chambers? Há mais coisa que precisamos saber?

Sara assentiu. — Acho que ela conta as coisas para Amy. Eu sei disso

porque ouvi Amy falando com Emily. Só não quero que essa coisa horrível se

espalhe por aí.

Olhando por cima da cabeça de Sara, Debbie ergueu as sobrancelhas.

— Eu vou denunciá-la na Associação Médica Americana. Nunca gostei

dela mesmo, de qualquer forma. E não quero Emily andando com sua filha

também. Don, explique isso para ela. Faça isso agora, antes que você se

esqueça.

Don fez uma saudação de sargento.

— Claro, qualquer coisa que você disser. Você pede e eu faço.

P á g i n a | **96**

— Pare de ser um idiota e só faça o que pedi. O bem-estar emocional de

nossa filha está em jogo aqui, ou você esqueceu?

— Eu me lembro, querida. Como eu não me lembraria? — Don entrou

em busca da irmã mais velha de Sara.

Sara ficou reclinada na cadeira de seu pai.

— Agora, preciso saber por que eu me sinto tão suja. Isso é tudo, mãe. Eu não entendo!

O choro de sua filha continuou. Debbie desejava que pudesse estar de

volta no cruzeiro. Sem crianças. Sem problemas. Apenas navegando.

P á g i n a | **97**

Capítulo 10

Uma van branca estacionou na rua. Dois policiais vestindo uniformes

cinza-escuros desceram e bateram na porta da frente. Kate os tinha visto, sabia

por que estavam lá, mas queria adiar o inevitável, enquanto fosse humanamente

possível. Seu tempo junto com seu marido estava prestes a acabar, pelo menos

temporariamente.

Alex esperava no pé da escada. Ele não tinha bagagem, nenhuma

bagagem de mão, nenhum livro debaixo do braço para aquela viagem em

particular. Ele não precisaria de nenhuma roupa para onde estava indo, Kate

pensou. Um macacão laranja seria fornecido para ele. Aquele foi o dia mais

triste de sua vida, talvez até pior do que quando ela soube da morte de seus pais.

Perder os pais foi um evento natural, algo que deverá ocorrer algum dia, mesmo

que seja trágico. Perder um marido por conta de uma falsa acusação era algo

totalmente diferente, totalmente inesperado.

Ela queria ser otimista por causa de Alex. Gertie tinha ficado com os cães depois que Alex saiu do canil naquela manhã. Ele se despediu de Bella e

dos outros. O coração de Kate quebrava mais um pouco cada vez que ela

olhava em seus olhos. Eles estavam muito tristes, a faísca acesa uma vez como

uma joia fora ofuscada pela tristeza.

O tempo acabou. Alex tinha tomado conta dos negócios e das coisas.

Kate sabia que ela deveria tratar dos assuntos do coração.

Ela forçou um sorriso.

P á g i n a | **98**

— Veja isto como uma folga de mim e de ter de provar todos os novos

pratos que cozinho. Vou cuidar de tudo, Alex. Eu prometo. — Lágrimas

encheram seus olhos. — Isso não vai ser para sempre. — Ela colocou os braços

ao redor da cintura dele e segurou sua preciosa vida. Ela nunca pensou que

perderia Alex dessa forma, nem em um milhão de anos.

A campainha tocou uma vez, depois uma segunda vez.

Alex tirou os braços de Kate de sua cintura. Seus olhos estavam brilhantes de lágrimas, mas ele não as derramaria. Tinha que ser forte para

Kate. Ele tocou a ponta do nariz. — Parece que você está resfriada. — Ele

sorriu para ela. Ela era a sua vida, seu tudo. As palavras nunca poderiam

transmitir seu amor por ela. Ele a tocou de novo, desta vez correndo os dedos

em sua bochecha. — Isso não vai ser para sempre, Kate. Eu prometo que não

importa o que aconteça, vou voltar para casa. Nós estaremos aqui juntos

novamente, talvez não como antes, mas vou estar de volta. Amo você, Kate.

Ela assentiu, então foi até a porta onde os dois homens do outro lado

levariam Alex para longe dela por um tempo. Eles tiveram seus momentos

privados e era hora de encarar a realidade.

— Eu também te amo, Alex Rocket. Para sempre. — Ela lhe deu um último sorriso e abriu a porta.

— Alex John Rocket? — perguntou o mais alto dos policiais. Ele segurava um maço de papéis, que entregou a Kate. Alex estava ao seu lado. O

outro policial retirou as algemas do cinto.

— Sou eu. — Alex abriu a porta de tela e esticou os dois braços para

frente, enquanto o segundo policial colocava as algemas em torno de ambos os

pulsos. Kate pegou os papéis e os enfiou no bolso de trás de sua calça.

Lágrimas jorraram, e ela não se importava que as vissem.

— Ah, Alex! — Ela correu para a porta e agarrou-o. Ela o abraçou uma

última vez antes que os policiais o levassem para a Flórida, onde ele teria que

P á g i n a | **99**

ficar até que, se desse certo, a fiança seria arranjada. — Vejo você depois de

amanhã.

Alex simplesmente balançou a cabeça e caminhou em direção à van,

com um policial de cada lado dele.

Kate observou a van até suas lanternas traseiras desaparecerem. Quando

estava de volta dentro de casa sozinha, ela chorou até que seus olhos ficassem

inchados. Pegou a melhor garrafa de Royal Canadian de Alex e serviu-se de

uma taça. Ela a bebeu e, em seguida, bebeu outra. Sua garganta queimava por

causa do uísque, mas ela continuou a beber até que a garrafa estivesse vazia.

Bêbada, Kate subiu para o quarto principal e caiu em cima da cama que

dividia com o marido. Ela abraçou o travesseiro de Alex, inalando os vestígios

de Old Spice e um perfume que era exclusivamente de Alex. Quando ela

acordou, o sol estava se pondo.

Ela estendeu a mão para o relógio do seu lado da cama. — Droga!
—

Perdeu um dia inteiro. Kate se sentou, dobrando os joelhos próximos ao peito,

colocou os braços ao seu redor e chorou mais. Ela chorou muito depois que

Alex saiu, e tinha certeza de que não tinha mais lágrimas. Ela estava errada.

Kate assuou o nariz na camiseta.

Naquele exato momento, Kate queria pôr as mãos em volta do pescoço

gordo de Sara Marie Winter. Ela queria espremer até que a verdade fosse

vomitada de seus lábios mentirosos. Por que ela fez aquilo? O que Alex fizera

para aquela menina? Kate tentou pensar em todas as vezes em que estiveram

com a família Winter nos últimos treze anos. Ela não conseguia se lembrar de

uma única vez em que Alex estivesse sozinho por qualquer período com Sara

ou com Emily. Eles escreveram um milhão de vezes as datas para James.

Ambos concordaram que a criança tinha graves problemas mentais, porque não

havia nada que qualquer um deles pudesse recordar que remotamente lembrasse

um toque inapropriado.

Se a situação de Alex não fosse tão desesperadora, Kate teria rido.

Quem teria pensado que Alex seria capaz de um ato tão vil? Kate se perguntava

se Don realmente acreditava que Alex havia cometido um ato tão anormal e

odioso como aquele. Se sim, então ele não conhecia Alex, embora fossem

amigos a vida toda.

Kate parou com sua autopiedade. Isso não faria bem a Alex. A partir

daquele momento em diante, tudo o que ela faria seria para Alex. De alguma

forma, ela iria ajudá-lo a escapar daquele pesadelo. Ela não tinha certeza do que

poderia fazer, mas sempre teve um bom instinto. Quando ficou de pé, disse:

— Faça o que for preciso por Alex. — Então ela faria.

Com seu futuro em jogo, Kate sabia que chorar e teorizar não a deixaria

mais perto de descobrir a verdade sobre Sara e por que ela tinha acusado Alex

de um ato tão sórdido. Ela sairia logo pela manhã para Naples, Flórida. Gertie

arranjou que ela ficasse na casa de um amigo que estava em Rhode Island para

o verão. Se Alex permanecesse na cadeia até a hora de Kate entregar a casa,

então ele iria alugar um apartamento. Gertie permaneceria em Asheville para

que os negócios de Alex continuassem. Ele ficara preocupado em deixar os

cães, mas sabia que estavam em boas mãos com Gertie. Kate confiava nela

mais do que em qualquer outra pessoa, com exceção de Alex. Gertie era como

se fosse da família.

Depois de um banho longo, frio e algumas aspirinas, Kate se sentiu

muito melhor. Ela tinha sido tola em afogar suas mágoas em uma garrafa, mas

de alguma forma parecia a coisa certa a fazer no momento.

Esperando que o tempo no dia seguinte estivesse bom, ela ligou a televisão no quarto, na esperança de pegar um boletim meteorológico

atualizado. Alugou um avião privado para viajar para Naples, mas sabia que, se

o tempo estivesse remotamente duvidoso, seu voo seria cancelado. Aumentou o

volume conforme seu rosto animado olhava para a tela para ter certeza de que

podia ouvir com precisão. Como a programação estava prestes a mudar para a

previsão do tempo, seu rosto sorridente ficou sério. — Acaba de acontecer. Alex

Rocket, residente de longa data de Asheville, Carolina do Norte, foi extraditado

para Naples, na Flórida, para enfrentar acusações de abuso sexual contra uma

criança...

Kate apertou o botão de desligar no controle remoto e o atirou pelo quarto.

P á g i n a | **101**

— Malditos! Como é que eles descobriram? — ela gritou, sabendo que

não havia resposta. Esses jornalistas experientes a enlouqueceram! Eles não se

dão conta do que estão fazendo quando revelam histórias como esta? Arruínam

vidas! Se já sabiam daquilo na região, Kate não poderia imaginar o que a mídia

em Naples faria. Algo lhe dizia que havia uma mão de Debbie nisso. Seria

como se ela tentasse fazer publicidade para a empresa de Don com a tragédia.

A mulher não tinha escrúpulo algum.

Dormir era a última coisa em sua mente. Kate verificou sua lista de coisas a fazer uma última vez antes de sentar na cadeira de Alex com o romance

de Stephen King que ele estava lendo apenas algumas noites atrás. Isso a fez se

sentir um pouco mais perto de Alex, sabendo que seus olhos haviam se

concentrado nas mesmas palavras que ela estava lendo. Quando seus olhos

ficaram pesados, ela colocou o livro de lado e adormeceu. Deveria chegar ao

aeroporto às 6 da manhã. Ela não se preocupou em configurar o alarme. Sabia

que o sono seria irregular na melhor das hipóteses.

Às 4 horas, ela fez um bule de chá, tomou outro banho quente e esperou

o táxi chegar. Ela não queria que Gertie a levasse ao aeroporto. Ela precisava

ficar com os cães. Às 5h30, uma buzina tocou. O táxi de Kate tinha chegado.

Ela estava vestida e pronta. Com um último olhar sobre o ombro, acabava de

deixar a casa em que vivera durante a maior parte de sua vida.

Ela entregou sua bagagem para o taxista e ficou no banco de trás para a

corrida até o aeroporto. Não havia trânsito àquela hora da manhã, por isso ela

chegou ao aeroporto com tempo de sobra. Como voaria em um avião

particular, foi para a área de aviação geral para esperar por seu piloto e sua

tripulação. Ela e Alex já haviam contratado aquelas pessoas antes, assim Kate

se sentia confortável e segura. A previsão do tempo era perfeita. Se ela estivesse

voando em algum lugar exótico com Alex ao seu lado, então ela poderia

realmente desfrutar do voo. Mas não haveria prazer naquela viagem.

— Sra. Rocket?

O piloto e seu copiloto.

P á g i n a | **102**

— Sim? Ah, bom dia, Joe. — Ela não conseguia se lembrar do nome do

copiloto.

— Trent Walker, senhora. — O jovem copiloto apertou a mão dela.

— Trent, me chame de Kate.

— Nós temos que fazer um pré-voo. Se você quiser ir conosco e subir a

bordo, tudo bem. Candy Lee está pegando café e bolinhos para a viagem. Ela

vai estar aqui a qualquer minuto — Joe explicou a ela.

— Claro, isso é ótimo. — Kate se perguntava se eles tinham ouvido as

notícias de ontem à noite. Ela esperava que não, mas, se o tivessem, era tarde

demais. O dano à reputação de Alex estava completo. Qualquer coisa que ela

dissesse ou fizesse, nesse sentido, não faria diferença. Ela saiu para a pista e

subiu a pequena escada, entrando no avião. Sentou-se em um assento macio

com bastante espaço para as pernas. Um fone de ouvido estava colocado no

assento ao lado dela. Ela sabia que era rude, mas não queria falar. Ela pegou o

fone de ouvido, colocou-o nas orelhas e ajustou a música para algo leve e

calmante. Ela esperou que a inspeção de pré-voo terminasse, momento em que

ela teria que se aprontar para a decolagem.

P á g i n a | **103**

Capítulo 11

Kate acordou surpresa ao descobrir que ela tinha realmente dormido

após a decolagem, e que o voo tinha passado muito rapidamente.
Tirou o fone

de ouvido e se preparou para o pouso. Ela orou para que a mídia local não

soubesse de sua chegada. A última coisa que queria era enfrentar uma multidão

de repórteres.

Gertie se antecipou e alugou um carro com os mapas e as chaves da casa

para que Kate pudesse ir para lá assim que chegasse. Ela precisava relaxar.

James chegaria à tarde para iniciar sua estratégia. Kate precisava ser forte e

alerta para o sofrimento que ela e Alex teriam de suportar nos próximos dias,

talvez até mesmo semanas. Ela rezava para que fosse breve. Queria sua vida de

volta. Ah, ela sabia que nunca poderia ser como antes, mas talvez poderia ser

ainda melhor. Uma pontinha de dúvida escurecia seu pensamento. A fim de

escapar de suas visões negativas do futuro, Kate agarrou sua bagagem e se

preparou para sair do pequeno jato. Ela já tinha viajado para Naples muitas

vezes, mas nunca, em um milhão de anos, imaginou que fosse visitar Alex na

cadeia. A acusação de Sara ainda a chocava. Aquele pesadelo tinha que acabar,

e logo. Kate rezou para que as decisões fossem rápidas com finais felizes.

Enquanto caminhava até a pista, Kate se sentiu fraca por um segundo. A

umidade era esmagadora, como um cobertor de lã molhado que a cobria. Ela

respirava profundamente e estava um tanto trêmula. Odiava os verões da

Flórida, mas o inverno era realmente perfeito. Sabendo disso, ela e Alex sempre

cronometravam suas visitas para coincidir com o tempo bom. Fazia muito

tempo desde que ela enfrentara esse tipo de calor. Se o tempo era um presságio

do que estava por vir, então Kate descobriu que Alex estava em apuros.

Novamente, ela tentou conter seu pensamento negativo. Faria bem a ela e a

Alex pensar em coisas boas. Pensamento positivo, Kate.

Determinada a conseguir, Kate forçou um sorriso quando Joe trouxe a

bagagem para o carro alugado que esperava ao lado do jato.

— Obrigada, Joe. Eu não posso te dizer o quanto sou grata. Não sei quando vou voltar.

Joe balançou a cabeça.

— Basta ligar quando estiver pronta. Vamos estar aqui dentro de algumas de horas. — Ele parou por um minuto antes de terminar: — Se há algo

que eu possa fazer por você e Alex, é só dizer. — Ele olhou diretamente no

rosto dela, seus olhos nunca vacilaram. Kate tinha certeza de que ele sabia por

que ela tinha vindo para a Flórida com tanta pressa. Sua diplomacia na questão

era mais do que apreciada.

— Vou fazer isso, Joe. E obrigada. Alex vai gostar disso. — Ela apertou

sua mão e em seguida pegou as chaves que ele entregou a ela.

— O carro está abastecido e pronto para partir — disse Joe.

Kate acenou agradecida enquanto ele colocava a bagagem no porta-

malas da elegante Mercedes cinza. Um carro compacto teria sido bom, mas a

querida Gertie sempre selecionava o melhor para Kate.

Kate deu um rápido abraço em Joe.

— Eu realmente agradeço. Mantereí contato.

Com um leve aceno, ele voltou para a aeronave. Kate se perguntou

quem mais precisaria de seus serviços hoje. Ela esperava retornar à Asheville

dentro de uma semana, mas James tinha dito a ela que seria um dia de cada

vez. Ela prometeu a Alex que não iria ficar muito chateada, mas era uma

promessa difícil de manter. Seus pensamentos negativos insistiam em

bombardeá-la com cenários hipotéticos.

P á g i n a | **105**

Kate ajustou o ar-condicionado do carro conforme ela queria. A parte de

trás de seu pescoço estava úmida de suor. Ela mal podia esperar para tirar a

calça preta e a blusa creme de seda. Vestir-se formalmente para a viagem era o

oposto dela. Talvez, subconscientemente, ela achou que, se estivesse com sua

melhor aparência, teria melhor efeito sobre o resultado do que estava por vir. Se

fosse assim tão simples.

Ela pegou o mapa no assento do passageiro e o abriu sobre o volante.

Estava familiarizada com Naples, mas não com a área em que os amigos de

Gertie viviam, agora sua nova casa, ainda que temporária. O Aeroporto

Nacional de Naples era localizado na Estrada da Aviação, de acordo com o

mapa de Kate. Traçando as direções com seu dedo, ela viu o caminho para a

Avenida 41. De lá, iria se dirigir mais para o sul de Hibiscus Lane, onde a casa

dos Therman estava localizada. Ela olhou para o relógio antes de colocar o

carro na estrada. Ainda não era tarde. Tinha muito tempo antes da chegada de

James.

Quando se dirigiu para o sul da Avenida 41, ou Tamiami Trail, como

era chamada pelos moradores, o coração de Kate pulou. Lá no canto nordeste

da 41 e da Airport Pulling Road estava o tribunal de Collier Country. Era lá que

o futuro de Alex seria decidido. Diminuindo a velocidade para dar uma boa

olhada, Kate determinou que não era nada, mesmo que ligeiramente ameaçador

pela aparência do edifício. Vários andares, concreto branco, dezenas de

palmeiras, hibiscos decorando o gramado. Homens vestindo ternos escuros e

gravatas entravam e saíam das portas giratórias. Ela não podia imaginar se

vestir assim no calor. Balançou a cabeça e acelerou.

O McDonald's habitual, Wendy e Burger King dividiam a Avenida 41.

Nada de novo. Nada que eles não tivessem em Asheville. Viu uma placa do

Wal-Mart e decidiu que era melhor parar e comprar alguns alimentos. Ela ainda

precisava comer, mesmo que tivesse perdido seu apetite dias atrás. Tinha que se

manter em forma para Alex. As decisões externas de Kate poderiam muito bem

afetar o interior de Alex. Isso a faria adoecer.

Ela entrou no grande estacionamento. Parecia que metade de Collier

Country tinha decidido fazer uma parada no Wal-Mart. Kate logo encontrou

uma vaga. Ela fez uma lista mental do que precisava.

P á g i n a | **106**

Dentro da loja, Kate pegou um saco de maçãs, sachês de chá Earl Grey,

Sweet'N Low, um pacote de pão integral, geleia de morango e pasta de

amendoim. Isso foi o suficiente. Se ela precisasse de algo mais, voltaria ao

supermercado. Ela esperou na fila mais tempo do que deveria e pagou por suas

compras. Mais uma vez, o calor a golpeou enquanto caminhava para a

Mercedes. Quente e úmida, Kate se perguntava como as pessoas conseguiam

sobreviver àquilo todo ano. Ela supunha que era como qualquer outra coisa,

você simplesmente se acostumava ou aprendia a viver assim. Como se fosse sua

maior preocupação.

A blusa de seda de Kate agarrou-se à sua pele úmida. Ela aumentou

mais o ar-condicionado e manobrou no estacionamento até que estivesse no

semáforo para retornar à Avenida 41. Passou a mão pelo cabelo úmido. A

umidade realmente estava forte. Não que ela se importasse. Seus cachos

cresciam rápido como erva daninha. Ela sorriu. Alex gostava de seus cachos e

nunca poderia entender por que ela os odiava.

Kate pegou o mapa, que agora estava esticado no assento. Mais um

quarteirão e ela estaria no cruzamento no qual daria sua última volta para

Hibiscus Lane. O sinal da rua veio à tona. Kate diminuiu a velocidade, olhou

pelo retrovisor. Nada atrás dela. Ela entrou na rua. Em qualquer outro dia isso

teria sido um prazer. As casas na rua ficavam atrás de muros altos em estuque e

vários arbustos. Gertie disse-lhe que era uma área muito privada, mas até agora

ela realmente não tinha entendido. Era mais do que adequado, considerando as

circunstâncias. A última coisa que queria era lidar com vizinhos intrometidos.

Kate queria fazer o que precisava ser feito para levar Alex para casa. Nada

mais. Ela não tinha necessidade de fazer amigos, e com certeza não precisava

de ninguém para fazer amizade com ela.

Kate viu o número da casa na caixa de correio em forma de golfinho.

Ela sorriu e desceu do carro. Com duas sacolas azuis do Wal-Mart e sua

bagagem de mão, lutou contra o molho de chaves. Atravessou o gramado bem

cuidado até a varanda fechada. Abrindo a porta, viu várias edições do Daily

News de Naples empilhadas a seus pés. Ela as chutou para o lado e enfiou a

chave na fechadura da porta da frente da casa. Uma golfada de ar fresco a

cumprimentou. Suspirou. A sensação era maravilhosa.

P á g i n a | **107**

Kate colocou as malas em uma pequena mesa na sala de estar.

Inspicionou a excelente sala quando entrou. Tetos de catedral, pisos de madeira

e sofás vermelhos pela grande sala. Uma grande lareira posicionada no centro

da sala deixou Kate pensativa. Por que alguém precisaria de uma lareira na

Flórida? Caminhou mais para dentro do cômodo. Três conjuntos de portas

francesas levavam a uma grande piscina e a uma jacuzzi. Várias espreguiçadeiras estavam espalhadas a esmo em torno da borda da piscina.

Vasos de plantas no deque. Uma mesa em que poderiam se sentar no mínimo

dez pessoas. Uma churrasqueira Jenn-Air, maior que o fogão da casa, estava

situada entre um pequeno balcão interno e um forno em uma parede de tijolos.

No calor escaldante da Flórida. Quem poderia imaginar aquilo? A pia, a

geladeira e os armários de teca completavam a cozinha de fora. Dois jet-skis

prateados suspensos no ar acima da doca. Em circunstâncias diferentes, ela teria

ficado entusiasmada com as acomodações. Naquele momento, só podia pensar

que ela não estava vivendo sua vida como queria. Ela e Alex estavam à mercê

do tribunal e suas futuras decisões.

Ignorando os arredores exuberantes, Kate tirou as malas da mesa. Um

bom refrigerador duplo, um forno a gás, bem diferente do Chloe, e vários

armários cercavam a grande sala. Uma pequena ilha com uma pia de cerâmica

vermelha estava no centro da cozinha. Mais uma vez, Kate estava pesarosa por

estar em uma situação tão ruim. Ela teria amado se soltar na cozinha. Mas

poderia, disse a si mesma, conforme guardava as compras. Talvez fosse

preparar um jantar comemorativo para ela e Alex quando ele fosse solto. Sim, é

exatamente o que faria.

Pensando no planejamento de uma refeição gourmet para quando Alex

chegasse, Kate encontrou o quarto de hóspedes. Ele fora decorado com motivos

de palmeira. Não era seu preferido, mas ela gostou. Paredes verdes. Um

edredom bege com folhas de palmeira parecia muito convidativo. Ela tirou as

roupas pegajosas. Apenas alguns minutos. Isso era tudo de que precisava.

Fechou as persianas e ligou o ventilador. Deitou-se na cama, seus pensamentos

num turbilhão. Antes que ela percebesse, adormeceu. Uma batida forte na porta

da frente a despertou.

P á g i n a | **108**

Ela saltou da cama, desprevenida em seu novo ambiente. Ainda estava

de sutiã e calcinha.

Inferno. Queria apenas descansar os olhos por alguns minutos. Ela olhou para o relógio e dormiu por mais de duas horas.

A batida continuou.

— Estou indo — gritou. Devia ser James. Ela agarrou a calça preta que

odiava e vestiu a blusa, e quando correu para a sala tropeçou em sua calça. Ao

olhar no espelho acima da mesinha percebeu que parecia o inferno, mas ela não

se importou. Naquele momento, tudo o que queria fazer era colocar aquele

pesadelo para trás e seguir com sua vida.

P á g i n a | **109**

Capítulo 12

O oficial de justiça, vestido com o uniforme cinza e preto padrão do

Departamento de Oficiais de Collier Country, disse —levantem-se todos|| na sala

do tribunal com painéis de carvalho. Suas palavras ecoaram no pequeno espaço.

Ele não era muito mais alto que ela, Kate observou, quando ele se virou para a

porta que se abriu atrás da mesa da juíza. Kate, junto com as outras pessoas no

tribunal, se levantou.

Alta e magra, com olhos castanhos arredondados atrás de óculos a que

Kate sempre se referiu como —óculos de vó||, a juíza que presidia a audiência de

acusação da manhã jogou seu manto negro sobre os ombros como um pavão

orgulhoso. Seu cabelo curto e cinza havia sido cortado em estilo —Joãozinho||.

Severa veio à mente. A juíza Jean Stowers. Ao ouvir seu nome, Kate achou que

a juíza era do sexo masculino, não que isso importasse. James assegurou-lhe

que ela era tão boa quanto qualquer outro juiz do Vigésimo Circuito Judicial de

Collier Country. No segundo em que ela olhou para a juíza, percebeu que havia

algo estranho. Kate não podia julgá-la, ela não a conhecia, só sabia sobre ela o

que James havia dito em uma reunião na tarde anterior. Ainda assim, ela estava

com um pé atrás. Embora sempre confiasse na sua intuição no passado, Kate

esperava que estivesse errada desta vez.

Não mais de vinte pessoas estavam sentadas na sala de audiência da

juíza Stowers. O crime deve estar de férias, Kate pensou enquanto examinava o

grupo. Ou era possível que não houvesse muitos crimes naquela cidade cheia da

grana? Provavelmente, esta última alternativa. James tinha dito a ela quais eram

as expectativas, mas nada a preparou para a verdadeira visão de Alex, junto

com outros três homens de aparência desleixada, entrando no tribunal por uma

porta lateral.

P á g i n a | 110

Agitando as mãos, Kate tapou a boca para evitar que seus suspiros

fossem ouvidos. James tocou em seu braço e balançou a cabeça. Passaram-se

apenas 48 horas desde que tinha visto Alex pela última vez e ele envelhecera

dez anos. Os olhos de Kate se encheram de lágrimas. Alex, seu maravilhoso,

digno, honesto Alex. Preso com um monte de Deus sabe que tipo de

criminosos, tudo por causa de uma mentira. Seu batimento cardíaco aumentou,

o suor frisou seu lábio superior. Aquilo não era bom.

Vestido com um macacão laranja e chinelos pretos nos pés, sua

aparência foi um choque para Kate. As mãos de Alex estavam algemadas, e as

algemas estavam ligadas a uma corrente pesada. A corrente era presa em

algemas colocadas nos pés. Cada homem estava acorrentado ao outro. Se

alguém decidisse correr, todos cairiam. Kate não tinha ideia de que Alex

poderia ser tratado como um... criminoso. Ele tinha vindo de bom grado. James

dissera que seria favorecido pelos tribunais. Mas com certeza isso não lhe fazia

nenhum bem naquele momento.

Alex, junto com os três outros detentos, estava em uma área reservada

exclusivamente para os presos. Eles estavam sentados no que Kate viu como

um banco. Como animais. Ela respirou fundo e soltou o ar. Isso era pior do que

ela imaginava. Ela viu quando Alex se virou para olhar por cima do ombro. Em

primeiro lugar, para a esquerda, em seguida, para a direita. Então ele a viu e viu

James sentado à mesa de defesa.

Ele sorriu.

O coração de Kate deu mil piruetas. Ela sorriu de volta. Lágrimas escorriam por seu rosto. Ela murmurou: — Eu te amo.

Alex assentiu.

Como o sobrenome de Alex começava com —R||, seu caso seria o último

a ser ouvido. James explicou tudo isso a Kate, mas ver como o sistema

funcionava era muito diferente do que alguém falando sobre isso. Parecia

câmera lenta, muito desconcertante para Kate, como se os homens de laranja

não fossem ninguém. Muito provavelmente tinham famílias, pessoas que

amavam e precisavam deles. Pelo menos Alex tinha. Kate ouviu quando a juíza

deu seu veredito. Apesar de ter sido apenas uma audiência de acusação, foi

P á g i n a | **111**

importante no sentido de que os acusados foram autorizados a comparecer

perante o tribunal e apresentar seus argumentos.

James se levantou quando o nome de Alex foi chamado.

— Alex John Rocket, você foi acusado de seis crimes sexuais contra uma

criança menor. Como você se defenderá? — a juíza Stowers perguntou. Alex,

ainda próximo dos outros presos, permaneceu em silêncio como James havia

instruído.

— Meritíssimo, meu cliente afirma não ser culpado.

A juíza fez uma anotação em papel entregue a ela pelo oficial de justiça.

Ela passou o papel para sua secretária, que estava sentada ao lado e abaixo da

bancada à sua direita. A secretária, uma jovem de não mais de 20 anos, sorriu

para a juíza.

— Esta é sua defesa, Sr. Rocket? — questionou a juíza Stowers.

Despreparado para questões provenientes da juíza, Alex olhou para James para orientação.

— Sim, é, Meritíssima. Eu alego inocência.

— Certo.

James continuou em pé diante da bancada.

— A fim de economizar tempo em sua sala de audiências, Meritíssima,

eu gostaria de reconhecer que não houve uma audiência de fiança prevista. Se é

do agrado do tribunal, gostaria de fazê-la neste momento.

Alex olhou por cima do ombro. Os olhos de Kate continuaram a se encher de lágrimas; mesmo assim, ela conseguiu dar um sorriso.

A juíza Stowers falou com o promotor público assistente.

P á g i n a | **112**

— Sr. Wykowski, o Estado está preparado para ouvir as declarações de

fiança?

O promotor distrital assistente, Lyle Wykowski, vasculhou várias pastas

de arquivos dentro de uma caixa de plástico.

— Estamos, Meritíssima. — Ele continuou a vasculhar a caixa enquanto

passava a mão em seu cabelo preto oleoso. Os óculos fundo de garrafa faziam

com que seus olhos cinzentos parecessem três vezes maiores. Seu terno, um

Sears preto, fora enviado para lavagem tantas vezes que parecia imitação de

seda. Sua camisa branca tinha amarelado com o tempo. Uma gravata cor de

ferrugem completava seu traje. Ele continuou coçando o nariz ao ler os papéis

que encontrou. Parecia que ele não estava preparado para aquilo.

Kate viu tudo aquilo. Ela pensou que ele era desleixado e desorganizado.

Isso poderia ser vantajoso para o caso de Alex. Ela deu um suspiro audível de

alívio.

— Pode prosseguir, Sr. Conroy.

James caminhou de volta para a mesa da defesa. Pegou uma pasta de

arquivos e tirou várias folhas de papel. Ele as folheou até que encontrou o que

estava procurando.

— Obrigado, Meritíssima — disse James. — Se bem parecer ao tribunal,

gostaria de pedir que o Sr. Rocket seja solto por fiança.

— Você percebe a gravidade das acusações contra seu cliente, Sr. Conroy? — perguntou a juíza Stowers de seu assento na bancada.

— Sim, Meritíssima, estou perfeitamente ciente das acusações contra

meu cliente e, eu lhe asseguro, ele também reconhece. No entanto, gostaria de

pedir ao tribunal que considerasse o histórico do Sr. Rocket.

— Será que o Estado tem alguma objeção? — perguntou a juíza Stowers

a Wykowski.

P á g i n a | **113**

O promotor se atrapalhou com o lápis preso entre a cabeça e a orelha. —

Uh, ah... sim, quero dizer, não. A defesa pode dizer o que quiser.

A juíza revirou os olhos. Em seguida, virou-se para o advogado de defesa. — Você pode prosseguir.

— O Sr. Rocket não tem antecedentes criminais, nem mesmo uma infração de trânsito. De modo algum ele é um perigo para a comunidade,

Meritíssima. Ele entende que deve seguir as diretrizes que a Meritíssima venha

a estabelecer, se optar por honrar o nosso pedido neste momento.
Ele e sua

mulher vão permanecer em Collier Country até que o processo seja
finalizado.

Kate prendeu a respiração pelo que pareciam minutos antes de
soltá-la.

Ela queria Alex em casa, não importando onde era sua casa no
momento.

— Sr. Wykowski, não me importo em ter de fazer o trabalho do
Estado.

O senhor tem alguma coisa a acrescentar ao pedido do Sr. Conroy?
— A juíza

Stowers lançou um olhar fulminante ao promotor.

— O Estado não vê razão em manter o Sr. Rocket sob custódia
neste

momento. No entanto, gostaria de pedir ao Tribunal certas
condições para a

liberação do Sr. Rocket. — Lyle Wykowski conseguiu falar sua
primeira frase

completa sem tropeçar nas palavras.

— Você tem condições específicas, Sr. Wykowski?

Kate assistia ao debate entre a juíza e o promotor. Ele provou ser
mais

inepto a cada palavra que vomitava de sua boca. Kate estava
confiante que as

acusações contra Alex seriam vistas exatamente como eram, nada mais do que

uma criança que tenta chamar a atenção. Ela chamou a atenção de Alex e

lançou outro sorriso, só que desta vez era para valer.

— Dada a natureza das acusações, o Estado requisita que o Sr. Rocket

use um monitorador.

P á g i n a | **114**

— Meritíssima, isso é extremamente irracional! — James atirou-se da

mesa de defesa. — O constrangimento pelo qual Sr. Rocket passaria é

desnecessário.

A juíza Stowers derrotou James Conroy com o seu olhar.

— Sr. Conroy, não é desejo do Tribunal causar ou trazer qualquer forma

de constrangimento para o seu cliente. O seu cliente devia ter pensado... — A

juíza às pressas pegou os papéis de sua secretária antes de ela terminar. — Estou

deferindo o pedido do Estado. À luz das acusações, o Estado está sendo

extremamente generoso com seu cliente.

— Obrigado, Meritíssima. — James sabia quando manter a boca fechada. Ele odiava o fato de que Alex teria de suportar a indignidade de usar

uma tornozeleira, mas a juíza estava certa. Ela poderia ter-lhe negado fiança

total ou pedido um valor muito alto em dinheiro.

— Meritíssima, eu também gostaria de solicitar que o Sr. Rocket seja

colocado sob prisão domiciliar — Wykowski acrescentou, como se essa punição

adicional acabasse de acontecer a ele.

— Eu tomei minha decisão, Sr. Wykowski. O tribunal vai deixá-lo ir.

— Sim, certo, Meritíssima. — O promotor remexeu os papéis ainda mais

desorganizados em sua caixa de plástico.

Kate estava realmente espantada com o fato de o Estado contratar advogados de tão baixo calibre. Naquele caso, ela estava mais do que feliz. O

mais provável é que a negligência na triagem de um promotor poderia

beneficiar Alex.

— Uma vez que os Rocket estão aqui em Collier Country até este

assunto ser resolvido, vou definir a data para o júri ouvir para daqui a uma

semana. Será que o Estado ou a defesa têm alguma objeção? — perguntou a

juíza Stowers.

P á g i n a | **115**

James ficou surpreso com a rapidez da decisão da juíza Stowers. Ele

estava preparado para pedir ao tribunal para acelerar as coisas. Mas já não seria

necessário.

— Eu não tenho nenhuma objeção, Meritíssima — declarou James para

o relator da corte, que olhou para ele, esperando por sua resposta.

— O Estado também não se opõe — disse Wykowski.

Mais uma vez, a juíza revirou os olhos para o promotor. — Sr. Conroy,

uma vez que seu cliente tenha sido solto em sua custódia, você terá que levá-lo

ao Departamento de Correções para que uma tornozeleira seja instalada.

— Obrigado, Meritíssima. — James sorriu para Kate.

Em questão de segundos, dois policiais entraram na sala de audiências

pela porta lateral que os presos já tinham usado. Os acusados foram levados

rapidamente antes que Kate ainda tivesse a chance de sussurrar adeus a Alex.

Ela disse a si que isso não importava, porque Alex logo seria liberado.

Fora do tribunal, James pegou a mão de Kate e a levou para uma sala de

conferências privada. — Ainda vão algumas horas para a liberação de Alex. De

lá, vou levá-lo para o prédio do Departamento de Correções. Se você quiser nos

encontrar lá, tenho certeza de que Alex ficará feliz em ver sua esposa. — James

disse tudo isso com um grande sorriso estampado em seu rosto fino.

— Eu não posso vê-lo antes disso?

— Temo que não. A juíza o libertou sob minha custódia. Por que você

não vai almoçar? Existem alguns ótimos restaurantes à beira-mar. Você pode

gostar do Tem City.

Kate não queria nem pensar em comida, e muito menos em um lugar

chique para sua refeição.

— Obrigada, mas vou esperar por Alex. Tenho certeza de que posso encontrar algo para ocupar o tempo. — Kate fez uma pausa. — James, nem sei

P á g i n a | **116**

dizer o quanto isso significa para mim e Alex. Não sei como nós vamos lhe

agradecer.

James balançou a cabeça negativamente.

— Nós passamos apenas pelo primeiro obstáculo. Espere e me agradeça

quando Alex estiver em casa.

— Estou confiante de que você conseguirá que ele vá para casa, James.

Agora, se me disser como chegar ao Departamento, vou deixar você fazer seu

trabalho.

James puxou um bloco amarelo de sua pasta e anotou as direções.

— Se você tiver qualquer problema, basta ligar para esse número.

— Ele

anotou o número do Departamento na parte inferior da página. — Eles vão te

ajudar se você se perder.

— Te vejo lá. — Kate pegou a folha de papel, dobrou-a em pedacinhos e

colocou dentro de sua bolsa.

P á g i n a | **117**

Capítulo 13

Quando Kate encontrou seu marido três horas mais tarde, ela chorou em

seus braços.

— Ah, Alex, me desculpe. Estou tão feliz de ver você fora deste... buraco.

— Nem a metade do que eu estou contente. — Ele passou os braços em

torno de Kate, bem apertados e segurando-a perto. — Agora, vamos dar o fora

daqui. Quero tomar um banho e comer alguma comida de verdade.

James os deixou sozinhos o restante do dia. Na manhã seguinte, Alex

passaria por uma avaliação psiquiátrica. Em seguida, os três passariam a

semana seguinte resolvendo o caso de Alex.

— Vamos para casa. Vou fazer o almoço enquanto você toma banho. —

Kate não queria Alex fora de sua vista. Ela o observava enquanto caminhavam

para o carro alugado.

Alex riu quando viu a Mercedes prata.

— Gertie?

— Como você adivinhou? — Kate sorriu. — Sempre o melhor.

— Essa é a minha Gertie. Nada mais que o melhor para minha garota.

— Alex pegou as chaves de Kate. — Eu poderia ser um criminoso, mas ainda

P á g i n a | 118

tenho minha carteira de motorista. Relaxe. Você já aguentou bastante nos

últimos dias.

— E você não? — Kate deixou cair as chaves na palma da mão aberta de

Alex.

— Sim, mas posso levá-la. Odeio o que tudo isso está fazendo com você.

Você parece desgastada.

Entraram no carro e foram para a casa.

— Estou cansada, mas não me importo. Não quero nunca mais vê-lo

preso novamente, Alex, e eu preciso dizer isso. Vou fazer o que for necessário

para mantê-lo aqui comigo — Kate disse. Mesmo que ela tivesse que pedir a

James para fazer algo antiético legalmente, ela faria. De jeito nenhum Alex iria

para a cadeia por causa das mentiras de Sara.

— James está confiante de que o júri não vai me acusar formalmente.

Isso será na próxima semana. Se tudo correr como ele diz, podemos ir para casa

após a audiência.

— Eu espero que sim — disse Kate. — Mas... você sabe. O fato foi notícia em Asheville.

— Não estou preocupado com o que outras pessoas podem pensar. Se

escolheram pensar que sou algum tipo de molestador... Deus, ainda me faz mal

dizer esta palavra, então eles não gostavam tanto assim de mim, em primeiro

lugar. — Alex pegou a mão dela. — Se isso faz você se sentir desconfortável de

alguma maneira, vamos nos mudar. Não importa para onde vamos. Posso levar

os cães e ir para qualquer lugar do mundo.

— Não vamos pensar em problemas. Vamos passar por isso de qualquer

jeito — acrescentou Kate.

— Obrigado por sua fé. Não sei o que faria se você não acreditasse em

mim.

P á g i n a | **119**

— E você nunca precisaria imaginar uma coisa dessas, Alex. Eu te amo,

e confio em você imensamente. — Kate não duvidou nem por um minuto de

que Alex era inocente das acusações contra ele. Ela o conhecia, sabia que ele

não era um perverso que se esconde atrás de uma fachada.

— James disse que Sara terá que testemunhar, mas há circunstâncias

especiais para crianças. Ela pode dar seu testemunho em um circuito fechado.

— Então, como é que James vai questioná-la?

— Ele poderá questioná-la, conforme a acusação. Se isso vier a júri, e

não acreditamos que vá, o depoimento dela será visto por vídeo. E por falar em

Ministério Público, o que você achou de Wykowski?

Alex parou no semáforo no cruzamento da Avenida 41 e da Estrada

Immokalee. — Pelo que ouvi, ele é o melhor que o Estado possui.
Não trabalha

com outra coisa a não ser crimes sexuais.

Kate riu. — Certamente você o ouviu resmungar no tribunal esta manhã.

Se ele é o melhor que o Estado tem para oferecer, então estamos livres.

— Estou apenas repetindo o que ouvi de alguns dos presos. — Alex fez a

volta para Hibiscus Lane.

Ele assobiou. — Isso é bom. — Eles estacionaram a Mercedes na garagem.

— Os amigos de Gertie foram muito atenciosos por nos deixar ficar aqui. Eles têm jet-skis; se você quiser experimentá-los mais tarde, nós podemos.

Kate abriu a porta lateral. Uma lufada de ar fresco bateu quando entraram pela porta da garagem que dava para a cozinha.

— Talvez mais tarde. Este ar-condicionado é ótimo. Não vejo como alguém poderia viver aqui o ano todo.

— Debbie sempre reclamou do calor. Alegava que o cabelo armava
—

Kate disse.

P á g i n a | **120**

— Ela sempre tem algo de que reclamar. Não sei como Don a suporta.

— Você pode imaginá-la agora? Eu me pergunto se ela está incentivando

os meios de comunicação. James disse que ontem saiu um artigo no Daily

News de Naples. Não diziam que eram acusações, só que você tinha sido

extraditado da Carolina do Norte. Tenho certeza de que Debbie vai querer o seu

rosto estampado em todos os jornais. Ela sempre desejou atenção, boa ou má.

— Eu me pergunto sobre Don. Sempre fomos melhores amigos,

caramba, acho que desde que eu tinha 7 anos, talvez 8. A gente pensava que ele

me conhecia bem, não é?

Kate acabara de pensar que Alex não perderia somente sua reputação,

mas também estava perdendo seu melhor amigo e suas duas filhas, que eram

como suas próprias filhas.

— Sim. Eu acho que Debbie está por trás disso. Não sei por que, mas

apostaria meu último centavo que ela incentivou essa acusação de Sara. — Kate

pegou uma jarra de chá gelado da geladeira. Ela serviu um copo para cada um.

— Houve um tempo em que Debbie era uma boa pessoa. Ela era louca

por Don, o seguia por aí como um cachorrinho perdido. Quando Don conseguiu seu diploma em engenharia, ela mudou. Ficou arrogante, começou a

se portar como uma alpinista social. Não foi muito tempo depois que Emily

nasceu que comecei a perceber como as mudanças foram drásticas. Ela voltou a

estudar, obteve sua licença de corretora de imóveis e então começou a fazer

muito dinheiro. O dinheiro muda as pessoas, Kate.

— Acho que é mais que isso. Ela sempre parecia assim, não sei, mesquinha, acho que é a palavra. Fez um grande negócio do nada. Acho que

ela trata Emily muito mal. Quando ela a chamou de vadia, aquilo foi um

absurdo para mim. Nenhuma mãe decente pensaria em chamar sua filha de tal

coisa, mesmo que fosse verdade. Eu sei que eu nunca, jamais, chamaria Emily

assim. Embora tenha que admitir que pensei em alguns nomes bem ruins de que

gostaria de chamar Sara, mas então percebi que ela é apenas uma criança. Uma

menina com problemas também.

P á g i n a | **121**

Alex pegou seus óculos e caminhou até a porta do pátio.

— Vamos sentar à beira da piscina um pouco, depois vou tomar uma

ducha e você pode preparar algo para comermos.

— Parece bom, mas há algo que eu tenho que confessar.

Alex lançou-lhe um olhar preocupado. — O que é?

— O almoço terá que ser pasta de amendoim e sanduíches com geleia.

Não me preocupei em comprar um monte de coisas ontem.

— Adoro pasta de amendoim e sanduíches com geleia. Especialmente os

seus. — Alex sorriu. — Você me deixou preocupado por um minuto.

— Deixe-me fazer os sanduíches. Relaxe por algum tempo, estarei de

volta em um instante. — Kate saiu antes que Alex pudesse provocá-la com seu

jogo de palavras.

Kate começou a fazer os sanduíches. Ela cortou duas maçãs, arrumou

alguns pedaços em cada um dos pratos. Pegou a jarra de chá e a colocou em

uma travessa com o resto do seu almoço. Se eles pudessem estar de volta em

Asheville, Alex estaria com os cães, e ela provavelmente estaria na cozinha

preparando uma receita nova para Chloe. Paciência, disse a si mesma. Em

questão de dias eles retornariam à Carolina do Norte, de volta à sua rotina. Se

eles conseguissem passar por isso sem grandes danos, Kate prometeu que faria

com que, de alguma forma, Sara fosse punida por suas mentiras. Poderia

demorar um pouco, mas ela e o restante da família Winter se lamentariam por

ter entrado em seu caminho. Não que ela tivesse algo em mente no momento,

mas talvez Emily pudesse fazer Sara confessar. Emily sabia a verdade, ela disse

isso para ela no telefone. Então Don iria punir Sara e pedir desculpas a Alex.

Eles não seriam melhores amigos, Kate tinha certeza disso. Talvez se Don

descobrisse sobre as mentiras de Sara, ele poderia dar a ela a ajuda de que

precisava e possivelmente poupar outro homem inocente da humilhação que

Alex estava passando.

P á g i n a | **122**

Kate levou a bandeja para a piscina. Alex estava dormindo em uma cadeira de praia. Ela odiava acordá-lo, mas ele precisava de algo para comer.

Kate colocou os pratos e a jarra de chá na mesa do pátio.

— Ei, dorminhoco. — Ela se sentou no lugar vago ao lado dele. — Acho

que é hora de acordar.

Ele abriu um olho, depois fechou rapidamente.

— Eu ainda estou dormindo. Aquelas camas da prisão não me permitiam uma boa noite de descanso. — Alex se levantou e foi para a mesa.

— Se você preferir descansar, por que não vai lá para dentro, onde é

mais fresco? Podemos comer mais tarde.

— Não, eu estou com fome. Cansado, mas vou ficar acordado. Esperei

por dois longos dias para colocar meus olhos em você. Não vou perder tempo

dormindo.

— Isso quase parece um pesadelo. Continuo pensando que é algum tipo

de piada de mau gosto de Don, mas então percebo que não é. — Kate fez uma

pausa por um minuto. — Estou com medo, Alex.

Alex pegou a mão dela. — Eu sei. Droga, eu seria um tolo de dizer que

não estou com um pouco de medo também. Sempre acreditei que a verdade

prevalecerá, não importa o que aconteça. Ainda acredito nisso, Kate. Se não, eu

não seria capaz de lidar com isso também. James é um bom advogado, ele já

conseguiu me libertar na primeira tentativa. Isso não é uma tarefa fácil, segundo

ele. Especialmente com o tipo de acusação que estou enfrentando. Eu não

quero que você se preocupe. Em poucos dias vamos estar em casa e poderemos

deixar este incidente horrível para trás. Agora, vamos comer. Estou morrendo

de fome.

A pasta de amendoim prendeu no céu de sua boca. Ela tomou um gole

do chá e em seguida deu outra mordida. Queria dizer tantas coisas para Alex,

P á g i n a | **123**

coisas que temia que, se dissesse, só lhe causariam mais ansiedade, então ela

deveria guardar para si mesma. Ela iria passar por isso. Por Alex.

— Vou fazer compras enquanto você tira um cochilo. Não posso alimentá-lo com pasta de amendoim todos os dias.

— Kate, me diga o que realmente está incomodando você. Não me importo se nós comermos sanduíches de pasta de amendoim ou costela. Kate?

— Alex a conhecia bem.

— Não é nada, Alex. Eu disse que estava com medo, e estou, isso é tudo. Estou tendo pensamentos horríveis sobre Sara. Acho que me sinto um

pouco culpada por tê-los, uma vez que ela é apenas uma criança.
Só quero saber

por que diabos ela fez isso com a gente. Nós sempre fomos bons
para ela.

Nunca mostrei favoritismo por nenhuma das meninas, pelo menos
não acredito

que tenha feito. Quero saber por que, só isso. Por que o monstrinho
faria isso?

Por que agora? — Kate balançou a cabeça. Cada vez que ela
expressava o que

havia acontecido com Alex, ela só ficava mais determinada a
descobrir as

motivações das mentiras de Sara.

— Só Sara pode responder isso. Nós as visitamos tantas vezes, eu
simplesmente não consigo imaginar de onde veio essa ideia. Nunca
a tocaria de

qualquer maneira que pudesse ser chamada de inadequada. Tenho
certeza de

que Debbie está por trás disso. Eu gostaria de não pensar assim,
mas, devido às

circunstâncias, acredito em qualquer coisa, exceto em Sara. Você
disse que

Emily sabia que Sara estava mentindo. Acha que ela testemunhará
no tribunal?

— perguntou Alex.

— Ela faria, mas não sei como Debbie ou Don reagiriam. Acho que como ela é menor de idade, ela tem que seguir as mesmas regras de Sara.

Vamos discutir isso com James. Agora, por que não esquecemos a família

Winter e experimentamos os jet-skis?

Os olhos de Alex brilharam. — Me parece uma ótima ideia.

P á g i n a | **124**

Capítulo 14

— A menos que Sara submeta-se a uma avaliação psiquiátrica, não existe ação — explicou Aaron Hanover aos Winter.

— Ela já passou por muita coisa. Eu já a levei ao hospital por causa das

crises de ansiedade. Isso é mais do que a pobre criança pode suportar. Não

quero que um estranho fique fazendo perguntas sobre isso a ela. Isso só vai

chateá-la ainda mais — explicou Debbie ao advogado.

Ela e Don haviam discutido o assunto e decidido que uma ação judicial

era causa ganha, considerando as acusações contra Alex.

— Como eu disse, Sra. Winter, não se constituirá um caso se não houver

uma prova pericial que ampare as acusações de Sara. Ela também precisará de

uma avaliação física completa. Se vocês não estão dispostos a sujeitarem Sara a

isso, então, acho que não poderei ajudá-los. — Aaron Hanover exerce o Direito

há mais de vinte anos. Nunca, em todos aqueles anos, havia encontrado uma

cliente da qual não havia gostado logo na primeira vez como havia acontecido

com a Sra. Winter. Ela era muito impaciente, queria saber exatamente quanto

dinheiro receberiam se ganhassem a causa. Aaron tinha certeza de que ela não

se importava realmente com o trauma que sua filha havia sofrido, não mais do

que o pai.

Ele sequer tinha certeza de que as acusações eram verdadeiras.

Debbie respondeu ao advogado com sete pedras na mão.

— Você tem certeza? Este é um momento muito doloroso para Sara. Ela

se sente horrível por acusar seu tio Alex. Achei que teriam o mínimo de

compaixão pela minha filha. — Ela se levantou e virou-se para Don.
— Vamos.

Acho que o Sr. Hanover não pode nos ajudar.

— Sinto muito, Sra. Winter. Acredito que qualquer outro advogado
ira

aconselhá-la a fazer o mesmo que lhe sugeri.

Sem ter o que dizer, Debbie puxou a mão de Don e o arrastou para
fora

do escritório. Já no carro, Debbie continuou a vociferar com raiva.

— Ninguém se importa com Sara? Meu Deus, olhe pelo que ela está
passando! Espero que Alex Rocket apodreça na cadeia pelo que fez
a ela. Ela

nunca mais será a mesma. — Debbie tirou um lenço da bolsa e
passou por seus

olhos.

Don pensou no que o advogado acabara de explicar. Ele temia que
ele

estivesse certo. Sara precisaria ser examinada por um profissional.
Querendo ou

não, eles haviam aberto um processo judicial. Debbie não estava
completamente a par das leis.

— Acho que deveríamos ouvir o que o Sr. Hanover tem a dizer. Ele é
o

melhor advogado do sul da Flórida. Se ele quer que Sara se submeta a uma

avaliação psiquiátrica, Deb, nós devemos procurar alguém de nossa confiança.

Alguém que tenha experiência com casos de abuso sexual.

— Eu já sabia que você iria concordar com aquele Senhor Sabetudo!

Vocês, homens, são todos iguais. — Debbie tirou um cigarro de um maço

amassado. — Você não se coloca no lugar de Sara, nem por um minuto?

Teremos sorte se ela conseguir levar uma vida normal a partir de agora.

Don suspirou. Às vezes ele desejava nunca ter conhecido aquela mulher.

— Sara precisa de ajuda profissional, Debbie. Se existe alguma esperança de

que ela consiga levar uma vida normal, essa é a única maneira de tornar isso

real. Ela precisa de alguém para ouvi-la, alguém objetivo. Precisamos consultar

um psiquiatra.

Debbie soltou uma lufada de fumaça pelos lábios maquiados. — Então,

— Você se vire com esse lixo. Estou cansada disso. Ela é sua filha também.

P á g i n a | **126**

— O que é isso, Debbie? Ou você se importa ou não. Estou muito preocupado com a nossa filha. Também estou morrendo de raiva do homem

que pensei que fosse meu melhor amigo. Se você não vai procurar um

profissional para Sara, eu mesmo o farei. Ela precisa de ajuda.

— Vá em frente, então. Eu já disse que Sara ficará ainda mais traumatizada, mas você acha que sabe tudo, então faremos do seu jeito. Vamos

almoçar, temos reserva no Tin City.

— Você sempre tem que tornar as coisas ainda mais difíceis. Vou levá-la

para casa. Dane-se a reserva no Tin City, não suporto ficar com você nem mais

um minuto além do necessário.

Don pisou no acelerador. Naquele minuto, ele a odiou em cada centímetro do seu ser.

Debbie se segurou com força: — Está tentando nos matar ou o quê?

Diminua agora mesmo ou me deixe descer do carro, seu desgraçado!

Don tirou o pé do acelerador, mas não porque Debbie havia pedido para

fazê-lo. Ele havia avistado um carro da patrulha logo adiante. Deixe que ela

pense que tem o controle da situação. É a única maneira de calar sua boca. A

última coisa de que ele precisava era de uma multa por velocidade.

— Vamos para casa. Cuidarei de Sara e você poderá fazer seja lá o que

for que você faça.

— Então, agora pra você eu não faço nada, é isso o que está querendo

dizer? Você está se esquecendo que eu saio e me mato todos os dias tentando

vender essas casas caras. Acho que o próximo cheque de 50 mil dólares poderá

ser doado a um abrigo para os sem-teto, já que eu não faço nada!

Outro suspiro profundo.

— Não foi isso o que eu quis dizer e você sabe muito bem disso. Essa

situação da Sara está nos afetando. Eu agradeço sua contribuição, não importa

o que você pense. — Ele sabia que Debbie trabalhava demais, mas ela adorava

isso. Ela gostava mais do status social que acompanhava seu trabalho do que do

dinheiro. Ela podia passar horas falando sobre isso.

Vinte minutos depois, Don estava no telefone procurando por um psiquiatra respeitável.

Ele chamou Sara em seu quarto.

— O que você quer papai? Eu estava assistindo à MTV.

— Desculpe interromper, querida, mas isso é importante. — Don sinalizou para que ela se sentasse ao seu lado no sofá de couro branco.

— O quê? — disse Sara, mais devagar do que Don podia imaginar.

— Sei que vai ficar chateada, mas quero que ouça. Agendei uma consulta para você ir ao médico. Ela vai ajudá-la a conversar sobre o que

aconteceu com... Alex.

Sara gritou:

— Eu disse à mamãe que não iria! E eu não vou! — Ela saiu transtornada do quarto.

Don gritou em seguida:

— Volte aqui, mocinha!

Sara voltou ao quarto, o rosto molhado pelas lágrimas que lhe
escorriam

pelos bochechas gordas. — O quê?

— Você tem uma consulta amanhã à tarde com a Dra. Kenton. Não
quero ouvir suas reclamações. Agora saia da minha frente!

— Eu te odeio! — gritou Sara enquanto saía do quarto.

P á g i n a | **128**

— É, como muitos outros também — disse Don sabendo que isso
soava

infantil, porém foi incapaz de evitar.

Se houvesse a mínima esperança de que Sara tivesse uma vida
normal,

ela teria de ir a essa consulta, mesmo que para isso ele tivesse que
arrastá-la

pelos cabelos.

Era hora de Sara aprender a seguir as regras.

As regras dele.

James Conroy recebeu a intimação que temia receber durante toda
a

manhã. Não havia jeito, não importava o que ele fizesse para tentar
escapar

daquilo.

Ele falou com um suspiro trôpego:

— Kate, sou eu, James.

— O que aconteceu? Você me parece péssimo.

Ele esperava que ela percebesse pelo tom de sua voz, ou pelo menos pela

sua falta de entusiasmo, qual o motivo de sua ligação, tudo para evitar que ele

tivesse que dizer aquilo que ele sabia que os Rocket não queriam ouvir. Ele

começou a se afeiçoar ao casal durante a última semana. Droga, ele

praticamente havia prometido a eles que tudo isso iria terminar antes mesmo de

que se dessem conta. Ele estava errado.

— Eu esperava ter notícias melhores. Aparentemente, o júri principal

tomou sua decisão. Eles intimaram Alex a um julgamento. Sinto muito, Kate.

Eu estava confiante de que isso terminaria a favor de Alex.

As mãos de Kate tremiam. Seus olhos se encheram de lágrimas de raiva.

Merda, aquela vadiazinha! Ela quer arruinar a vida de Alex! Se eu pudesse

colocar minhas mãos no pescoço gordo de Sara Winter agora, eu a mataria!

Não suporto essa menina! Kate sabia que se arrependeria de seus pensamentos

P á g i n a | **129**

depois. Mas não agora. Ela precisava de sua raiva para superar tudo aquilo.

Sem ela, não tinha certeza se conseguiria.

— Vou falar com Alex — respondeu Kate.

— Eu sei que não era isso o que você queria ouvir. Darei mais detalhes a

você e ao Alex hoje. Passarei na casa de vocês à tarde. Tudo bem pra vocês?

A vida deles estava desmoronando a cada minuto. Se o seu advogado

queria lhes fazer uma visita, ela pouco se importava. — Tudo bem. Estaremos

aqui. — Ainda atordoada, Kate desligou o telefone. A família Winter

havia vencido o primeiro round. Eles iriam arruinar a vida de Alex, ou pelo menos

achavam que iriam. Mesmo que fosse a pior notícia possível, Kate estava pronta

para outra batalha, não importa quão desencorajador era o desafio. Ela

precisava ser forte por Alex. Fazer com que ele soubesse que iriam superar isso,

não importava como. Eles iriam. Ela sabia que iriam. Eles precisavam.

Alex entrou na cozinha.

— Quem era no telefone? Você não parece contente.

Kate balançou a cabeça: — Você não vai acreditar nisso.

— Fale. A essa altura do campeonato, acredito em qualquer coisa.

— Era James. O júri voltou atrás, Alex. Eles emitiram uma intimação para um julgamento.

Kate assistiu às emoções passarem pelo rosto de seu marido. Surpresa,

resignação, raiva e, por último, aceitação.

— Eu acreditei demais. James tem uma boa conversa. Esta é a Flórida.

Eles não pegam leve com esse tipo de acusação, nós sabíamos disso. Vamos

apenas esperar que possamos provar o contrário. — Alex se sentou na mesinha

da cozinha. — Nós vamos superar isso, Kate. Prometo a você, vamos para casa.

Você sabe que não faço promessas que não posso cumprir. Agora venha aqui.

— Ele gesticulou para que ela se sentasse em seu colo.

P á g i n a | **130**

— James quer passar aqui hoje para expor suas estratégias. Não sei o

que mais há para falar. Eu quebrei a cabeça procurando respostas e só encontrei

mais perguntas que levam ao inevitável. Por que Sara o acusa dessas coisas? —

Kate não queria falar sobre a volta de Alex para casa. Ela tinha certeza de que

ele voltaria. Ela não poderia conceber outra coisa além disso. Kate se sentou no

colo de Alex, colocou os braços em volta de seu pescoço. Ela sentiu seu

perfume. Mesmo se ela vivesse cem anos, sempre se lembraria do cheiro de

Alex. Old Spice e Dial Soap.

— James falou sobre um investigador particular que ele tem. Acho que é

hora de ouvirmos o que ele tem a dizer — sugeriu Kate.

— Nunca pensei que isso fosse tão longe, mas você está certa. James vai

começar a desenterrar tudo o que puder sobre os Winter e sobre Sara. Vamos

rezar para que ele descubra algo que possamos usar.

— Eu queria ter contado ao Don sobre Sara ter destruído meus potes de

cerâmica no estúdio. Talvez ele tivesse pensado duas vezes antes de acreditar

nela.

— Sara é filha dele. Ele tem que acreditar nela. Se ele achasse que ela

está mentindo, que tipo de pai ele seria? Inútil, isso eu posso lhe garantir. É

mais fácil para ele achar que sou um molestador doentio, assim ele não precisa

questionar suas habilidades como pai ou se perguntar onde ele e Debbie

erraram. Eu conheço Don.

— Ele certamente não conhece seu melhor amigo. Ex-melhor amigo,

devo acrescentar. — Kate odiava a família Winter. O tamanho de sua raiva a

assustava. Ela já havia ouvido falar sobre pessoas que sentiam isso e cometiam

assassinatos. Ela sempre riu de tamanha selvageria. Agora, compreendia

totalmente. Uma pessoa poderia mesmo ir tão longe.

— É triste, Kate, mas a vida continua. Quando tudo estiver acabado,

não me surpreenderia se Don ligasse para se desculpar. Como se tivesse

simplesmente se esquecido de um aniversário ou algo parecido. É assim que ele

é.

P á g i n a | **131**

— Então ele é ainda mais superficial do que eu imaginava. Um sociopata é melhor do que isso. Ele se adapta à situação. Teria de haver um dia

de inverno no inferno antes que eu dirigisse uma única palavra àquela família.

Sinto muito, mas não se acaba com a vida do melhor amigo e depois

simplesmente pede desculpas.

Seu coração se partiu por Alex e pela amizade que ele havia perdido. Ela

sabia que ele agia como se essa perda não significasse nada, mas Alex não era

esse tipo de pessoa. A perda provavelmente o magoou tanto quanto as

acusações de Sara. Por isso, ela sentia muito.

— Você está certa, mas essa não é a hora e nem o lugar para discutir

sobre Don e sua ideia de amizade. Neste exato momento, não quero nada além

de você. — Alex a tirou delicadamente do colo e a levou ao quarto. Palavras

eram desnecessárias.

Kate, Alex e James estavam sentados na cozinha bebericando um chá

gelado. O tempo ainda estava bem quente e seco.

— Há sempre a possibilidade de que o Estado ofereça um pleito. É padrão nestes casos — explicou James.

— Que tipo de pleito? — perguntou Kate, e olhou para Alex para ver se

ele sabia a que James estava se referindo.

— Em casos dessa magnitude, com seis acusações, o Estado geralmente

consegue a condenação.

— Condenação! Alex é inocente! Achei que você acreditasse em nós! —

gritou Kate. Ela estava à beira de um ataque de nervos, em pedaços.

— Eu disse —geralmente||, Kate. Como advogado de Alex, é meu dever

informá-lo quando um pleito será oferecido. Não vou dizer o que fazer, embora

eu sempre instrua meus clientes a aceitarem o pleito em casos como este. Mas

acredito que as chances de Alex ser considerado inocente são grandes. É por

P á g i n a | **132**

isso que não vou sugerir a vocês que considerem a hipótese de um pleito —

disse James.

— Certo, então qual é o próximo passo depois de dizer a eles que não

aceitaremos o tal pleito? — perguntou Alex.

James deu um profundo suspiro.

— Vamos a julgamento e esperamos pelo melhor.

— Você acabou de dizer que Alex tem grandes chances de ser considerado inocente. Então, o que você quer dizer com —esperar pelo melhor||?

— perguntou Kate.

— Exatamente o que eu disse. Não há garantias absolutas de que o júri

irá considerar Alex inocente, assim como não há garantias de que o considerarão culpado. Temos que ser realistas.

Kate percebeu que James não estava mais tão seguro como quando pegou o caso.

Ela não estava gostando disso e disse a ele.

— Estou fazendo o melhor que posso por vocês. Alex, se você quer outro advogado, agora é hora de se pronunciar.

Alex balançou a cabeça.

— Não, claro que não. Vou a julgamento. Eu sou inocente, e a verdade

vai aparecer. Sempre vivi sob este lema e não vou desistir agora!

Kate não estava tão certa disso. Ela acreditava no sistema judiciário,

mas tinha medo do júri. Ela sabia quão convincente Sara poderia ser. Sara

havia trapaceado todos esses anos, e eles haviam se tornado mais próximos dela

do que seus próprios pais. Ela podia até imaginar o teatro que Sara representaria

para o júri. Ainda assim, Alex precisava saber que ela estava ao seu lado. Ela

mostraria seu apoio acreditando que a verdade emergiria triunfante.

P á g i n a | **133**

— Alex está certo, ele é inocente. Qualquer um com o mínimo de

inteligência pode ver isso. Além do mais, quando for a vez de Alex se

posicionar, o júri não terá o menor problema em acreditar nele.

James coçou o cavanhaque.

— Ainda não discutimos sobre isso, mas não quero que Alex se posicione. É muito arriscado, e Lyle é muito mais duro do que parece. Acredite

em mim.

— Então? — perguntou Kate.

— Digamos que eu não me sinta confortável em levar Alex para o banco

das testemunhas e deixá-lo lá, certo?

Kate se levantou e despejou seu chá na pia.

— O que acha disso, Alex? Você não quer uma chance de contar a sua

versão dos fatos?

Ele passou a mão pelos cabelos.

— Eu não tenho nada a dizer, Kate. Você sabe disso. Vou fazer exatamente como James está sugerindo que eu faça.

Kate sentiu como se houvesse sido atropelada por um caminhão.
Alex

não estava disposto a se posicionar para se defender? Ela iria. —
Então me leve

para o banco das testemunhas. Vou contar a eles sobre Sara e que
garota

calculista ela é. Vou dizer a eles o que ela fez no meu estúdio.

— Pode ser que façamos isso. Por enquanto, quero que vocês dois
saibam que não importa o que aconteça, estarei ao lado de vocês.

Alex ficou de pé ao lado de Kate.

— Então, quando poderemos finalmente acabar com isso?

P á g i n a | **134**

— Você tem sorte. A lista de sentenças está livre até daqui duas
semanas. O Estado desocupou sua agenda, então, podemos
começar a trabalhar

na sua defesa agora mesmo.

Isso surpreendeu Kate. — Imaginei que o julgamento fosse levar
uma

eternidade para ser marcado. Por que tão depressa?

— Para começo de conversa, estamos em Naples. Não há muitos
crimes

sérios por aqui. A maioria se trata de briga de famílias, esse tipo de
coisa. A

juíza está pronta, o Estado está livre, não há muitas investigações a
serem feitas,

e as que existem podem ser concluídas no período das duas semanas que temos.

— Vamos terminar com isso o mais rápido possível. Preciso voltar aos

canis. Gertie logo precisará de uma folga — disse Alex.

— Estou pronta também. Quero nossa vida de volta, deixar este pesadelo para trás e nunca mais pensar nisso novamente.

— E assim será — consentiu James. — Mãos à obra.

P á g i n a | **135**

Capítulo 15

A sala do tribunal era a mesma do dia da acusação. Porém, agora ela

estava lotada. Repórteres de jornais e TV de todo o sudoeste da Flórida estavam

em uma seção reservada especialmente para a imprensa. A TV do Tribunal

obteve permissão da juíza Stowers para transmitir ao vivo a cobertura do

juízo. James explicou a eles que o caso de Polly Klaas fora de vital

importância para que casos como aquele tivessem destaque nacionalmente.

Kate estava envergonhada, para dizer o mínimo.

Sentada logo atrás de Alex e James, Kate não ousou se virar para olhar

as pessoas reunidas no tribunal. Em algum lugar, estavam sentados Debbie e

Don. Ela não os viu quando entrou na sala. Temia o que poderia fazer se os

visse. Tudo aconteceu muito rápido. James foi fiel à sua palavra e havia feito

uma investigação meticulosa no caso. Alex fora examinado por um psiquiatra.

James entrevistou Sara e mais uma vez ficou convencido da inocência de Alex.

—A criança tem grandes problemas|| disse a eles, mas se recusou a entrar em

detalhes. De acordo com James, a seleção do júri foi como uma brisa. Não

houve nenhuma moção pré-processual que tivesse que enfrentar, então ali

estavam, prontos para deixar a verdade começar a emergir das ruínas da

reputação de Alex e, quem sabe, permitir que ele e Kate retomassem suas vidas.

Sussurros, papéis crepitando e o ruído da câmara distante eram os únicos

sons audíveis quando o oficial da polícia entrou na sala.

— Todos de pé.

A juíza Stowers entrou por uma porta atrás do banco e se sentou. Ela

embaralhou uma pilha de papéis e ajustou seus óculos bifocais para leitura.

Após bater o martelo duas vezes, anunciou:

P á g i n a | **136**

— Podem se sentar. Esta corte agora está em sessão.

Kate achou o martelo um pouco exagerado, mas imaginou que fosse

assim por causa das câmeras.

— O Estado está pronto para proceder? — Stowers perguntou a Wykowski.

— Estamos, Meritíssima.

— Sendo assim, você pode começar sua declaração de abertura — instruiu a juíza Stowers.

Lyle Wykowski usava seu melhor terno. Um terno azul-marinho, não trespassado, com uma camisa branca translúcida e uma gravata estreita e

listrada em branco e azul. Seus óculos fundo de garrafa eram os mesmos, porém

seus cabelos oleosos aparentavam terem sido cuidados por cabeleireiro. O

desajeitado trapalhão havia desaparecido no dia da acusação.

— Serei breve, Meritíssima.

Kate deu um suspiro de alívio. Embora Wykowski estivesse com a aparência asseada, ela estava aliviada por ver que ele era tão amador quanto

antes.

— Como preferir. Apenas seja metuculoso — advertiu a juíza.

Com um bloco de notas amarelo em mãos, Lyle levantou-se e virou-se

para os jurados que estavam sentados à direita da mesa de processo.

— Primeiramente, deixe-me agradecer a todos vocês por realizarem este

dever cívico. Isto é uma dificuldade para alguns de vocês. O Estado reconhece

isso e aprecia essa dedicação. Agora, vou contar a vocês toda a história. É quase

um conto de fadas, mas, infelizmente, este conto de fadas vai se tornar o pior

pesadelo de todos os pais e crianças, pois, como podem ver, não há um final

feliz.

Lyle fez uma pausa. Ele tinha a atenção exclusiva dos jurados.

— Era uma vez uma garotinha. Ela tinha por volta de 5 ou 6 anos quando coisas ruins começaram a acontecer. Ela vivia com a mãe, o pai e a

irmã mais velha. Era uma criança feliz e despreocupada. Adorava as bonecas

Barbie, animais e skates, enfim, todas as coisas normais que uma criança nesta

idade gosta. Ela gostava de ajudar a mãe a preparar biscoitos, gostava de ouvir

as histórias que o pai lhe contava antes de dormir, mas, mais do que tudo, esta

inocente garotinha adorava receber visitas do tio e da tia. Algumas vezes, ela os

visitava, outras vezes, eles vinham até a Flórida visitar a sua família. Não

importava onde ela os encontrava, pois, depois dos seus pais, eles eram as

pessoas de que ela mais gostava, eu friso, em todo o mundo. Ano após ano,

esta garotinha ansiava pela visita daqueles que considerava membros de sua

família. Conforme a garotinha e sua irmã mais velha iam crescendo, seus pais

começaram a permitir que elas passassem o Natal, a Páscoa e algumas semanas

do verão com seus tios favoritos.

Kate queria que ele chegasse logo ao maldito ponto. Ela já estava cansada de —a garotinha isso|| e —a garotinha aquilo||.

O advogado do Estado continuou com sua declaração de abertura:

— Foi em meio a essas muitas ocasiões felizes que esta garotinha vivenciou o ato mais repugnante e asqueroso que uma criança poderia

imaginar. O seu confiável tio, um homem respeitado na comunidade, criador de

cães, homem de família, melhor amigo de seu pai, a molestou!

— Objeção! — James ergueu a voz.

— O que está objetando, Sr. Conroy? — perguntou a juíza Stowers.

— Eu objeto o fato do Sr. Wykowski dizer que meu cliente molestou a

criança.

P á g i n a | **138**

— Este é o motivo do julgamento. Objeção indeferida. Por favor, continue Sr. Wykowski.

— Em todas as ocasiões em que o Sr. Rocket veio à Flórida, ele abusou

sexualmente desta preciosa e inocente garotinha. O Estado pretende provar sem

sombra de dúvidas que o Sr. Rocket é culpado de todas as seis agressões sexuais

contra a menor. Isso é tudo, Meritíssima.

A juíza olhou para os dois advogados.

— Sr. Wykowski, pode chamar a sua primeira testemunha.

— O Estado gostaria de chamar a Dra. Maureen Sheffield.

Após a doutora fazer o juramento e suas credenciais como uma perita

em sua área serem verificadas e aprovadas pela corte, o promotor começou as

perguntas.

— Dra. Sheffield, quando a criança em questão visitou seu consultório

pela primeira vez? — perguntou o advogado do Estado.

Pelo fato de a criança ainda ser menor de idade e de haver câmeras no

tribunal, a juíza Stowers pediu que se referissem a ela como —a criança||, no

intuito de proteger sua identidade.

Quando chegasse o momento de exibir o vídeo com o seu testemunho,

pediriam à imprensa que se retirassem e as câmeras seriam desligadas.

A médica consultou um fichário que havia levado consigo ao banco das

testemunhas.

— Foi há dez dias.

— E quantas vezes você atendeu esta criança no seu consultório?

— Eu a vi seis vezes em meu consultório e duas vezes na casa dela —

declarou a doutora.

P á g i n a | **139**

— E por que você foi visitar a criança na casa dela?

— Não é incomum que crianças que tenham sofrido abuso sexual...

— Objeção! — gritou James. — A corte não provou que houve qualquer

tipo de abuso sexual!

— Indeferido novamente, Sr. Conroy. É por isso que estamos aqui — explicou a juíza pela segunda vez.

— Pode continuar, Dra. Sheffield — advertiu a juíza Stowers.

— Como eu estava dizendo, não é incomum crianças que tenham sofrido abuso sexual exibirem comportamento diferente do padrão quando

estão em casa.

— E você achou que em casa a criança agiu de maneira diferente de

quando esteve em seu consultório?

A médica olhou em volta do tribunal, procurando em quem focar o olhar. Kate seguiu o olhar da doutora. Debbie Winter estava sentada três filas

atrás da mesa de processo.

— Dra. Sheffield? — Wykowski advertiu.

— Eu achei o comportamento da criança exatamente o mesmo demonstrado durante as visitas ao meu consultório.

Sussurros abafados podiam ser ouvidos pela sala.

— Ordem! — disse a juíza Stowers e bateu o martelo para um efeito

mais dramático.

Mais uma vez, o silêncio reinou no tribunal.

— O comportamento era incomum? — perguntou Wykowski.

P á g i n a | **140**

— Não.

— Você pode explicar para este tribunal os tipos de comportamento mais

comuns e incomuns em crianças vítimas de abuso sexual?

— O primeiro, e mais importante, é que seu senso de segurança é prejudicado. Elas podem se tornar carentes sendo que antes se sentiam

confortáveis sozinhas. Elas podem não confiar mais naqueles que são

autoridades. Algumas crianças agem com violência. Outras, dependendo da

idade, podem se tornar sexualmente promíscuas. Varia de caso para caso. Essas

são apenas algumas poucas mudanças que se podem notar.

— Sobre as mudanças de comportamento que você mencionou, você

teve a oportunidade de perceber quaisquer dessas mudanças durante o exame

da criança em questão?

— Sim.

— E quais seriam?

Dra. Sheffield sorriu antes de responder.

— Ela estava muito furiosa.

— Ela foi violenta de alguma maneira?

— Nunca, apenas estava furiosa. Ela não sabe como liberar a raiva que

sente de seu agressor. No entanto, ela demonstra raiva nas coisas simples do dia

a dia.

— Você pode explicar isso ao tribunal? — perguntou Wykowski.

— Quando eu fazia uma simples pergunta como —Qual é seu programa

de TV favorito?||. Ela gritava dizendo odiar tudo na TV. Disse que a única coisa

que gostava de fazer era comer.

— E o que você achou disso, Dra. Sheffield?

P á g i n a | **141**

— Típico de sua situação. A criança está devastada, encontrando seu

único conforto na comida. Seu peso é extremamente excessivo para uma

criança de sua idade e altura.

— Sem mais perguntas para esta testemunha, Meritíssima.

— Sr. Conroy, gostaria de interrogar a testemunha do Estado?

James se levantou e caminhou até a frente do tribunal. Após passar os

olhos pela audiência, ele se dirigiu lentamente até a tribuna dos jurados.

— Sim, eu gostaria muito de interrogar a testemunha do Estado.

— Prossiga — ordenou a juíza Stowers.

— Primeiro, eu também gostaria de agradecer ao refinado povo do condado de Collier por nos conceder seu tempo e sua atenção. Não será fácil

ouvir algumas coisas que irão ouvir.

— Sr. Conroy, o senhor renunciou ao seu direito de fazer uma declaração de abertura, portanto, pedirei a você que interrogue a testemunha e

guarde seus comentários para a declaração de encerramento. Se optar por fazer

uma.

— Sim, Meritíssima. Permita que eu me desculpe por desperdiçar o tempo desta corte. — Ele caminhou até a testemunha e encostou-se no corrimão

de madeira. — Dra. Sheffield, alguma vez a criança disse diretamente o que foi

que o meu cliente fez com ela? Ela deu algum detalhe de fato?

Dra. Sheffield olhou para a mesa de processos. — Alguns, sim, mas mínimos detalhes, não, ela não foi capaz.

— A criança foi capaz de se lembrar de datas e horários específicos em

que o meu cliente teria feito estas coisas que ela não foi capaz de descrever?

Dra. Sheffield pegou o jarro de água que fora providenciado pela corte,

derramou um pouco em um copo e deu alguns goles antes de responder.

— Não, a criança é muito jovem para se recordar de datas e horários

específicos. — A doutora percebeu seu erro no segundo após ter dito estas

palavras.

— Então, a criança possivelmente pode não ser uma testemunha

confiável de qualquer um dos atos pelos quais ela acusa o Sr. Rocket, se ela nem

ao menos pode se lembrar de datas e horários, não é?

— Não foi o que eu quis dizer... Ela é muito pequena para se lembrar de

qualquer coisa específica... ela não sabe...

— A defesa não tem mais perguntas, Meritíssima. — James havia

deixado a testemunha sentada no banco das testemunhas para o segundo round.

— Permissão para redirecionar, Meritíssima — disse Wykowski para benefício dos repórteres da corte.

— Prossiga.

— Dra. Sheffield, sobre os eventos que a criança disse terem acontecido,

quando ela lhe contou no confinamento seguro do seu consultório, não importa

quão pequenos eram os detalhes, você alguma vez questionou sua precisão?

Você acreditou que ela estava dizendo a verdade?

A Dra. Sheffield arqueou os ombros para trás, ergueu o queixo. — Eu

tenho certeza de que a criança está dizendo a verdade. O relato foi exato demais

para que ela não tenha vivenciado.

— Mesmo que ela não tenha sido capaz de lhe fornecer datas e horários?

— Sim.

— Sem mais perguntas para esta testemunha.

P á g i n a | **143**

Mais uma vez, a batida do martelo.

— Esta corte entrará em recesso por dez minutos.

Vários membros da imprensa saíram apressados da sala do tribunal,

provavelmente na esperança de serem os primeiros a reportarem os fatos às suas

respectivas redes de TV.

James sussurrou algo para Alex e ele riu.

— O que é tão engraçado? — perguntou Kate enquanto se encostava no

corrimão.

— Parece que James acha que a Dra. Sheffield é maluca.

— Eu concordo. As respostas dela soaram tão vagas. Como o júri pode

sequer pensar que algo aconteceu com Sara se mesmo uma profissional foi

incapaz de fornecer os detalhes? Isto parece bom, não é James?

— Não é mal, mas se lembre de que os jurados serão aqueles que verão o

vídeo. Posso prometer que lá haverá detalhes.

— O que ela disse? Você não pode nos deixar ver o vídeo ao mesmo

tempo em que os jurados! Quem sabe que reações teremos? — Kate perguntou a

James.

— Esta é a razão pela qual eu quero que vocês vejam a fita junto com os

jurados. Quero que eles os vejam com olhos e ouvidos frescos. Quero que o júri

veja a expressão de choque no rosto de Alex e no seu também.

Kate sorriu.

— Entendi. Acho que faz sentido, mas posso lhe dizer que não estou ansiosa para ouvir o que esta garotinha doente tem a dizer sobre meu marido.

— Nem eu — acrescentou Alex.

P á g i n a | **144**

— Confiem em mim, acho que isto vai funcionar a nosso favor. —
Com

isso, James folheou alguns papéis que seu investigador trouxe durante o recesso.

Ele parecia aborrecido com o conteúdo.

A imprensa retornou à sala da tribuna com apenas um minuto de antecedência. Os relatórios foram guardados e as notícias foram feitas para a primeira metade do dia.

P á g i n a | **145**

Capítulo 16

O zumbido na sala do tribunal era como uma nota baixa sustentada por

um coro. Após o recesso, a juíza pediu que todos os membros da imprensa se

retirassem do tribunal. Ela instruiu um oficial de justiça para que ele observasse

quando um técnico, provido pelo próprio tribunal, desligasse a câmera. Ela não

toleraria se algo saísse errado em seu tribunal, especialmente durante um

juízo daquela magnitude.

Um técnico audiovisual ligou a tela e o videocassete para que o júri

pudesse assistir ao vídeo. O tribunal estava vazio, exceto pelos advogados, pela

família da vítima e pelo acusado.

Os jurados receberam blocos de notas para que fizessem suas anotações.

Eles assistiram ao vídeo uma única vez.

Kate prendeu a respiração quando a juíza pediu ao oficial que apagasse a

luz.

— A repórter do tribunal está pronta?

— Estou, Meritíssima. Tenho todo o equipamento extra que vossa excelência solicitou.

— Obrigada, Janice.

— O vídeo dura aproximadamente quatro horas e meia. Iremos assistir à

primeira hora do vídeo e em seguida faremos uma pausa para o almoço.

Kate se apoiou no balaústre, as mãos nos ombros de Alex. Ela nunca

imaginou que um dia estaria naquele lugar. Seu coração se partia por ele um

pedaço a cada dia. O seu Alex. O bom sal da Terra, Alex.

— Acusação e defesa estão prontos?

Ambos responderam que sim.

— Pode iniciar o vídeo.

Alguns segundos depois, na tela de projeção de aproximadamente 20

centímetros de altura, surgia uma enorme Sara sentada em um sofá de couro

verde-escuro. Ela usava um vestido de verão claro, cor de pêssego e sandálias

brancas. Seu cabelo estava puxado para trás, preso em rabo de cavalo por uma

fita branca. A imagem da inocência, pensou Kate. Sara nunca usava vestidos e

raramente penteava os cabelos.

— Sara, este é o Sr. Wykowski. Ele trabalha para o Estado da Flórida.

Ele irá providenciar para que o homem mau que machucou você seja punido.

Ele vai lhe fazer algumas perguntas, OK? — Dr. Sheffield falava como se

estivesse falando com uma criança de dois anos.

— Acho que sim — respondeu Sara.

— Você se lembra, Sara, o Sr. Wykowski é um dos homens bons sobre

os quais conversamos. Você se lembra de quando conversamos sobre homens

bons e homens maus? — perguntou Sheffield.

— Claro que me lembro. Eu não sou burra!

Sara estava sendo ela mesma.

— Claro que não é. Alguém aqui te chamou de burra, Sara? O homem

mau te chamou de burra?

Kate fez careta. Agora, Alex era o —homem mau||.

— Sim, e ele me xingou também. — Sara sorriu.

P á g i n a | **147**

— Por que você não deixa o Sr. Wykowski te fazer umas perguntas agora?

— O que ele está esperando? Estou com pressa. Quero ir pra casa. Odeio

este lugar. Eu nem queria estar aqui, para começar. Mamãe me disse que eu

tinha de vir. Depressa Sr. Wyk sei lá qual é seu nome.

— Sara, eu sei que você não queria estar aqui tanto quanto eu. São garotas grandes e corajosas como você que colocam homens maus na cadeia.

Agora, eu quero que me conte sobre a primeira vez que o homem mau, Sr.

Rocket, tocou você. Pode fazer isso?

— Claro que sim. Eu estava no meu quarto, dormindo. Ela estava nos

visitando como de costume. Acordei e vi aquele homem assustador sentado na

beira da minha cama. Estava fumando um cigarro. Odeio cigarros. Mamãe

fuma o tempo todo. Fede. Mas lá estava aquele homem. Eu não podia ver seu

rosto até que ele afastou a fumaça do cigarro. Ele estava radiante. Era o tio

Alex.

— Então, o que você fez? — perguntou Sr. Wykowski.

— Nada, eu só fingi que voltei a dormir.

Um suspiro pôde ser ouvido, mas não dava para dizer de quem era.
A

câmera se afastou de Sara e em seguida retornou para ela.

A voz de Wykowski:

— Por que você fingiu que voltou a dormir?

— Eu não sei, acho que estava com medo. É, foi isso. Eu estava com

muito medo do homem, tio Alex, na cama. Eu queria gritar para chamar meu

pai, mas sei que o tio Alex me machucaria se eu fizesse aquilo.

— Por que você acha isso? Seu tio Alex já havia machucado você antes?

P á g i n a | **148**

— Muitas vezes. Ele me batia, me beliscava. Uma vez ele me queimou

com o cigarro. Nunca contei para o meu pai nem para a minha mãe porque eles

eram seus melhores amigos. Ele nunca machucou Emily. Acho que ele gostava

mais dela do que de mim. Mamãe disse que ele tinha boas razões para isso, mas

ela nunca me disse quais eram. Ele é um homem muito mau.

— Vamos voltar à noite em que você o viu sentado em sua cama. Você

pode pensar naquela noite e se lembrar em que ano você estava na escola?

A acusação estava tentando estabelecer um período no tempo, presumiu

Kate.

— Eu já lhe disse que não! Por que você continua repetindo as mesmas

perguntas?

— Meritíssima, pode pausar a fita por um momento? — perguntou James.

— Sim.

A juíza pediu que o oficial pausasse a fita.

— Posso me aproximar? — perguntou James.

A juíza Stowers acenou em afirmativo.

— Juíza Stowers, fui informado de que o Estado teve uma oportunidade

de interrogar a criança, assim como a defesa. Pelo que a criança diz, me parece

que o Estado a interrogou em mais de uma ocasião.

— Sr. Wykowski, isto é verdade?

— Sim, é verdade, mas apenas para que a criança tivesse uma ideia do

que a esperava. Em momento algum ela foi instruída por mim ou pelos pais

sobre o que dizer.

— Sr. Conroy, a resposta do Estado o satisfaz?

P á g i n a | **149**

— Sim.

— Vamos continuar assistindo ao depoimento.

O videocassete foi ligado e o rosto de Sara clareou na tela.

— *Sinto muito, mas é isso que o tribunal precisa saber para afastar o homem*

mau.

— *Eu estava na 3ª série. Agora eu me lembro. É isso mesmo.*

— *Então, quando você estava na 3ª série, foi a primeira vez que o homem mau, o*

Sr. Rocket, foi até o seu quarto e a assustou?

— *Eu não me lembro bem. Ele era ruim o tempo todo. Ele sempre queria brincar*

com Emily. Aposto que ele a tocava também e ela gostava. Vou perguntar a ela. Você

deveria perguntar também. Emily não diria, mesmo se ele tivesse feito. Mamãe diz que...

— *Não vamos nos preocupar com o que sua mãe diz, Sara. Vamos voltar àquela*

noite, quando você estava na 3ª série. Você viu o Sr. Rocket sentado à beira da sua cama,

fumando. O que aconteceu depois?

— Eu odeio isto, mas tenho que fazer o que é certo. Minha mãe sempre me diz

para falar a verdade, certo, mamãe?

— Claro, querida. Agora conte ao Sr. Wykowski o que aconteceu.

— OK. Bem, eu o observei sentado lá por um tempo. Acho que ele pensou que eu

estivesse dormindo, mas eu estava espiando secretamente. Sabe quando você fecha os

olhos, mas deixa uma brechinha? Era isso que eu estava fazendo. Ele colocou a mão

embaixo do cobertor e tocou minha... você sabe... minhas partes íntimas.

Kate tentava ver a expressão no rosto dos jurados, mas a sala estava muito escura.

— Você estava usando pijama?

— Não, eu estava usando uma camiseta longa e calcinha. Ele puxou a minha

calcinha para baixo também, até os meus joelhos. Eu não sabia o que fazer. Estava com

tanto medo, eu pensei que poderia continuar fingindo que estava dormindo. Eu fingi, e

depois ele esfregou... lá. Depois de um tempo, ele parou. Eu vi que ele estava esfregando a

cueca dele também.

O estômago de Kate subiu até a garganta. Ela queria vomitar na cara nojenta de

Sara.

P á g i n a | **150**

Embora Kate nunca soubesse se Debbie e Don haviam orientado Sara,

ela tinha certeza de que Sara sabia muito mais sobre departamento sexual do

que os seus pais imaginavam. Ela se lembrou de uma conversa que ela e Emily

tiveram quando Emily teve sua primeira menstruação. Sara parecia muito mais

entendida do assunto do que Emily. Ela até havia comentado que Emily não

deveria fazer sexo, pois poderia engravidar. Kate imaginou que Sara devia ter

uns 9 anos na época.

— Houve alguma outra vez em que o Sr. Rocket entrou no seu quarto?

— Sim, muitas vezes. Sempre que ele e tia Kate vinham nos visitar, ele ia até o

meu quarto. Ele entrava no banheiro também. Eu tinha medo de contar para mamãe; ela

não queria que eu trancasse a porta para o caso de eu cair ou de acontecer alguma coisa.

Nunca tranquei. Tio Alex sabia disso e entrava no banheiro. Uma vez, ele entrou no

chuveiro comigo. Ele ensaboou as mãos e esfregou suas partes... partes de homem. Ficou

grande e duro. Ele me fez tocá-lo também. Estava todo pegajoso, com as veias saltando.

Comecei a chorar, então ele fez uns barulhos horríveis e virou as costas para mim.

Quando ele se virou para mim novamente, sua parte íntima estava murcha. Ele disse que,

se eu contasse, ele mataria o meu pai. Fiquei no chuveiro por tanto tempo que fiquei

enrugada. Mamãe teve que me tirar do chuveiro, eu estava com muito medo.

Kate não conseguia ficar parada. Ela saiu em disparada do tribunal à procura da

sala de espera mais próxima. Ao final de um longo corredor, ela encontrou o banheiro

feminino. Ela pôs tudo para fora como uma cachoeira. De joelhos, vomitou, até que não

houvesse mais nada. Ela apertou a descarga e depois se arrastou até a pia. Jogar água

gelada em seu rosto ajudou um pouco, mas nada nunca iria remover as palavras que ela

havia acabado de ouvir da boca da criança mais demoníaca do mundo. Após se recompor,

ela voltou à sala do tribunal.

James e Alex a estavam esperando.

— Depois que você saiu, a juíza decidiu que era hora do intervalo.

Vamos almoçar. — James guiou Kate através da multidão de jornalistas que

enchiam os corredores. Eles estavam em modo de ataque. — Há uma entrada

nos fundos que podemos usar.

Os três correram para o subsolo, depois desceram por duas escadas suspensas que os levaram a um beco.

P á g i n a | **151**

— Meu carro está logo ali na esquina. Espere aqui, eu volto logo.

James correu para o carro deixando Kate sozinha com Alex pela primeira vez desde que entraram no tribunal.

— Kate, eu não sei o que dizer. Estou extremamente chocado. Eu não

fazia ideia de que a Sara fosse capaz de me destruir dessa maneira tão

deplorável. Eu me pergunto o que passou pela cabeça de Don ao ouvir esse

monte de besteiras.

— Eu não me importo com o que ele ou a miserável da mulher dele pensam. Eu me preocupo com o que aquelas doze pessoas do júri pensam.

Além disso, não consigo mais voltar agora. Alex, isto é pior do que eu pensava.

Ele concordou.

— Eu pagaria para descobrir como Sara aprendeu aquelas coisas horríveis. Com certeza, Emily não faz parte disso, eu sei. Ela parecia estar se

deleitando com aquilo ou algo parecido, você não acha? Parecia que era um

grande jogo para ela. Quanto mais ela falava, maior era o conto.

James encostou próximo ao meio-fio.

— Vamos sair daqui. Temos umas duas horas até termos que voltar ao

tribunal.

Dirigiram por quinze minutos até chegarem à Highway 41, em um estacionamento que parecia ser uma loja abandonada.

— Espero que a imprensa não tenha encontrado este lugar. Descobri isso

na semana passada. Aqui eles preparam o melhor conch fritters* do Estado.

Pelo menos foi o que me disseram.

*Conch Fritters: Conch é uma espécie de molusco que normalmente é

preparado em forma de massas fritas (Fritters), prato típico da Flórida (N. T.).

P á g i n a | **152**

No restaurante, James pediu camarões cozidos, os famosos conch fritters

e tigelas de sopa de frutos do mar. A garçonete lhe entregou uma nota com um

número e disse a ele que chamariam pelo número quando a comida estivesse

pronta. Sentaram-se em uma mesinha de canto. O lugar não era dos melhores

no quesito decoração. Redes de pesca com falsos peixes, bolachas do mar e

estrelas-do-mar estavam grudados nas paredes de pinhos nodosos. Fotos de

homens com enormes agulhões azuis e peixes não identificados estavam

espalhadas pelo restaurante.

— Trinta e dois — chamou a garçonete.

— Volta já. — Alex deixou a mesa e foi buscar o pedido.

Kate teve sua chance. — Rápido, James, qual é a situação do Alex?

— Difícil dizer, Kate. Saberemos melhor depois que o júri assistir a todo

o vídeo.

— Falando de mim pelas costas, hein? — disse Alex.

— Não, Alex. Eu só estava perguntando... deixa pra lá. Vamos comer.

Comida era a última coisa que passava pela cabeça de Kate. Por Alex,

ela comeu e gostou.

O clima de animação forçado entre eles estava começando a irritá-la. Ela

e Alex sempre se sentiram confortáveis um com o outro. Agora, parecia que

não só haviam perdido a vida que compartilhavam como também perderam a

habilidade de se sentir relaxados um com o outro. Sara havia tirado deles mais

do que ela imaginava.

Enquanto James tentava deixar Kate e Alex no tribunal, a imprensa os

localizou. Repórteres corriam ao lado do carro de James e ele teve que abrir

caminho lentamente entre a multidão.

— Sr. Rocket, quantas crianças você molestou?

— Você gosta de meninos também?

— Você é fichado como criminoso sexual?

Os jornalistas continuavam gritando suas perguntas. Tudo o que Kate

pôde fazer foi abaixar o vidro da janela e mandar todos eles se ferrarem. Ela

comentou isso com James enquanto manobravam em busca de uma vaga para

estacionar.

— Você não iria querer isto na primeira página do Naples Daily News,

pode ter certeza. Lembre que isto é apenas uma grande história para eles,

apenas isto. Não se importam com as pessoas envolvidas, se importam apenas

com a história. Não deixe que os comentários deles os ofendam.

Que inferno, pensou Kate.

James encontrou uma vaga entre uma van e uma scooter. Milagres

nunca cessam. Eles precisavam de um, pensou Kate enquanto voltavam ao

tribunal.

Dez minutos depois, a corte estava novamente em sessão. As luzes

diminuíram e o rosto de Sara dominou a tela mais uma vez.

— Sara, conte-me sobre a queimadura de cigarro — pediu Wykowski.

— Dizer o quê? Ele me queimou. Estávamos tendo um churrasco. Mamãe adora

cozinhar.

E esta foi a maior peça da fantasia que Kate havia ouvido sobre Debbie

desde que elas se conheceram. A mulher não sabia a diferença entre óleo de

motor e azeite.

— Tio Alex estava na churrasqueira assando hambúrgueres. Ele estava com um

cigarro na boca como sempre. Fui até a churrasqueira com o meu prato. Mamãe me pediu

para pegar um hambúrguer. Eu sempre faço o que ela pede. Então, quando ninguém

P á g i n a | 154

estava olhando, tio Alex tirou o cigarro da boca e o apertou em meu pescoço. Está vendo?

— Sara virou-se para a câmera e seu ferimento ficou visível.

Kate se esforçou, mas não viu nada.

— E então o que você fez? — perguntou o advogado.

— *Eu derrubei meu prato. Corri para dentro e peguei um cubo de gelo. Passei um*

pouco de aloe. Ficou tudo bem depois disso. Fui para fora novamente e mamãe me deu o

hambúrguer dela.

— *Você não contou aos seus pais o que tinha acabado de acontecer?*

— *Não, eu não queria que o tio Alex matasse o papai. Ele disse que faria isso*

antes. Acho que ele ainda faria isso se eu contasse tudo o que fez comigo.

— *Fale sobre as vezes em que o Sr. Rocket bateu em você.*

— *Qual delas? Foram muitas.*

— *Fale sobre as de que você mais se lembra.*

— *Eu me lembro de todas elas. Quer que eu lhe conte todas elas?*

Sara olhou para o lado. — OK, sim.

— *Mamãe disse para contar todas elas. Bem, da primeira vez que ele realmente*

me bateu, nós estávamos em Asheville. Era Natal. Mamãe e papai estavam em um dos

seus cruzeiros. Eles sempre viajam em cruzeiros quando estamos com o tio Alex e a tia

Kate. Acho que eu e a Emily teremos que ir com eles a partir de agora. Mas, de qualquer

forma, era Natal. Emily e Kate estavam na cozinha fazendo biscoitos. Tio Alex estava no

quarto assistindo televisão. Acho que era o canal da Playboy. Lembro de ter contado a

mamãe sobre ter visto todas aquelas mulheres nuas. Eu estava fazendo hora. Acho que

parei em frente à TV por muito tempo ou algo assim. A outra coisa de que me lembro

depois disto é do tio Alex me esbofeteando o rosto. Eu chorei e subi as escadas correndo.

Eu queria a minha mãe, mas ela estava no cruzeiro.

— Você contou para sua irmã ou para Sra. Rocket o que tinha acontecido?

— Não, elas nunca acreditam em nada do que eu digo. Como o gato dos

Conzelman. Emily jurou para mamãe que eu estava arrastando o Snuggles pelo rabo.

Mas ela mentiu porque ela queria me meter em encrenca. A tia Kate é assim também. Ela

acredita em tudo que a Emily e o tio Alex dizem para ela. Eu fiquei feliz quando meus

pais foram me buscar. Eu disse à mamãe que nunca mais queria voltar pra casa deles,

mas ela me disse que eu magoaria a tia Kate. Então continuei indo visitá-los.

Emily deve ter contado a Debbie sobre o incidente com o gato. Bom para ela.

Uma mão apareceu em frente à câmera com um copo de papel. Barulhos de deglutição

foram ouvidos pelo tribunal.

P á g i n a | 155

— E quando você apanhou de novo?

Ela esfregou os olhos e começou a cutucar o nariz. Ela rolou uma meleca entre o

dedão e o indicador. Vendo isso, Kate engasgou.

— Estávamos em nossa casa em Naples. Não na casa que moramos agora, mas

na outra. Naquela que minha mãe chamava de casinha de alto custo.

— Sara! — exclamou Debbie.

— Bem, era assim que você a chamava — disse Sara.

Wykowski falou:

— Sara, vamos apenas falar sobre o Sr. Rocket e as coisas que ele fez com você.

Lembre-se, estamos aqui para assegurar que ele nunca mais fará estas coisas com você de

novo. Você entende o que estou dizendo?

— Dã! É claro que eu entendo, eu já falei pra você. Não sou burra, já te disse isso

também. O que você perguntou mesmo? Ah sim, da outra vez que o tio Alex me bateu foi

na nossa antiga casa. Eles estavam lá para passar o Natal. Eu não me lembro o que eu

estava fazendo. Acho que estava usando o banheiro. Sim, isso mesmo. Eu estava no

banheiro... tomando banho. O tio Alex entrou e... ficou me espiando. Eu pedi para ele

sair. Ele riu. Acho que xinguei ele. Bundão ou talvez idiota. Eu não me lembro, mas ele

tirou o cinto, me arrancou do chuveiro e bateu muito forte no meu traseiro. Minha pele

estava molhada, então ardeu muito.

— E você também não contou aos seus pais sobre isso? — perguntou Wykowski.

— Não! Quantas vezes eu tenho que lhe dizer isto? O tio Alex iria matar o meu

pai, eu não podia contar!

— Me desculpe, Sara! Eu sei que isto é muito difícil pra você. Você está fazendo

um bom trabalho. Agora, se você quiser, podemos fazer uma pausa.

A fita parou. As luzes no tribunal se acenderam. Kate olhou para os jurados.

Suas expressões eram vazias. Estavam com cara de paisagem, todos eles.

A juíza Stowers anunciou:

— Entraremos em recesso pelo resto do dia, amanhã as câmeras estarão

desligadas e não será permitida a entrada da imprensa no tribunal até que o júri

tenha visto todo o testemunho da criança. Gostaria de lembrar aos jurados de

que não devem falar com a imprensa, ler os jornais, assistir à televisão ou falar

sobre este caso com ninguém. Amigos, família, ninguém. Esta corte está em

recesso até as 9 horas de amanhã.

P á g i n a | **156**

O martelo soou mais uma vez. Os jurados puderam sair primeiro. Um

representante os escoltou até um ônibus que os levaria a uma garagem

particular onde estavam seus veículos particulares. A juíza Stowers não

facilitava.

Kate e Alex aguardaram o sinal de James de que a barra estava limpa

antes de saírem do tribunal. Aparentemente, Debbie estava segurando a corte

com a imprensa. Ela sugaria cada minuto de publicidade, Kate a conhecia bem.

Não era só por causa de Sara, era por causa da pobre Debbie. Kate não

suportava olhar para ela.

No carro de James, Kate soltou um suspiro contido de alívio. Foi

exaustivo ficar sentada naquele tribunal ouvindo a vida de seu marido sendo

devastada por uma criança de 12 anos. Treze, pensou Kate. Sara fez aniversário

recentemente.

— Quero que vocês dois vão para casa e tenham uma boa noite de sono.

Pego vocês às 7. É muito cedo?

— Eu duvido que um de nós consiga pegar no sono. Às 7 está ótimo —

disse Alex.

Kate ouviu a preocupação em sua voz, sua fadiga. Ela sabia que ele

estava tentando segurar tudo aquilo. Ambos precisavam dar um grito bem alto,

ter algo para socar ou chutar, qualquer coisa para aliviar as emoções presas

dentro deles. Kate não queria sequer pensar no futuro deles, pelo menos não

além de amanhã.

Um dia de cada vez.

Como um alcoólatra.

P á g i n a | **157**

Capítulo 17

— Você não deveria assistir a estas coisas. James nos pediu para não

fazer isso — advertiu Kate. Ela estava preparando um chá para ela e um café

para Alex. Ele estava na sala assistindo ao canal de Justiça. Ela trouxe as

bebidas e as colocou na mesa do centro. A repórter, uma mulher mais velha de

cabelo crespo vermelho que usava joias escandalosas, estava entrevistando o

atendente do estacionamento onde os jurados deixaram seus veículos. Que

sigilo!

— Isso é ridículo. Que diabos ele poderia saber sobre seu caso?

— Ele sabe o ano, marca e modelo dos carros dos jurados. A esta altura,

estou feliz que isso seja tudo o que eles têm a dizer na mídia. Se o testemunho

de Sara vazar, o nome Rocket será manchete em todo o país. Isso simplesmente

me enoja, Kate. Que mundo é este, em que uma criança pode contar mentiras

tão monstruosas e sair impune? Deus amaldiçoe aquela criança! — Alex pegou

uma das almofadas jogadas sobre o sofá e a arremessou pela sala. — Eu

gostaria de colocar as minhas mãos em Don Winter. Eu esganaria aquele filho

da puta. Aí sim eles teriam um motivo de verdade para me prender.

Kate permaneceu em silêncio, permitindo que Alex liberasse sua raiva.

Ele precisava ter feito isso há dias. Ele pegou o controle remoto, desligou a TV e

depois o arremessou com tanta força que ele se despedaçou. Kate iria substituir

o aparelho.

— Onde está todo aquele vinho que você havia me oferecido? Acho que

poderia beber uma garrafa inteira agora.

— Tenho algo mais forte se você preferir.

— Tomarei o que você tiver. Droga, Kate, não sei por que isso está acontecendo com a gente! O que fizemos para merecer isso? Eu fui ruim para

Sara? Não demos a ela sempre o melhor de tudo o que ela pedia? Eu nunca

economizei quando ela pedia aqueles presentes bizarros de Natal. Merda, eu

gostava de mimar Sara e Em. Eu queria dar mais a elas. Queria dar um

cachorrinho para cada uma. Eu queria... droga. Não sei o que eu queria. —

Alex deixou sua cabeça pender sobre as mãos. Seus ombros arquearam. Kate

observou seu marido soluçar. Em treze anos de casamento, ela nunca o tinha

visto chorar. Seu coração doeu ao ver aquilo. Sabendo que Alex não gostaria

que ela o visse daquele jeito, ela se ocupou na cozinha, procurando nos

armários ela nem sabia o que. Copos de vidro. Ela estava procurando por copos

de vidro, assim ela poderia servir a Alex uma dose de uísque. Ela encontrou os

copos e o uísque. Suas mãos tremiam como folhas secas enquanto ela servia a

bebida no copo. Kate tomou uma grande golada e depois outra. Ela tossiu até

seus olhos se encherem de lágrimas. Ela tomou outra dose.

Talvez só precisasse ficar bêbada. Ela iria. Ambos iriam.

— Alex — ela o chamou, dando a ele um minuto para responder.

Ele gritou de volta com uma alegria forçada. — Traga aquela bebida,

mulher! Estou morrendo de sede!

— Bem, eu também estou! Eu digo que nós dois devemos ficar bêbados,

fazer sexo selvagem e esquecer o mundo! — A falsidade soava em seus ouvidos.

— Estou disposto a fazer o que for preciso para esquecer o mundo.

Agora, onde está a bebida?

Kate serviu um copo cheio de uísque para cada um.

— Vamos fazer um brinde — gritou Alex.

Kate segurou seu copo bem alto, a bebida transbordando e derramando

sobre o carpete branco. Ela teria que pagar para arrumar a casa depois. Alex

estava feliz naquele momento e ela não se importava com a sujeira que ele

fizesse.

— A... À Gertie! A melhor babá de cachorros do mundo!

Kate tilintou seu copo contra o de Alex. — À Gertie!

Eles terminaram e Kate serviu outra rodada.

— Vamos brindar... Droga, vamos brindar aos amigos da Gertie por nos

deixar bagunçar a linda casa deles! — Alex estava rindo, mas não era sua risada

verdadeira. Era a risada de um homem que estava com a corda no pescoço. A

risada de um louco.

— Aos amigos de Gertie! — Kate gritou e terminou sua bebida. Sua

cabeça estava confusa, as palavras começaram a sair enroladas. Kate havia

bebido mais do que Alex, mas ela iria unir-se a ele, dose por dose. Se isso

afastava a mente dele da tragédia que a vida deles havia se tornado, então ela

beberia até o sol raiar.

Uma garrafa de uísque depois, Kate estava desmaiada no sofá e Alex

estava jogado sobre a mesa.

A manhã chegou rápida e luminosa às 6 horas. Kate acordou com o pescoço duro. Ela poderia jurar que havia passado a noite em uma caixa

apertada. Alex não estava disposto a se mover. Ele diria que seu crânio fora

esmagado. Embora ambos tivessem muitos motivos para beber e estivessem

sofrendo uma ressaca dos infernos, eles precisavam de uma trégua. Agora,

precisavam de um café, aspirinas e um banho quente.

— Vou fazer uma proposta para você — murmurou Alex.

— É? Qual? — sussurrou Kate. Ela tinha certeza de que sua cabeça estava prestes a explodir.

— Se você conseguir fazer um bule de café, eu ligo o chuveiro.

P á g i n a | 160

Kate riu. — Ai! Dói!

— O quê?

— Tudo. Tudo bem, você liga o chuveiro, eu faço o café.

Alex continuou jogado no sofá.

— Vá, antes que eu te derrube daí.

— Você não é grande o bastante — disse Alex.

— Quer apostar?

— Não, eu não sou um homem de apostas, nem de bebidas. Ah, droga!

Por que você acendeu as luzes?

— Para conseguir enxergar e fazer o café, espertinho. Agora, vá para o

banho, te encontro lá em alguns minutos.

— OK, mas acho que não estou disposto a levantar. Bebi demais a noite

passada.

— Nós dois bebemos, agora, levante-se.

Kate se arrastou até a cozinha. A cada passo parecia haver um trombone

tocando em sua cabeça. Ela colocou água na cafeteira, despejou café e ligou o

aparelho. Esperou o café ficar pronto, colocou uma xícara embaixo do

gotejador e pegou a primeira xícara. Ela odiava café. Não sabia como as

pessoas podiam tomar aquela coisa. Mas era a única coisa que podia fazer para

reduzir aquelas fortes pancadas em seu cérebro para uma flauta suave. E

aspirinas. Ela não podia se esquecer das aspirinas. Deu um gole em seu café e

encheu outra xícara para Alex. Foi para o banheiro, onde encontrou Alex

deitado no chão embaixo do chuveiro. A água espirrava em seu corpo nu.

Pensamentos sobre aquele sexo selvagem que não conseguiram fazer na noite

anterior surgiram em sua mente. Não, ela ainda não poderia sujeitar seu corpo

aos movimentos necessários para isso.

P á g i n a | **161**

— O café está pronto. Levante e beba.

Kate levou a xícara para o chuveiro. Ela deu uma risadinha. — Beba logo antes que esfrie e encha de sabão.

Alex deu uma saudação desanimada, ficou de pé e pegou a xícara. Kate

colocou sua xícara próxima à pia, depois ficou embaixo do enorme chuveiro

com Alex. — Isso é bom, água espirrando para todos os lados. Deveríamos

fazer isso com o nosso chuveiro quando voltarmos para casa.

Alex engoliu seu café, e, antes que ela soubesse o que ele iria fazer, ele

mudou a temperatura da água para fria. Água gelada.

— Alex Rocket, seu... seu imbecil! — Kate pulou fora da água e se enrolou em uma toalha.

Alex caiu na gargalhada.

Kate sorriu. Era bom ouvir a risada de Alex, porque desta vez era verdadeira.

— É melhor se apressar e se vestir antes que eu te ataque.

— Eu gosto da ideia de ser atacada. Não estou com pressa, Sr. Rocket.

— Kate largou a toalha no chão e foi para os braços de Alex.

Mais tarde, depois de um segundo banho e de outro bule de café, Alex

ficou sério. Kate preferia o seu humor brincalhão. Mas ela sabia que a realidade

era iminente. James iria buscá-los às 7 horas.

— Kate, quero que ouça o que vou lhe dizer. Esta pode ser minha última

chance de dizer isto.

— Alex! Depois do que acabamos de fazer, você parece um pastor

falando. — Kate esperava aliviar o clima novamente, mas sabia que era

bobagem dela. — O que você quer me dizer?

— Se as coisas não saírem como o planejado, quero que saiba que sempre cuidarei de você. Eu te falei sobre o meu plano B, colocar tudo no nome

da Gertie. Bom, fiz isso antes de começar o julgamento. Se os Winter decidirem

apresentar o processo, como James me assegurou que eles fariam, não quero

que eles coloquem suas mãos imundas em nada do que consegui com o meu

trabalho. Assim, não importa o que aconteça, você estará sempre amparada.

Você não precisará trabalhar no Chloe, não precisará vender sua arte. Poderá

viajar o mundo. Gertie prometeu ficar e trabalhar no canil pelo tempo que você

precisar. Droga, você não pode afastá-la daqueles cães. Kate, está me ouvindo?

— Estou, mas, Alex, você está agindo como se tivesse recebido uma sentença de morte. James está trabalhando para que você seja declarado

inocente. Ele sabe o que está fazendo. Eu odeio ouvir você dizer essas coisas,

mas entendo por que você sente que precisa ir ao extremo. Então, tudo isso está

de acordo com a lei?

— É legal e está em contrato. Quando tudo isso acabar, acho que vou

deixar tudo no nome da Gertie por mais tempo. Debbie fará de tudo para

colocar suas mãos imundas no todo-poderoso dólar.

— Alex, você acha que ela colocou Sara nisso na esperança de... ficar

rica com o processo?

Alex tomou outro gole de café. — Tudo é possível, mas duvido que ela

fosse tão baixa. Não acho que um processo fosse a intenção dela, mas você

pode apostar seu lindo traseiro que um certo advogado fraudulento já colocou

essa ideia na cabeça dela.

O som da campainha interrompeu a conversa.

— Termine seu café, eu abro a porta. — Kate se dirigiu à porta da frente.

— Bom dia, James. Chegou a tempo para o café, estava fazendo torradas.

— Parece ótimo, obrigado.

Kate se distraiu com a simples tarefa de tostar o pão e passar cream

cheese neles. Ela encheu três copos com suco de laranja. — Isso é tudo, rapazes.

Se estivéssemos em minha própria cozinha, teríamos algo mais vigoroso.

— Está ótimo. Isto é mais do que eu faria para mim no hotel.

Eles comeram em silêncio. James ficou mais alto que a pequena mesa

quando se colocou de pé. — Odeio ser estraga prazeres, mas, se querem evitar a

imprensa, devemos nos apressar.

Kate desligou a cafeteira e colocou a louça na pia com água quente e

sabão. Ela passou um creme nas mãos e pegou sua bolsa. — Estou pronta.

Eles fizeram o percurso até o tribunal em silêncio. Kate fez uma prece

por Alex, por James e, embora não admitisse, fez uma prece por Sara também.

Talvez a criança parasse com aquela besteira e dissesse a verdade.

Os jornalistas estavam a todo vapor. James precisou dar três voltas no

quarteirão para encontrar uma vaga que não estivesse ocupada pelo pessoal da

imprensa. Eles entraram no tribunal sem serem notados. Kate achou que suas

preces estavam começando a ser atendidas. As menores primeiro.

James e Alex entraram na sala do tribunal na frente de Kate. Ela demorou-se na entrada. Ocorreu a ela um pensamento. Ela achou que valeria a

pena. No momento em que ela estava para desistir da ideia e entrar no tribunal,

Kate avistou Debbie. Membros da imprensa a escoltavam até a sala do tribunal

da juíza Stowers.

Quando Debbie viu Kate esperando na entrada, ela parou. Com a imprensa a perseguindo, Kate sabia que não era o melhor momento para se

aproximar de Debbie. Ela foi até o seu lugar e se sentou. A sala se encheu

rapidamente. A área da imprensa estava lotada. O murmúrio das vozes

propagava-se pela sala. Kate tentou entender algumas palavras, mas não

conseguiu. Tudo se silenciou quando a juíza entrou no tribunal.

O oficial disse o de costume:

— Todos de pé.

— Podem se sentar.

O farfalhar das roupas, pastas sendo fechadas e o som das câmeras sendo

desligadas enchiam o ambiente.

O segundo dia do pesadelo tinha começado.

Mais uma vez a imprensa foi convocada a se retirar, e as luzes diminuíram. Pelo segundo dia, Sara contou à acusação sua versão.

— Você se lembra de quando o Sr. Rocket a tocou novamente? — perguntou o Sr. Wykowski.

— Sim, claro que me lembro. Foi na Páscoa. Eu e Emily estávamos na

Carolina do Norte de novo. Mamãe estava em um cruzeiro. Papai não havia

ido com ela desta vez. Eu me lembro disso porque papai a acusou de ficar

vadiando por aí e ela ficou louca. Ela nem foi buscar a gente com o papai.

— Sara, responda apenas às perguntas do Sr. Wykowski!

— Continue, Sara. Conte-me o que aconteceu naquele feriado de Páscoa.

— Estávamos brincando de caça aos ovos. Havia outras crianças

também. Amigos da tia Kate. Eu estava andando, procurando pelos ovos. Eu vi

o tio Alex, ele estava parado atrás de uma árvore. Achei que ele estivesse

brincando, então fui até lá e perguntei o que ele estava fazendo. Ele agarrou o

meu braço com muita força. Então, ele abriu o zíper da calça e colocou a minha

mão lá. Aquilo foi tão nojento!

A imagem na tela ficou indistinta. Alguns segundos depois, a imagem de

Sara preencheu a tela.

— Houve mais algum incidente que você gostaria de me contar?

P á g i n a | **165**

— Sim, o pior. Aconteceu na última vez em que eu estive na casa deles

em Asheville. Tia Kate estava no seu ateliê. Eu não sei onde Emily estava,

provavelmente com os cachorros. Ela se preocupa mais com eles do que

comigo. Mamãe disse isso. Eu estava lá em cima dormindo quando o tio Alex

entrou no meu quarto. Ele me fez tirar minhas roupas, depois me obrigou a

sentar no seu colo. Ah, e ele tirou as roupas dele também. Foi nojento. Depois

ele saiu. Eu me vesti e voltei a dormir. Então a tia Kate entrou no meu quarto.

Alguém havia invadido a casa e quebrado todos os vasos dela. Mamãe disse que

foi a fúria do tio Alex. Ela disse que foi frustração sexual.

O testemunho de Sara durou mais uma hora. Kate estava chocada com

tamanha audácia da garota. Ela certamente não agia como se estivesse

traumatizada. Kate conhecia o comportamento de Sara. Ela estava agindo da

mesma maneira que agia quando dedurava algo que Emily havia feito. Como se

estivesse muito satisfeita consigo mesma. Kate esperava que os jurados

notassem isso também, mas eles não conheciam Sara, conheciam apenas o que

havam acabado de ver e ouvir.

James estava ali com seu questionário. Kate torcia para que ele pudesse

quebrar o escudo psicótico que Sara criou em volta dela.

— Vamos fazer um receso de dez minutos — ordenou a juíza.

Kate e Alex permaneceram na sala do tribunal enquanto James havia

ido tomar um café. A imprensa estava em todos os cantos. James pediu que

permanecessem lá dentro e eles seguiram seu conselho.

— Nem em um milhão de anos eu poderia imaginar essas mentiras

sórdidas que esta criança inventou. Eu sempre soube que Debbie tinha

problemas em falar a verdade, mas nunca pensei que Sara pudesse ser igual à

mãe.

— Se aqueles atos pervertidos tivessem acontecido com uma filha

minha, dane-se o tribunal. Eu mataria o desgraçado com minhas próprias mãos

e iria adorar fazer isso. Quanto mais Sara fala, pior fica a história.

— Kate

encostou-se no balaústre e continuou: — Eu quase tive vontade de rir. Isso não

é horrível? Sua liberdade e sua reputação estão em perigo e só consigo pensar

em rir. É tudo tão inacreditável. Eu mordia os lábios para não rir alto. Eu me

lembro do dia em que meu estúdio foi todo quebrado. Foi o dia em que os

Taylor vieram buscar o cachorrinho. Ela tem que saber disso, Alex. Certamente

ela sabe que eu direi o que realmente aconteceu naquele dia.

— Ela é uma criança doente. Diria que ela é uma sociopata. Ela não demonstra nenhum sinal real de emoção. É só mais um dia comum para ela.

Sara está tendo a atenção que queria e não dá a mínima sobre à custa de quem

ela consegue isso.

— Eu me lembro de Don falando sobre ela e sobre a maneira como vinha se comportando. Eu me pergunto: será que ele questiona a confiabilidade

dela? — perguntou Kate.

— Se ele questionasse, já teria colocado um fim nesse maldito circo.

Não, ele acredita nela, Kate. Ela é filha dele.

James entrou na sala do tribunal trazendo café. — Beba rápido, só temos

mais alguns minutos.

Kate bebeu aquele líquido desagradável, mas faria qualquer coisa por um

chá.

— Meu interrogatório não será nem de perto tão longo quanto o do Sr.

Wykowski, então teremos a oportunidade de interrogar a próxima testemunha

da acusação antes do final do dia. O médico de Sara. Acho que vamos ficar

sabendo de muita coisa. — James sorriu para Alex e Kate.

A juíza Stowers retornou ao tribunal. Quando as luzes diminuíram, Kate

encostou-se em sua cadeira. Ela não queria perder sequer uma palavra do

testemunho de Sara.

— Sara, vou lhe fazer algumas perguntas, assim como o Sr. Wykowski o

fez. Quero que pense antes de responder. Vamos tentar deixar sua mãe, o que

ela pensa e o que ela faz fora do seu testemunho. Acha que pode fazer isso? —

persuadiu James.

— Claro que posso. Você acha que sou burra também?

P á g i n a | **167**

— Na verdade, Sara, acho você bastante inteligente, até muito esperta

para a sua idade. Agora, vamos ver se conseguimos chegar ao ponto principal

disso. Lembre-se, eu estou no comando. Eu faço as perguntas. Está claro?

Sara virou os olhos. — Sim, que seja.

James não a tratava como uma criancinha de 2 anos. Ponto para ele,

pensou Kate. Talvez sua verdadeira personalidade se sobressaísse para os

membros do júri.

— Conte-me o que você estava fazendo antes de o Sr. Rocket supostamente entrar no seu quarto quando você estava dormindo.

— Não me lembro.

— OK, você se lembra do dia da caça aos ovos?

— Sim.

— Você se lembra o que estava fazendo antes de se juntar ao grupo para

caçar os ovos?

— Por que eu me lembraria de algo tão idiota?

— Me diga você, Sara. Você parece se lembrar tão bem, em detalhes, das

vezes em que seu tio supostamente tocou em você, ou se mostrou para você.

Presumo que, se você se lembra tão vividamente desses incidentes que diz terem

acontecido, você também se lembraria do que estava fazendo antes de qualquer

coisa que tenha supostamente acontecido. Você se lembra do que estava

fazendo antes da caça aos ovos?

— Não, eu não me lembro!

— OK, deixe-me perguntar uma coisa; quando você tinha 8 anos, você

disse que seu tio se sentou na beira da sua cama e tocou em você. Você disse ao

tribunal que estava com muito medo e que não contou aos seus pais na época, e

P á g i n a | **168**

isso aconteceu antes da suposta ameaça contra o seu pai. Você sabe por que não

contou aos seus pais sobre o que achou que estava acontecendo?

— Eu não só achava, eu sabia. Se você tivesse passado pelo que passei,

você também não se lembraria de cada detalhe! Estou cansada disso. Quero ir

pra casa. Odeio você e odeio o tio Alex. Ele arruinou a minha vida!

A gravação ficou distorcida. A juíza pediu ao oficial que acendesse as

luzes.

Claro que havia mais. Kate não viu ou ouviu nada no interrogatório de

James que fosse prejudicial. Talvez os comentários sarcásticos de Sara, mas o

júri iria atribuí-los ao seu atual estado mental. Por favor, Deus, me diga que tem

algo mais, algo que possa salvar Alex.

— A acusação está pronta para chamar sua próxima testemunha? — perguntou a juíza Stowers.

Era só aquilo! Kate queria pular o balaústre, agarrar James e dizer que

ele não podia fazer aquilo com eles. Ele era a única chance de Alex. Na opinião

de Kate, James havia destruído qualquer chance que Alex pudesse ter. Não

havia nada em seu interrogatório que favorecesse Alex. Se houvesse alguma

coisa que ela deixou escapar, ela se consideraria uma estúpida.

— Oficial, você pode permitir a entrada dos espectadores atrás do tribunal.

Quando a imprensa e os outros que não estavam diretamente envolvidos

no caso retornaram, a acusação anunciou:

— O Estado chama o Dr. Edward Smythe.

Dr. Smythe praticamente flutuou até o banco das testemunhas. Seu sorriso contagiante inebriou o ambiente tedioso. Com seus olhos castanhos, ele

sorriu para o júri. Kate viu alguns dos jurados retribuindo o sorriso.
Grande

coisa o médico maligno, ela já estava se preparando para o
desgosto.

P á g i n a | **169**

Lyle Wykowski usava o mesmo terno que havia usado no dia
anterior.

Seu cabelo estava limpo. Havia algo provocativo nele. Ela o
observava

enquanto ele enrolava um maço de arquivos empilhados. Foi-se o
desajeitado

da acusação.

— Dr. Smythe, há quanto tempo o senhor vem tratando a criança
em

questão?

— Dois anos. — Ele olhou direto para o júri. Já havia feito isso
antes.

— Você pode informar ao tribunal uma quantidade aproximada de
vezes

que o senhor esteve com a criança em questão?

O médico examinou suas anotações.

— Acredito que ela tenha ido ao meu consultório umas seis vezes. A
última visita foi há quase duas semanas.

— Conte-nos sobre essas visitas — encorajou Wykowski.

— Eram visitas normais de infância. Uma vez eu a tratei de uma sinusite

— ele continuou olhando suas anotações. — Ela tomou uma vacina contra a

gripe. Uma vez ela teve problemas de estômago. E na última visita eu examinei

sua vagina.

— Por que uma criança que não é sexualmente ativa precisaria de um

exame desse tipo?

O médico deu um suspiro profundo, quase parecia pesaroso.

— A mãe pediu que eu fizesse isso. Ela tinha algumas suspeitas. Achava

que a criança havia sido abusada sexualmente.

Um profundo silêncio cobriu o tribunal. O ruído de lápis e canetas contra o papel podia ser ouvido. A imprensa estava absorvendo o testemunho

do Dr. Smythe como uma esponja na água.

— O que você descobriu durante o exame?

P á g i n a | **170**

— Eu descobri que o hímen não estava mais intacto. Uma cicatriz

antiga, possivelmente de algo que forçou a entrada na cavidade vaginal. O local

estava ligeiramente inchado. A criança estava muito fragilizada durante o

exame.

Lápis zumbiam sobre as mesas, lápis coloridos nas mãos de profissionais

apressados em capturar as imagens dos doze rostos dos membros do júri.

— Sem mais perguntas para esta testemunha, Meritíssima.

— Sr. Conroy, você pode interrogar a testemunha.

James se apressou até o banco das testemunhas. Ele andou de um lado

para o outro antes de começar as perguntas.

— Dr. Smythe, é possível que as lesões na área vaginal da criança pudessem ter sido autoinfligidas com qualquer tipo de objeto?

Ele pensou antes de responder. — Suponho que tudo é possível.

— Então, você concorda quando eu pergunto que as lesões antigas e o

trauma recente podem ter sido autoinfligidos?

— Sim.

— Sem mais perguntas. — James se sentou enquanto a testemunha era

dispensada.

Kate mudou de opinião. Talvez ainda houvesse esperança no fim das

contas. James sabia o que estava fazendo. Ela precisava confiar nele. Ela sorriu

para Alex quando ele se virou para olhá-la. Ela podia sentir os olhos de todos

no tribunal sobre eles. Deixe-os olharem. Estão olhando para um homem

inocente.

— O Estado gostaria de redirecionar.

P á g i n a | **171**

— Dr. Smythe, o trauma na área vaginal da criança pode ter sido causado por relações sexuais forçadas?

— Sim, pode.

— Sem mais perguntas.

O coração de Kate ficou estilhaçado. Ela deveria ter esperado por isso.

Lyle Wykowski não era o advogado amador que parecia ser no início. Muito

pelo contrário.

P á g i n a | **172**

Capítulo 18

Após quatro dias de julgamento, defesa e acusação já haviam feito suas

declarações de encerramento. James não conseguira mais pontos com o júri até

onde Kate pôde contar. Eles passaram a manhã ouvindo a juíza Stowers

instruindo os membros do júri. Agora os jurados estavam deliberando.

James continuava lhes assegurando que as doze pessoas do júri eram

boas, honestas e inteligentes. Ele tinha certeza de que eles puderam ver além

das mentiras de Sara. Eles estavam deliberando há duas horas quando a juíza

informou àqueles que aguardavam dentro da sala do tribunal que os jurados

fizeram uma pausa para o almoço. Ela sugeriu que eles fizessem o mesmo.

As mãos de Kate tremiam a cada vez que ela colocava os cabelos atrás

da orelha. Ela queria voltar para casa e esperar o veredicto, mas Alex queria

ficar. Ele disse que, quanto mais cedo aquilo tudo terminasse, melhor. Eles

iriam fazer as malas e dirigir de volta para Asheville de manhã.

— Vamos pegar um sanduíche na lanchonete — sugeriu Kate a Alex.

— Você está pronta para encarar a imprensa?

— Eu não me importo mais com o que eles falam ou escrevem. Eu quero

almoçar com o meu marido, e, por Deus, é isso que vamos fazer. — Kate pegou

sua bolsa e seguiu em direção à saída. Alex viria logo atrás.

Dez minutos depois, os dois estavam comendo bife no pão de centeio

com mostarda apimentada acompanhado de grandes e suculentos picles. Kate

P á g i n a | 173

estava faminta. Há dias ela não sentia tanta fome. Devorou seu sanduíche e

estava prestes a pedir uma mordida do sanduíche de Alex quando James

apareceu.

— Eles voltaram. Eles têm o veredicto. — Kate olhou para Alex. Eles

deliberaram por pouco mais de três horas, ela não tinha certeza se isso era bom

ou se era ruim.

Alex se levantou, passou as mãos sobre as coxas para limpar as migalhas.

— O que vocês estão esperando?

— Alex, espere. — Ela precisava de um minuto para... olhar para ele.

Ela queria olhar cada fio de cabelo em sua cabeça, as linhas de expressão ao

redor de seus olhos. Kate nunca esqueceria Alex. Droga! Ela estava sendo boba

e mórbida. Ela pegou suas mãos. Baixando os olhos, fitou o piso de mármore

acinzentado. Alex fez o mesmo. Depois que ela terminou sua prece silenciosa,

falou:

— Vamos acabar logo com isso, Alex, depois poderei levá-lo de volta

para casa.

Os três voltaram para a sala do tribunal sem dizer uma palavra. Haveria

tempo depois, quando tudo tivesse terminado. Kate levaria James para jantar.

Ela e Alex iriam passar a noite brindando ao sucesso deles. Sim, eles ficariam

bem; Kate sentia lá no fundo.

O tribunal estava abarrotado até o seu limite. Jornalistas seguravam seus

gravadores. A TV justiça tinha três repórteres esperando do lado de fora e um

do lado de dentro do tribunal. Âncoras das redes de TV locais esperavam

pacientemente com seus operadores de câmeras prontos para começar.

O júri esperou até que a juíza se sentasse. Ela ajustou sua veste e colocou

seus óculos. Após assinar alguns papéis, ela olhou para a multidão que estava

em seu tribunal.

P á g i n a | **174**

— Antes de anunciar o veredicto, eu gostaria de ser bem clara. Não

tolerarei qualquer tipo de comentário. Não tolerarei salva de palmas, pisoteados

ou qualquer outro tipo de comportamento incontrolável. Para aqueles que

acham que não poderão se conter quando o veredicto for lido, esta é a

oportunidade de se retirarem.

A juíza Stowers fez uma pequena pausa e continuou:

— Visto que todos aqui estão de acordo com as regras do meu tribunal,

iremos prosseguir. O júri chegou a um veredicto?

O primeiro jurado ficou de pé. — Sim, nós chegamos, Meritíssima.

— Por favor, entregue ao oficial de justiça.

O primeiro jurado entregou um pedaço de papel ao oficial. O oficial leu

o veredicto em silêncio e entregou o papel à juíza. Após ler o papel, a juíza o

entregou ao seu assistente, cuja função era ler o veredicto para constar nos autos

e para o acusado.

— A defesa, por favor, se levante. Meu assistente lerá o veredicto.

— O Estado da Flórida contra Alex John Rocket. Caso número 112159.

Você está sendo acusado de ter cometido seis agressões sexuais contra uma

menor. Pela primeira acusação: de comportamento lascivo e obsceno, nós

consideramos o acusado Alex John Rocket culpado. Pela segunda acusação...

Kate agarrou a grade à sua frente para se segurar. Eles consideraram

Alex culpado! Aquilo era um grande erro. Ela olhou para James. Ele abaixou a

cabeça temendo olhá-la nos olhos. O assistente continuou lendo o veredicto.

Seis acusações de agressão sexual contra uma menor.

Culpado.

Culpado.

Culpado.

P á g i n a | **175**

As pessoas boas, honestas e inteligentes do condado de Collier consideraram Alex culpado de todas as seis acusações.

O tribunal explodiu em barulho. A juíza bateu seu martelo.

— Ordem, por favor!

O barulho cessou.

— Alex John Rocket, você tem algo a dizer para esta corte antes que eu

pronuncie sua sentença?

Kate viu as mãos de Alex. Ele estava tremendo tanto que ela teve medo

que desmaiasse. Ela mesma poderia desmaiar. Aquilo era um pesadelo.

Culpado. Em todas as seis acusações.

Não!

— O quê? — gritou Kate.

— Ordem! Senhora, você terá de se retirar do meu tribunal se tiver outro

rompante deste! Ordem! — Ela bateu o martelo três vezes com força.

Kate olhou para James. Ele não havia dito que a sentença seria

pronunciada logo após a leitura do veredicto! Aquele filho da puta! Ele sabia o

tempo todo e não disse nada. Kate nunca havia sentido tanta raiva em toda a

sua vida. Ela queria matar James, queria matar a maldita juíza, mas, mais do

que tudo, ela queria tirar a vida de Sara Winter. Ela queria ver aquela

vadiazinha implorar por sua vida!

Alex era culpado! Não! Arrepios subiram pela sua espinha. James virou-

se para ela e gesticulou para que ela ficasse quieta.

— Morra, seu filho da puta inútil! Você mentiu para nós! Vou vê-lo

banido do foro, nem que seja a última coisa que eu faça!

P á g i n a | **176**

— Oficial, tire esta mulher do meu tribunal imediatamente!

— Meritíssima, por favor. Esta é a esposa do meu cliente. Ela está compreensivelmente abalada. Peço à corte, por favor, que a deixe ficar. Não

haverá outro rompante da parte dela.

— Sra. Rocket, consegue permanecer em silêncio?

Ela acenou que sim. Ela concordaria com qualquer coisa que pedissem

para que pudesse ficar ao lado de Alex. Ela não estava nem um pouco

arrependida de seu rompante. Ela mal podia esperar para pegar James Conroy

fora do tribunal. Ele se arrependeria do dia em que a viu pela primeira vez. Ela

diria à Gertie que perdedor o irmão dela era. Arruinar a vida de James se

tornaria seu objetivo na vida.

Quando a corte se estabeleceu novamente, a juíza Stowers disse:

— Sr. Rocket, mais uma vez. — Ela olhou diretamente para Kate. — Há

algo que o senhor gostaria de dizer antes que sua sentença seja pronunciada?

O coração de Kate se partiu em um milhão de pedacinhos enquanto ela

olhava seu marido de pé no tribunal esperando para ouvir sua sentença por um

crime que ele não cometeria mesmo se sua vida dependesse disso. Kate sempre

acreditou na bondade, na justiça e na honestidade. Ali e naquele momento,

tudo aquilo em que ela passou a vida toda acreditando e se apoiando revelou ser

nada além de mentiras. Mentiras. Ela nunca mais acreditaria. Nunca.

— Eu não sou culpado das acusações contra mim. — Alex se virou para

a família Winter. Ele viu Debbie e Don sentados no fundo do tribunal com

enormes sorrisos colados no rosto. — Don, nós fomos amigos durante a maior

parte de nossa vida. Você me conhece, ou achei que conhecesse. As coisas das

quais a sua filha me acusa são atroztes, pervertidas e repugnantes. Eu só posso

rezar para que ela consiga conviver com ela mesma e perceber o quanto suas

mentiras fizeram mal a mim e à minha família. — Ele se virou para a juíza. —

Isso é tudo, Meritíssima.

— Sr. Rocket, os crimes pelos quais o senhor foi considerado culpado

são horrendos. O Estado da Flórida leva em conta uma série de diretrizes a

serem seguidas ao sentenciá-lo. É minha incumbência sentenciá-lo à penalidade

máxima ou mínima exigidas pelo Estado. Eu sei que não tem nenhum histórico

criminal, nunca sequer recebeu uma multa. É um cidadão honrado na

comunidade em que vive. Eu li depoimentos de mais de cem pessoas. Nenhum

deles era negativo, de forma alguma. No entanto, também preciso levar a

criança em consideração. Os crimes que cometeu contra ela irão segui-la pelo

resto de sua vida. Ela nunca mais voltará a ser uma garota despreocupada por

sua causa. Quando o senhor escolheu cometer esses atos horrendos contra esta

criança, não só jogou seu futuro fora como o dela também, como se tivesse

tirado dela seu último suspiro. Eu não tenho piedade de homens como o

senhor, Sr. Rocket, portanto, eu me sinto na obrigação de lhe impor a pena

máxima. Seis crimes sexuais graves contra uma menor; por esses crimes eu o

sentencio à pena máxima de 20 anos para cada crime. Cada sentença irá correr

consecutivamente. Para os autos, Alex John Rocket recebeu a sentença de 120

anos, pena máxima permitida pelo Estado da Flórida, sem a possibilidade de

liberdade condicional por 20 anos. — A juíza Stowers bateu seu martelo uma

última vez antes de deixar o tribunal.

Dois policiais suplentes cercaram Alex. James deu um passo para o lado

para facilitar o acesso deles. Eles puxaram as mãos de Alex para trás e o

algemaram. Aquilo era de longe bem pior do que quando os policiais foram

buscá-lo em Asheville para levá-lo para Flórida. Até então Kate ainda tinha

esperança; agora, ela não tinha nada.

— Vai ficar tudo bem, Kate. James, diga a ela que vai ficar tudo bem. Eu

vou te ligar. — Essas foram as últimas palavras de Alex enquanto era levado

para a cadeia. As câmeras dos repórteres o clicavam sem parar enquanto ele era

levado. Aquela imagem de Alex ficaria em sua mente para sempre. Até a sua

morte, ela guardaria a imagem de seu marido nos seus últimos dias como um

homem livre.

Agora, ela não sabia o que fazer. Não tinha para onde ir, nem alguém

com quem pudesse contar. Estava sozinha. Ela fugiu do tribunal, sem querer

dar nenhuma desculpa para um advogado que encheria a cabeça dela com mais

mentiras. Ela iria contratar outro advogado. Havia Roy Black. Ele estava na

P á g i n a | **178**

Flórida. Alguns anos atrás, ele havia defendido William Kennedy Smith de

acusações de estupro, e seu cliente foi declarado inocente. Sim, era isso que ela

iria fazer. Amanhã. Ela faria tudo que fosse preciso para tirar Alex da cadeia.

Do lado de fora, Kate percebeu que estava sem seu carro alugado, já que

foram para o tribunal no carro de James.

Ela olhou em volta à procura de um telefone público. Sempre havia telefones de táxi riscado nos vidros. Ela andou um quarteirão e avistou uma

cabine telefônica. Desde que os celulares viraram moda, as cabines telefônicas

foram diminuindo e ficando cada vez mais distantes umas das outras.

Ela discou o número entalhado no vidro. Dez minutos depois, estava em

um Lincoln com o ar-condicionado regulado para nevasca. — Para onde?

Kate disse o endereço e se recostou no banco de couro. Agora que estava

fora da vista da imprensa, ela deixou as lágrimas que tanto segurou fluírem

livremente.

— Tudo bem, senhora? — perguntou o motorista.

Ela enxugou as lágrimas com o dorso da mão. — Sim, só um dia ruim,

obrigada.

— Eu tenho dias ruins sempre. Aqueles pássaros de inverno.
Quando

eles chegam, o trânsito vai de mal a pior. Eu preferia que eles
ficassem no norte.

Antes que Kate respondesse, eles já estavam chegando em
Hibiscus

Lane. Graças a Deus.

Ela tirou uma nota de 20 dólares da carteira.

— Obrigada. Fique com o troco.

— Às ordens.

P á g i n a | **179**

Kate se estatelou no sofá de couro da enorme sala. Ela sabia que
estava

em um estado que beirava o choque. Cento e vinte anos. Era uma
barbaridade.

Ela iria entrar em contato com Roy Black o quanto antes. Agora, ela
precisava

ligar na prisão para saber quando poderia ver Alex. Ela seria
corajosa por ele.

Assim que eles conseguissem um novo advogado, Alex voltaria para
casa, onde

era o lugar dele.

Kate encontrou a lista telefônica em uma gaveta ao lado da pia da

cozinha. Discou o número. Tocou 23 vezes até que alguém atendesse. Ela se

perguntou o que faria se fosse uma emergência.

— Delegacia do condado de Collier, em que posso ajudá-lo? —
respondeu a voz automática.

— Qual é o horário de visitas da cadeia?

— Qual é o nome do presidiário?

Por Deus, agora Alex era um presidiário, isso não fazia sentido algum.

— Alex Rocket.

— Ah, sim, o estuprador de criancinhas. Só um momento.

Kate queria estrangular a garota com o fio do telefone.

— Ele não está autorizado a receber visitas.

— O quê? Deve haver algum engano!

— Aqui diz que está em processo.

— O que isso significa?

— Seu advogado não lhe explicou a rotina?

Lá vamos nós outra vez. — Não, ele não fez isso. Por que você não me

explica?

— Claro. Mas não vá ficar contra mim se eu o fizer.

— Claro que não — disse Kate.

— Primeiro vão mandá-lo para um centro de recuperação. Acho que ele

vai para o centro de recuperação da Flórida, em Orlando. Assim que for

decidido onde será o encarceramento dele, ele será autorizado a receber visitas.

Geralmente leva alguns meses até completar esse processo.

— Isso é normal? — perguntou Kate, imaginando que ela estaria com

sorte se recebesse uma resposta inteligente.

— Depende do caso. Seu advogado deveria ter lhe explicado isso, Sra.

Rocket.

— Sim, obrigada. — Kate desligou o telefone. Quando ela encontrou

James pela primeira vez, sentiu que havia algo de errado com ele. Ela teve

dúvidas. Agora desejava ter seguido sua intuição. Ela não falhava, mas Kate se

reprovou por não ter ouvido a si mesma. Pior de tudo: ela havia falhado com

Alex.

Capítulo 19

Roy Black explicou por telefone todas as razões pelas quais ele não poderia pegar o caso de Alex. Ele indicou outro advogado em Naples, o Dr.

Coleman Fitzpatrick. Ela o contactou imediatamente. Ele assegurou a Kate que

iria providenciar uma visita a Alex, queria que ela ficasse calma. Ele disse que

ela deveria ter ficado sabendo de antemão o que aconteceria se Alex fosse

condenado, contando que sempre era uma possibilidade. Kate sentiu que podia

confiar nele.

Enquanto esperava que o Dr. Coleman providenciasse uma visita, Kate

se ocupou em limpar a casa na qual morou nas últimas semanas. Ela esfregou o

balcão da cozinha, limpou o refrigerador e o freezer, incluindo a torradeira.

Tirou os lençóis da cama em que dormia e os jogou na máquina de lavar. Ela

varreu, esfregou o piso e aspirou o resto da casa. Depois atacou os dois

banheiros, esfregou ladrilhos que não precisavam ser esfregados e banheiras que

nem sequer foram usadas. Quando terminou, tomou um longo banho na

banheira que tinha acabado de limpar.

Kate sabia que precisava ligar para Gertie antes que ela soubesse do

veredicto pela televisão, mas ela havia adiado isso. Dizer isso em voz alta

tornava a situação mais real. Graças a Deus, Alex teve o bom senso de

providenciar suas finanças de modo que ela não precisasse se preocupar com

isso. Gertie cuidaria de tudo. Os cães estavam em boas mãos, então Kate

poderia se concentrar em conseguir um novo julgamento para Alex e libertá-lo.

Ela não sabia o que esperar àquela altura. Tinha apenas a certeza de que não

ficaria de braços cruzados permitindo que Coleman tomasse suas próprias

decisões sem consultá-la primeiro. Ela enviaria uma carta à Ordem dos

Advogados dos Estados Unidos (ABA). James os ludibriou fazendo-os acreditar

que Alex não seria preso. Kate estava certa de que não deixaria outra vida ser

prejudicada por esse tipo de erro novamente.

O telefone tocou e ela pulou para fora da banheira para atendê-lo.

— Você pode chegar à penitenciária em uma hora? — perguntou

Coleman.

— Claro.

— Vou encontrá-la no prédio principal. Vou estar de calça bege e camisa

polo azul.

Kate ficou satisfeita por ele ter tido a ideia de lhe dizer o que estava

usando. Ela não seria capaz de identificá-lo em meio à multidão, já que só

havam conversado pelo telefone.

— Eu o encontrarei. Obrigada, Sr. Fitzpatrick.

— Com certeza, Sra. Rocket.

— Coleman?

— Sim.

— Me chame de Kate. — Pela primeira vez em semanas, Kate estava

sorridente. Ela desligou o telefone e se vestiu o mais rápido possível. Vestiu

calça azul-marinho e uma blusa listrada em vermelho e branco. Ela parecia uma

marinheira e não se importava. Tudo o que importava agora era Alex. Ela iria

vê-lo. Ele conheceria Coleman e eles simplesmente começariam da estaca zero.

Quando Kate chegou à penitenciária, os jornalistas ainda estavam espalhados pelo estacionamento. A equipe de TV da corte havia montado um

estúdio provisório no gramado. Ela desejou ter se lembrado de colocar óculos

ou um chapéu. Seu cabelo ruivo se destacava como um olho roxo. Ela desviou

pela pista da esquerda, dirigindo para longe da penitenciária.

P á g i n a | **183**

Estacionou três quarteirões à frente, em um estacionamento público. Iria

andando pelo restante do caminho.

Quinze minutos depois, ela entrou no prédio sem ser notada. Deu em si

mesma um tapinha nas costas mentalmente.

Confiante, Coleman Fitzpatrick a aguardava discretamente no saguão

principal.

Kate apertou o passo até ele. — Eu não posso agradecê-lo o suficiente

pelo que você tem feito por mim.

Coleman apertou sua mão. — É apenas meu trabalho, Kate. Agora, vamos sair deste saguão antes que aqueles abutres descubram que você está

aqui. Eu já preparei tudo para você visitar seu marido. Você precisará mostrar

sua identidade e ser revistada. Esse procedimento é normal e não deve levar

mais do que cinco minutos. Me siga.

Kate estava impressionada. Ele havia feito mais coisas em poucas horas

do que James faria em uma semana. Ela o seguiu por um labirinto de

corredores. Dobraram um corredor e foram parados por um guarda. Ele passou

o detector de metal sobre eles antes de permitir que continuassem seu caminho.

Deram mais alguns passos e se depararam com outro guarda sentado atrás de

uma barreira de vidro. — Preciso ver suas identidades, por favor.

Kate tirou sua licença de motorista da carteira e colocou-a em uma bandeja de metal por baixo do vidro. Coleman fez o mesmo. Um clique abriu a

porta para a área atrás do vidro. Outro guarda os acompanhou por mais alguns

corredores. Tirou um molho de chaves do cinto, inseriu uma das chaves em

uma fechadura. Abriu uma porta de metal pesada. Vidro e arame os separavam.

Alex estava sentado em um banquinho. Havia um balcão à sua frente e um

telefone antigo instalado na parede à sua esquerda. Lágrimas surgiram nos

olhos de Kate diante do que via. Alex parecia horrível. Ele usava um macacão

laranja e chinelo preto.

Kate sentou-se à sua frente e pegou o telefone à sua direita.

P á g i n a | **184**

— Alex! — Ela colocou sua mão sobre o vidro. Ele fez o mesmo.

— Isso é ruim, hein — zombou Alex.

— É, Alex. Estou chocada. Eu queria matar James Conroy!

— Sra. Rocket, cuidado com o que diz. Cada palavra sua está sendo

monitorada — disse Coleman de pé atrás dela.

— Desculpe, não pude evitar. Ele tem vindo vê-lo desde o veredicto?

Alex balançou a cabeça, e se lembrou de falar ao telefone. — Não, não

tem. Tenho certeza de que ele precisa cuidar de muita papelada. Lembre-se,

Kate, ele não tem as coisas dele aqui para ajudá-lo. Ele trabalha em um carro e

em um quarto de hotel. Eu não seria tão duro com ele.

Típico de Alex ver o lado positivo em uma situação trágica.

— Não me importa se ele está trabalhando na Casa Branca auxiliando o

presidente! Ele não prestou uma defesa adequada. Nem sequer fez um

interrogatório decente com Sara. Ele sabia que Sara havia quebrado o estúdio, e

que no mesmo dia ela disse a você e a Emily que não queria ir quando você saiu

para encontrar os Taylor. Você esteve com Emily e com os Taylor durante todo

o tempo até que a polícia chegou para investigar o que houve no estúdio. Então,

não tinha como você ter molestado Sara quando ela disse que você o fez. Como

não pudemos perceber que ele não estava lhe fazendo uma defesa adequada?

Você acha que ele estava em parceria com os Winter ou algo parecido? Ele

poderia ser banido. Se depender de mim, ele será. Aquele desgraçado.

— Ficar zangada no estágio em que estamos não vai ajudar em nada,

Kate. Você sabe disso. Estou tão chocado quanto você, eu tinha certeza que a

essa hora estaria ajudando-a a fazer as nossas malas. Eu nunca imaginei que

isso terminaria assim.

Alex parecia ter envelhecido dez anos desde o veredicto. Surgiram bolsas

sob seus olhos e Kate podia contar uma dúzia de rugas a mais ao redor deles.

P á g i n a | **185**

— Eu contratei um novo advogado, Coleman Fitzpatrick. — Kate fez sinal para que Coleman se aproximasse e pegasse o telefone que ela segurava.

Ele parou ao nível dos olhos de Alex.

— Não posso dizer que estou feliz em vê-lo, mas acho que estou. Quais

são as chances de limparmos essa bagunça? — perguntou Alex.

— Vamos dar um passo de cada vez. Primeiro, quero que saiba que não

vou lhe prometer nada. Talvez eu consiga um novo julgamento, talvez não.

Posso tentar reduzir a sentença, mas, o que quer que eu faça, não mentirei para

você ou o induzirei a acreditar que há esperança onde não há. Até agora, só o

que consegui foi arranjar esta visita. Preciso de alguns dias para conseguir a

transcrição do seu julgamento. Eu duvido que já tenha sido digitado. A partir

daí, analisarei que chances teremos. Por enquanto, temo que você passe pelo

sistema conforme ordenado. Não vai ser fácil, mas nada que não valha a pena.

Roy Black me ligou e contou tudo o que sabia sobre o caso. O que vou querer

fazer é ficar a par de suas declarações às autoridades, e tudo o que a garota

Winter disse. Isso vai levar um tempo, mas essa é uma desvantagem que vale a

pena.

Resignado, Alex disse:

— Agradeço sua honestidade. Então, quer dizer que ficarei aqui por um

tempo?

— Temo que sim. Você vai para um centro de recuperação em Orlando.

Eu chequei isso. Você não terá permissão para receber visitas, exceto a minha.

Posso dar recados a Kate se necessário. Ela poderá lhe escrever cartas e você

podará respondê-las. É o que temos por enquanto. Vou deixá-lo mais alguns

minutos com sua esposa. O horário de visita está quase terminando. —

Coleman devolveu o telefone a Kate.

— Vamos superar isso, Alex. Quero que mantenha o foco em você. Não

deixe esse contratempo temporário aborrecê-lo. Posso cuidar de mim mesma.

Tenho a Gertie caso eu precise. Ela virá ficar comigo se eu pedir. Vou procurar

um apartamento aqui na Flórida. Vou para Orlando, assim ficaremos perto um

do outro.

— Kate, não quero que se mude para Flórida. Não importa quão temporário seja esse contratempo. Você vai voltar para Asheville, que é o seu

lugar. Você pode enviar cartas de lá da mesma maneira que enviaria daqui. Falo

sério. Não quero você morando aqui sozinha. Merda, não quero que você viva

no mesmo Estado que os Winter. Quem sabe o que mais eles podem fazer? Não

aceito um não como resposta. Odeio parecer um canalha, mas insisto que volte

para casa.

— Alex, não quero deixá-lo aqui. — Kate chorava. — Não é assim que

tem que ser.

— Eu também não queria estar aqui, pode acreditar. Mas é a isto que

fomos condenados. Temos que aceitar as coisas como elas são. Coleman parece

conhecer as regras. Se eu posso aguentar firme por alguns meses, você também

pode. Por favor, Kate. Faça isso por mim?

Ela consentiu. Como não poderia? Era o seu Alex que estava preso atrás

daqueles muros, não ela. Se ele queria que ela fosse para casa, ela iria mesmo

que isso partisse seu coração. Ela sentia como se o estivesse deixando para

apodrecer na cadeia.

Sara e os pais dela deveriam estar ali. Eles mentiram, infringiram a lei.

Algum dia, Kate teria sua vingança. Por enquanto, ela viveria um dia de cada

vez.

— Claro, Alex. Farei tudo o que você quiser. Eu amo você.

Alex colocou sua mão no vidro e Kate colocou sua mão sobre a dele.

— Eu também amo você, Kate. Sempre amarei. Não importa o que aconteça, não se esqueça disso.

— Não esquecerei, Alex. Prometo.

P á g i n a | **187**

Capítulo 20

Asheville, Carolina do Norte

Três meses depois...

Pela primeira vez desde que voltara para casa, Kate se sentia animada.

Ela iria para a Flórida mais tarde naquele dia. Alex fora mandado para o

Centro Correccional Dade, na Flórida, perto de Miami. Ela reservara um hotel

para o fim de semana. Teria permissão para ver Alex sábado e domingo por oito

horas cada dia. Coleman ligara para ela na noite anterior para dar as boas

notícias.

Gertie, sempre sábia, continuou a cuidar dos cães, apesar de não ter

novos filhotes. Ela disse para Kate que iriam esperar Alex voltar para casa. Kate

concordou, dizendo que era para eles ficarem ansiosos com isso.

Ela ficara tão indignada quanto Kate quando soube do veredicto. Elas

passaram algumas tardes juntas bebendo e se lamentando, e então Gertie voltou

para sua cabana. Ela não saiu, exceto para alimentar os cães. Kate passou a

maior parte de seus dias escrevendo cartas para Alex. Ela dizia que estava tudo

bem, quando, na verdade, não estava. Ela deixara o Chloe para sempre. E não

entrara em seu estúdio desde o dia em que limpou o vandalismo de Sara. Ela

comia quando não podia mais aguentar a dor de estômago. E bebia pelo menos

uma garrafa de vinho por dia. Estava se deixando levar. Suas roupas ficaram

largas. Suas bochechas se projetaram em ângulos agudos. Ela não se lembrava

da última vez em que depilou suas pernas. Não havia razão para isso. Alex se

fora e ela estava acabada. Nunca mostrou isso em suas cartas, mas agora ela o

P á g i n a | **188**

veria cara a cara. Ele sabia que ela não estava feliz. Ela prometera para ele

que seria feliz quando ele fosse para casa. Até lá, ela estava apenas existindo.

Ela perguntou se Gertie queria ir junto. Há algumas semanas, ela

contratara uma jovem garota para ajudar com os canis. Kate tinha certeza de

que Lauren ficaria bem se a deixassem sozinha por um fim de semana. Gertie

não deu ouvidos. Ela insistiu para que Kate fosse sozinha, dizendo que ela e

Alex precisavam do maior tempo possível sozinhos. Kate concordou

silenciosamente, mas não quis magoar Gertie por não incluí-la no convite.

Ela contratara uma limusine para levá-la ao aeroporto. Ela pagou pela

passagem. Achou que não poderia aguentar ver a expressão de pena no rosto de

Joe e sua equipe de voo. Depois, quando Alex voltasse para casa, ela alugaria

um avião privado. Até lá, não queria explicar nada para ninguém.

Kate ouviu quando a limusine estacionou. Ela apagou as luzes da casa,

ligou o alarme que Alex insistira que ela instalasse quando ele não estivesse lá e

levou sua bagagem para fora.

O motorista colocou sua bagagem no porta-malas, abriu a porta de trás

do passageiro e esperou até que ela afivelasse o cinto antes de fechar. Impessoal

e eficiente. Justamente o que ela queria. Nada de conversa-fiada ou conversas

educadas. Chegar ao aeroporto a tempo de pegar seu voo para Miami seria o

suficiente para deixá-la satisfeita.

Kate chegou ao aeroporto a tempo de pegar seu voo. Ela dormiu, pois

precisava fazer de tudo para diminuir os círculos negros embaixo de seus olhos.

Três horas mais tarde, ela estava no quiosque da Hertz escolhendo seu carro.

Com as instruções de como chegar até o hotel em sua bolsa, encontrou o Ford

Taurus na vaga designada do estacionamento. Então, dirigiu até o hotel.

Depois de um banho, Kate tirou uma longa soneca. Ela sonhou com

Alex. Sara estava morando com ela enquanto Alex cumpria sua pena. Sara

ficava dizendo para Kate que mentiu para ela porque sua mãe pediu. E Sara

pedia desculpas. Ela implorou que Kate a deixasse contar a verdade para as

autoridades. Kate dizia que o que estava feito estava feito.

P á g i n a | **189**

O que estava feito estava feito. O que estava feito estava feito.

Ela se sentou com as costas eretas na cama. O quarto estava muito

escuro. Por um momento, Kate se esqueceu de onde estava. E depois se

lembrou. Ela veria Alex de manhã. Tivera um pesadelo, foi só isso. Jogando os

cobertores de lado, foi até o minibar. Depois de duas garrafas pequenas de

Chablis, ela voltou a dormir. Desta vez não houve sonhos obscuros. Apenas

sono puro e profundo.

Às 6 horas da manhã, Kate acordou renovada, sem nenhum sinal de dor

de cabeça. Vinho normalmente a deixava com uma ressaca pesada, mas ela não

bebera tanto assim. Ela tomou banho e depois depilou as pernas pela segunda

vez em 24 horas. Secou seus cabelos e passou corretivo para esconder as

olheiras. Rímel, blush e um pouco de batom coral. Coleman disse para ela que

havia um código de vestimenta rígido em relação a visitas. Se ela não aderisse

ao código, seria rejeitada naquele dia. Como não queria correr riscos, ela

colocara na mala uma calça marrom, que era muito quente para o clima da

Flórida, e uma blusa branca simples de mangas compridas. Por baixo, vestiu

uma camiseta creme para que não se pudesse ver nenhum pedaço de pele ou

marcas do sutiã. Ela iria suar, mas faria o que fosse preciso para ver seu marido.

Ela encontrou o caminho para o Centro Correccional Dade sem muitos

problemas. Quando estacionou na área designada para visitantes, ainda teria de

andar por volta de meio quarteirão até a entrada. Ela imaginou que isso fosse

para fins de segurança; um interno precisaria andar certa distância se decidisse

sair pela entrada principal. Ela não imaginava que alguém pudesse ser tão

corajoso, mas também nunca imaginava que visitaria Alex em uma prisão.

Ela recebera um número quando seu nome foi colocado na lista de visitação de Alex. Kate levava o número com ela. Ela entrou em um lugar que

parecia ser uma sala de espera. Havia dezenas de outras pessoas. Jovens,

velhos, homens, mulheres. De todas as raças que você possa imaginar. Crianças

pequenas corriam perseguindo umas às outras. Ela odiaria pensar em um filho

seu tendo que visitar um lugar como aquele, mas isso não iria acontecer.

Algumas das mulheres mais jovens usavam saias tão curtas e blusas tão

apertadas que Kate pensou que fosse um milagre elas conseguirem se mexer. Se

P á g i n a | **190**

o código de vestimenta fosse tão rígido quanto Coleman havia dito, aquelas

garotas teriam uma surpresa.

Alguns minutos depois, Kate ouviu chamarem seu nome. Ela foi até o

policia na mesa de visitantes. Mostrou sua identidade e eles revistaram sua

bolsa. Depois de passar por isso, ela foi enviada a outra sala, onde não havia

tanta gente esperando. Era a sala de depuração. Kate supôs que eles estivessem

verificando para ter certeza de que ela era uma visitante registrada de boa-fé.

Mais alguns minutos se passaram. Ela foi escoltada para dentro de uma área

que parecia ser uma sala de aço 10 por 12. Ela foi avisada de que teria de passar

por uma revista corporal, mas não imaginara a dimensão disso. A guarda foi

ativa e eficiente ao tocar as pernas de Kate de cima a baixo. Ela foi revistada e

depois teve de passar por um scanner. Como nenhum alarme soou, Kate teve

permissão para ir ao centro de visitação. Isso a fazia se lembrar da lanchonete

no colegial. Uma sala larga, quadrada, com mesas longas e cadeiras de metal.

Graças a Deus não haveria nenhum vidro os separando. Nas instruções, ela

aprendeu que tinha permissão para abraçar Alex quando ele entrasse. Depois

disso, contudo, não era permitido nenhum toque. Se um guarda visse algum, ela

seria convidada a se retirar e sua próxima visita seria cancelada. Era quase

como se ela fosse uma prisioneira. Kate imaginou que eles abrigassem alguns

assassinos pesados. Coleman aconselhou que fosse cuidadosa e obedecesse às

regras sem importar como se sentisse em relação a elas. Depois de passar pelo

processo, ela sabia que não teria nenhum problema. Ela seguiria as regras. Ela

não correria riscos se violar as regras significasse perder o pouco tempo que

tinha com Alex.

Ela se sentou na ponta de uma das longas mesas. Assim que começou a

se perguntar onde estaria seu marido, ela o viu entrando na sala. Suas mãos e

pernas estavam algemadas. Um guarda removeu as amarras de metal e Alex

andou em direção à mesa.

Kate sentiu lágrimas encherem seus olhos. Ela não se importava. Ela

estava com Alex, que andou até o lado dela da mesa e a tomou em seus braços.

Kate se agarrou a ele. Ela não queria soltar, mas, depois do que pareceu um

curto período de tempo, Alex se afastou de seu abraço. Ele perdera

13 quilos. Estava muito magro. Sua pele estava amarelada, como se tivesse

icterícia.

P á g i n a | **191**

— Senti tanto sua falta — sussurrou Kate entre lágrimas.

— Vamos sentar. Os guardas estão nos observando. — As primeiras palavras de Alex para Kate em três meses.

Ela agiu pelas instruções. — Deus, Alex, este lugar é terrível! Não consigo imaginar como você sobrevive a cada dia. — Quando as palavras

saíram, Kate desejou poder retirá-las. Foi horrível da parte dela falar aquilo para

Alex. Ele precisava de seu apoio e não de sua crítica. — Desculpe, não deveria

ter falado isso.

Ele sorriu para ela, e tudo estava certo com o mundo. — Foi a minha

primeira reação também. Surpreendentemente, não é tão ruim quanto parece.

Não é como em casa, mas os guardas são decentes. A comida deixa muito a

desejar, mas eu não esperava comer uma comida com qualidade de restaurante.

Estou me virando, Kate, isso é tudo o que posso dizer.

— Fico feliz. Não feliz por você estar aqui, mas por conseguir aguentar o

lugar. Acho que poderia ser pior. — Ela não sabia como, mas não ousou dizer

essas palavras em voz alta.

— Você tem falado com Coleman? Alguma novidade? — perguntou

Alex.

— Ele me ligou para falar sobre a visita. Não teve notícias sobre seu caso, Alex. Eu sinto muito. Só recentemente ele pegou uma cópia da

transcrição de seu julgamento. O que deveria ter levado alguns dias se esticou

para alguns meses. Ele me disse que assim que tivesse alguma coisa que valesse

a pena contar, viria aqui e lhe contaria pessoalmente. Eu confio nele, Alex. É

no sistema que não confio. Você foi atropelado, enganado e prejudicado de

qualquer ângulo que você olhe.

— Verdade. Mas não foi o sistema que me prejudicou, Kate. Foram a

Sara e os pais dela. Se eles tivessem um pingão de decência, teriam falado

comigo em particular. Eles poderiam ter me contado o que Sara estava falando.

Acho que poderíamos ter resolvido isso. Se eu tivesse tido uma chance de

P á g i n a | 192

conversar com a menina, acho que ela teria me dito a verdade. Estou

começando a acreditar que foi exatamente do jeito que você disse. Acho que

Debbie a encorajou. Quando Sara viu a atenção que estava recebendo, acho que

se descontrolou. Eu tive muito tempo para pensar sobre isso. Realmente

acredito que eles estão nessa pelo processo civil. Isso foi apresentado, você sabe?

— Coleman disse que não foi, mas que é normal. Pode levar mais alguns

meses por alguma razão. Eles não podem tocar em nada nosso; lembre-se,

Gertie tem o controle de tudo.

— Como aquela garota está? Pensei que ela poderia vir conosco.

Coloquei o nome dela na minha lista de visitação.

— Eu a chamei. Ela insistiu que tinha que ficar com os cães. Contratou

uma ajudante. Seu nome é Lauren. Ela parece uma modelo. Magra, pernas

longas, loira. Diz que quer ser veterinária. É muito boa com os cães e a Gertie

não para de falar nela, então acho que vai ficar por um tempo. Gertie disse para

falar para você que ela não vai colocar os cães para reproduzir até você voltar

para casa.

— Diga para Gertie colocar o traseiro em ação e começar a pôr os cães

para reproduzir. Eu ainda tenho famílias em uma lista de espera. Não sabemos

quando ou se eu voltarei para casa em um futuro próximo. A vida continua,

Kate. Não quero você e Gertie esperando por mim. Diga a ela para começar a

reproduzir ou eu vou chutar seu velho traseiro se eu sair desse lugar algum dia.

Seus pais se revirariam nos túmulos se o canil fosse fechado. Eu lhes fiz uma

promessa e vou mantê-la, Kate.

— Ela só queria esperar por você. Ela sabe que tem uma lista de espera.

Vou falar para Gertie apressar isso. Agora me diga como você passa seus dias

enquanto está aqui. — Kate queria falar sobre outra coisa. Ela não suportava

pensar nos canis sem Alex.

— Eles não são muito animados, mas não é tão ruim quanto o centro de

detenção em Orlando. Pelo menos aqui a gente tem um pouco mais de

liberdade. Tem uma biblioteca. Eu li todos os livros do John Grisham. Agora

estou lendo outro do Stephen King. Nunca tinha percebido como ele é

P á g i n a | **193**

brilhante. Você deveria ler os livros dele, o cara tem uma imaginação e tanto.

Quando não estou lendo, faço exercício. Tem uma academia. Não é das mais

modernas, mas é melhor que nada. Alguns dos caras aqui são bem decentes, na

verdade. Eles foram injustiçados também. Isso me faz refletir sobre o sistema de

justiça, Kate. Entendo que Sara esteja por trás disso tudo, mas o que se tem a

dizer quando um sistema permite que homens inocentes apodreçam na cadeia

porque eles foram desgraçados sem sorte e inocentes, mas que estavam no lugar

errado, na hora errada? Brad e Ron, dois dos meus colegas de cela, foram

acusados de posse de drogas. Nenhum dos dois sequer experimentou drogas na

vida. E, de repente, Brad se divorcia, sua mulher começa a namorar um

policial. Brad acha que o policial está abusando de sua filha de 7 anos. Depois,

do nada, ele é acusado de posse de cocaína e, boom, ele está na prisão. A

mesma coisa com o Ron, mas sem esposas envolvidas. Um sócio o ferrou por

causa de uma quantia grande de dinheiro. Quando ele entrou com uma ação no

juizado de pequenas causas, perdeu o caso. De novo, Ron foi parado em uma

blitz falsa. O policial encontrou heroína em seu porta-malas. O policial que o

prende por acaso era cunhado do sócio.

Kate assistira a muitos episódios de Law & Order. Todos os presos

afirmavam que eram inocentes. Todos foram enquadrados ou prejudicados de

uma forma ou de outra. Ela deixaria que Alex continuasse a acreditar na

inocência de seus colegas de cela. Ele não tinha muitos amigos agora. Ele

precisava de alguém com quem se abrir enquanto estivesse na prisão.

— Então espero que as pessoas responsáveis por plantar as drogas sejam

pegas. Se eles são policiais, certamente não seria bom acabar em um lugar como

este.

— Absolutamente. Ron me contou que, alguns meses antes de eu vir

para cá, um ex-policia! foi morto. Ele não disse por que ele estava aqui.

Aparentemente, alguns caras não gostaram da atitude dele e o mataram. Então,

não, eu diria que um policial está quase morto quando ele entra.

Kate ficou horrorizada com a facilidade com que Alex se ajustara à prisão. Ele falava como se estivesse lá por muito tempo.

P á g i n a | **194**

Deus, eu preciso tirá-lo daqui. Ele já está mudando, e eu não gosto das

mudanças que vejo. Vou para Naples antes de voltar para Asheville. Coleman

Fitzpatrick e eu vamos ter uma conversa séria.

P á g i n a | **195**

Capítulo 21

Kate sabia que seu tempo estava quase acabando. Ela tivera dois dias

maravilhosos com Alex, mas tomada pelo pensamento de deixá-lo para trás,

sabendo onde o deixaria, quase desejou poder ficar com ele, mesmo que

significasse que ela teria que passar seus dias na prisão. Kate disse isso para ele.

— Por algum motivo não acho que isso seria o melhor para você, Sra.

Rocket. Alguns destes homens não tocam em uma mulher há trinta anos. Seria

como jogá-la para os tubarões. Além disso, preciso de você no lado de fora. Eu

cuido do lado de dentro — provocou Alex. Seu humor ficara consideravelmente

mais leve.

— Farei o que puder para acelerar as coisas com Coleman. Prometa que

vai se cuidar. Você perdeu peso. Eu me preocupo com você o dia todo.

Alex riu. — Aqui eles não têm o tipo de comida que você prepara. Posso

comer todo tipo de doce e salgados da cantina, mas eu não ligo. Estou bem,

Kate. Sério, o lugar não é de todo mal. Não estou dizendo que gosto daqui o

suficiente para chamar de lar, mas por enquanto eu consigo tolerar.
Fora que eu

não tenho muita opção.

— Eu sei, é que odeio pensar em você aqui enquanto estou em casa
com

todas as coisas que você não pode ter. Vinho, comida boa, os cães.
Eu... — Ela

sorriu.

— Eu sou um homem simples, Kate. Você sabe disso. Não preciso
de

nada além do ar que respiro e de você. Se tiver essas duas coisas,
estou feliz. Sei

que tenho você e tem ar aqui, apesar de não ser fresco e cheirar a
suor. Mas é ar.

P á g i n a | **196**

Uma campainha tocou, avisando os visitantes que eles tinham cinco
minutos antes da hora de partir.

— Você é muito bom, Alex. Não sei o que faria se não tivesse você.
A

vida seria tão... vazia. Eu não gostaria de ir... bom, deixa pra lá.
Quero que me

escreva todos os dias. Vou garantir que Gertie coloque os cães para
reproduzir.

Eu aposto meu último centavo que você estará em casa antes de uma nova

ninhada.

— Espero que esteja certa. Não há nada que eu queira mais. Agora é

hora de ir. Não quero ver lágrimas ou terei de chamar alguma dessas guardas.

Algumas delas gostam de mulheres, então é melhor tomar cuidado.

Kate sorriu e conseguiu segurar as lágrimas. — Escreverei para você

assim que chegar em casa. Quando sair, vou para Naples ver o Coleman. Vou

pegar outro voo de Fort Myers se for preciso. Vou rezar por você, Alex, eu te

amo. — Kate levantou, mal conseguia se conter para não se jogar nos braços de

Alex. De repente, aquele longo estacionamento não parecia tão longo. Se ela

pudesse enfiar Alex em sua bolsa ali mesmo, ela o teria feito só para tê-lo em

casa novamente.

— Tome cuidado, Kate. Por que não espera e vai amanhã? Logo estará

escuro. A Alligator Alley não é lugar para uma mulher sozinha. Promete que

vai esperar até de manhã?

Ela realmente queria ir naquela noite. Mas, se isso significava tanto para

Alex, ela esperaria. — Eu posso fazer isso. Vou voltar para o hotel e me forçar a

afundar naquela banheira, talvez escolher um romance do Stephen King no

caminho para casa.

— É melhor esperar chegar em casa para começar a ler os livros dele.

Ele vai te assustar pra caramba.

Ela riu. — Certo, vou continuar com romance, então. Talvez pegue alguma coisa daquela mulher que escreve sobre grandes famílias no Texas e em

Vegas. Sempre gostei de seus livros.

P á g i n a | **197**

— Só tome cuidado. Vou me preocupar até ter notícias suas. Na semana

que vem vou poder telefonar. Ligarei para você logo que possível. Fique segura,

Kate.

— Ficarei. Você também. Vou escrever. Eu te amo, Alex. — Kate queria

tanto chorar que podia sentir as lágrimas prontas para inundarem suas

bochechas, mas iria esperar até estar lá fora, no estacionamento.

Alex esticou suas mãos para cima das dela e as apertou. — Eu também.

Sempre. Agora saia daqui. — Antes que ela pudesse responder, Alex se virou e

andou em direção aos guardas. Ele foi o primeiro prisioneiro a deixar a sala de

visitas. Kate sabia que ele queria seguir as regras, mas parte dela ficou com

raiva por ele ter saído antes de o tempo acabar. Isso foi estúpido. Alex não quis

causar problemas.

Estou agindo como uma criança mimada. Alex sabe o que está fazendo.

Ele é quem está preso, não eu.

Kate andou em direção ao carro. Receando mais uma noite no hotel,

pensou em ir para Naples de qualquer forma, mas não conseguiu quebrar a

promessa que havia feito. Ela iria relaxar no hotel. Então, viu um Wal-Mart no

caminho para o hotel. Decidiu parar e comprar alguns livros. Quem sabe até

uma roupa de banho para poder relaxar à beira da piscina. Quanto mais ela

pensava nisso, mais a ideia a agradava. Ela iria nadar, ler e aproveitar o resto do

dia.

Kate pegou o cartão oferecido pelo senhor idoso na entrada. O Wal-

Mart estava cheio de famílias comprando comida, roupas e outras coisas. E

havia centenas de pessoas que só queriam olhar as vitrines.

Ela cruzou a seção de livros. Depois de examinar as prateleiras, escolheu

três romances de seus autores favoritos. Apesar de ser setembro, o Wal-Mart

ainda tinha uma grande oferta de roupas de banho fashion. Ela observou vários

estilos diferentes e optou por um simples maiô. Aos 36 anos, ela não estava

ficando mais jovem. Certamente não ultrajaria o pessoal do hotel com a visão

dela usando um biquíni minúsculo. Deixaria o uso do biquíni para o pessoal

mais novo.

P á g i n a | **198**

Depois de pagar pelos itens, voltou para o hotel. Verificou se tinha

recebido algum telefonema. Não tinha. Depois de uma rápida troca de roupas,

então, com um livro na mão e uma garrafa de água gelada, Kate foi para a área

da piscina. Por ser a Flórida, a multidão era grande. As pessoas passavam as

férias no estado do sol o ano todo. Kate precisou esperar uma jovem mulher

reorganizar as toalhas da família e os brinquedos de praia para que tivesse um

lugar para sentar.

— Obrigada — disse Kate à mulher atrapalhada.

— Crianças. É preciso milhões de coisas só para sair porta afora. Mal

posso esperar até que esses dias acabem — reclamou a jovem mãe.

Kate apenas sorriu. Ela não queria conversar, e certamente não queria

ser lembrada dos problemas que crianças podem causar. Ela passara pelo

suficiente para uma vida. Ela se enterrou no livro, esperando que a mulher

entendesse o recado.

O sol mergulhou no céu. Ela passou duas horas na piscina e esqueceu-se

de aplicar protetor solar. Na volta para o quarto, percebeu que sua pele estava

da cor de morango.

Droga. Com a minha pele clara sei muito bem que não posso ficar sem

protetor. Bem, posso conviver com queimaduras de sol.

Depois de tomar um banho frio, ela se cobriu com gel aloe que comprara

na loja de lembranças e vestiu uma camiseta larga de algodão. Os lençóis

pareceram refrescantes para sua pele quente quando ela deslizou para debaixo

deles. Acendeu o abajur, pegou seu romance e continuou lendo sobre a família

Coleman no Texas.

O que a fez lembrar-se de Coleman. Ela ligara para ele mais cedo. Ele

concordou em arrumar um tempo para ela, falando para se encontrarem fora do

escritório. Ele falou o nome de um restaurante, disse que era silencioso e que

eles não seriam interrompidos. De lá, concordou em levá-la até o Fort Myers

para ela pegar um voo para casa.

Os olhos de Kate estavam ficando pesados. Ela apagou a luz e colocou

seu livro no criado-mudo. Estava muito cansada. O estresse, a excitação de ver

Alex e duas horas no sol era tudo o que podia suportar. Em poucos minutos, ela

pegou no sono rapidamente.

O restaurante onde Kate encontrou Coleman era perfeito. Agradável,

tranquilo. A equipe era muito profissional e a atmosfera era relaxante. Eles

estavam sentados em uma mesa na parte de trás do restaurante, com vista para

o Golfo do México. Ondas de pontas brancas quebravam nas praias. O sudoeste

da Flórida estava famoso por conta de suas tempestades infames. Fosse aquela

uma ocasião diferente, Kate ficaria cativada assistindo à tempestade cair e

mover-se em seu caminho pelo céu.

Coleman foi educado e profissional, e um verdadeiro cavalheiro. Puxou

a cadeira para ela, pegou sua bolsa e colocou-a em uma cadeira perto dela.

— Espero que este mal tempo não atrase meu voo — disse Kate, enquanto assistia a um raio ziguezagueando pelo céu escuro.

— Ainda não é meio-dia. Isto já vai ter acabado quando for a hora de

pegar seu voo. Você se acostuma com isso quando vive aqui — Coleman

observou.

— Imagino que seja como qualquer outra coisa, embora deva admitir

que eu não gostaria de morar aqui durante o verão. O calor é quase insuportável.

— Sim, é por isso que tento sair daqui a cada oportunidade que tenho.

Tenho uma cabana nas montanhas. Se minha carga de trabalho está baixa, pulo

no meu avião sempre que posso.

Kate gostou da conversa e se viu muito confortável falando com Coleman. Ele era um bom homem. Como Alex, ela pensou.

— Você disse seu avião. O que você pilota?

P á g i n a | **200**

— Um Archer. Era uma coisa que eu sempre quis fazer. Só algumas

aulas e eu já estava cativado. Eu voo há quinze anos agora. Ainda não me

cansei disso.

Kate viu a paixão em seus olhos quando ele falava sobre voar. — Eu sempre quis aprender a voar, mas tinha tantas coisas que eu queria mais... Acho

que vou riscar isso da minha lista.

— Por quê? — Coleman perguntou.

Kate riu. — Para iniciantes, acho que nunca seria a hora certa. Alex e

tudo. E tem minhas aulas de culinária. A cerâmica. Ainda quero testar as

minhas mãos em outro conjunto de barro.

Ele sabia sobre o incidente em seu estúdio, uma vez que isso apareceu de

forma tão proeminente na tentativa de obter um novo julgamento, mas ela

nunca contara para ele sobre seu sonho de ter sua própria linha de louças.

— Que tipo de barro?

Ele estava sendo invasivo. Que mal poderia fazer contar para ele? Agora

era apenas mais um sonho que ela teria que afastar.

— Quando Sara destruiu meu estúdio, eu tinha acabado de terminar uma linha de utensílios para cozinha. Havia trabalhado nisso por meses e

meses. Estava me preparando para uma exposição em Asheville. Esperava

colocar no mercado minha própria linha de assadeiras algum dia. — Kate se

sentiu boba ao explicar isso para Coleman. Ele era um profissional. Um

advogado. Provavelmente acharia seu sonho bobo.

— Como Martha Stewart?

Kate riu. — Algo parecido com isso. Mas não tão grandioso. Isso era algo que eu realmente gostaria de fazer. — Kate desviou o olhar de Coleman. A

intensidade de seu olhar a deixou desconfortável.

P á g i n a | **201**

— Por que você jogaria seu sonho pela janela? Pensei que você fosse...

Não sei. Sempre acreditei que, se você tem sonhos, deve lutar por eles, não

importa o que aconteça.

— Eu acreditava nisso também. Mas isso foi antes de Sara arruinar

nossa vida. Acho que nunca vou sonhar de novo. Meu único foco agora é Alex.

Eu quero ver a justiça ser feita ou nunca mais conseguirei viver comigo mesma.

É por isso que você está aqui.

Kate estava enganada ou ela realmente vira um olhar ofendido em seu

rosto? Ela tinha de estar. Coleman era o advogado do Alex.

— Sim, é. — Ele suspirou. — Eu tenho mesmo algumas coisas para discutir. Primeiro, eu finalmente consegui a transcrição do julgamento. Tudo o

que posso dizer é que, se já houve um caso de defesa imprópria, esta deve ir

para os registros. Apesar de eu odiar desacreditar um colega, James Conroy

nem se importou em fazer uma defesa. Ele fez algumas investigações em

relação à situação financeira dos Winter, que não é boa. Ele poderia ter usado

isso como uma motivação para processo civil. Sem a ação penal, não haveria a

necessidade de registros civis. Ele poderia ter alegado relato falso de um crime.

Isso é delito de terceiro grau no estado da Flórida. Havia muitos outros

caminhos para ele seguir, mesmo sem o álibi absoluto que Alex tinha para o

último incidente alegado, Kate.

Ela balançou sua cabeça. — É óbvio que James Conroy é um advogado

charlatão. Eu apenas não entendo por que ele não se esforçou ao máximo no

caso. Nós contamos a ele sobre a sequência de eventos da última vez que Sara e

Emily ficaram conosco. E mesmo assim ele não tentou desacreditar o

depoimento dela. O que acontece com aquele cara?

Coleman desviou o olhar. A garçonete trouxe seus chás gelados e anotou

seus pedidos.

Kate sabia que algo estava incomodando o advogado. — Tem alguma

coisa que você não está me contando? Porque, se tiver, e você não me contar,

então você não é melhor do que James Conroy! — Kate levantou, pronta para

fazer uma saída precipitada do restaurante.

Coleman segurou sua mão. — Espere, tem sim, mas não quero magoar

você e Alex.

Kate se sentou novamente. — Diga o que é. Você não tem o direito de

esconder algo de nós se isso vai ajudar Alex.

Ele concordou: — Você está certa. É horrível contar o que descobri. Isso

me surpreendeu.

— Estou escutando — insistiu Kate.

— James Conroy é um parente muito, muito distante de Don. Eu nem

tenho certeza se Don sabia disso. Aparentemente, a bisavó de Don do lado de

seu pai era casada com um primo do bisavô de James. É complicado, mas

talvez a lealdade à família representasse um papel na falta de defesa. Isso é

apenas um palpite. Eu me deparei com essa informação há alguns dias. Minha

investigadora é muito competente e ela gosta de genealogia. Com a internet, ela

disse que você pode descobrir qualquer coisa se pesquisar bastante. E ela

pesquisou. Se James sabia disso, ele deveria ter recusado o caso.

Kate não poderia ter ficado mais surpresa. — Isso é chocante! Alex sabe?

— Não, eu queria saber sua opinião sobre isso antes de falar qualquer

coisa para ele.

Kate lamentou ter tirado conclusões precipitadas sobre Coleman. Ele

realmente estava incomodado com essa nova informação.

— Isso muda muita coisa, não muda?

— Sim e não. Isso vai libertar o Alex? Possivelmente, mas não imediatamente — explicou Coleman.

A garçonete trouxe suas saladas e uma cesta de muffins caseiros de cranberry e nozes. Eles comeram, parando ocasionalmente para falar de coisas

que consideravam sem importância. Kate ficou sabendo que Coleman perdera

sua esposa há cinco anos com câncer de mama.

P á g i n a | **203**

— Sinto muito. Deve ter sido difícil para você.

— Foi. Suzanne era uma mulher forte. Ela lutou contra a doença até dar

seu último suspiro. Nós tínhamos um escritório juntos. Nós dois tínhamos um

amor profundo pela lei. Quando ela morreu, pensei em fechar meu escritório.

Ela ficaria decepcionada se eu tivesse fechado, então tirei uns meses de folga.

Fui para a cabana. Nunca tinha estado lá sem a Suzanne. Foi estranho. Todas

as coisas dela ainda estão lá. Não consigo empacotá-las. Acho que isso é

estúpido depois de todo esse tempo. — Coleman abaixou os olhos. Ele ocupou

suas mãos passando manteiga em um muffin. Coleman era um homem

compassivo, que obviamente amara profundamente sua esposa.

— Ela parecia maravilhosa. Eu teria gostado dela.

— Sim, não havia ninguém que não gostasse. E, se houvesse aquelas

poucas pessoas que tinham reservas em relação a ela, ela as colocaria do seu

lado rapidamente. Ela era a luz da minha vida.

— Então você foi um homem de muita sorte por ter amado tão

profundamente. — Depois que as palavras saíram de sua boca, Kate desejou

poder retirá-las. Essa conversa sobre amor e sofrimento era muito próxima dela.

— Sim, eu fui. E eu vejo o mesmo tipo de amor entre você e Alex.

Kate ficou surpresa por ele falar uma coisa dessas. Ela gostava cada vez

mais dele. Talvez quando isso tudo acabasse, ela e Alex o convidassem para ir à

Carolina do Norte.

— Eu tinha saído da faculdade há apenas um ano quando conheci Alex.

Meus pais tinham morrido em um acidente terrível. Pensei que nunca

encontraria a felicidade depois que morreram. Eu era bem próxima dos meus

pais. Alex os conheceu antes de eles morrerem. Ele iria comprar os canis deles.

Eles queriam se aposentar, e vender o canil era uma decisão muito importante.

Quando conheceram Alex, se sentiram abençoados. Ele amava animais tanto,

se não mais, que eles. Eu gostaria que tivessem vivido mais para ver Alex e eu

casados.

— Eles teriam aprovado Alex. Ele é um homem decente, Kate. Eu posso

perceber essas coisas. Farei o que puder para vê-lo fora daquela cova. Prometo.

— Coleman olhou para ela do outro lado da mesa. Ela sabia que ele também

manteria sua promessa. Ele era muito parecido com Alex.

— Algo me diz que você vai fazer exatamente o que diz. Obrigada por

isso, Coleman. Gostaria que tivéssemos contratado você antes de ir a

juízo. Talvez, se eu o tivesse feito, Alex nem teria ido a juízo.

— Nunca se sabe, Kate. Agora — ele olhou para o relógio cromado em

seu punho —, se quisermos escapar do trânsito, é melhor irmos. A I-75 é um

inferno nesta época do ano com todos esses turistas. Você não precisará se

apressar quando estiver no aeroporto.

— Obrigada.

Coleman cuidou da conta apesar da insistência de Kate. Era uma reunião de negócios no final das contas. Ela pediu licença e foi até o banheiro.

Penteou os cabelos e colocou um pouco de gloss. Ela tinha um bom pressentimento em relação a Coleman Fitzpatrick. Sua intuição dizia que ele

tiraria Alex daquele inferno. E, desta vez, ela iria ouvi-la.

P á g i n a | **205**

Capítulo 22

Don calculou que teria dinheiro o suficiente em suas contas bancárias

para cobrir a hipoteca por mais um mês. De novo, ele deixaria de pagar as

despesas da Emily e da Sara este mês. Debbie podia pagar. Ela estava ganhando

muito dinheiro vendendo imóveis. Que diabos ela fazia com o dinheiro, além

de comprar roupas, ele não fazia a menor ideia. Todo dia ela chegava do

trabalho e lhe informava que estivera em uma maratona de compras. Ela

comprara bolsas da Louis Vuitton para as meninas na semana anterior. Pagara

1.500 dólares por peça. Esse dinheiro cobriria as despesas delas por mais um

mês. Ele não contara para ela sobre os apuros financeiros pelos quais estavam

passando. Se as coisas no trabalho não mudassem logo, teria que pedir dinheiro

para sua esposa. Ele nunca pedira um centavo para ela. Isso o mataria se

precisasse fazer. E ela também nunca deixaria que ele se esquecesse disso.

Sua única esperança era receber uma quantia significativa do processo

civil que eles haviam apresentado. Apesar de já ter passado vários meses, eles

ainda esperavam receber informações sobre como andava o caso. Debbie estava

encarregada de cuidar disso também. Obviamente era muito para pedir. Ele fez

uma nota mental para ligarem para seu advogado na segunda-feira.

Ao pensar sobre o processo civil, ele pensou em Alex. Filho da puta.

Como ele pôde se rebaixar tanto? Ao mesmo tempo em que Don admitiria que

Sara é difícil, agora mais do que nunca ela nunca poderia ter inventado as

histórias sobre os abusos que sofreu nas mãos de seu melhor amigo. Ela deveria

estar passando por um tratamento, mas, quando Don questionou a Debbie

sobre isso, ela disse que a Sara estava bem. Ele achava que não, mas ela era

mulher. Ela entendia dessas coisas. Se ela dizia que Sara estava bem, então ele

assumiria que ela estava. Havia uma parte dele que queria acreditar na

inocência de Alex. Mas ele não conseguia. Nunca, nem em um milhão de anos,

P á g i n a | **206**

uma filha dele inventaria uma história tão suja. Sara adorava ir à casa de Alex e

Kate. Ela nunca comprometeria seu relacionamento com eles. A última viagem

foi a gota d'água, segundo Debbie. Sara estava com tanto medo de Alex e das

coisas que ele fazia com ela que ela teve crises de ansiedade. Uma vez, Debbie

fez o que ele deveria ter feito. Colocou Sara sentada e praticamente forçou-a a

contar o que a estava incomodando. Quando Sara começou a falar sobre o

abuso sexual, Debbie disse que ficou pasmada. As duas conversaram por dias

antes que Debbie informasse Don sobre o assunto de suas conversas. Quando

ela o fez, ele não teve outra opção além de ligar para Alex. A partir dali, eles

deixariam as autoridades assumir o controle. Alex ficaria na prisão por pelo

menos 20 anos. Ele merecia morrer na prisão pelo que fizera Sara passar. O

processo civil fora a cereja do bolo, até onde ele sabia. Alex tinha milhões. Não

havia hora mais perfeita para colocar as mãos em um pouco daquele dinheiro

frio.

A empresa de engenharia onde trabalhava estava prestes a falir. Muitos

bons negócios deram errado. Ele iria abrir sua própria empresa assim que

pegasse o dinheiro do processo civil. Tudo o que precisava fazer era esperar um

pouco mais.

Com suas finanças paralisadas no momento, Don prometera aos caras

do country club que os encontraria para uma partida de golfe. Debbie teria que

arrumar alguma coisa para as meninas jantarem. Há semanas ele trazia comida

para casa, frango do Publix ou alguma porcária do Taco Bell. Ele levava as

garotas para comer pizza de tempos em tempos, quando elas se cansavam de

comer a comida que ele trazia para casa.

Eu daria tudo por uma refeição caseira. A Kate cozinha como ninguém.

Eu daria 100 paus por um pedaço de sua carne assada. Que se dane, eu como

no clube. De novo.

— Aonde você vai? — Debbie espiou.

— Ao clube. Eu falei para os caras que jogaria golfe com eles.

— Você nunca fica em casa nos fins de semana? — importunou Debbie.

P á g i n a | **207**

— Não, não quando você está aqui.

— Você é um verdadeiro babaca, sabia?

— Já me chamaram de coisa pior.

— Mercedamente. As meninas querem ir ao cinema hoje à noite. Não

posso levá-las. Tenho que mostrar uma casa.

— As meninas podem ir ao cinema sem mim.

— De jeito nenhum. Eu preciso que você as leve de carro. Emily só tem

a licença provisória.

— Desculpe. Não posso. — Don adorava deixá-la irritada. O casamento

deles era uma simulação. Quando Sara fizesse 18 anos, ele sairia dessa. Sem

dúvida. Não gastaria nem mais um minuto ouvindo sua esposa se lamentar e

reclamar. Ele se mudaria para outro país para ficar longe dela. Só mais cinco

anos e eu pego o meu bom caminho. Ele não conseguia evitar sorrir com esse

pensamento.

— O que é tão engraçado? Se me lembro bem, você é o pai das meninas.

Você é tão responsável por cuidar delas quanto eu. Eu preciso mostrar essa

casa. Isso pode significar uma grande comissão para mim.

Para mim, Don pensou.

Talvez ele cedesse. Desta vez.

— A que horas começa o filme?

— Sete. Acaba às 10, então você precisa ficar sóbrio tempo suficiente

para buscá-las e trazê-las para casa.

Don deu de ombros. — Então talvez seja melhor que você as pegue.

Acho que não consigo ficar sóbrio por tanto tempo. Não, espere. Talvez eu

P á g i n a | **208**

mande um táxi buscá-las. Você vai estar muito chapada para se lembrar de onde

elas estão.

— Do que você está falando? — perguntou Debbie.

— Você realmente espera que eu acredite que não sei a maldita maconheira que você é? Você cheira a uma fábrica de maconha, Deb. Estou

surpreso que não tenha começado a cheirar cocaína. Vai ser a próxima coisa.

— Vai para o inferno, Don. Apenas pegue as meninas. Preciso ir.

Ela saiu da toca, e ele ouviu a porta automática da garagem abrir.

Ótimo. Quando ela está fora de casa é como um presente dos céus. Talvez eu

cancele minha partida de golfe e fique em casa. Talvez eu até assista a um filme

com as meninas. Mas isso as humilharia, então vou pular essa parte.

Debbie encontrou o baseado que enrolara em seu estojo de maquiagem.

Acendeu e tragou. Ela segurou a respiração até seus olhos encherem de água.

Ela precisava relaxar. Um baseado de vez em quando não machuca ninguém,

ela refletiu. Ora, metade das pessoas com quem trabalho fuma um baseado de

vez em quando.

Ela se perguntou como Don descobrira que ela gostava de maconha.

Não que se importasse. Ele bebia muito. Ela estava convencida de que, se ele

ainda não tivesse cirrose, ele teria muito em breve.

Então ambos temos nossos vícios. Quem liga? Eu preciso de algo que me

ajude a sobreviver aos dias.

Isso era verdade, especialmente desde que o negócio de Sara ter sido

molestada começara. Debbie sabia que a menina era um caso de louco. Ela

sabia que a culpa disso poderia ser dela, mas também de Don. Ele nunca deu

atenção suficiente para Sara. Ele sempre esbanjava seu afeto para a perfeitinha

da Emily. Sara era inteligente o suficiente para ver a diferença. Ela era uma

criança triste, Debbie pensou. Ela tragou mais uma vez o baseado, segurou a

fumaça em seus pulmões até parecer que iam explodir e depois expirou. Ela

P á g i n a | **209**

abriu todas as janelas para que o carro não cheirasse a maconha quando ela

levasse os clientes até a casa em Marco Island.

Ela precisava muito da venda. Seus cartões de crédito estavam

estourados. Ela devia uma fortuna para aquele traficantezinho imbecil de Fort

Myers, em dinheiro, por toda a maconha que andava comprando. Ela tentara

convencê-lo a dormir com ela em troca da droga, mas ele dissera que era gay.

Sou muito sortuda por propor isso a um traficante bicha. Paciência. Se

ele continuar me enchendo pelo dinheiro, eu o denuncio para a polícia. Nada

na vida é justo.

Ela chegou em seu escritório. Antes de entrar, pegou um frasco de Nina

Ricci do porta-luvas e borrifou. Cheirava mal, mas ela não se importava. Uma

das meninas do escritório tinha dado para ela no último Natal. O frasco estava

no carro desde então.

Verificou sua maquiagem no espelho. Seus olhos estavam vidrados. Ela

passou a maior parte de suas noites consolando Sara por conta de mais um de

seus pesadelos. Pelo menos era o que ela dizia para as meninas do escritório

quando elas perguntavam. Elas aceitavam sua explicação sem questionar. A

acusação de Alex Rocket por molestar Sara havia sido notícia.

Uma vez lá dentro, ela cuidou de alguns documentos que estivera

adiando. Tinha muito mais coisa envolvida em vender casas do que apenas

pular de um imóvel para outro. Ela adoraria ver Don tendo tanto trabalho

quanto ela tinha. Ele achava que ela era burra. Debbie sabia que estavam

quebrados. Previra isso há muito tempo. Eles tinham hipotecado seus traseiros

até o limite. Don continuava fingindo que eles estavam nadando no dinheiro.

Ele não parou para pensar que eu tenho acesso a todas as contas?
Ele

deve ser burro como uma porta. A menos, claro, que ele tenha uma
conta da

qual eu não tenha conhecimento.

Ela duvidava. Ele não era inteligente o suficiente para ser tão
tortuoso.

Ele só se importava em ter aquele visual estúpido e em
impressionar os caras do

country club. Ela devia ter laçado Alex quando teve a chance. Ele
era um

P á g i n a | 210

partido bem melhor. Até mesmo agora, ela trocava Don por Alex.
Ela sabia

que ele não era o idiota doente e pervertido que Sara o fez parecer.

E como sabia.

P á g i n a | 211

Capítulo 23

Coleman mal podia esperar para contar as novidades a Alex e a
Kate.

Eles ficariam extremamente felizes. Ele deu muito duro no caso de
Alex. Havia

algo no casal que o fazia lembrar-se de seu casamento. Eles eram
tão dedicados

um ao outro como ele e Suzanne foram.

Ele não quis fazer a ligação do trabalho, então esperou até chegar em

casa. Tomou um banho, se serviu de um copo de chá gelado. A vista da

varanda da suíte principal era extraordinária a qualquer hora do dia. Ele levou a

bebida e o telefone para cima.

Ele discou o número de Kate de cabeça.

— Alô.

— Kate, é o Coleman. Como vai?

— Coleman, olá. Estou bem, e você?

— Não poderia estar melhor. Esperei o dia todo para conversar com você.

— Fiquei em casa o dia todo. Acho que não ouvi o telefone tocar. Está

tudo bem? — Ele ouviu a preocupação em sua voz.

— Na verdade você não ouviu o telefone porque eu esperei até agora

para ligar. Eu queria fazer esta ligação de casa.

— É tão mau assim? — Kate perguntou.

— Não, é muito bom. Não quis que meus sócios vissem a minha cara

quando eu contasse a novidade. Eles já dizem que é difícil me aguentar quando

estou feliz.

— Então fala logo, Coleman. — Ele ouviu a alegria em sua voz. Estava

entusiasmado por ter a habilidade de fazê-la feliz. Ela merecia.

— Eu estava incerto e hesitante, não queria mencionar isso para você ou

para o Alex até que fosse certo. Hoje fiquei sabendo que era certo. Vou contar

para você. Você pode contar para o Alex quando ele ligar hoje à noite.

— Coleman! Estou nervosa. Conte!

— Consegui um novo julgamento para Alex. O tribunal de apelação jogou fora a condenação original baseando-se nas informações por parte de um

advogado que parecia ter conflitos de interesse. Seu caso foi encaminhado para

investigação.

Silêncio.

— Kate? Está aí?

Mais silêncio.

— Kate, eu odiaria ter que pegar meu avião e ir até Carolina do Norte.

— Desculpe. — Ela fungou e assuou o nariz no telefone. — Deus! Não

acredito nisso! Estou chorando, caso você esteja se perguntando o que foi esse

barulho. — Ela riu alto no telefone.

— Eu já ouvi uma mulher chorar, Kate. Imaginei que fosse chorar.

Nossa, eu iria chorar pelo que você e Alex passaram.

— Então, quando é o julgamento? O Alex pode vir para casa enquanto

espera? Fale todos os detalhes.

P á g i n a | **213**

Kate estava triunfante.

— Não estará na pauta do tribunal até a primavera. O tribunal tem acúmulo de trabalho pelos próximos meses. Alex sairá da prisão nos próximos

dias. Do ponto de vista legal, ele não foi condenado por nenhum crime. Talvez

ele precise ficar em Collier Country até que o segundo julgamento acabe, mas

ele será um homem livre. Não vejo nenhum problema com a sua fiança.

— Não sei o que falar ou fazer para lhe agradecer. Se não fosse por você,

eu teria ficado louca nesses meses que passaram. Você é um ótimo amigo,

sabia?

— Sim, eu sei, e me sinto do mesmo jeito, Kate. Vocês são boa gente.

Agora, em relação ao que você pode fazer para me agradecer, acho que um

cheque gordo daria conta. — Coleman riu. Ele não se importava se Kate ou

Alex não pagassem um centavo. Ele estava feliz por ter sido útil ao procurar

justiça para um homem que merece. Ele podia sentir Suzanne rindo com ele.

— Você me fala e é seu. Qualquer quantia. Nossa, eu venderia a minha

alma para lhe pagar.

— Vou falar para o departamento de contas lhe mandar uma carta. E eu

não gostaria que você vendesse sua alma. O que quero que você faça é o

seguinte: desligue o telefone para que a linha fique livre para quando Alex ligar.

Você pode me ligar de volta para contar a reação dele.

— Obrigada. Caramba, tudo o que faço é agradecer você. De qualquer

forma, obrigada, Coleman! Ligo para você depois de falar com Alex.

Ele colocou o telefone na mesa perto dele. Não ficava satisfeito assim

com um caso desde que Suzanne estava viva. Às vezes, a vida era boa.

Em vez de ligar para Gertie, Kate correu até a cabana com o telefone

sem fio na mão. Ela bateu na porta de trás. — Gertie, sou eu. Abra.

P á g i n a | **214**

Ela ouviu a velha xingar. Estava ficando cada vez mais difícil para ela se

mover com essa artrite. Kate desejou que ela se aposentasse.

A porta abriu.

— Bem, deve ser absurdamente importante para você vir até a cabana.

Não consigo me lembrar da última vez em que estive aqui. Entre, está frio aí

fora.

Kate nem pensou em pegar uma blusa quando saiu. Ela estava muito

animada.

— Então, fala logo — Gertie encorajou.

— Coleman acabou de ligar. A condenação de Alex foi derrubada. Ele

vai ter um novo julgamento!

Gertie ficou paralisada. Kate observava o olhar de surpresa viajar pelo

rosto da velha. Se alguma vez já existiu alegria em um par de olhos, os de

Gertie brilhavam como uma estrela. — Eu sabia que esse homem era bom, mas

não achava que fosse tão bom assim. Bem, é uma coisa danada de boa. Eu

estou ficando velha. O Alex precisa voltar logo para casa e cuidar de você e dos

cães. — Gertie sorriu e abraçou Kate. — Rezei para que esse dia chegasse. O

bom Deus estava ouvindo dessa vez.

— Alex deve ligar hoje à noite. — Ela levantou o telefone sem fio.

— Eu

não queria perder a ligação.

— Ele vai ser um homem feliz quando ouvir esta notícia. Receio que ele

estivesse deprimido no mês que passou. Suas cartas não estavam tão otimistas.

— Eu também achei, mas, quando perguntei, ele só disse que estava

cansado. Disse que dormir na prisão era uma das piores coisas de estar lá. Bem,

quando Coleman o tirar daquele lugar, ele vai poder dormir o quanto quiser.

Estou atônita, Gertie. Não acredito que ele finalmente está vindo para casa.

O telefone de Kate tocou.

P á g i n a | **215**

— Alô?

Ela esperou a voz automática dizer que ela estava recebendo uma ligação de uma instituição de correção. Aperte 1 para aceitar, 2 para negar. Sim,

sim, ela ouvira isso umas mil vezes e nunca tinha demorado tanto para

transferir a ligação.

— Kate, sou eu.

— Ah, Alex, estou tão feliz em ouvir sua voz. Eu tenho uma notícia

maravilhosa. Coleman ligou há pouco. Sua condenação foi derrubada. Você vai

ter um novo julgamento, Alex! Você vai voltar para casa!

— Você está falando sério?

— Eu não brincaria com isso, você sabe. Ele disse que o novo julgamento está marcado para a primavera. Você vai sair sob fiança enquanto

espera pelo julgamento. Talvez a gente precise ir morar em Naples, mas quem

liga? Eu me deslocaria para Timbuktu se isso significasse sua liberdade.

— Bem, tudo o que posso dizer é Isso aí! — Alex gritou tão alto que Kate teve que afastar o telefone.

— Não é a melhor notícia? — perguntou Kate.

— Sim, é. Caramba, não tenho como agradecer esse homem o suficiente. Não sei como aguentarei isso aqui até ir para casa!

— Ah, Alex, talvez eu não devesse ter te contado — ela provocou.

— Humm, e eu teria que bater na sua bunda, Sra. Rocket. Estive aqui

por um tempo, acho que aguento um pouco mais.

— Aposto que você mal pode esperar para contar para seus dois amigos,

Ron e Brad. Talvez Coleman possa dar uma olhada no caso deles também. Vou

perguntar para ele.

P á g i n a | **216**

— Obrigado, tenho certeza de que eles vão dar valor ao esforço. Mas

parece que eles não têm tanto dinheiro para contratar um advogado de

primeira. Acho que os dois tiveram defensores públicos.

— Vou pedir para Coleman dar uma olhada no caso deles quando eu

ligar para ele. Ele quer saber qual foi sua reação em relação à novidade.

— Pode falar que um agradecimento nem começa a cobrir. Faça um cheque com o dobro do cobrado, Kate. Se ele não aceitar, dê para alguma

organização pela qual ele se interesse. Nós devemos a ele a minha vida.

— A mulher dele morreu há alguns anos de câncer de mama. Farei uma

doação bem grande em seu nome. Coleman gostaria disso. Não é surreal, Alex?

Eu estava começando a pensar que Coleman não estava tão atento.

— Não o Coleman. Ele faria malabarismos por você, Kate.

— Por mim? Você quer dizer por você, Alex. Coleman é dedicado na busca pela justiça. Ele me disse isso. Mais de uma vez. A esposa dele trabalhava

com ele. Ele ainda a ama, Alex, eu posso ver em seus olhos quando ele fala

sobre ela.

— Ele gosta de você, Kate, muito — provocou Alex.

— Por favor, não me provoque assim. Não é engraçado. Eu admiro e respeito Coleman. E você também deveria.

— Desculpe, Kate. Quando ele fala sobre você, há um brilho nos olhos

dele. E eu o respeito, sim. Ele é um cara legal.

— Os olhos de Coleman brilham quando ele fala sobre qualquer mulher,

Alex. Confie em mim. — Kate riu. Alex não precisava se preocupar com nada.

O bip tocou na linha, avisando que eles tinham 30 segundos até a ligação

acabar.

P á g i n a | **217**

— Eu te amo, te ligo amanhã, Kate. Agradeça ao Coleman. — E então a

ligação acabou.

Kate não entendia por que eles não podiam fazer outra ligação assim

que a primeira terminasse. Quinze minutos não era tempo suficiente. Mas Alex

sairia da prisão muito em breve.

— Gertie, vou voltar para casa para ligar para o Coleman. Se ficar muito

frio, venha para a casa. É muito grande só para mim. Ela precisa de vida lá

dentro.

— Você vai ter vida quando eu mandar metade daqueles cachorros para

a casa. Alex não iria gostar que eles ficassem no canil, mesmo sendo aquecido.

— Você pode levar todos os cães para a casa sempre que precisar. Se eu

não estiver lá, você sabe onde as chaves estão.

Kate correu para fora no frio do outono. O outono chegara com toda a

sua glória, e ela mal tinha percebido. Estivera muito ocupada escrevendo cartas

para Alex e chafurdando-se piedosamente e não tivera tempo de verdade para

parar e olhar à sua volta. As coisas seriam diferentes a partir daquele momento.

Nada de olhar para trás. Ela e Alex tinham mesmo um futuro juntos. Ela nunca

mais deixaria nada passar despercebido.

Ela colocou a chaleira no fogo para fazer chá e acendeu a lareira da cozinha. Kate sempre preferiu sentar na cozinha. Era aconchegante e quente.

Ela faria uma xícara de chá e ligaria para Coleman. A chaleira apitou. Kate

pegou a caneca de golden retriever de Alex da prateleira. Ela sempre ficava

muito triste ao olhar para sua caneca favorita desde que ele fora para a prisão.

Agora ela iria beber nela, um tipo de brinde particular ao Alex. Então,

derramou água quente sobre o sachê de chá. Enquanto o sachê absorvia a água,

ela discou o número de Coleman.

— Sou eu. — Ela nem esperou o alô.

— E?

P á g i n a | **218**

— Ele ficou tão animado que gritou ao telefone. Tive que segurar o telefone longe do meu ouvido, foi muito alto. E ele disse que agradecer não é

suficiente. Ele me disse para dobrar seu honorário e doar uma grande quantia

para uma casa de caridade de sua escolha. Eu contei para ele sobre Suzanne,

espero que não se importe. Pensei que poderíamos doar alguma coisa para a

Sociedade Americana do Câncer em seu nome.

— Ela adoraria, Kate. Obrigado. Agradecerei ao Alex quando o vir.

Acabei de falar ao telefone com um amigo que, por acaso, é amigo do diretor.

Alex deve ser solto no começo da semana que vem. Não prometo nada, já que

coisas assim normalmente demoram na Flórida, mas acho que consigo fazer

isso.

— Tão rápido? Isso é fantástico. Devo fazer planos para sua visita?

— Dê-me um ou dois dias. Eu não falaria nada para o Alex, no caso de

demorar um pouco mais.

— Não falarei. Mas ele vai ficar tão emocionado. Ele me disse que, sabendo que há a possibilidade de voltar para casa, fica um pouco mais difícil

estar lá, mas disse que aguentaria.

— Certo, assim que eu souber alguma coisa, ligo para você. Eu mesmo

posso ir buscá-la se você quiser.

— Sabe de uma coisa, talvez aceite sua oferta, Coleman Fitzpatrick.

— Está certo, Sra. Rocket. Boa noite.

E realmente foi uma boa noite.

Fazia três dias desde que Kate conversara com Coleman. Ela tentou ligar em seu escritório, mas lhe disseram que ele estaria no tribunal a maior

parte do dia. Ela tentou ligar em sua casa nas duas últimas tardes, mas não

obteve resposta. Ela imaginava que ele tinha notícias sobre Alex agora. De um

jeito ou de outro. Ela odiava que a deixassem no limbo. Até pensou em

P á g i n a | **219**

trabalhar em seu estúdio, mas ainda não podia fazer isso. Alguns clientes de

Chloe ligaram querendo saber se ela poderia fornecer comida para suas festas de

Natal. Ela negou, mas estava pensando de novo sobre isso agora. Com nada nas

mãos além de tempo, talvez ela mudasse de ideia. Poderia cozinhar ali mesmo

na sua cozinha. No que dizia respeito à entrega, ela ainda não estava pronta

para esse passo. Havia muita gente que sabia sobre Alex. Apesar de não sentir

vergonha, ela não estava pronta para encarar seus antigos clientes e colegas.

Uma ideia veio à sua mente. Ela iria fazer as decorações de Natal.

Sempre amara as festas. Se Coleman ligasse, ela empacotaria algumas e as

levaria para a Flórida. O Natal não era a mesma coisa na Flórida, mas naquele

ano não importaria onde ela estaria durante as festas, pois não as passaria

sozinha. Na verdade, ela estava receosa em relação à temporada que se

aproximava, mas agora via a liberação de Alex como um verdadeiro presente de

Deus. Sim, ela pegaria as decorações e começaria a trabalhar nelas. Ela tinha

todas as decorações de seus pais. Sua mãe guardara cada ornamento que Kate

fizera.

Foi até o sótão e pegou as caixas que guardavam seus tesouros da

infância. Seria uma maneira agradável de passar a tarde. Ela até fez um bule de

chocolate quente e acendeu a lareira da sala. Estava mais aconchegante do que

nunca. A única coisa que faltava era seu marido. E as meninas. Elas sempre

estavam ali quando ela decorava a árvore. Apesar de se sentir triste por perder

Emily, nunca mais conseguiria olhar para Sara sem pensar em enforcá-la. Mas

pensaria nisso outra hora. Não tinha pensado muito sobre o futuro e como seria

sua relação com Emily. Ela faria 18 anos em dois anos. Kate nunca abandonaria aquela menina. Ela a amava como a uma filha. Kate estivera tão

abatida pelo julgamento que nem pensou em Emily. Gostaria de mandar

alguma coisa para ela de Natal, mas aquele não era o momento. Talvez no ano

seguinte.

Kate abriu a primeira caixa. Muito cuidadosa com os ornamentos frágeis, desembulhou o papel de seda de cada um. Ela colara macarrão em um

prato de papel para fazer uma guirlanda. Deve ter sido na primeira série; a tinta

verde que usara ainda não tinha saído. O glitter ainda brilhava em alguns

lugares. Depois tirou uma estrela rosa feita de massinha. Ela se lembrou de ter

feito essa decoração sozinha. Estava na quinta série. Como não queria fazer um

P á g i n a | **220**

Papai Noel, uma árvore ou um anjo como o resto dos colegas de classe, optara

por uma estrela. Nada de tinta dourada também. Kate faria em cor-de-rosa. Sua

mãe riu de sua escolha das cores. Cores fluorescentes estavam em voga. Em

seguida ela segurou um sino pequeno. Este ela não tinha feito. Fora dado a ela

por uma menina da terceira série. Natalie. Ela se lembrou. Os pais de Natalie

eram testemunhas de Jeová. Natalie contou para Kate que odiava o fato de eles

não trocarem presentes. Kate contou para sua mãe e elas foram juntas escolher

um presente especial para Natalie. O sino fora o presente de Natalie para ela.

Kate dera para ela um bracelete charmoso com formato de coração. Natalie

escondera de seus pais, mas Kate sabia que ela apreciara o presente. A infância

de Kate guardava tantas memórias. Seus pais eram mais velhos quando ela

nascera, mas nunca agiram de modo diferente dos pais mais jovens de seus

amigos. Na verdade, Kate se lembra de seus pais serem mais ativos que os pais

de seus amigos. Ela ainda sentia falta deles. Boas pessoas que se foram muito

cedo.

Ela pegou uma segunda caixa. Estava cheia de decorações que ela e

Alex compraram depois de casados. Ela se lembrou de terem ido até a loja

Hallmark no shopping. Compraram todos os tipos de ornamentos engraçados e

bobos. E depois Alex desapareceu e só voltou com uma caixa embrulhada para

presente. Ele disse que aquele seria o enfeite especial deles, que eles passariam

para seus filhos e netos. Claro que naquela época eles não sabiam que Kate não

podia engravidar. Dentro da caixa havia uma estrela de cristal com uma foto de

seu casamento gravada no vidro. Inscrito no cristal: Nosso primeiro Natal como

uma família.

Kate chorara e Alex riu por ela ser tão sentimental. Esse sempre era o

primeiro ornamento colocado na árvore. Sim, ela o levaria para a Flórida.

Juntos, eles o pendurariam em qualquer tipo de árvore que conseguissem. Ela

compraria algo novo este ano para comemorar a liberdade de Alex.

Kate relaxou na poltrona de Alex com sua caneca de chocolate. Ela estava prestes a pegar seu livro quando a campainha tocou.

Gertie. Ela provavelmente havia trazido os cães. Kate se apressou até a

porta. Estava extremamente frio. Gertie devia ter ligado para ela ir pegar os

cães. Kate com certeza não estava fazendo nada de importante.

P á g i n a | **221**

A campainha novamente.

— Entre, Gertie — Kate gritou. Por que ela estava na porta da frente?

Ela nunca usava a porta da frente.

Kate puxou a pesada porta de carvalho. Nada da Gertie. Kate saiu no

átrio para ver se ela teria dado a volta. Não havia sinal dela. Estava prestes a

entrar para pegar uma blusa quando ouviu algo que parecia uma porta de carro

sendo fechada. Ela andou até a entrada de carros. Um carro prateado — ela não

estava esperando ninguém. A pessoa que estava dirigindo acendeu as lanternas.

Aparentemente, quem quer que fosse a viu e desligou o motor.

Kate esperou que o visitante andasse até o átrio.

— Kate, é você?

— Coleman? Coleman Fitzpatrick, o que é que você está fazendo em

Asheville? Estou tentando te ligar há dois dias.

— Kate, eu posso entrar? Não estou acostumado com esse tempo. Viver

na Flórida me deixa mimado.

— Claro. Entre. Eu tenho uma lareira na sala e um bule de chocolate

quente.

Coleman seguiu Kate para dentro. Ele receava contar a novidade para

ela. Um telefonema seria suficiente, mas ele não podia fazer isso com Kate.

Ele entrou em uma sala iluminada. Sofás e poltronas grandes estavam

distribuídos aleatoriamente pela sala. A lareira de pedra tomava uma parede.

Coleman gostou do que viu. Aconchegante, nada pretensioso, como Kate. Se

ele lembrava bem, aquela era a casa da infância de Kate.

Ela continuou até chegar na cozinha vermelha brilhante. Panelas de cobre e um fogão vermelho. A cara de Kate. Ela pegou uma caneca da

prateleira. — Acho que preciso esquentar um pouco. Eu estava olhando umas

P á g i n a | **222**

decorações de Natal. — Kate parou. Coleman não estava lá para conversar. —

Por que você está aqui?

Ele puxou duas cadeiras da mesa de carvalho. — Você vai me contar ou

tenho que adivinhar? É sobre Alex, certo? Coleman, se você o estiver

escondendo no carro, eu nunca vou te perdoar! Você o trouxe para casa?

Ela não estava facilitando as coisas.

— Kate, eu quero que você se sente. Não, Alex não está no carro. Juro.

Queria que ele estivesse, mas ele não está. Por favor — ele se movimentou em

direção à cadeira —, sente-se.

Ela fez como ele pediu.

— O que foi?

Ele estava prestes a fazer o mundo dela desmoronar. Não havia uma

maneira agradável de fazer isso.

— Kate, ontem houve uma briga na prisão. Alex estava envolvido.

Alguns caras nos chuveiros. Sinto muito, Kate. Alex foi morto.

O tempo parou.

— O quê? — Kate falou.

— Alex estava defendendo um de seus amigos. Alguém tinha uma faca.

Eles a usaram contra Alex. Ele não sobreviveu, Kate. Deus, eu sinto tanto.

Seu corpo amoleceu, e seu mundo ficou preto.

P á g i n a | **223**

Capítulo 24

Orlando, Flórida

Sete anos depois

O escritório da Receita Federal era como qualquer outro escritório do

governo. Chato e tedioso. Os funcionários trabalhavam duro e eram dedicados.

Auditoria era um negócio sério, então eles levavam muito a sério seu trabalho.

Na hora do almoço, discutiam dividendos, regime de isenção fiscal e ganhos de

capital. Todos sabiam os números de todos os formulários de impostos já

publicados. Para os que tivessem problemas com números, era um trabalho dos

infernos. Para aqueles com uma missão, a RF era uma oportunidade única.

Kate Rocket trabalhou até se tornar supervisora do escritório de

Orlando. Ela nunca perdera um dia de trabalho. Nunca ligou dizendo que

estava doente nos cinco anos em que trabalhara lá. Nunca tirou férias e sempre

almoçava em sua mesa. Ela nunca socializava com nenhum dos funcionários.

Era pontual até demais. Todos que trabalhavam com ela, especialmente os

agentes novos, a chamavam de —Kate Matadora|| pelas costas, pois trabalhar

com ela mataria você. Ela sabia o que falavam sobre ela. Ela tinha um trabalho

para fazer. Não queria ficar sabendo sobre a vida pessoal dos funcionários. Não

queria dar uma oportunidade para perguntarem sobre a dela. Não havia nada

para contar. Ela morava em um apartamento de um quarto. Tinha uma cama,

um sofá e uma mesa pequena na cozinha. Tinha cinco ternos diferentes que

usava para trabalhar: cinza, preto, marrom, verde-escuro e borgonha. Usava

blusas brancas e simples com todos eles. Sapatos pretos ou marrons com nylon

bege. Ela usava um topete. Normalmente tinha um lápis ou dois escondidos

dentro do ninho de seu cabelo. Ela não tinha nada extravagante, nada para

P á g i n a | 224

distraí-la de seu trabalho. Às 8 horas ela ia trabalhar e saía exatamente às 17

horas. Então ia para seu apartamento vazio. Ela não cozinhava. Sua geladeira

pequena estava cheia de comidas congeladas da Stouffer's e da Healthy Choice.

Comia torradas com café todos os dias pela manhã. Um sanduíche de atum de

almoço. Em cinco anos, nunca saiu dessa rotina.

Isso estava prestes a mudar. Esta noite era o sétimo aniversário da morte

de Alex. O primeiro ano depois que Alex foi assassinado foi uma névoa. O

segundo ano, ela passou planejando. Todas as propriedades dela e de Alex

permanecem no nome de Gertie. Desde que se mudou para Orlando, Kate não

mexera em um centavo do dinheiro dos dois. Ela vivia com o que ganhava

como funcionária do governo. Tinha um excelente plano de saúde e uma

pequena apólice de seguro de vida.

O assassino de Alex morrera em decorrência de seus ferimentos,

causados por Alex. Ela supôs que houvesse algum tipo de justiça nisso, mas isso

não facilitara sua dor. Coleman arranjara tudo para Alex. Ele fora cremado.

Suas cinzas eram a única posse que se permitiu levar com ela quando se mudou

para Orlando.

Não fora uma decisão simples, dado o que ela tinha se proposto a fazer.

Ela teria que encontrar o emprego perfeito para realizar seu plano. O fato de ser

em Orlando era ainda melhor. Ela foi a um centro de treinamento na capital

depois de ser contratada. Aprendia rápido. Os computadores eram seus únicos

amigos agora. Kate se apegou a computadores como os patos à água. Ela

poderia encontrar quase qualquer coisa que precisasse saber. A única

extravagância à qual ela se permitiu ter foi um computador top de linha com

512 megabytes de memória RAM e HD de 80 gigabytes. Ela podia ver CDs e

alguns DVDs. Tinha seis entradas USB, uma câmera e um alto-falante de dois

canais. Também tinha um scanner, uma impressora e um fax. Recentemente

comprara uma câmera digital. Isso era suficiente para suas necessidades. O Bug

Y2K fora uma ameaça a todos que tinham computadores de quaisquer tipos.

Bancos, lojas de departamento, postos de gasolina, qualquer lugar que

dependesse da internet, seus computadores supostamente parariam de

funcionar. Como Kate previra, isso nunca aconteceu.

Kate não sentia nem um pingão de culpa pelo que estava se preparando

para fazer. Ela só tinha vivido para isso nos últimos cinco anos. Precisava fazer

P á g i n a | 225

isso. Por Alex. Por ela. E por todos os homens inocentes que morreram na

prisão.

No dia seguinte, seus colegas de trabalho ficariam chocados por ela não

aparecer no escritório. Depois de um tempo, eles ligariam e descobririam que

seu telefone estaria desconectado. Como seu endereço estava em seu arquivo

pessoal, eles iriam até lá para checar. Ela tinha programado que seus serviços

públicos fossem cancelados às 8 da manhã seguinte. A coleta de lixo fora

interrompida. Ela não precisava se preocupar em fechar suas contas bancárias.

Ela não fazia nenhum depósito. Fazia todos seus serviços de banco on-line. Não

recebia correspondências, além de propagandas, então não precisaria cancelar

nenhuma assinatura de revista. Não precisaria encaminhar sua correspondência

para seu novo endereço. Essa era a questão. Ela queria desaparecer. Quando

sentisse que era seguro, ligaria para Gertie para avisar que havia se mudado.

Apenas o nome da cidade, nunca o endereço. Ela não via Gertie há cinco anos.

Ligava para ela uma vez por semana, sempre de um telefone público diferente.

Não queria nada que pudesse rastreá-la. Os investigadores eram certos, com

toda a tecnologia se estava a um clique de distância. Daquele dia em diante, ela

esperava que fosse muito difícil encontrá-la, senão impossível. E, se fosse

encontrada, ela simplesmente pagaria pela consequência. Ela não tinha mesmo

muita vida. Não se importava se passasse o restante de sua vida em um

apartamento alugado sujo ou em uma cela de prisão.

Kate Rocket tinha uma missão para cumprir.

Ela tirou todas as suas roupas do armário. Colocou-as em um grande

saco verde-escuro. Seus sapatos também. Da prateleira mais alta do armário, ela

retirou uma mala preta de lona que tinha encomendado na L.L. Bean. Tinha

duas calças jeans, uma calça cáqui, uma calça capri preta e cinco camisetas

brancas que comprara na Gap dentro da mala. Dez calcinhas simples da

Victoria's Secret e três sutiãs. Uma camisola longa. Um par de sandálias pretas

e um Nike branco. Kate estava maravilhada. Uma pessoa poderia nunca sair de

casa. Ela poderia até fazer supermercado de casa. Talvez usasse essa

extravagância em particular quando se instalasse no novo apartamento.

Em seguida, foi até o pequeno banheiro. Ela tinha dois potes de xampu e

condicionador. Dois tubos de creme dental Crest, duas escovas de dente

fechadas e três barras de sabonete Dove. Dez lâminas Daisy, três pacotes de fio

dental e uma garrafa grande de enxaguante bucal Scope. Pegou a lata azul-claro

do desodorante Secret. Qualquer um usaria os produtos que ela usava. Não

havia nada de especial sobre eles. Espiou por debaixo do único armário e tirou

uma caixa de absorventes. Aos 43 anos, ela precisava cada vez menos deles com

o passar dos meses.

Olhou ao redor do lugar que ela deveria ter chamado de lar nos últimos

cinco anos. Não havia fotos para tirar das paredes, nada pessoal. Nenhuma

coleção de ímãs na geladeira. Uma vez que ela retirou suas roupas e produtos

de higiene, o apartamento poderia ter sido de qualquer um. Ela pensou em jogar

fora toda a comida congelada, mas mudou de ideia no último minuto. O

próximo inquilino poderia aproveitá-la.

Seu computador e equipamentos eletrônicos iriam com ela. Ela ainda

tinha as caixas nas quais eles vieram, então era fácil de guardar.
Sem todos

aqueles eletrônicos, a sala ficou vazia como a vida de Kate. Ela não
sabia o que

o futuro reservava. Apenas uma coisa importava para ela neste
estágio. Ela

precisava vingar a morte de Alex ou ele teria morrido em vão.

A última coisa em sua lista eram alguns tipos de disfarce. Seu
cabelo

fazia com que ela ficasse visível. Por mais que odiasse, sabia que
teria que

cortar. Foi até o banheiro com um par de tesouras que havia
comprado. Tirou o

elástico que prendia seu cabelo em um nó flácido. Ela balançou
seus cabelos,

como um cachorro depois de um banho. Lembrou-se de quando
Alex dava

banho nos cachorros. Ele ficava tão molhado quanto eles.

Segurou um punhado de cabelo e começou a cortar. Vinte minutos

depois, ela tinha um cabelo curto bonitinho. Uma caixa de coloração
esperava.

Castanho médio, a cor dizia, mas Kate sabia que ficaria mais perto
do preto, a

cor que ela queria. Ela vira uma mulher que tinha o que ela
chamava de cabelo

—preto forçado de bruxa||. Era extremamente artificial. Não era o visual que

almejava. Quarenta e cinco minutos depois, ela viu o resultado. Nada mal. Ela

tinha lentes de contato para transformar seus olhos verdes em castanhos. Tinha

um estojo de maquiagem cheio de sombras, rímel e batons de todas as cores do

arco-íris. Nunca usara muita maquiagem. Ela passou algumas noites experimentando alguns truques sobre os quais havia lido. Eram bem drásticos.

P á g i n a | **227**

Ela agora seria uma daquelas mulheres que não saíam de casa sem —vestir seu

rosto||.

Andou pelo apartamento uma última vez. Eram mais de 10 horas, estava

escuro o suficiente para poder começar a colocar as coisas no carro. Ela tinha

um Ford Explorer, então teria espaço de sobra quando acabasse de enchê-lo

com seus bens escassos.

Quando terminou, pegou o grande saco de lixo e o colocou ao lado da

lixeira. Ela não queria jogar as roupas com aquele lixo fedido.
Talvez alguém

que precisasse as encontraria.

Assim que saiu com o carro, Kate sentiu uma estranha sensação de
liberdade. Tudo o que tinha estudado, planejado e esquematizado
estava prestes

a se concretizar.

Kate se instalou em seu novo apartamento com facilidade. O
condomínio era apenas para adultos e a maioria dos ocupantes era
aposentada.

Isso era bom. Eles estariam muito ocupados jogando golfe e cartas
para se

preocuparem com a nova inquilina.

Em sua última viagem a Naples, ela almoçara com Coleman
Fitzpatrick.

Pensava nele com frequência. Ele ficara devastado quando ouviu a
notícia sobre

a morte de Alex. Tanto que voou imediatamente para a Carolina do
Norte em

seu avião privado. Ele se atrasara por causa do clima. Kate se
lembrava de ter

tentado ligar para seu escritório e para sua casa repetidamente.
Eles iriam trazer

Alex para casa depois que seu novo julgamento o inocentasse, mas isso nunca

aconteceu. Ela pagara uma quantia exorbitante de dinheiro para Coleman e

doara a mesma quantia para a Sociedade Americana do Câncer em nome de

sua esposa.

Ele ligava todos os dias e batia em sua porta duas vezes. Ela implorou

para ser deixada em paz. Não conseguia encará-lo. Havia muita conexão entre

ele e tudo que estava dando de errado em sua vida. Não que ela o culpasse. Ele

finalmente desistiu de tentar contatá-la. Ela gostava de Coleman e odiou perder

sua amizade. Ele ainda trabalhava, de acordo com o site de sua empresa. Ela

gostaria de ligar para ele, mas não conseguia.

P á g i n a | **228**

O apartamento tinha dois quartos. Ela usava o segundo como escritório.

Se alguém perguntasse, ela planejou dizer que gerenciava faturamentos médicos

de casa. Muita gente fazia isso. Ela sabia porque tinha feito um curso on-line.

Nunca se sabe.

Kate sabia que Emily estava cursando veterinária, no entanto não conseguiu encontrar nenhum registro de emprego atual. Debbie tinha seu

próprio escritório imobiliário. Isso a surpreendeu. Ela sabia que, há alguns anos,

Don pedira falência, mas o nome da Debbie não estava no documento que ela

viu. Também não havia registros de emprego para Don. Nos últimos três anos,

ele não recebera nenhuma renda. Trabalhar na Receita Federal abria muitas

portas para Kate. Ela poderia saber a renda de uma pessoa apertando algumas

teclas.

Sabotar financeiramente os Winter estava na sua lista, mas não no topo.

Sara teria 20 anos de idade agora. Ela era uma garota grande. Kate imaginou

que era hora de ela encarar as consequências. Se Sara estava fazendo faculdade,

Kate não conseguiu saber onde. Esse era um grande motivo para ela se mudar

para Naples. Se Sara ainda estivesse morando lá, Kate poderia observá-la.

Isso poderia parecer doente, mas Kate realmente gostava de espionar

pessoas, de conseguir informações que ninguém era capaz de encontrar. Talvez

ela tivesse sido um detetive particular em outra vida. De qualquer forma,

parecia ter talento para isso.

Ela tinha um plano e iria segui-lo se quisesse ser bem-sucedida. Naquele

dia, iria ao escritório de Debbie. Talvez entrasse e perguntasse sobre algum

lugar para alugar. Ela precisava ser capaz de ir e vir livremente. Se conseguisse

passar por Debbie, conseguiria passar por qualquer um.

Ela secou seu cabelo para que ficasse liso. Ainda tinha problemas em se

reconhecer quando olhava no espelho, mas isso era bom. Lentes de contato no

lugar. Sombra pesada e muitas camadas de gloss em seus lábios. Usava a capri

preta, sandálias e uma camiseta branca. Ela se parecia com qualquer pessoa,

bem, talvez sem a maquiagem. Caramba, ela estava parecendo Debbie. A

mulher usava tanta maquiagem que Kate se perguntava com qual frequência ela

P á g i n a | **229**

precisava comprar para balancear oferta e demanda. Semanalmente, por sua

aparência. Mas isso foi há muitos anos. Talvez ela tenha mudado com a idade.

Kate praticara falar com um sotaque forte do sul. Ela tinha um sotaque

arrastado, mas, quando o aprimorou, não soava nem um pouco como a Kate

Rocket que Debbie conhecia.

Esperou até a metade da manhã para ir até o escritório. Se Debbie fosse

fiel a si mesma, não levantaria cedo. Kate acreditava que a chance de —esbarrar

nela|| nesse horário fosse maior.

Dirigir na Highway 41 trazia lembranças do curto período que passou na

cidade. Se pudesse voltar no tempo, Alex ainda estaria vivo. De alguma forma,

ela se culpava pela morte dele, acreditando que, se tivesse insistido em

conversar com Don sobre o estado mental de Sara, talvez ele a tivesse levado

para receber a ajuda de que precisava. Ela devia ter confrontado Sara sobre a

destruição de seu estúdio. E, acima de tudo, ela gostaria de ter prestado mais

atenção às intuições que tivera quando concordaram que James era o melhor

advogado para Alex.

As direções que imprimiu do MapQuest eram certas. Ela virou duas

vezes para a direita, depois para a esquerda. O escritório Century 21 era

localizado em um novo shopping de rua. Cores pastel, rosa e lavanda. Kate

achou que parecia alguma coisa da Disney, mas isso era a Flórida. Tudo era

chamativo, projetado para seduzir.

Ela se olhou no espelho uma última vez. Respirando calmamente, saiu

do carro e andou direto para o escritório. Um conjunto de sinos à porta emitiu

um suave tilintar quando ela entrou. Estava em uma recepção decorada com

móveis brancos e pálidos e dezenas das últimas revistas de moda, empilhadas

em mesinhas brancas espalhadas pelo local. Havia uma pequena televisão no

centro, com confortáveis cadeiras arrumadas em um semicírculo ao lado.

Uma jovem garota correu até a mesa da recepção, uma área em meia-lua

que dava para o que pareciam ser vários pequenos escritórios atrás dela. Alta e

magra, com traços perfeitos. Nada muito grande ou muito pequeno. Longos

cabelos castanhos e olhos negros. Muito bonita. Kate secretamente esperara

P á g i n a | **230**

encontrar Sara no escritório de sua mãe, choramingando —Minha mãe disse

isso, ou minha mãe disse aquilo||, mas não teve tanta sorte.

— Posso ajudá-la? — a jovem perguntou.

Aí vai.

— Sim, obrigada. Sou nova na área. Eu ainda tenho dois meses no meu

contrato de aluguel. Pensei que fosse hora de procurar uma casa.

— Bem, isso é o que fazemos. Encontramos casas para as pessoas.

—

Ela pegou uma prancheta com várias folhas de papel e deu a ela. — Este é um

questionário que pedimos para todos nossos clientes em potencial preencher.

Isso nos ajuda a encontrar a casa certa para você e sua família. Ele estreita a

lista de possíveis propriedades.

— Claro. — Kate pegou a prancheta e se sentou na área da televisão.

Suas costas davam para a parede da esquerda para quem entra. Isso a permitia

ver a porta da frente e dar uma olhada na área da recepção.

Kate decidiu que era melhor ficar o mais perto possível da verdade. Ela

era solteira. Divorciada. Trabalhava com faturamento médico. Faixa de preço:

não queria ir muito alto, mas as propriedades mais baratas provavelmente

estariam na lista da equipe júnior de vendas. Ela escolhera um preço moderado.

Duzentos mil. Pensou que as chances de Debbie a pegar como cliente eram

pequenas. Ela não queria isso, de qualquer forma. Queria vê-la e passar por ela.

Então se fizesse visitas o suficiente ao escritório, possivelmente ficaria sabendo

mais sobre a dona e sua família. Ela devolveu a prancheta para a recepcionista.

— Se você esperar um pouco, posso dar uma olhada e nós já lhe atendemos. Gostaria de um café ou de um Wienerbrød enquanto espera? Temos

uma cozinha para os nossos clientes usarem. — Ela sorriu para Kate.

— Seria ótimo. Não tomei café da manhã. Obrigada.

P á g i n a | **231**

A garota contornou a mesa de recepção e abriu a porta. Kate mal podia

acreditar na sua sorte. Estava lá há quinze minutos e já tinha entrado no

santuário.

A recepcionista a levou até uma pequena cozinha no final de um longo

corredor. Ela conseguia olhar dentro de cada escritório pelo qual passava, já que

as portas estavam abertas.

— Você pode se servir. Tem suco na geladeira. — A garota saiu da sala.

Kate pegou um muffin e se serviu de uma xícara de café. Deu umas

mordidas, percebendo que estava com fome mesmo. Espiou pelo corredor,

esquerda e depois direita. Nada. Antes de a garota voltar, Kate se apressou para

fora da cozinha pelo corredor. Se ela fosse pega, diria que estava procurando o

banheiro. Vagarosamente, parava para espiar por dentro das portas abertas dos

escritórios. Nada parecia luxuoso o suficiente para Debbie. Ela teria o melhor

apartamento do lugar, disso Kate tinha certeza. Ainda mobiliado com móveis

brancos, igual à sala de espera. Kate odiaria pagar a manutenção desses móveis

frívolos. Devia custar uma pequena fortuna para mantê-los limpos, e Kate

imaginou que Debbie teria de substituí-los de tempos em tempos.

Do outro lado do corredor, Kate teve sucesso. Um escritório do tamanho

da sala de seu apartamento. Móveis brancos, mesa com a parte superior de

vidro. Sem plantas, nada para criar uma atmosfera confortável. Frio e estéril

vieram à mente. Sabendo que poderia ser sua única chance, Kate deslizou para

dentro do escritório e fechou a porta. Ela não saberia o que dizer se fosse pega,

com certeza não poderia dizer que estava procurando o banheiro. Mas se

preocuparia com isso quando e se fosse pega. Uma alta estante de vidro

guardava placas de diferentes tamanhos e formatos. Aparentemente, Debbie

ganhara muitas homenagens em sua carreira. Cem milhões de dólares em

vendas. Nada mal, Kate pensou. Eleita a melhor imobiliária pelo Better

Business Bureau. Ela olhou as outras estantes procurando por uma foto de

família, mas não encontrou nada. Atrás da mesa havia uma porta que Kate

imaginou que desse para um banheiro privativo. Ela se apressou para dentro.

Lá ao lado do espelho. Uma pequena foto. As duas garotas. Kate pegou a foto.

Antes de perder a coragem, enfiou-a no bolso. Correu de volta para a cozinha.

Mais tarde iria examinar a foto. Ela se sentou e tomou um gole do café nojento.

— Senhora?

— Sim? — Kate perguntou.

— Acho que temos algo para você olhar esta tarde. Seria possível?

— Eu adoraria. Sim, obrigada. Isso é ótimo.

— Nosso objetivo é agradar.

— Imagino que sim. Quantos agentes vocês têm? — perguntou Kate enquanto seguia a garota até a frente do lugar.

— Acho que temos por volta de trinta, mas isso pode mudar todo dia.

— Por quê?

Ela olhou para trás. — Eu não deveria falar isso, já que é uma nova cliente e tal.

— Sou boa em guardar segredos — encorajou Kate.

— A dona. Nós a chamamos de Sra. Winter Branco. Ela certamente ama a cor. De qualquer forma, nem sempre é a melhor pessoa com quem se

trabalhar. Muito temperamental.

Fofoca de escritório. Kate não poderia estar mais satisfeita.

— Sei o que quer dizer. Eu trabalhava para uma mulher assim. Todo dia

que eu ia trabalhar, achava que seria o meu último. Ela era muito exigente.

— É? Bem, a Sra. Winter é uma V-A-C-A — ela soletrou a palavra para

Kate.

— Como assim? Se não se incomodar com a minha pergunta.

P á g i n a | **233**

— Como disse, ela é bem temperamental. Se sua filha está aqui, você

pode dar adeus para um dia bom. Elas brigam como cães e gatos. Nenhum de

nós aguenta aquela bruxinha. Ela é igual à mãe.

— Então, ela tem uma filha? — Kate esperou que a boca grande da garota revelasse a qual filha ela estava se referindo.

— Na verdade, ela tem duas. Acho que a mais velha se mudou há alguns

anos. Algumas meninas que trabalhavam com a Sra. Winter disseram que a

mais velha não se dava bem com os pais. Acho que alguém disse que eles não se

falavam desde que a menina se formou no colegial. Mas você sabe como é

conversa de escritório. Quem sabe? Mas você não está aqui para ouvir essa

bobeira. Desculpe, acho que não deveria ter falado tudo isso.

Kate levantou sua mão. — Ei, não se preocupe. Às vezes você precisa de

um bom desabafo sobre seu chefe. Já passei por isso.

— Bem, espero que ainda nos considere seu corretor de imóveis.

— Claro que sim. E quanto às aquelas casas que você queria que eu visitasse?

— Vou chamar o agente. Espere um minuto.

Kate se sentou na área de espera. Ela não podia acreditar na sua boa

sorte. Uma fofoca de escritório. Talvez ela fizesse amizade com a moça,

convidasse para almoçar. Alguns minutos depois, Kate foi levada a um agente

júnior, como imaginou. Eles tomaram as providências para visitarem o

apartamento de três quartos mais tarde naquele dia. Kate agradeceu o agente,

Randi, e saiu do escritório.

Dentro do carro, ela tirou a pequena foto do bolso. Eram Sara e Emily,

mas a foto fora tirada há muito tempo. Se o que a recepcionista falou estava

certo, a foto deveria ter sido tirada antes de Emily se formar. Ela olhou para

Sara. Ela estava pelo menos vinte quilos mais gorda do que era quando pré-

adolescente. Usava tanta maquiagem quanto sua mãe. Seu cabelo castanho

estava frisado como o de Debbie. Debbie Júnior, Kate pensou. Emily, por outro

P á g i n a | **234**

lado, não parecia nada com sua mãe ou com seu pai. Ela ainda era alta e

magra. Seus longos cabelos louros chegavam até a cintura. Era uma jovem

bonita. O coração de Kate deu uma guinada quando a viu. Ela colocou a foto

em sua bolsa. Não tinha intenção de devolvê-la.

Kate tinha um tempo livre antes de ver o apartamento. Ela dirigiu pela

cidade para se familiarizar com a área. A cidade crescera muito desde que

esteve lá pela última vez. Havia shopping centers em todos os cruzamentos.

Condomínios fechados. Cinemas. As estradas tinham quatro faixas. Progresso.

As avenidas estavam alinhadas com palmeiras e flores multicoloridas. Muito

bonito.

Antes de se dar conta de onde estava, Kate se viu em uma rua menos

movimentada. Ela sabia o que estava fazendo. Estava procurando o escritório

de Coleman Fitzpatrick. Ele ainda estava localizado no mesmo prédio.

Despretensioso, nada extravagante, mas ela se lembrava da decoração elegante.

Ele dissera que Suzanne tinha decorado pessoalmente. Muitas antiguidades e

sofás e poltronas confortáveis.

Tentada a parar para dizer um oi, Kate pisou no acelerador. Ela não

podia ver Coleman. Ele iria querer saber o que ela estava fazendo em Naples. E

de maneira nenhuma contaria seus planos para um advogado.

A menos que quisesse ir para a cadeia. E ela não queria. Pelo menos não

por enquanto.

P á g i n a | **235**

Capítulo 25

A luz do sol passava entre as ripas de madeira nas persianas. Don gemeu

e se virou. Ele as fechara à noite. A vaca devia ter aberto de manhã antes de ir

para o escritório. Ele não se lembrava do quanto tinha bebido na noite anterior

no clube. Um dos garçons o trouxera para casa. Não sabia qual, droga, mas não

se importava. Ele perdera sua licença há três anos. Levaria mais dois até poder

ter outra. Quatro multas. Condução sob a influência do álcool.

Ele se forçou a ficar em uma posição ereta, arrastando os lençóis com

ele. Estava com as mesmas roupas que usara na noite passada. Cheirava a

álcool e suor.

Precisava de um banho, mas não tinha certeza se conseguiria. Sua

cabeça rufava de dor, sua garganta estava seca e amarga. Ele conseguiu ficar em

pé. Um pé na frente do outro. Esquerdo. Direito. Esquerdo. Direito. Mais dez.

Um. Dois. Três. Quatro. Sabia exatamente quantos passos dar até o chuveiro.

Ele contara uma vez. Pelo menos ainda conseguia contar, pensou. Ligou o

chuveiro. Dez duchas. Entrou deixando a água quente surrá-lo.
Apoiou-se no

mármore frio por dez minutos antes de se sentir estável o suficiente
para pegar o

sabonete. Ele se ensaboou e passou xampu no que sobrara de seu
cabelo.

Encontrou uma lâmina e um creme de barbear nas prateleiras do
box. Nada

muito bom para a família Winter, não é? Fez uma tentativa não
muito

empenhada de se barbear sem cortar sua garganta. Isso tinha
algum valor, pois,

pelo tanto que suas mãos tremiam, estava surpreso por não ter
fatiado sua

jugular há anos.

Ele já não se importava com a vida há seis anos. Primeiro, perdera
seu

trabalho na empresa de engenharia depois de pedirem falência.
Tentou abrir um

escritório próprio. Com absolutamente tudo hipotecado, não
conseguiu pegar os

P á g i n a | **236**

empréstimos de que precisava. Fora a todos os bancos da cidade.
Depois em

Miami. Fort Lauderdale. Ninguém queria emprestar um centavo, muito menos

os dois milhões que ele estava pedindo. Esperava alguma coisa do processo civil

contra os Rocket. Aquilo continuou no tribunal por quatro anos até que

finalmente aceitou o fato de que Alex o vencera mesmo na morte. O filho da

puta. Mesmo antes de ser preso, ele garantiu que sua fortuna ficasse intocável.

Don contratara muitos advogados na esperança de encontrar algo que

permitisse que a fortuna de Alex caísse em suas mãos. Não teve jeito. Ele

finalmente desistira. Debbie até contratou e pagou alguns advogados ela

mesma. Nem mesmo ela, a invencível Sra. Winter, conseguira cortar as

correntes que Alex colocara em sua fortuna.

Saiu do banho, puxou uma grossa toalha branca de um cesto de vime

branco e a envolveu na cintura. Ele estava acabado, pensou, ao se ver no

espelho. Não conseguia se lembrar da última vez que vira o interior de uma

academia. Sua pele estava flácida, como os homens velhos do clube. Muito sol,

muita bebida. Foda-se, pensou ao dar as costas para seu reflexo.

Na cozinha, Don colocou a sobra de café em uma caneca e bebeu, apesar de estar na temperatura ambiente.

Agora, o que ele faria hoje? Como se tivesse escolha. Ele ligaria para um

táxi para levá-lo ao clube. Ficaria no bar a maior parte da tarde. Lá, ele tentaria

agir como se tivesse alguma coisa em casa para a qual voltar, e depois beberia

até desmaiar. Às vezes, nem se incomodava em voltar para casa. Eles sabiam

que ele era um bêbado no clube. Se ficasse barulhento, um dos garçons o levava

para casa. Ele raramente ficava barulhento. O esforço não valia a pena.

Ele se lembrava do dia em que sua vida dera uma reviravolta para pior.

Debbie e as garotas tinham ido fazer compras, como sempre. Ele procurava por uma caixa de fósforos, acima de tudo. Passara a curtir um

cachimbo de vez em quando, mas só quando as garotas estavam fora de casa.

Apesar de Debbie fumar cigarros Kool como se fossem sair de moda, ele não

conseguia encontrar a porcaria de um fósforo para salvar sua vida. Procurara

nas gavetas da cozinha. Nada. Depois se lembrou de que Debbie fumava na

cama, mais do que em outros lugares. Foi até seu quarto procurar um isqueiro e

P á g i n a | **237**

o que ele encontrou mudou sua vida para sempre. Como ele quisera nunca ter

começado a fumar cachimbo.

Ele sabia que Debbie escrevia em um diário, ou uma agenda, seja lá

como chamam isso hoje em dia. E não estava nem um pouco interessado em

saber seus pensamentos mais profundos ou segredos obscuros. Seja lá o que ela

escrevesse, ele tinha certeza de que não seria nada do seu interesse. A procura

pelos fósforos certamente mudara aquilo.

Quando vasculhava a gaveta da mesa de cabeceira, ele encontrou sua

agenda aberta, seus floreios de menina saltando nele. Não foi sua caligrafia que

chamou sua atenção. Foram as palavras.

Eu falei para Sara que ela tinha que fazer aquilo. Prometi que iria valer a

pena para o resto de sua vida. Ela parecia não se importar mesmo. Ela me disse

que sabia sobre a Emily e isso foi suficiente. Sara não gostava da sua irmã, de

qualquer forma. Apesar de não gostar do fato de que as minhas duas meninas se

odeiem, encontrei um jeito de fazer isso ser vantajoso para mim. Don me

mataria se descobrisse isso. Ele não vai descobrir. Ele está muito ocupado

tentando passar uma boa impressão para aqueles imbecis para quem trabalha. E

eu não acabei escolhendo um perdedor? Eu deveria ter ido atrás de Alex quando

tive chance. Ele ofereceu tomar conta de mim e da criança, mas nunca falou

sobre casamento. Eu queria tudo ou nada. Com toda certeza eu não seria o

acessório prático de Alex Rocket. Achei que houvesse esperança para Don. Tá

vendo o que acabei tendo?

A passagem seguinte o deixou pasmado.

Pois é! Aquele filho da puta acreditou! Falei para a Sara que ela deveria

considerar ser atriz. Ela ganharia um Oscar por sua performance.

Ele não lera mais adiante. Na turbulência sobre o que fazer, decidiu que

falaria com um advogado. Eles estavam ligados pela relação confidencial de

advogado-cliente, então não importava o que acontecesse, ele teria essa

segurança. Uma semana antes de seu compromisso marcado, Alex foi morto

em uma rixa de cadeia. Don começara a beber naquele dia e não parara mais.

P á g i n a | **238**

Aquela vaca e sua cria malévola mentiram sobre seu melhor amigo. Elas

mataram Alex assim como o homem que enfiou a faca em suas entranhas.

Ele vivia com aquele tormento diariamente. Todos os dias, ele

considerava tirar sua vida, mas depois pensava no contentamento que isso traria

para Debbie e decidia não o fazer.

Ele voltou para a cama com metade de uma garrafa de vodca barata.

Talvez morresse dormindo. Algumas vezes ele rezava para que isso acontecesse

para não ter que encarar outro dia. Achava cada vez mais difícil conviver com o

que Debbie forçara Sara a fazer. Sara não parecia se importar de nenhuma

maneira. Ela só pensava em homens e comida. Don sabia que ela era uma vadia

e não se importava. Ele já esperava que ela pegasse uma doença sexualmente

transmissível. Talvez isso a fizesse parar um pouco. Debbie permitira que ela

tomasse medidas anticoncepcionais quando tinha 15 anos. Deus, ele não dissera

uma palavra. Não, ele só se importava em ganhar dinheiro e construir um nome

para ele. Pelo menos Debbie acertou nessa.

A cereja do bolo, a gota d'água, chame como quiser — ele sempre suspeitara que Emily não fosse sua filha. Mas nem em um milhão de anos ele

pensaria que seu amigo tinha dormido com sua mulher. Não o bom Alex. Ele

era muito bom para fazer algo tão... masculino.

Emily certamente era muito parecida com Alex. Ela amava animais.

Caramba, ela estava estudando para ser veterinária. Alex ficaria orgulhoso dela

se estivesse vivo.

Don se perguntava se Alex alguma vez suspeitara que ele sabia sobre seu

caso com Debbie. Se suspeitasse, ele certamente nunca deu a entender. Você

pensa em o quanto acha que conhece alguém e, boom, eles vão e puxam algo

que você nunca nem sonharia.

Apesar de seu melhor amigo ter dormido com sua esposa, tê-la

engravidado e continuado com sua vida, Alex não merecia morrer. Don passou

muitas horas se perguntando por que Debbie colocou Sara naquela encenação.

Ele ainda precisava descobrir isso. Ele tentara procurar em seus diários e não

P á g i n a | 239

encontrou nada. Concluiu que Debbie tinha inveja de Kate e de sua vida com

Alex. Ela fez o que fez por puro rancor e nada mais.

Ele bebeu um gole de vodca direto da garrafa. Fazia pouco efeito nele.

Acabou com aquela garrafa e foi procurar outra. Uma coisa ele poderia

agradecer a Debbie: ela o mantinha abastecido com muitas bebidas, cuidava das

contas da casa e basicamente o deixava em paz. Ele nem tinha certeza do

porquê ainda estavam casados. As garotas estavam crescidas, e ele tinha certeza

de que Sara não dava a mínima se seus pais estivessem casados, divorciados ou

mortos. Emily se mandara depois da formatura e raramente ligava. Debbie

provavelmente gostava de tê-lo por perto porque teria alguém em quem

mandar. Ela era assim.

O toque agudo do telefone o fez pular, derrubando bebida nos lençóis

brancos. Quem ligava? O telefone continuou a tocar.

Ele se inclinou sobre a cama e pegou o telefone sem fio da mesa de cabeceira.

— Sim? — disse ao telefone. Ele perdera qualquer classe que tivera há

muito tempo e sabia disso.

— Estou procurando por Don Winter — uma voz masculina disse.

— Você é, huh? Bem, quem está procurando? Talvez eu veja se consigo

encontrá-lo. — Don riu com sua voz de humor doentio.

— Meu nome é Coleman Fitzpatrick.

Não é o advogado que conseguiu derrubar o julgamento de Alex logo

antes de ele ser assassinado?

— Então, o que você quer comigo?

— Então estou falando com o Sr. Winter? — a voz do outro lado perguntou.

P á g i n a | **240**

— Não, isto é uma gravação. Claro que é o Sr. Winter.

— Entendo. Peguei você em um momento ruim, certo — disse Coleman.

— Por que acha isso? — Don perguntou. Ele estava se divertindo brincando com aquele homem.

— Você parece... cansado.

— Você quer dizer bêbado? Sim, bem, estou. Estou bêbado o tempo todo. Eu gosto disso. O que acha disso, Sr. Coleman?

— Acho que é um jeito triste para se estar, Sr. Winter. Agora, se quiser

saber por que liguei...

— Ei, era a minha próxima pergunta. O que você quer?

— Sei que você era um grande amigo de Alex Rocket.

Don sentiu como se tivesse levado um chute no estômago. — E daí?
O

cara tá morto.

— Sei disso. Estou tentando encontrar a viúva dele, Kate Rocket.
Pensei

que você ou sua mulher talvez... Pensei que pudessem saber onde
posso

contatá-la.

— Ora, se não é para embasbacar. Por que diabos você pensaria
que eu

ou minha mulher saberíamos onde Kate está? Seu marido
pervertido molestou

minha filha. Você acha que nós nos importamos com o que
aconteceu com ela?

De jeito nenhum. Não nos importamos.

— Então me desculpe por incomodá-lo. Obrigado por seu tempo —
disse Coleman.

— Ei, espere. Não desligue. Não ligou para aquela casa de
cachorros na

Carolina do Norte? Kate provavelmente está lá com outro homem para cuidar

P á g i n a | **241**

dos cachorros de seus pais. Sim, aposto que é exatamente lá que ela está. —

Don riu ao telefone.

— Obrigado por seu tempo, Sr. Winter.

Clique.

Droga, ele desligou. Justo quando eu estava pensando em Alex, esse

advogado aparece. Quem diria.

Mesmo assim, estava curioso, apesar de estar sonolento. Ele ligaria para

Debbie no escritório. Ela era intrometida pra caramba. Talvez soubesse o que

Coleman Fitzpatrick queria.

Ele discou seu número privativo. Se ela estivesse lá, atenderia.

— Debbie Winter — ela disse quando atendeu ao telefone.

— Sou eu.

— O que foi, já acabaram as bebidas? — ela disse.

— Não. Eu ia te contar que certo advogado ligou, mas, se você vai agir

como uma vaca, esqueça.

— Que advogado? — ela insistiu.

Ele podia ouvir a tensão repentina em sua voz. Talvez ela estivesse metida em algum problema. Ele podia imaginar.

— Coleman Fitzpatrick.

Ele a ouviu suspirar.

— O que ele queria?

— Não sei. Ele estava procurando Kate.

P á g i n a | **242**

— Depois de tantos anos, por que ele procuraria Kate? A menos que ele

estivesse escondendo dinheiro. Aposto que é isso. Ele deixou um número? Vou

ligar para ele eu mesma.

Debbie colocava dinheiro em qualquer coisa que se pudesse imaginar.

Ela poderia estar certa. Por que mais ele procuraria Kate se não fosse para dizer

que a fortuna do Alex era dela? — Vou verificar o identificador de chamadas.

Espere. — Ele olhou no visor do telefone portátil. — É 550-9188.

— Te ligo de volta — disse Debbie e depois desligou.

Imagine. A cadela gananciosa já está em ação. Mas, se ela aparecer com

dinheiro extra, mais poder para ela.

Don Winter já não queria mais abrir seu escritório. Seu cérebro estava

frito de tanto beber . Além do mais, ele já não estava nem aí àquela altura do

campeonato.

De repente um pensamento lhe ocorreu. Uma epifania, você pode dizer.

Ele tinha um baú de tesouros que poderia usar para chantagear sua mulher.

Por que ele não pensou nisso antes? Muito álcool, ele supôs. Ele recuaría

por um tempo. Ver o que ela consegue com Fitzpatrick. Se não tivesse nada

para ganhar financeiramente com ele, talvez fosse hora de fazer sua esposa

pagar por seus pecados.

Sim, era a hora de Debbie ser punida por suas mentiras.

E ele sabia exatamente onde tocar.

Na boa e velha carteira.

Ninguém dava mais valor ao dinheiro do que sua mulher.

Ninguém.

P á g i n a | **243**

Debbie se perguntou o que o advogado de Alex poderia querer. Teria

que ser alguma coisa mais que só procurar Kate. Ele tinha um investigador. Se

quisesse tanto encontrar Kate, teria encontrado. Não, ela sabia que havia algo a

mais. Sabia que Fitzpatrick foi o último homem, fora os detentos, que viu Alex

vivo. Seria possível ele ter ficado sabendo de algo que não deveria? Será que

Alex revelara o segredo que prometera levar para o túmulo? Ela duvidava, mas

não iria correr riscos. Por causa do segredo, ela nunca teve que se preocupar

com finanças. Se Don soubesse, ele teria morrido de desgosto. Depois de todos

aqueles anos, ele ainda estava sendo sustentado pelo dinheiro que o bom e

velho Alex deixara para Emily, com Debbie como administradora. Ela riu com

esse pensamento, mas o dinheiro de Alex também permitiu que ela abrisse sua

própria imobiliária, que por sua vez sustentava os vícios de Don por bebida e os

vícios de Sara por comida. Emily, apesar de não ter este conhecimento, nunca

precisaria se preocupar de onde viriam suas refeições. Deixe-a pensar que a boa

e velha mamãe estava trabalhando duro para mandá-la para aquela escola

veterinária estúpida. Ela era tão parecida com Alex que era patético. Amante

dos animais. Amiga daqueles que não tinham amigos. Uma ajuda para os

idosos. O fato de Emily ser tão benfeitora quase a fazia engasgar. Pelo menos

não precisava olhar para ela. Ela ligava de vez em quando, mas nunca voltara

para casa desde sua formatura do colegial.

Ninguém mais conhecia seu segredo. Exceto Sara, aquela vaca

intrometida. Durante todos aqueles anos, ouvira suas conversas com Alex sobre

Emily. Elas planejaram a queda de Alex, e isso funcionou. Ela fizera o que

precisava fazer por sua família. Qualquer um em seu lugar teria feito a mesma

coisa. Ela nunca pensou que Alex seria condenado, mas ela não tinha percebido

como Sara era uma ótima atriz. Quando ele foi para a prisão, ela sentiu um

pouco de culpa, mas não por muito tempo. Alex Rocket pensava que era

melhor do que todos. Bem, a última palavra seria dela. E eis que foi, e ainda

melhor do que ela poderia imaginar. Ela se perguntava o que Kate pensaria se

soubesse como Alex a traía. Debbie riu. Talvez ela tentasse encontrá-la

também. Depois. Agora ela tinha uma ligação para fazer.

Apertando os números, ela olhou para suas unhas. Precisava de uma

manicure. Iria pedir para sua manicure começar a vir até seu escritório. Debbie

não tinha tempo para tarefas tão inferiores.

P á g i n a | **244**

— Alô — disse a voz masculina.

— É Coleman Fitzpatrick? — perguntou Debbie com a voz mais doce.

— Sim, é ele.

— Aqui é Debbie Winter. Desculpe atrapalhar você. Meu marido, que

não está bem, falou comigo. Disse que você ligou. Receio que ele não possa ser

de muita ajuda esses dias. Ele esteve muito doente pelos últimos meses.

— Ah, Sra. Winter. Sim, eu falei com seu marido. Expliquei que estive

procurando a Sra. Rocket. Pensei que pudesse haver uma possibilidade remota

de que soubessem como posso entrar em contato com ela.

— De jeito nenhum! Depois do que Alex fez com minha filha, eles são

as últimas pessoas na Terra com quem eu manteria contato. Perdoe-me por

perguntar, Sr. Fitzpatrick, mas você não é um advogado? Você não tem um

investigador para fazer seu trabalho sujo?

— Sim, sou um advogado e, sim, tenho um investigador para fazer, como você colocou, meu trabalho —sujo|. Nós não conseguimos localizar a Sra.

Rocket. Esse foi o motivo da minha ligação. Como disse, eu tinha alguma

esperança de que você ou o Sr. Winter pudessem saber como entrar em contato

com ela.

O cérebro de Debbie estava girando. Alguma coisa estava errada.

— Não tenho motivos para manter contato com Kate. Nós nunca gostamos uma da outra, para começar. Importa-se se eu perguntar por que você

quer entrar em contato com ela depois de todos esses anos?

— É pessoal, Sra. Winter, estou certo de que você entende. Obrigado por

seu tempo para retornar a ligação.

Desligou.

P á g i n a | **245**

Bem, ela ainda tinha alguns contatos e alguns truques na manga.

Descobriria exatamente o porquê de Coleman Fitzpatrick querer contatar Kate.

Ela apostaria que tinha alguma coisa a ver com os bens de Alex. Esse

Fitzpatrick pode ter a chave para a fortuna protegida de Alex.

Ela estivera em Naples por tempo suficiente para poder cobrar alguns

favores. Debbie passaria o resto do dia ligando para cobrá-los.

— Melanie, será que você pode vir até meu escritório? — Debbie ligou

pelo intercomunicador. Melanie, ela achava, era o nome da garota.

— Sim, Sra. Winter? — disse Melanie. — O que posso fazer?

Debbie gostava dessa garota. — Vou ficar no escritório pelo resto da

tarde. Estarei ao telefone. Anote todas as ligações, remarque todos os

compromissos do dia. E, acima de tudo, não quero ser incomodada a menos

que o lugar esteja pegando fogo. Você acha que pode fazer isso por mim?

— Claro, Sra. Winter. Mais alguma coisa?

— Não, agora vá. Volte para a recepção. E lembre-se, não me incomode

a menos que seja caso de vida ou morte.

— Claro, Sra. Winter.

Debbie achava sua nova recepcionista um pouco cabeça de vento. Mas,

se ela seguisse as regras, ela veria se manteria seu trabalho por um tempo. Ela

não tinha tolerância para preguiça e burrice. Algumas das meninas que ela

contratava para atender aos telefones não faziam ideia de como colocar uma

chamada em espera. Deus, aonde o mundo ia parar?

Ela se lembrou de quando trabalhava em uma padaria em Nova York.

Estava no colegial. Praticamente administrava o negócio, desde pegar todos os

pedidos até planejar o cardápio. Nunca aprendeu a cozinhar, mas podia fazer

um sanduíche quando quisesse. Ela precisava trabalhar para comer. Sua mãe

estava bêbada a maior parte do tempo. Seu pai a deixara quando ela era nova.

Ela não se lembrava muito dele. Seu objetivo de vida era sair de Nova York e se

P á g i n a | **246**

casar com um homem rico. Ela completara metade do objetivo. E, enquanto

não fosse rica, precisaria se desdobrar para comer.

Ela se levantou e fechou a porta. Melanie se esquecera de fechar aquela

porcaria quando saiu. Talvez fosse burra mesmo. Bem, Debbie tinha coisas

mais importantes com as quais ocupar seu tempo.

Coleman estava cansado. Passara a primeira metade de seu dia ao

telefone, uma coisa da qual não gostava muito, mas sabia que era necessário.

Ele iria se aposentar. Vendera sua casa três meses atrás. Ele tinha seis meses até

que os novos proprietários se mudassem para lá. Metade do caminho, ele

pensou. O tempo voa.

Ele fizera uma promessa que ainda precisava cumprir. Se não o fizesse

antes de se mudar formalmente para as montanhas, sua aposentadoria iria

consistir em nada mais do que procurar Kate Rocket para poder honrar a

promessa a Alex. Ele tentara inúmeras vezes telefonar para Kate depois da

morte de Alex. Voou duas vezes com seu avião até a Carolina do Norte,

pensando que, se ele estivesse em sua porta, ela não conseguiria rejeitá-lo. Ela o

surpreendeu quando se recusou a vê-lo. Coleman achou que fossem amigos.

Ele nunca abriu o grande envelope pardo que Alex lhe tinha confiado.

Era apenas para Kate ler. Ele respeitava aquilo. Até onde sabia, tinha três meses

para encontrar Kate.

Seu investigador a localizara há três anos em Orlando. Ele até conseguiu

o endereço. Coleman viajou algumas vezes para Orlando, mas nunca a

encontrou. Ele entendia sua dor. Ele perdera sua mulher para o câncer.

Durantes todos aqueles anos, quis confortar Kate. Ele poderia ter lhe falado que

o tempo realmente acalma a dor. Tinha boas memórias de sua mulher. Kate

tivera bons momentos com Alex. Foi só a última metade do ano de sua vida

que eles agonizaram por conta da prisão e do julgamento. Foi um período triste

para o casal.

P á g i n a | 247

Ele ainda faria mais uma tentativa de encontrar Kate. Se não conseguisse, bem, cruzaria a ponte quando fosse necessário.

P á g i n a | 248

Capítulo 27

Kate parou em um Burger King, fez um lanche rápido e depois voltou

para o escritório de Debbie. Ela faria um pagamento inicial pelo apartamento se

isso fosse necessário para ficar na presença de Debbie. Continuará com seu

plano a qualquer custo. Mas, de mulher para mulher, Kate sabia que, se a

aspirante a miss não a reconhecesse, ela estaria pronta para entrar em ação.

Kate esperou mais meia hora no estacionamento para matar o tempo,

não queria parecer tão ansiosa. Penteou os cabelos e reaplicou seu gloss.

Adicionou um pouco mais de blush nas bochechas. Cinco minutos depois, ela

estava na recepção pela segunda vez.

— Sra. Ramsey, você chegou um pouco cedo. Não tenho certeza se Randi já voltou de sua última mostra. Vou verificar.

Rocket não era um nome comum. Ramsey era seu nome de solteira,

então ela se sentiu confortável ao usá-lo. Se tentasse se passar por Cindy Lou

Who ou Suzy Q, ela não seria capaz de manter suas próprias mentiras. Era

melhor fazer isso da forma simples.

Kate continuou no balcão de recepção. Ela perscrutou o longo corredor,

esperando dar uma olhada na proprietária, mas a porta de seu escritório estava

fechada. Isso significava que ela estava lá trabalhando ou seus funcionários

mantinham a porta do escritório da chefe fechada quando ela estava fora? Kate

veria se ela conseguiria tirar alguma coisa — ela se inclinou para olhar a placa

de identificação ao lado do computador da garota — de Melanie. Sim, Melanie

gostava de fofocar. Ela tinha voltado.

P á g i n a | 249

— Randi não está aqui. Por que não relaxa com uma revista enquanto

espera? Temos todas as edições recentes.

— Ah, sabe, Melanie, eu gostaria de uma Coca ou alguma coisa gelada

para beber. Tudo bem se eu esperar na cozinha?

— Ah, me desculpe! É claro. Que grosseria de minha parte. A Sra. Winter me mataria...

— Por que eu vou te matar desta vez, mocinha? — Debbie Winter perguntou enquanto contornava a quina.

— É, ah, nada. Sra. Winter, eu estava falando para a Sra. Ramsey que

ela pode esperar na cozinha. Ela tem um compromisso com Randi, mas ela

ainda não voltou.

Kate parou a um metro de Debbie. Ela ainda nem tinha olhado em sua

direção. Ainda era Debbie. Muita maquiagem, Kate pensou, apesar de suas

roupas serem bonitas. Ela usava uma calça de linho branca com uma blusa rosa

claro. Sandálias rosa combinavam com a blusa. Ela aprendera um pouco sobre

moda desde a última vez que a vira.

Debbie olhou no relógio.

— Que horas é a mostra? Talvez eu possa levá-la, qual é mesmo seu

nome? — Debbie perguntou para Kate.

— Sra. Ramsey. Kate Ramsey. — Ela esperou por algum sinal de reconhecimento. Até então tudo bem.

— Fale para Randi avisar o meu escritório quando voltar. Não deveria

demorar tanto. Sra. Ramsey, eu ficaria feliz em mostrar-lhe o imóvel. Sou

Debbie Winter, a proprietária. — Ela esticou uma mão profissionalmente bem

cuidada.

Kate estava nervosa, mas não queria demonstrar. — Se você insiste. Não

gostaria de fazê-la negligenciar seus clientes. — O sotaque sulista era forte. Kate

P á g i n a | **250**

esperou que Debbie não percebesse sua falsidade, apesar de achar que estava

falando bem.

— Não, limpei minha agenda do dia. Estava indo para casa.
Melanie,

me dê a ficha da Sra. Ramsey.

— Tem um apartamento que eu queria ver.

— Sim, mas, se você não ficar feliz com ele, podemos ver se tem alguma

outra coisa listada. Sra. Ramsey, deixe eu lhe contar um segredo. É difícil

conseguir uma propriedade em Naples. Se você vir algo que goste, é melhor

arrebatá-lo. É assim que acontece. — Ela estalou os dedos bem cuidados.

— É claro. Então vamos. Eu também tenho uma agenda para cumprir.

— Kate sabia que soava arrogante, mas ela não deixaria Debbie mandar nela.

Ela não ligava se era a dona da porcaria da imobiliária.

Debbie parou antes de ir para a porta. — Melanie, se um Sr. Fitzpatrick

retornar minha ligação, dê o número de meu celular.

Kate ficou surpresa, mas Fitzpatrick não era um nome tão raro. Não poderia ser o Coleman. Poderia?

— Desculpe. Esse homem ligou hoje de manhã. Ele é um advogado que

está procurando uma velha amiga. Pensei ter algo a dizer para ele. Você é nova

na região? — Debbie perguntou.

Levou um minuto para Kate encontrar sua voz. — Sim, estive aqui por

alguns meses. Eu me divorciei, precisava de uma mudança.

Um advogado procurando uma velha amiga. Quais são as chances?

— Você vai encontrar muitos solteiros disponíveis aqui, mas a maioria é

muito velha para se aproveitar, se é que você me entende. Tenho um amigo que

talvez se interesse em conhecer você. — Ela se sentiu em um leilão enquanto

Debbie a analisava.

P á g i n a | **251**

Kate teve certeza de que estava ouvindo coisas. Elas estavam andando

em direção ao que Kate supôs que fosse o carro de Debbie. Ela estava tentando

armar um encontro para ela? Não conseguia imaginar o que faria se elas

passassem alguns dias juntas. Ela arranjaria seu casamento. Caramba, foi assim

que Debbie vendeu centenas de milhares de dólares em imóveis?

— Obrigada, mas ainda não estou procurando um namorado. Eu preciso... Quero curtir estar sozinha por um tempo.

Debbie destravou a porta de um Jaguar branco lustroso.

— Como quiser, mas as noites podem ficar solitárias. — Ela abriu a porta. Isto estava muito fácil.

— Você não é casada? — Kate perguntou.

Debbie respirou profundamente.

— Sim. Meu marido está muito doente. Não espero que ele viva muito

mais.

O Don está morrendo?

— Sinto muito. Você parece muito jovem para ter um marido velho o

bastante para morrer.

Debbie bufou. — O quão velho se precisa ser? Ah, esqueça que disse

isso. Meu marido não está morrendo de uma doença terminal. Ele só está

acabando com seu fígado.

Kate riu. — Ah, bem, isso é péssimo.

Elas dirigiram pela Highway 41, a estrada que dá acesso para tudo em

Naples. Fizeram algumas paradas e curvas.

— Vanderbilt Beach é um ótimo lugar. O preço está muito bom para ser

verdade. Você não vai encontrar outro apartamento como este. Vamos.

P á g i n a | **252**

Debbie mostrou sua identidade para o funcionário do estacionamento e

ele a deixou passar. Elas estacionaram debaixo de uma pequena sombra.

Kate seguiu Debbie. Por um momento ela se sentiu uma idiota por fingir

que era outra pessoa. Depois pensou em Alex. Isso era por ele, não importava o

quão estúpido de repente parecesse.

O ar-condicionado do hall foi ótimo para Kate. De jeito nenhum ela iria

comprar um apartamento lá, com vista para o mar ou não.

— Este é no décimo andar. Dá para o Golfo do México.

Fora do elevador, elas encontraram a unidade à venda. Debbie apalpou

um molho com várias chaves e depois abriu a porta. Ela ficou de lado enquanto

Kate entrava.

Debbie fechou a porta. — Não quero que este ar fresco escape.
Estamos

pagando as contas de eletricidade para o dono até que seja
vendido.

Kate andou pelo apartamento enquanto Debbie apontava o óbvio.

— A cozinha tem equipamentos novos da Jenn-Air. O carpete em
todos

os quartos é novo.

Kate ouviu enquanto Debbie dava todas as estatísticas sobre o
apartamento.

— Claro, a atração principal é a vista. — Debbie abriu as persianas
que

iam do chão até o teto. Era uma linda vista, Kate tinha que admitir.
Praias

brancas e água verde.

— O que você acha? — Debbie perguntou. Ela parecia Carol Merrill
do

Let's Make a Deal com a palma da mão virada para o Golfo.

— Impressionante. — E eu escolho a porta número três, Kate
pensou.

Ela sorriu.

P á g i n a | **253**

— E então? Você quer ou não? — Debbie persistiu.

Kate se perguntou se esta era a técnica que ela usava com todos os seus

clientes. Se fosse, Kate achou muito difícil acreditar que ela vendera centenas de

milhões de dólares em imóveis.

— Eu realmente gostaria de olhar mais imóveis. Este é o primeiro lugar

que vejo.

Ela fechou as persianas. — Bem, não diga que não avisei. Este aqui vai

ser vendido em uma semana, se não em menos tempo.

— Vou me lembrar disso. — Kate mal podia esperar para voltar para o

carro. Debbie ainda era a mesma vadia egocêntrica que sempre fora.

— Vou ver o que Randi listou. Sabe, saí do escritório sem a maldita ficha. Esta não sou eu — Debbie disse.

Kate ficou surpresa por ela admitir que tivesse defeitos. Debbie sempre

foi rápida ao culpar outros por suas falhas.

— Tudo bem. Tenho outras coisas para fazer esta tarde de qualquer maneira.

Quando ela entrou no Jaguar, Debbie ligou o ar-condicionado muito

forte. — Este calor deixa meu cabelo frisado. Nunca vou me acostumar com

isso. Graças a Deus existe ar central e piscinas.

Kate riu. Debbie sempre se preocupou com seu cabelo. Nenhuma novidade. Ela esperava que Debbie mencionasse suas filhas, mas, como elas

voltaram para o escritório, Kate decidiu que era sua última chance.

— Debbie, você tem filhos? Não me lembro se você disse se tinha ou

não.

P á g i n a | **254**

Debbie disparou um olhar que dizia que sabia que ela estava mentindo,

mas respondeu mesmo assim.

— Tenho duas filhas. Elas estão crescidas. A mais velha está estudando

para ser veterinária, acredita? A minha mais nova, bem, ela ainda não

encontrou seu lugar. Ela ajuda no escritório de vez em quando. E você, tem

filhos?

Kate não sabia se contava a verdade ou se mentia. Ela decidiu ficar no

meio.

— Eu tive uma enteada.

— Teve? Ela morreu ou algo assim?

Kate estava chocada com sua grosseria.

— Não, o pai dela e eu nos divorcamos.

— Então, ela não gostava de ter uma madrasta.

Kate virou os olhos. — Na verdade, nós nos dávamos muito bem.

Houve uma situação que ela não pôde controlar. Não a vejo há um bom tempo.

— Ouça meu conselho. Esqueça. Ter crianças não é tão bom como dizem. Eu passei os melhores anos de minha vida cuidando de duas garotinhas.

Como elas me agradeceram? Uma vai embora para a faculdade e a outra, bem,

é um verdadeiro prêmio. Há algo de errado com ela. Ela não é boa da cabeça,

nunca foi, desde criança, mas essa é uma história completamente diferente. Não

me entenda mal, eu amo minhas filhas. Só gostaria que elas fossem mais como

eu.

Que Deus nos ajude, Kate rezou silenciosamente.

Elas pararam na área de estacionamento antes que Kate tivesse uma

chance de responder.

P á g i n a | **255**

Ela não queria entrar novamente no escritório.

— Estou atrasada, Debbie. Vou ligar para a Randi amanhã e ver quais

outros imóveis ela tem para mim. — Ela tirou as chaves de sua bolsa.

— Bem, tanto faz. O cliente tem sempre razão. Se mudar de ideia em

relação ao encontro, me ligue. Esse cara seria perfeito para você.

— Obrigada, mas, como disse, não estou pronta para namorar.

— Seja como for, até mais. — Debbie entrou no escritório balançando a

mão.

Kate entrou em seu carro, acionou o motor e ligou o ar-condicionado.

Estava quente demais dentro do veículo.

Ela aprendeu muito hoje. Já tinha suposto que Emily estava estudando

para ser veterinária. Agora ela tinha certeza. Que maravilha!

Kate estava muito feliz por ela. Emily sempre amara os animais como

Alex. Ele ficaria muito orgulhoso de saber que todo aquele tempo que ela

passara com ele no canil a marcara tanto.

E então havia aquela mensagem que Debbie deixara para Coleman.

Kate não conseguia imaginar quais eram as chances de Coleman contatar

Debbie na esperança de encontrá-la. Talvez algum dia, quando cumprisse sua

meta, ela ligasse para ele. Ela havia se preparado para isso nos cinco anos em

que trabalhou na Receita Federal. Não permitiria uma amizade entrar em seu

caminho, por melhor que Coleman tenha sido para ela no passado.

E então tinha a Sara. Era evidente que ela estava dificultando as coisas

para sua mãe. Isso não surpreendia Kate. Ela se lembrou de que, há alguns

anos, Gertie disse para ela que achava que Sara tinha problemas mentais.

Estava certa.

Don era alcoólatra. Isso realmente não a surpreendia nem um pouco.

Ele sempre abusou da bebida. Ano após ano, o que se poderia esperar? Deve ser

P á g i n a | **256**

por isso que não havia registros de emprego para ele. Parecia que era Debbie

quem ganhava o pão.

Era hora de colocar seu plano em ação. Ela agora sabia onde seriam suas

primeiras pinceladas mágicas.

— Como assim minha conta está negativa? Eu nunca dei um cheque sem fundos nessa droga de banco. Volte e verifique seus registros. Eu tenho

milhares de dólares no seu banco! — Debbie estava tão enfurecida que violou

uma de suas regras cardinais sobre não fumar no escritório. Que se dane, eu sou

dona dessa droga de lugar.

— O quê? Quando? — Debbie gritou com o gerente do banco. — Estou

indo aí agora mesmo.

Se descobrisse que Don conseguiu ter acesso à sua conta, ela iria jogar

seu traseiro sem valor na rua. Não sei por que eu o mantenho por perto. Ele é

tão inútil quanto mamilos em um homem.

Ela correu pela Highway 41 até o Sun Bank. Dizer que ela estava negativa em 43 mil dólares! Ela sabia exatamente cada centavo que tinha em

suas contas. Tinha muito para cobrir suas despesas todo mês. Ela não estava

negativa. Algum desses adolescentezinhos que trabalha no banco bagunçou

suas contas. Se ela precisasse arrancar cada fio de cabelo da cabeça daquele

gerente estúpido, ela o faria. Ele garantiu que não era um engano. Disse que ela

mesma tinha feito as retiradas.

Ela praticamente deslizou para dentro do estacionamento do banco e

correu para dentro. Eles não mexeriam com seu dinheiro. Estavam prestes a

descobrir o quão furiosa ela estava.

Entrou no banco, passando na frente de vários clientes que esperavam na

fila.

P á g i n a | **257**

— Onde está o gerente? Ele acabou de me ligar. Diga que Debbie Winter

está aqui e eu quero falar com ele agora! — Ela bateu com o punho para

ênfaticamente como estava brava. Uma mulher mais velha na fila deu um pulo. —

Desculpe — Debbie murmurou enquanto esperava pelo gerente.

Um homem pequeno, exatamente como você imaginaria um típico gerente de banco, saiu correndo do escritório dos fundos. Por um minuto,

Debbie pensou que fosse um anão. Droga, os homens ficam cada vez menores.

Que diabos aconteceu com os altos, morenos e bonitos?

— Sra. Winter? Sou Sheridan Finkel. Por favor, vamos até meu escritório.

Sheridan Finkel? Se ela não estivesse tão chateada, teria rido do nome.

— Sr. Tinkle, Finkel, tanto faz, eu quero ver estas tais grandes retiradas

que supostamente fiz.

Eles entraram em uma típica caixa quadrada — mesa simples, duas cadeiras e uma planta no canto do escritório — típica na maioria dos bancos.

Eles produzem essa merda em massa, Debbie pensou enquanto sentava.

Finkel digitou algumas teclas em seu computador e depois apertou o

botão de impressão.

— Este é o extrato mais recente de sua conta, Sra. Winter. Como pode

ver, a maioria das retiradas foi feita usando o acesso à internet. Eu tomei a

liberdade de verificar seu histórico bancário. Você realmente usa o serviço on-

line com frequência. — Ele lhe entregou os papéis.

Ela deu uma olhada. — Eu não tirei esse tanto de dinheiro da minha conta! Onde ele está? O dinheiro não criou pernas magicamente e saiu andando

deste banco! Quero que você descubra quem pegou meu dinheiro! Se descobrir

que um de seus caixas entrou na minha conta, este banco será meu. Você

entendeu, Sr. Finkel? — Debbie se levantou para sair. Não importava quais

papéis ela havia lido; ela não fizera retiradas de nenhuma de suas contas.

P á g i n a | **258**

— Sra. Winter, a única opção que a senhora tem é fazer um depósito

para cobrir o fundo insuficiente; caso contrário, terei que fechar sua conta

permanentemente. Entendeu?

— Não! Não entendi! Não me importo com o que você precise fazer

para conseguir meu dinheiro de volta, eu o quero na minha conta até o final do

dia ou vou ligar para os Troubleshooters! Eles vão falar sobre isso em todas as

redes de notícias do Estado. Seus clientes vão esvaziar suas contas mais

rapidamente do que eu possa descobrir a fraude. Você entendeu? — Debbie

examinou o rosto do homenzinho.

— Senhora, vou ter que pedir que saia. Se não vou ser obrigado a chamar os seguranças. Por favor.

— Eu vou sair, anãozinho, mas voltarei com meu advogado. Você vai

ver só! — Debbie saiu tempestivamente do banco.

Kate viu a cena enquanto esperava para abrir sua nova conta. Ela tinha

agora mais de 50 mil dólares para depositar, mas esperaria até ter a conta pronta

para acessá-la pela internet. Depois transferiria o dinheiro de Debbie de volta

para seu banco, mas em uma conta diferente. Ela terminou a papelada exigida

para abrir novas contas. Poderia ver suas transações às 2 da tarde do dia

seguinte. Acerto de contas é uma merda, ela pensou enquanto ia embora.

Era apenas o começo. Todos os anos trabalhando na Receita Federal,

estudando o uso de computadores, sem falar nas dezenas de cursos que fez

durante esses anos. Ela tinha poder o suficiente para machucar muita gente com

suas habilidades. Era uma hacker comum. Ela iria se divertir esta noite.

Chegou a seu apartamento com um grande sorriso no rosto. Pegou um

jantar congelado, olhou para todos os ingredientes e o jogou no lixo. Não

preparava uma refeição decente em anos. Era o momento para começar a viver.

Celebraria a ocasião cozinhando uma boa refeição para si mesma. Antes de

mudar de ideia, pegou sua bolsa e a chave do carro.

Kate não fazia compras de supermercado há anos. Ela comprava

porcaria. Era um milagre que não tivesse colesterol alto e doenças do coração

P á g i n a | **259**

com a comida ruim que andava colocando em seu corpo. Ela faria um bom

jantar com massa e salada. Isso seria suficiente para começar. Talvez quando

tudo ficasse no passado ela pudesse apreciar cozinhar novamente. Isto é, se não

fosse pega. Mas nas prisões também precisam de cozinheiros.

Ela pagou sua compra em dinheiro. E se perguntou como Debbie

pagaria por sua próxima compra, fosse o que fosse. Ela ainda tinha alguns

passos a dar, e então a família Winter teria seu dinheiro bloqueado ou seu

crédito bloqueado, como queira chamar. Debbie imploraria para vender

casinhas de cachorro quando Kate acabasse com ela. Outro pensamento lhe

ocorreu. Há uma licença para corretores de imóveis. Com certeza há algum tipo

de código de ética. Vou descobrir.

De volta ao apartamento, ela passou uma hora fazendo o jantar.

Lembrou-se das refeições que costumava fazer para Alex. Ele gostava de tudo,

nunca reclamara de nada como sua cobaia oficial quando se tratava de novas

receitas. Mesmo depois de todos aqueles anos, ela ainda sentia sua falta.

Enquanto esperava a água ferver para a massa, cortou alho, cebolas e

cogumelos. Ela os refogou com manteiga e um toque de azeite de oliva. Um

pouco de creme de leite e um respingo de vinho. Fez uma salada com rúcula,

chicória e alface. Uns farelos de gorgonzola, um punhado de nozes.

Acrescentou um toque de vinagre balsâmico na salada, uma porção de azeite de

oliva. Ela cheirou. Seu apartamento tinha cheiro. De repente, sentiu

necessidade de conversar com a Gertie. Sua velha amiga estava envelhecendo.

Kate não podia se esquecer dela. Gertie dedicou sua vida aos pais de Kate e

depois a ela e a Alex. Desejava que se aposentasse em breve. Lauren ainda

estava na faculdade. Gertie queria que ela pegasse o comando quando se

formasse. Kate teve uma ideia, mas esperaria antes de mencionar qualquer coisa

sobre isso para Gertie.

A massa estava fervendo e a salada estava pronta. Ela quebraria suas

regras só desta vez. Ligaria para a Gertie de casa. Desde que ela se foi, Gertie se

mudou para a casa principal. Ela não queria, mas Kate insistiu. Era mais perto

do canil e, além disso, Kate não queria deixar aquela casa grande vazia. Gertie

trazia alguns cachorros com ela toda tarde e Kate não se incomodava com isso.

Antes de mudar de ideia, ela discou seu número antigo.

P á g i n a | **260**

Kate ficou de olho na massa fervendo.

— Alô.

— Oi, sou eu. — Ela nunca dizia seu nome quando ligava. Sabia que era

besteira, mas era uma daquelas precauções em que insistia.

— Bem, olá. Já estava na hora de ligar — Gertie respondeu.

Kate ouviu o sorriso em sua voz. — Tive que me mudar. Isto levou

algumas semanas de organização. Como você está? E me diga a verdade.

— Nunca minto para você, K... criança. Estou bem. A artrite ainda me

dá nos nervos, mas, além disso, nada de novo, exceto mais filhotes.

— Maravilha. Estou certa de que encontrará boas casas para eles.

— Eu não encontro sempre?

— Sim, claro que encontra. Agora me ouça. Estou fazendo algumas coisas aqui. Todos estes anos planejando estão quase dando frutos. Hoje

observei uma reação a uma parte de meu trabalho. Foi bem satisfatória.

— Aposto que sim. Espero pelos céus que você saiba o que está fazendo.

Eu acho que deveria largar este plano louco e vir para casa.

Quando as conversas chegavam neste ponto, Kate sabia que era hora de

desligar.

— Ligo em breve, Gertie. Amo você. — Desligou o telefone a tempo de

evitar que a massa fervesse demais.

Ela escorreu a massa e derramou o molho caseiro por cima. Sentou-se na

pequena mesa na sala de jantar e comeu toda a comida em um prato. Fazia

muito tempo desde a última vez que comera uma boa refeição. Dizia a si

mesma que não tinha tempo para ela enquanto estava planejando e traçando

P á g i n a | **261**

metas. Era muita distração. Ela vivera como uma freira por anos, agora que

estava colocando o plano em ação, ela se recompensaria vivendo do jeito que

queria.

Quando acabou de comer, Kate levou a louça para a cozinha, a enxaguou e a colocou na lavadora de louças.

Uma hora mais tarde, encontrou o que precisava — acesso aos cartões

de crédito de Debbie. Havia muitos. Visa. MasterCard. Discover. American

Express. Todos tinham dívidas, mas nenhuma era extremamente alta. Alguns

cliques no teclado e tudo estaria diferente. Agora todos estavam no limite e

retidos em todas as contas até que tudo fosse inteiramente pago.

Em seguida, ela iria verificar o código de ética do Conselho dos

Corretores de Imóvel. Para encontrar o que precisava, ela sabia que seria

necessário um pouco de pesquisa. Alguma vez Debbie levou um cliente em

potencial a acreditar que a propriedade que eles estavam vendendo ou

comprando valia mais do que o preço real? Talvez Melanie pudesse informá-la.

Isso significava mais uma ida ao escritório. Kate inventaria uma desculpa para

chegar sem avisar.

Depois Kate descobriu que havia três hipotecas contra a casa dos

Winter. Uma hora mais tarde, elas estavam todas em fase final de encerramento. Levaria alguns dias para o banco gerar a papelada exigida, mas

aconteceria. Talvez Debbie pudesse se mudar para o apartamento que tentou

vender para Kate.

Finalmente ela acessou as três agências de relatório de crédito: Experian,

Equifax e TransUnion.

A avaliação de crédito de Don estava baixa, a falência ainda estava

aparecendo. A de Debbie não era tão terrível. Por enquanto. Levaria algumas

semanas para que as companhias dos cartões de crédito e de sua hipoteca

enviassem os relatórios exigidos para as três agências de relatório de crédito,

mas aconteceria.

Kate fez cópias do trabalho da noite e as trancou em um cofre à prova de

fogo que comprara apenas para este intuito. Chuva, fogo, ela não iria arriscar.

P á g i n a | **262**

Um furacão, ela pegaria o cofre e sairia. Depois Kate deu uma varrida no disco

rígido de seu computador, apagando as evidências de onde ela —esteve||, por

assim dizer.

Uma pitada de culpa tomou conta dela. Ela estava arruinando o sustento

de uma família sem que eles tivessem qualquer conhecimento do que estava

prestes a cair sobre eles. Depois ela se lembrou do vídeo do depoimento doentio

de Sara. Ela se lembrou de como aquele depoimento, em essência, matara Alex

e destruíra seu mundo. O que ela estava fazendo era brando em comparação

àquilo.

Depois de tomar um banho longo e agradável, Kate foi para a cama com

um livro. Não lia por lazer há anos. Ela tinha o último livro de Stephen King ao

lado de sua cama. Um dos autores favoritos de Alex.

Um final perfeito para um dia perfeito.

P á g i n a | **263**

Capítulo 27

Coleman chegara a outro beco sem saída naquela tarde. Parecia que

Kate Rocket havia desaparecido da face da Terra. No entanto, seu investigador

havia descoberto uma pista interessante mais cedo naquele dia. Kate

recentemente deixara seu emprego de supervisora na Receita Federal em

Orlando. Aparentemente, ela era a funcionária mais dedicada. Quando não

apareceu no escritório por três dias seguidos, eles preencheram uma ficha para

pessoas desaparecidas. Seu apartamento fora revirado pelo Departamento de

Polícia de Orlando. Nada mostrava nenhum tipo de jogo sujo e não havia nada

que indicasse aonde ela poderia ter ido. Ela desconectara seu telefone e serviços,

mas não deixou nenhum outro endereço. Nada no correio também. Por alguma

razão, Kate Rocket não queria que ninguém soubesse onde ela morava.

Coleman não conseguia imaginar uma boa razão para a evasão de Kate.

Ele só queria lhe dar o envelope que jurou entregar. E depois ele poderia se

aposentar em sua cabana.

Coleman sempre quisera abrir um pequeno negócio. Talvez uma loja de

conveniência no interior, apesar de não estar muito certo. Mas ele tinha certeza

de que ainda não estava preparado para parar de trabalhar. Só estava cansado

de trabalhar como advogado. Era jovem o suficiente para ter uma segunda

carreira e iria encontrar alguma coisa que combinasse com ele. Mas, antes,

precisava encontrar Kate Rocket. Maldita seja essa mulher. Ele nunca se

esquecera dela. Se as coisas tivessem sido diferentes, ele teria tentado algum

relacionamento com ela, certamente algo a mais que amizade. Ele se sentira

atraído por ela desde a primeira vez que a viu. Desde a morte de Suzanne, não

houve nenhuma mulher com quem ele realmente quisesse passar algum tempo

para conhecer.

P á g i n a | 264

Não era assim com Kate. Desde o começo, ele quis saber tudo o que se

tinha para saber sobre ela. Mas as circunstâncias mostraram que não era o

tempo e o lugar certo, muito menos a mulher certa. Diabos, pelo que ele sabia,

Kate poderia ter se casado de novo.

Ele pediu para seu amigo da companhia telefônica verificar seu número

da Carolina do Norte uma última vez. Se não encontrasse nada, não sabia qual

seria seu próximo passo. Mudar seu testamento e deixar a carta para Kate? Ele

riu. Ele encontraria alguma maneira de dar a carta de Alex a ela. Não iria

desistir.

Nunca iria esquecer o dia na prisão em que Alex pediu para que ele entregasse a carta a Kate caso acontecesse alguma coisa e ele não conseguisse

voltar para casa. Coleman riu na ocasião, dizendo que ele tinha uma segunda

chance agora que sua condenação fora revogada. Mas Alex insistiu.

Coleman deu sua palavra, mas aparentemente havia algo a mais do que

a carta. Alex parecia chateado. O advogado o questionara sobre aquilo e Alex

disse que às vezes você comete um erro, um pequeno erro. Foi um erro que

mudou tudo para ele. Coleman não sabia a que ele estava se referindo, mas

pensou que pudesse ter a ver com o envelope que ele ficou de passar para Kate.

Agora que Alex estava morto, Coleman se perguntava quais erros e segredos

exatamente continham naquele envelope. Era contra seu código de ética abrir o

envelope por mais curioso que estivesse. Não, ele encontraria Kate. O conteúdo

do envelope era apenas para ela.

Kate ficou maravilhada com o que uma boa noite de sono fez com seu

estado mental. Ela acordou mais cedo que o de costume. Passou três horas no

computador verificando novamente seu trabalho. Salvou a informação

novamente e fez uma nova limpeza em seu sistema. Era hora de fazer aquela

visita inesperada à imobiliária.

Melanie estava no balcão da recepção. Ótimo.

— Oi, Melanie.

P á g i n a | **265**

— Ah, oi, Sra. Ramsey. Você tem hora marcada? — Uma desconfiança

transformou o belo rosto da garota em pedra.

— Não, eu queria saber se você ou alguém aqui na imobiliária teria

encontrado um bracelete. Tenho certeza de que o estava usando quando vim ao

escritório ontem.

Melanie relaxou, sua feição voltou a ser bonita. — Eu acho que não,

mas se você quiser posso colocar os agentes que estão aqui para verificar.

— Você faria isso? Eu odeio pedir, mas é um bracelete especial —
Kate

disse, cruzando seus dedos por trás das costas do jeito que faria se fosse criança.

Em quanta coisa ela havia se metido nesses dias. Tudo em nome da justiça,

disse para si mesma.

— Claro. Eu também tenho joias. Sei como é. Por que não se senta,
e

ligarei para os agentes agora mesmo.

— Obrigada, Melanie. Fico muito agradecida. Sei que você está ocupada

— Kate balbuciou para a jovem.

— Imagine, me dê alguns minutos.

Kate se sentou nas cadeiras como antes. Ela tinha vista panorâmica da

porta da frente e do hall atrás do balcão da recepção. Pegou uma revista e a

folheou. Deus, minhas roupas estão tão ultrapassadas. Vou renovar meu

guarda-roupas quando completar minha missão. Se eu não for pega.

A porta da frente foi aberta. Kate olhou para o homem indo em direção

ao balcão da recepção. Isto não poderia estar acontecendo. É o tipo de coisa que

só acontece em novelas.

Coleman Fitzpatrick em carne e osso.

Suas mãos tremeram. Ela colocou a revista o mais perto possível de seu

rosto sem que ficasse muito próxima. Perscrutou pelas bordas da revista só para

P á g i n a | **266**

ter certeza de que não estava alucinando. Não, ela tinha certeza de que era

Coleman. Ele quase não envelhecera em sete anos.

Melanie colocou o telefone na base. — Posso ajudá-lo com alguma coisa? — ela perguntou para Coleman.

— Sim, a Sra. Winter está? Eu preciso falar com ela. É pessoal.

— Não, ela tirou o dia de folga. De novo. Eu posso avisá-la que você

passou por aqui se ela aparecer mais tarde — Melanie sugeriu.

Coleman pareceu considerar sua sugestão. — Não, tudo bem. Obrigado.

Verei se consigo encontrá-la outra hora.

— Sra. Ramsey? — Melanie chamou. Coleman se virou em direção à

porta. Kate enfiou a revista tão perto de seu rosto que sentiu que seus olhos

ficaram vesgos.

— Kate? Nenhum dos agentes encontrou seu bracelete — Melanie disse.

Kate desejou que ela se calasse até Coleman sair da imobiliária.

Melanie andou até o outro lado do balcão de recepção, para onde ela

estava sentada.

— Sra. Ramsey, você está bem?

Kate acenou.

— Então tire esta revista boba de seu rosto! — Melanie provocou. Ela

agarrou uma das páginas brilhantes e empurrou a revista para longe do rosto

dela. Isso saiu de um pesadelo.

— Melanie, por favor! — Kate gritou. Coleman Fitzpatrick parou quando estava prestes a sair.

P á g i n a | **267**

Droga! Kate não disfarçou nem um pouco seu sotaque. Ele se virou.

Vagarosamente, andou até onde ela estava sentada. Ele olhou para ela como se

estivesse vendo um fantasma. Melanie deu um passo para trás para observá-los.

Isto estava piorando a cada minuto. Todos os anos de trabalho estavam prestes

a ir pelo cano.

Ela se levantou para sair. — Ligo para você, Melanie — Kate disse.

Com Coleman grudado nela, ela saiu da imobiliária. Resolveria seus negócios com Coleman do lado de fora. Não queria que Melanie tivesse nada

para relatar à sua chefe quando Debbie chegasse.

— Kate Rocket, é você mesmo? — Coleman perguntou assim que saíram.

— Em carne e osso. — Seu coração afundou enquanto ela dizia estas

palavras.

— Bem, eu devo estar um pouco diferente desde a última vez em que

você me viu. Como você está, Kate? O que está fazendo no escritório de Debbie

Winter? Por que não atendeu as minhas ligações? Estou procurando você há

anos! — Coleman lançou.

Ela respirou fundo. Talvez, ela pensou, eu possa fazer isso funcionar

como uma vantagem para mim. Como? Ainda não cheguei nessa parte. Mas

chegarei.

— Você fez muitas perguntas, Coleman. Por que não vamos a um lugar

onde possamos conversar? Em particular.

— Claro. Gostaria de almoçar?

— Não, eu... — Realmente não há nenhum motivo para não almoçar

com Coleman. Ele é um velho amigo. E eu certamente não lhe devo satisfações

do porquê estou aqui. — Na verdade, um almoço seria legal.

P á g i n a | **268**

— Vamos a algum lugar mais reservado, onde não seremos incomodados. Não acredito que encontrei você depois de todo esse tempo,

Kate. — Ele sorriu e balançou sua cabeça. — Você nem imagina quantas horas

passei procurando você. E então entro em uma imobiliária procurando você, e

lá está.

Kate parou subitamente. Por que o Coleman foi até o escritório de Debbie procurar por ela?

— Eu disse algo que te assustou, Kate? — Talvez almoçar não fosse uma

boa ideia no final das contas.

— Sabe, mudei de ideia. Acabo de me lembrar de um compromisso. Foi

bom vê-lo novamente, Coleman. Nós almoçamos outra hora. Até mais. — Ela

correu até seu carro antes que mudasse de ideia. Colocou a chave na ignição.

Ajustando o câmbio automático, ela saiu do estacionamento. Dois minutos

depois, viu o rosto de Coleman pelo retrovisor. Ele a seguira!

Depois de ter procurado por mim todos esses anos, o que eu esperava

que ele fizesse? Não acredito na minha burrice. Agora preciso explicar por que

fugi.

Ela viu um Taco Bell à frente e parou no estacionamento. Coleman a

seguiu, assim como ela pensou.

Eles saíram de seus carros ao mesmo tempo.

Coleman falou primeiro:

— Kate, quando eu a convidei para almoçar, bem, eu tinha algo mais...

Bem, digamos que Taco Bell não estava em primeiro lugar na minha lista.

Coleman, querido. Ele tinha a elegância de não humilhá-la. Ela não o merecia como amigo.

— Eles têm uns burritos muito bons.

P á g i n a | **269**

— Então vamos almoçar. — Coleman pegou sua mão, guiando-a para dentro do fast-food.

Ela queria arrancar sua mão da dele. Sentia faíscas quando ele a tocava.

Droga, ela esteve longe de contato humano por muito tempo. Iria fazer amigos

quando tudo aquilo acabasse. Não sabia como as coisas acabariam, mas sabia

que tinha que terminar o que começara, o que planejou por tanto tempo, e

superar isso. Ela estava permitindo se transformar... Droga, não sei. Só sei que

o toque de Coleman me incomoda.

— Kate?

— Sim, acho que eu gostaria de um burrito. Queijo, alface extra, sem

feijão.

— Quero o mesmo — Coleman falou para o adolescente com espinhas

no rosto em seu uniforme roxo padrão. — E dois refrigerantes.

Ele a guiou até uma pequena mesa ao lado da janela.

— Espere aqui — Coleman disse, com uma piscadela.

Ela acenou com a cabeça. Cinco minutos depois, ele estava de volta com

o pedido. Ele distribuiu guardanapos nas bandejas, desembulhou os canudos e

deu-lhe um sachê de molho.

— Então, faz muito tempo, Kate. Conte sobre sua vida.

Algo dizia que ela podia confiar seus segredos a Coleman. Mais tarde.

Talvez.

— Depois que Alex morreu, eu não fiz quase nada. Pobre Gertie. Se não

fosse por ela, eu teria enlouquecido. Ela foi enviada dos céus.

Coleman ouviu. — Você disse —foi||. Isso significa que ela também morreu?

P á g i n a | **270**

Kate riu. — Não! A Gertie vai viver mais do que nós. Ela é dura na

queda.

— Sim, eu me lembro bem. — Coleman fez uma pausa, incerto se deveria mencionar o assunto. — Todas as vezes que te liguei, por que você não

queria falar comigo? Perguntei-me por anos o que poderia ter dito para ofendê-

la. Até fui duas vezes para Carolina do Norte esperando vê-la. E eu tinha um

envelope de Alex.

— Que envelope? — Kate perguntou.

— Um que Alex pediu para que eu lhe entregasse caso ele não voltasse

para casa.

Foi por isso que Coleman me procurou todos esses anos?

— Isto com certeza é uma surpresa. Pensei que tudo de Alex tinha sido

devolvido quando você trouxe suas cinzas.

— E foram, mas Alex me fez prometer que eu visse pessoalmente que o

envelope fora entregue em suas mãos. Evidentemente, ele não confiava no

correio nem em outra pessoa para lhe entregar.

— E onde ele está? — Kate perguntou.

Coleman riu. — Bem, não fico carregando por aí, se é isso que você quer

dizer. Está em um lugar seguro.

— Foi por isso que procurou a Debbie? Você achou que eu manteria contato com eles depois de todo o sofrimento e dor que causaram?

Coleman deu uma grande mordida em seu burrito, depois limpou o molho em seu queixo:

— Isto é bom. Bagunçado, mas bom. Eu estava no fim da linha. Estou

me preparando para me aposentar, Kate. Antes que pudesse fazê-lo, precisava

que o envelope, e seja lá o que for seu conteúdo, estivesse em suas mãos. Estava

P á g i n a | **271**

ficando desesperado quando liguei para os Winter. Pensei que eles pudessem ter

entrado em contato com você.

— Não, nenhuma vez que eu tenha ficado sabendo — Kate respondeu.

Coleman limpou seu rosto novamente. — Assim posso me aposentar

com a consciência limpa. Dei minha palavra a Alex.

Os olhos de Kate se encheram de lágrimas ao pensar em Alex.
Apesar de

pensar nele com frequência, considerando no que ela se envolveu,
a dor de

perdê-lo se atenuara com o tempo. Ouvir sobre a dedicação de
Coleman

simplesmente trouxe de volta todas as memórias do tempo que
Alex passou na

prisão.

Ele estendeu a mão por cima da pequena mesa laranja. — Kate, eu
sinto

muito. Sei que isso chega a você como um choque. Já faz mais de
sete anos.

Você seguiu em frente com sua vida?

Se ele soubesse.

Ela balançou a cabeça: — Acho que posso dizer que estou presa em
um

túnel do tempo. Não consegui muita coisa depois do assassinato de
Alex. Me

mudei, consegui um emprego público e então decidi que estava na
hora de uma

mudança. Vim para Naples.

— Eu achava que este lugar traria muitas lembranças ruins para
você.

— Acho que traz. Talvez eu esteja aqui por isso. Para dar um final às

memórias ruins, aos tempos ruins. Talvez possa começar uma vida nova.

— Você diz isso, mas não decidiu exatamente seguir em frente, Kate.

Conte a verdadeira razão pela qual se mudou para cá.

Kate olhou para Coleman, realmente olhou para ele. Ele era um homem

muito atraente. Por que ela não havia percebido antes? Cabelo escuro,

acinzentado nas têmporas. Bronzeado. Olhos verdes como grama. Coleman

P á g i n a | **272**

Fitzpatrick era um homem muito bonito. Ela se perguntou se ele teria se casado

novamente. Procurou uma aliança em sua mão. Nada.

Ele percebeu.

— Eu nunca me casei de novo. E você?

— Você leu a minha mente. Estava me perguntando a mesma coisa sobre você. Não, nem namorei desde a morte de Alex... Estava muito focada no

trabalho. Havia tanta coisa para aprender que eu não tinha tempo para pensar

em namorar. — Era verdade, mas ela não podia contar para Coleman o que ela

estava aprendendo.

— Vamos fazer o seguinte. Vou fazer algo para jantarmos na minha casa

hoje à noite. Você poderia ir, curtir uma noite com um velho amigo e eu lhe

entrego o envelope de Alex.

— É, eu deveria fazer isso, acho.

Coleman levantou sua sobrancelha. — Se for lhe causar algum sofrimento, posso levar onde você está morando.

— Não, eu vou jantar com você. — Ela respirou fundo. Não queria

Coleman em seu apartamento. Se ele visse o centro de comando que montou no

quarto extra, saberia que ela estava planejando algo, e ela sentia que ele já

suspeitava que tivesse vindo para Naples para fazer alguma coisa a mais além

do espantar antigas memórias.

— Me dê seu endereço e eu te encontro.

Coleman lhe deu o endereço e disse a que horas chegar. Kate se sentiu

um pouco animada quando voltava para o apartamento. Ela tinha um encontro.

Mais ou menos. Bem, na verdade não. Uma noite com um velho amigo. Ela

curtiria seu tempo com Coleman. Ele não disse aonde iria ao se aposentar, mas

Kate sabia que não seria no Estado da Flórida.

P á g i n a | **273**

Antes de sair para jantar, Kate ligou seus computadores. Verificou todo

o seu trabalho para ver se algo tinha mudado. Nada. Ela verificou as agências

de relatório de créditos apesar de saber que levaria algumas semanas para que

listassem todas as discrepâncias no histórico de crédito de Debbie. Ela digitou

algumas teclas e descobriu que a agência da hipoteca já emitira uma carta

certificada para executar. Isso foi rápido, mas Kate pensou que, com toda a

tecnologia disponível no mundo de hoje, não havia nenhuma razão para atrasar

o processo.

Ela demorou para ficar pronta. Desejou ter algo além de calças jeans,

cáqui e capri pretas para usar. Decidindo pela cáqui pela casualidade e conforto,

ela colocou sua camiseta branca de sempre. Gastou pouco tempo com seu

cabelo e maquiagem, já que não estava tentando se esconder de Coleman. Nem

se preocupou em alisar seus cachos. Ela se olhou no espelho. Seu rosto era

reconhecível sem as lentes de contato e pintura de guerra.

Seguindo as direções que Coleman dera a ela, ficou surpresa ao

descobrir que ele morava a apenas quinze minutos dela. Um condomínio

fechado, só que mais antigo. Não havia guardas na entrada, apenas um portão

eletrônico. Não muito seguro, mas enquanto Kate andava pelas ruas sinuosas,

viu que a maioria das casas era grande. Elas provavelmente tinham sistemas de

segurança fortíssimos.

No final da Willow Lake Drive, Kate viu o SUV de Coleman

estacionado na rua. Ela queria ter trazido alguma coisa para contribuir com a

refeição, mas ele insistira em cozinhar para ela. Disse que gostava de ficar na

cozinha de vez em quando. Ela havia parado na Publix e comprado um buquê

de flores. Não poderia chegar de mãos vazias. O envelope não saía de sua

mente quando tocou a campainha. Deveria pedir que Coleman a deixasse

sozinha com o conteúdo antes do jantar ou deveria esperar até que estivesse

sozinha? Ela não sabia e iria improvisar.

A porta abriu. Coleman estava usando shorts cáqui com uma polo

amarela. Mechas de cabelo escuro e molhado formavam cachos por sua face.

— Acabei de sair do banho. Espero que não esteja aí há muito tempo.

P á g i n a | 274

Isso explicava o cabelo. — Não, acabei de chegar. — Kate entrou na sala

de estar. Chão de mármore, lustres da Tiffany. Bonito, mas não muito

sufocante. — É uma linda casa. Não fazia ideia de que você vivia com tanto

esplendor.

— Sim, é bonita. Mas muito grande para mim.

Coleman estava olhando para as flores que ela carregava.

— Ah, são para você. Nós. Jantar.

— Obrigado, acho que tem um vaso na cozinha. Queira me acompanhar. — Coleman se virou e ela o seguiu até uma enorme cozinha.

Um grande fogão, refrigerador Sub-Zero.

— Bonito — Kate disse. — Sua mulher passava muito tempo na cozinha?

— Na verdade ela não cozinhava. Dizia que era perda de tempo. Kate riu. Ela observou a cozinha: — Isto é um deleite para chefs, Coleman. Uma pena que não seja usado para seu propósito.

Coleman vasculhou vários armários até encontrar um vaso. Ele o encheu com água e colocou as flores.

— O que lhe deu a impressão de não ser usado?

— Não sei. — Kate riu novamente.

— Na verdade, eu sou um tipo de chef. Eu menti. Faço um pouco mais

do que estar na cozinha. Eu crio!

— Bem, estou realmente surpresa.

P á g i n a | **275**

— Não falo para todo mundo que sou tão bom na cozinha quanto na

frente de um juiz. Não gostaria de arruinar minha imagem.

— E que tipo de imagem você arruinaria se o seu segredo fosse descoberto? — Kate indagou.

— Ah, você sabe, a coisa de macho. Eu Tarzan, você Jane.

Ela riu. — De alguma maneira, acho difícil de acreditar nisso.
Suzanne

era uma mulher de sorte.

Um olhar de tristeza invadiu seu rosto: — E eu era um homem de sorte.

Ela era uma ótima esposa apesar de odiar cozinhar.

— Então temos mais uma coisa em comum além da tragédia.

— Sim, temos. Soube que você esteve envolvida com um restaurante

uma vez. Alex me contou que você dava aulas de culinária. Espero que não dê

nota para a refeição de hoje. — Ele piscou enquanto enxaguava as mãos.

Kate estava curtindo a conversa leve. Fazia muito tempo que não tinha

uma boa conversa com alguém. Ela realmente sentia falta de uma vida.

Coleman a observou: — Por que o olhar de tristeza e desgraça?
Claro

que você não acha que a minha comida é tão ruim sem ter experimentado.

Ela balançou a cabeça. — Eu estava pensando que fazia muito tempo

que eu não passava um anoitecer com um amigo, só isso. — Ela lhe ofereceu

um sorriso insípido.

— Você não saía muito em Orlando?

— Não havia tempo. Todas as aulas que tive que fazer. — Kate achou

que uma verdade pela metade seria melhor que nada. Ela não queria mesmo

explicar os últimos cinco anos de sua vida. — Por que você não me dá o

envelope? Vou dar uma olhada enquanto você —cria||, a menos que precise de

minha ajuda.

P á g i n a | **276**

Coleman secou suas mãos em um pano de prato. — Claro. Eu deveria

ter lhe entregado quando você chegou. Vou buscar.

Ele voltou para a cozinha com um envelope pardo padrão. Kate se sentou na mesa no centro da cozinha.

— Estou quase com medo de abrir.

— Bem, eu não teria, é do Alex. Ele estava muito sério no dia em que

me entregou. — Coleman voltou a trabalhar na pia.

— Você pode me contar sobre esse dia antes que eu abra? Sei que parece

bobo, mas se puder...

— Não é nem um pouco bobo, Kate. Claro que posso falar. Mas antes

deixe-me verificar minha criação no forno, depois podemos conversar bebendo

uma taça de vinho. — Coleman olhou dentro do forno e sorriu. — Encantador.

Agora o vinho.

Ele construía um minirrefrigerador embaixo dos balcões. Pegou uma

garrafa e um saca-rolha de uma gaveta em uma estante no alto.

Kate seguiu Coleman até a área da piscina. Uma piscina retangular

enorme dominava todo o espaço. Havia uma cachoeira de pedras no final dela e

muitas plantas floridas. A mobília do quintal era verde-escura e dourada,

misturando-se com as plantas que tomavam os dois lados da cobertura da

piscina.

— É bonito aqui, Coleman, aposto que você fica aqui fora a maior parte

do tempo.

Ele abriu o vinho, colocou um pouco em cada taça. — Fico, mas prefiro

a vida real lá fora. Mas este é um ótimo lugar para relaxar. Você quer dar um

mergulho depois do jantar?

P á g i n a | **277**

— Não, não tenho o que vestir. Isso não soa como uma típica garota

boba? Não, sério, não trouxe roupa de banho.

— Acho que somos muito velhos para considerar nadar pelados — ele

provocou.

Kate ficou vermelha, algo que não acontecia desde a faculdade. Ela ficou contente.

— Eu nunca nadei pelada na minha vida, Coleman!

— Não sabe o que está perdendo. Então, a gente vê como as coisas vão.

Kate olhou para ele com os olhos redondos como discos. — Acho que

não.

Ele explodiu rindo. — Estou brincando. Relaxe, Kate, só estou me divertindo.

Então ele não quer nadar pelado?

— Ah, eu sei. Eu só... Esqueça. Por que não abro o envelope e acabo

com o mistério?

— Pensei que quisesse ouvir sobre o dia em que ele me entregou o envelope.

— Sim, claro, por favor, me conte. — Ela tomou um gole de vinho.

Bom.

— Foi um dia depois que eu lhe contei sobre a condenação ter sido revogada e sobre o novo julgamento. Ele ressaltou várias vezes que eu não

poderia revelar para você o conteúdo do envelope a menos que ele morresse.

Disse que havia feito uma promessa sobre alguma coisa há muitos anos e que

ele queria manter essa promessa. Alex era um homem de palavra, eu sei disso.

Falamos sobre o caso, as razões que ele achava que Sara tinha para fazer a

acusação. Ele me perguntou muitas outras vezes se eu jurava que iria agir como

P á g i n a | **278**

ele instruiu. Garanti que era um homem de honra. Parece bobo, eu sei.

Também me lembro de ter usado esta frase. Alex gostou que eu o fiz. Sei disso.

Ele me contou um pouco sobre seu primeiro casamento, e quando sua esposa

morreu. Ele ficou de luto, mas parecia que havia algo que ele continuava

escondendo. Talvez isso seja explicado quando você ler o que tem aí dentro. —

Ele bebeu o resto de seu vinho, enchendo outra taça para os dois.

Kate pensou sobre a última conversa de Coleman com Alex. Algumas

coisas a confundiram. Ela não fazia ideia do porquê ele falaria sobre Anna, a

primeira mulher de Alex, que morreu de leucemia. Alex nunca falava sobre esse

período de sua vida. Ele era jovem quando casou. Quando percebeu que era um

erro, Anna foi diagnosticada com a doença fatal. Ele contara a Kate que não era

o tipo de homem que a abandonaria, sabendo que ela não tinha muito tempo de

vida. Ela o respeitara pela decisão, mas agora se perguntava se havia alguma

coisa a mais daquele período da vida de Alex que ela não sabia.

— Isto é pessoal, Kate. Vou deixá-la sozinha um pouco. Tenho uma

salada para preparar e um molho saboroso para ela. Enquanto trabalho na

cozinha, por que não dá uma olhada no conteúdo?

— Se você tiver certeza de que não precisa de mim na cozinha, eu gostaria de ficar um tempo sozinha.

— Vou ficar bem. Agora vá e abra essa coisa maldita — ele brincou enquanto entrava.

Sozinha com a carta de Alex, e Kate tinha certeza de que era pelo que o

envelope continha —, ela quase ficou com medo de abrir. Estava chegando ao

fim de seu envolvimento com a vida que ela e Alex tiveram. Depois de sua

morte, ela fizera uma promessa a si mesma — a morte dele não seria em vão.

Ela faria o que fosse preciso para limpar seu nome e fazer a família Winter

pagar por sua morte e pelo sofrimento que causaram.

Utilizar o sistema legal não era uma opção. Ela sabia que não tinha chances de ganhar no tribunal. Quais queixas ela poderia apresentar contra os

Winter depois que Alex morreu? Difamação de caráter, na melhor das

P á g i n a | **279**

hipóteses, mas isso não era o que ela queria. Ela mesma teria de fazer justiça,

diretamente, para aqueles que causaram a morte de Alex.

Sara Marie Winter e sua mãe.

Kate abriu o fecho dourado do envelope. Dentro dele havia várias folhas

de tabelas jurídicas amarelas dobradas pela metade. Ela se lembrou de que esse

era o tipo de papel em que os detentos escreviam suas cartas. Ela tinha dezenas

de cartas de Alex. Ao remover os papéis, Kate viu que suas mãos estavam

tremendo. De repente, não tinha certeza se queria ler o conteúdo da carta.

Depois de todas as noites em que chorara e rezara por apenas mais uma palavra

de seu amado Alex, ela finalmente realizara seu desejo. Aquela velha frase

—cuidado com o que deseja|| veio em sua mente. Alex estava dando a palavra

final. A questão era: ela realmente queria ouvi-la?

Claro, ela precisava. Abriu a primeira folha. Havia todos os tipos de números. Ela olhou as colunas de cima a baixo. Os números de todas as suas

contas. Gertie os tinha. Kate nunca pensava nisso, pois sabia que Alex tomava

conta de tudo. Mas e se alguma coisa acontecesse com Gertie? Alex sabia que

Kate precisaria daqueles números. Ainda previdente, mesmo na morte. Ela

limpou uma lágrima de sua bochecha.

A folha seguinte era para Emily. Ela achou estranho. Ela acharia um jeito de entregar para ela. Ela não se sentia confortável em ler algo que Alex

tinha escrito para ela. Eles tinham uma relação muito especial. Kate colocou a

folha dobrada de lado.

O próximo papel que ela abriu era uma carta para ela. Ela enxugou mais

lágrimas com seus dedos.

Capítulo 28

Minha querida Kate, se você estiver lendo isto, significa que não estou

mais aqui na Terra com você. Espero que eu esteja em algum lugar lá em cima,

sorrindo para você e os cachorros. Maluco eu mencionar os cachorros, mas

penso em como fiquei feliz quando encontrei o canil e o comprei de seus pais.

Ganhar você como bônus, Kate, foi mais do que eu merecia. Eu realmente tive

uma vida abençoada. Com exceção dos últimos meses, não tem nada que eu

mudaria. Mas, por ser humano, cometi erros, como você bem sabe! Quando era

jovem, cometi a minha parte de erros e você sabe sobre a maioria deles. No

entanto, um dos erros me envergonhou tanto que não tive coragem de

corromper a pureza de nosso casamento revelando-o para você...

Kate leu o restante da carta, depois entrou correndo na casa. Pegou sua

bolsa, que tinha deixado na pequena mesa da sala de estar. Ela tinha que sair

dali.

Coleman não conseguia imaginar o que a carta podia conter para que

Kate fosse embora correndo daquele jeito na noite anterior. Não fazia ideia de

onde ela morava e nem tinha um número de telefone através do qual pudesse

encontrá-la. Agora ele quase desejava ter olhado o conteúdo do maldito

envelope. Isso não iria acabar nunca? Ele não poderia nem começar a imaginar

como Kate se sentia. Ela vivera nessa vida nos últimos sete anos, desde a morte

de Alex. Ele precisava encontrá-la. Então, ligou para seu investigador.

— São boas notícias. Posso tentar esse número. Se funcionar, ligo de

volta. Obrigado. — Coleman desligou o telefone. Quem disse que Papai Noel

não existe?

Ele discou o número que conseguiu com seu investigador. Imaginando

que ele fosse tentar mais uma vez, eles fizeram contato com o pessoal da

BellSouth em Asheville. Com certeza, o número de Asheville onde Kate

P á g i n a | **281**

morava com Alex recebera uma ligação de longa distância do código de área

239. Isso era bom. Coleman segurou o telefone em seu ombro.

— Olá.

— Kate, é você? — Ele ouviu um farfalhar de papéis do outro lado do

telefone.

— Como conseguiu este número? Não era para estar na lista.

— Tenho meus métodos, mas isso não importa agora. Fiquei acordado a

noite toda preocupado com você. Por que saiu correndo ontem à noite? Fique

sabendo que estraguei o jantar.

Kate deu uma risada indiferente. — Desculpe pelo jantar. Eu precisava

ficar sozinha.

— Estou brincando em relação ao jantar. Fiquei preocupado. Depois de

todos esses anos, ainda não sabe que pode confiar em mim? Seja o que for que

esteja acontecendo com sua vida, você pode conversar comigo.
Somos amigos,

lembra?

Kate pensou sobre sua chamada vida. Ela havia parado de viver em todos os sentidos da palavra. Todos aqueles anos em Orlando. Ela se privara de

tudo. Tinha até desistido de seu amor por cozinhar, dizendo a si mesma que, se

Alex não tivesse lá para que comessem juntos, não havia razão para se

preocupar com o tipo de comida que comeria. Ela consumiu tantos jantares

congelados que perdera a conta. Só vivera por sua necessidade de vingança. O

conteúdo da carta de Alex mudara aquilo tudo. Ela realmente precisava de

alguém para conversar.

— Kate?

— Você pode reaquecer o jantar de ontem para o almoço?

— Posso fazer melhor — Coleman respondeu.

P á g i n a | **282**

— Assim de última hora?

— Absolutamente. Nós chefs mantemos a despensa cheia. Para prevenir.

— Você pode fazer chá? — Kate perguntou. — Não bebo uma xícara decente de chá há dias.

Não parecia a mulher que havia saído correndo da casa dele ontem à

noite. Droga, ela parecia uma mulher mudada, mesmo no pouco tempo em que

ele ficou com ela no telefone.

— Posso preparar um chá melhor que Earl Grey.

— Então me espere em vinte minutos. — Kate colocou o telefone na mesa ao seu lado. Ela olhou para todo o equipamento caro e pensou no tempo

de sua vida que perdeu aprendendo a usá-lo. Agora ela não tinha certeza se

conseguiria continuar sua busca por justiça ou vingança, seja lá como ela

chamava isso. Ela achava que era mais que vingança. Alex se fora e não iria

voltar. Ele cometera sua parte de erros, mas seus erros proporcionaram outra

razão para ela questionar seus motivos.

Talvez ela devesse contar para Coleman no final das contas. Ele era seu

amigo, e amigos são para isso. Um ombro para se apoiar.

Exatamente vinte minutos depois, ela estacionou na frente da casa de

Coleman. Ela mal tinha saído do carro quando saiu correndo. Ele ainda usava

as mesmas roupas da noite anterior.

— Coleman, você está horrível!

— Bem, gostaria de dizer o mesmo, mas seria mentira. Entre. Fiz um

chá quente que fará você ficar maluca.

— Assim tão forte?

— Não, tão bom. — Ele pegou a mão dela enquanto entravam na casa.

P á g i n a | **283**

— Desculpe pela maneira como saí daqui. Eu... Tem uma coisa sobre a

qual eu gostaria de conversar. Mas quero esperar até que eu tenha bebido o chá.

E comido alguma coisa. Sabe, acho que não comi nada ontem. Não é de se

espantar que meu estômago pareça um coelho de chocolate barato.

— Um coelho de chocolate barato?

— Quando eu era pequena, minha mãe sempre me dava um coelho de

chocolate na Páscoa. Era sólido, ela falava, não um daqueles
—coelhos ocos de

chocolate barato||.

— Entendo.

Ele a guiou novamente até a cozinha. Ela adoraria relaxar
cozinhando

lá, e falou para ele.

— Então você vai ter que aparecer uma hora e preparar o jantar. Eu
adoraria observar uma profissional trabalhando.

Kate riu. — É, eu também. Não sou profissional, apenas gosto de
cozinhar. Amo assar coisas.

— Vou preparar o jantar uma hora, e você pode providenciar uma
sobremesa deliciosa. O que acha disso?

— Adoraria fazer isso.

— Aqui, experimente. — Ele serviu uma xícara de chá. Kate soprou
dentro da xícara e tomou um gole. E outro.

— É muito bom. Agora você tem que me contar seu segredo.

— Vou contar. Algum dia. Agora quero que você converse comigo.

Quero saber onde esteve todos esses anos. — Ele pausou, depois olhou para ela

novamente. — Senti sua falta, Kate.

P á g i n a | **284**

Ela também sentira sua falta. Ela só não tinha percebido. — Também

senti a sua. É engraçado. Estivemos separados todos esses anos e eu sinto como

se você tivesse estado por perto sempre. Como um sapato velho.

Ele riu. — Kate, você me deixa maravilhado. Um sapato velho?

— Ah, Coleman. Você sabe que não quis dizer isso. Só confortável, acho. Apesar de a maioria de nosso tempo juntos ter sido estressante, com o

caso de Alex e tudo mais, eu sempre me sentia melhor em relação às coisas

depois de conversar com você. Isso é besteira?

— Nem um pouco. Eu costumava pensar... esqueça. Não importa.

Vamos focar no futuro. Tem algo que você queria me contar.

— Você tem que me alimentar primeiro. Lembre-se do coelhinho.

— Acontece que eu tinha uma salada de caranguejos esperando no congelador. Com croissants caseiros esperando para serem encharcados com

manteiga.

— E eu pensei que você não assasse — Kate brincou.

— Não mesmo, mas a padaria Publix faz um ótimo croissant. Claro, quando você quiser fazer o seu e me usar de cobaia, sou todo seu.

Kate sorriu, lembrando-se de todas as vezes que usara Alex para fazer

isso. — Vou considerar.

Os dois comeram sentados na mesa da cozinha. A salada era excelente.

— Talvez a gente pudesse trocar receitas — Kate provocou.

Coleman pulou da cadeira, abriu uma gaveta e pegou uma pilha de cadernos em espiral. — Tenho escrito as receitas por anos. Pode pegar se quiser.

Quando me aposentar, vou colocar todas as receitas no computador. Aí poderei

mandá-las por e-mail pelo mundo todo.

P á g i n a | **285**

Kate folheou os cadernos. — Uau, estou impressionada. Você também é

organizado.

— Só assim eu conseguia encontrar as coisas, mas, devo admitir, foi a

Suzanne que sugeriu o sistema.

— Mulher inteligente — Kate disse. Ela pegou outro croissant e o mordeu. — Gostoso. — Ela terminou a salada, outro croissant e o chá.

Coleman esperou pacientemente.

— Então, o que é que você quer me contar?

Kate se afastou. Ficou em pé e se esticou. — Vamos para perto da piscina, você se importa?

— Melhor lugar da casa. Vamos, vou levar o bule de chá.

Depois de se acomodarem, Kate não tinha certeza por onde começar.

— Não fui sincera com você. E tampouco com muitas outras pessoas.

Kate o observou procurando algum sinal de julgamento. Nada. Ainda.

— Quando Sara acusou Alex de fazer aquelas coisas horríveis, eu quis

enforcá-la até a morte. Eu não podia fazer isso, eu sabia. Ou não podia fazer

isso e me safar, foi o que pensei. Alex já estava metido em uma bagunça imensa

e eu certamente não poderia acrescentar mais problemas. Quando você foi até

minha casa e me contou que Alex tinha morrido, passei semanas planejando a

morte de Sara. — Ela bebeu um gole de chá.

— Kate, deixe-me falar uma coisa. Se você estiver esperando que eu vá

julgá-la pelo que você pode ou não ter feito, não estou aqui para isso. Todos nós

erramos. Passei a minha vida defendendo pessoas. A maioria delas apenas

cometeu um simples engano. Mas, aos olhos da lei, alguns enganos são crimes.

Agora, antes que você continue, quero garantir que o que você me disser não

vai sair deste lugar. Como seu amigo, Kate, não como um advogado. No

entanto, você, por favor, me daria um dólar como retentor para que, só para

P á g i n a | 286

prevenir, eu possa alegar privilégio advogado-cliente para protegê-la de precisar

revelar em um tribunal qualquer coisa que você vá me dizer?

Depois de entregar a Coleman o dinheiro pedido, Kate disse:

— Obrigada, Coleman. Tinha certeza de que podia confiar em você,

sempre soube disso. — Ela percebeu como os últimos cinco anos foram uma

perda de tempo. Mas ela não iria abandonar seu plano, apenas modificá-lo um

pouco.

— Eu me senti terrível por pensar aquelas coisas de uma criança. No

segundo ano, percebi que não era de Sara que eu queria me vingar. Debbie

também era uma pedra no meu sapato. Nunca gostei dela. Agora gosto ainda

menos. Droga, não gosto nem um pouco dela. Quando ela e Don levavam as

crianças para todas aquelas visitas, eu achava que era melhor fingir que gostava

da companhia dela. Não tínhamos nada em comum com exceção das garotas.

Você sabe que Alex e eu não podíamos ter filhos. — Kate pausou. Esta era a

parte difícil. Ela ainda não tinha chegado ao ponto, mas chegaria. Ela queria.

— Sempre me perguntei por que vocês não tinham filhos. Suzanne e eu

escolhemos não ter, agora eu gostaria de ter tido. Mas continue.

— Alex se casou logo depois de sair da faculdade. O nome da sua esposa

era Anna. Ela morreu de leucemia não muito tempo depois de terem se casado.

Foi um período triste para Alex. Dentro do envelope que você demorou tanto

tempo para me dar... Alex e Debbie transaram uma vez. Emily é filha de Alex.

— Lágrimas corriam pelo rosto de Kate. Ela esfregou seus olhos com a bainha

de sua camisa. Ela disse. Emily é filha de Alex. Não sentiu raiva ou ciúmes

quando leu aquilo, apenas alívio porque uma parte de Alex sobrevivera.

— Então. O que vai acontecer agora? — Coleman perguntou.

— Todos aqueles anos, quando Debbie e Don levavam as crianças para

nos visitar, era apenas para que Alex pudesse ficar com sua filha. Ela se parece

tanto com ele, não sei como deixei isso passar. Ele e Debbie juraram que nunca

contariam para Don ou para mim porque sabiam como isso machucaria Emily

e nós. Debbie é uma vadia, mas ela concordou. Alex abriu uma poupança para

Emily. Ela nunca precisará trabalhar nem por um dia se não quiser. Mas fiquei

sabendo que ela está estudando para ser veterinária, é a cara dela. Ela adorava o

tempo que passava com Alex no canil. Eu amo os cachorros. Droga, sinto falta

deles mais do que você imagina. O canil deveria ser da Emily. Não meu. —

Kate se sentiu leve, quase como se estivesse flutuando. Ela não se sentia assim

desde antes da morte de Alex.

— E o que você vai fazer com relação a isso?

Kate olhou para Coleman como se ele tivesse ficado louco.

— Não tem nada que eu possa fazer, tem?

— Você não acha que a Emily gostaria de saber que Alex era seu pai?

— Talvez. Mas não cabe a mim. A decisão de não contar para ela foi

feita por seus pais. Não acho que eu tenha direito de chocá-la com uma coisa

como essa agora.

— Você pensou em conversar sobre isso com Debbie e Don?

— Não! Desculpe, acho que não consigo. Pelo menos não por enquanto.

Há mais coisas. Por ora, preciso manter as coisas como estão. Preciso de tempo

para pensar sobre o que isso significa. Para mim e para Emily. E Don. Alex

disse que ele não sabia. E se ele sabia, mas Alex não estava ciente disso?

Coleman colocou o resto do chá na xícara dela. — Você precisa pensar

muito, Kate. Muitas decisões para tomar antes de seguir em frente. Não a

invejo.

— Obrigada por ser meu amigo, Coleman. Você me ajudou mais do que

imagina. Tenho que fazer algumas coisas agora. — Kate levou as xícaras vazias

e o bule para a pia e os lavou.

— Suzanne sempre lavava este bule.

P á g i n a | **288**

— É uma peça muito rara da China, Coleman. Nunca sirva chá para mim nela de novo.

— Ah, bem, era preciso usar o bule chinês para impressionar. Da

próxima vez, você fica com uma caneca do escritório. — Ele levantou sua mão

e depois abaixou. Pegou a mão dela e, vagarosamente, a levou até seus lábios.

Ele deu um beijo em sua mão. Tão levemente que Kate mal podia sentir seus

lábios contra sua pele. Seu leve toque fez nascerem chamas através dela.

Para não deixar que aquilo continuasse, e ela sabia que seria inevitável,

ela tirou sua mão da dele.

— Voltarei para uma caneca de chá, Coleman. Eu prometo.

P á g i n a | **289**

Capítulo 29

— Eu vou te processar até você ficar sem nada, entendeu? — Debbie

bateu o telefone. Sua vida estava desmoronando.

— Do que está reclamando agora? — Don perguntou, com a voz já arrastada. Era meio-dia.

— E por acaso você se importa? Desde que tenha uma garrafa para colocar na boca, você fica tão feliz quanto um serviçal com a filha do

fazendeiro, não fica?

Debbie estava no quarto deles, desenterrando algumas caixas do fundo

do closet.

— O que você está procurando?

— Se é que você quer mesmo saber, eu tenho uma caixa cheia de extratos bancários aqui. Preciso dar uma olhada neles. Se você ficasse sóbrio

por tempo suficiente para ter uma conversa decente, saberia que nós estamos na

merda, Don. O tapete está prestes a ser puxado debaixo de mim. De você

também. — Ela encontrou a caixa em questão e a colocou em cima da cama

deles, nos lençóis brancos e tudo.

— Do que você está falando, Debbie? Tudo sempre tem que ser um drama para você?

P á g i n a | **290**

— Ora, ora, estou impressionada. Você consegue falar mais de três palavras por vez.

— Não estou bêbado. Sei que você acha difícil de acreditar, mas não bebi nada hoje.

— Você certamente parecia bêbado há dois segundos. Está mijando a

bebida assim tão rápido? — Debbie lançou um olhar por cima dos ombros. Don

estava andando pelo quarto.

— É sério. Olhe minhas mãos. — Ele esticou suas mãos na frente do corpo. Don mal conseguia controlar a tremedeira.

— Então vá beber mais um pouco. Olha, a minha vida está desmoronando. Você não poderia ter escolhido um momento pior para parar de

beber. De novo. — Ela remexeu nas pastas de documentos na caixa. —

Quantas vezes foram com essa? Perdi a conta.

— Pare só por um minuto. Acho que tenho algo que você gostaria de

ouvir. Nossa filha adorável ligou procurando você. Ela estava gritando e

chorando.

— Qual delas? — Debbie perguntou, sem se interessar realmente por

nenhuma das garotas no momento. Ela tinha coisas mais importantes com as

quais se preocupar.

— Precisa perguntar? — Don se jogou na cama, fazendo a caixa de documentos tombar.

— Droga, pode colocar de volta. Vou ao banco. — Debbie enfiou os extratos bancários em sua bolsa.

— A Sara está grávida.

— Quem disse? — Ela não tinha tempo para os dramas da Sara.

— Ela ligou do consultório médico. Queria falar com a mamãe. — Don

falou a última palavra como uma voz de bebê.

P á g i n a | **291**

— Você não gosta da Sara, gosta? Nunca gostou. Sempre foi a Emily,

Emily, Emily. —Debbie riu. — Se você soubesse. Diga a Sara para ligar no meu

celular se ela ligar de novo. Tenho que ir ao banco. Alguém está tentando me

destruir e vou descobrir quem é.

Don a observou. — Debbie, o que quis dizer com esse comentário que

acabou de fazer?

Ela revirou os olhos. — Sai fora, Don. Fui. — Ela apoiou a bolsa no ombro como se pesasse uma tonelada.

— Eu sei que a Emily não é minha filha.

Pela primeira vez Debbie não tinha uma resposta inteligente. Ela parou e

lançou um olhar para o marido.

— O quê?

— Você realmente pensa que sou burro? Posso ser um bêbado, mas não

sou um bêbado burro. Vamos, Deb. Olhe para a Emily, depois para a Sara.

Enquanto Sara é uma cópia de você, Emily é igualzinha a Alex Rocket. A

versão feminina.

O quarto estava silencioso.

— O que você quer que eu diga? — perguntou Debbie.

— Nada, pois não há nada para falar. Você seduziu meu melhor amigo.

— Apenas se lembre de que seu melhor amigo molestou sua filha, ou

você esqueceu na névoa do álcool onde viveu nos últimos três anos?

— Ao contrário do que você pensa, não estou bêbado o dia todo. Estou

bêbado a maior parte do tempo, admito. Você alguma vez se perguntou por que

comecei a beber tanto? Você se importou em descobrir se eu tinha algum

problema? — Ele estendeu a mão. — Não responda. Já sei o que vai dizer.

P á g i n a | **292**

— Porque nós tivemos esta mesma conversa um milhão de vezes, Don.

Você bebe porque é um fracasso. Você perdeu seu emprego, você caiu no ralo.

Fim da história. Não é minha culpa.

— Pense, droga!

— Não sei o que está tentando me dizer, então é melhor você falar logo.

Preciso ir ao banco.

— Sim, eu sei. Você já me disse. Você vai ficar aqui e ouvir o que tenho

a dizer. O banco pode esperar.

Debbie se sentou na ponta da cama. Ela tirou a bolsa do ombro e a colocou ao lado de seus pés. Esticou os braços como se estivesse abraçando o

mundo.

— OK. Sou toda sua. Diga o que precisa dizer para eu poder sair logo

daqui.

— Sei o que você e Sara fizeram. Tenho provas.

Debbie se atrapalhou com seu relógio. Ela riu, mas não era sua risada

espertinha de sempre. — Tanto faz. Não faço ideia do que está falando, Don.

— Sim, você sabe exatamente do que estou falando. Não negue. Pare

com essa droga de mentira que está vivendo. Não aguento mais essa merda.

Você alguma vez para e pensa que matou um homem? — Don cambaleou na

cama, agarrando o braço de Debbie. — Eu adoraria dar um tapa na sua cara.

Eu quis por anos, mas não lhe darei esta satisfação. Saia daqui. Agora!

Debbie saiu do quarto tão rápido que Don esperou ver fumaça. Ela era

digna de um prêmio. Ele acabara de confrontá-la com a pior das notícias

possíveis. Ela nem ligou. Alguém precisava fazer isso. Ele estava tão cansado de

sua vida. Se pudesse começar de novo, ele nunca, mas nunca, nem em um

milhão de anos, teria se casado com a mulher com a qual se prendeu. Preferiria

ser um monge.

P á g i n a | **293**

Debbie tentou acender um cigarro enquanto dirigia para o seu escritório.

Suas mãos tremiam mais que as de Don. Ela acionou o isqueiro de novo.

Tentou mais uma vez, desta vez conseguindo acender o cigarro oscilante.

A merda tinha sido jogada no ventilador e ela estava bem no fogo cruzado. Ela conseguiria lidar com Don; ele era um bêbado, todos sabiam disso.

Se ele abrisse a boca para seus companheiros de clube, achariam que era a

bebida falando.

Sara estava grávida. Debbie iria insistir para que ela abortasse. De jeito

nenhum iria cuidar de mais um fedelho. Conversaria com ela esta noite. Era

para ela estar tomando pílula. Aos 20 anos, deveria ser mais esperta.

Droga, mais uma complicação para eu resolver. Por que a vida tem que

ser tão difícil? Não, por que eu me casei com um banana? Por que a minha filha

é tão vadia? Irônico que a Emily seja a única decente entre nós, além de mim.

Ela estacionou em sua vaga reservada. Eles não a estavam esperando.

Era mais que provável que ela os pegasse procrastinando em vez de fazer

dinheiro para ela. Com o humor que estava, despediria todo mundo.

Disparou pela porta da frente. Olhando pela imobiliária, tudo parecia

normal. Pelo menos desta vez. Ela foi até seu escritório para pegar o restante

dos extratos bancários.

— Melanie. — Debbie apertou o intercomunicador em seu escritório.

— Sim, Sra. Winter.

— A Sara ligou?

— Seis vezes. Eu disse para ela tentar seu celular. Ela falou que estava

desligado.

Debbie pegou o telefone de sua bolsa e o abriu. Droga, ela se esquecera

de ligar.

— Sim, parece que esqueci. Diga para ela, se ela ligar de novo...

— Desculpe interromper, mas Sara está aqui, Sra. Winter. Ela está na
cozinha.

— Ah, bem, obrigada.

Debbie foi pelo corredor até a cozinha. É claro, onde havia comida, lá

estava Sara. Iria insistir para que ela fizesse a cirurgia bariátrica com o balão

gástrico que todas as estrelas de cinema gordas estavam fazendo. Depois do

aborto.

— Mamãe! — Sara chorou quando Debbie entrou na cozinha. — Ah, é

tão horrível e não é minha culpa. Não sei o que vou fazer. Ainda sou uma

menina. Falei para o Joshua, mas ele... Ele me estuprou. Ah, mamãe, o que vou

fazer?

— Ah, cala a boca. Pelo amor de Deus. Eu sei que está grávida. Você

deve abortar.

Sara parou de chorar. Ela daria uma ótima atriz, Debbie pensou. Claro,

sendo gorda desse jeito, ela nunca teria a chance que alguém como Emily teria.

— Quem te contou? — Sara perguntou, todos os vestígios de lamento

havam sumido.

— Seu pai. Para quantas pessoas exatamente você contou, Sara? Você

não quer que isso se espalhe. Poderia te atrapalhar, se é que você me entende.

— Não sei do que está falando, mamãe. — Sara enfiou um muffin de

blueberry na boca.

— Você precisa planejar sua atuação. Não fale sobre isso para ninguém

que encontrar. De quanto tempo você está? — Isto poderia ser resolvido.

Precisaria de um pouco de planejamento, mas Debbie era boa nisso.

P á g i n a | **295**

— O médico disse que de mais ou menos 22 semanas. — Sara desembrulhou outro muffin.

— Meu Deus!

— O que tem de errado nisso? Você me perguntou e eu respondi. — Ela

enfiou metade do bolinho na boca.

— O que diabos você faz com o dinheiro que te dou todo mês, além de

comer? Você se esqueceu de comprar suas pílulas ou você as comeu também?

Que diabos vou fazer agora? Você realmente se atrapalhou com as coisas, Sara.

Você deveria ser um pouco mais parecida com sua irmã. Pelo menos ela tem o

bom senso de não engravidar de uma merda de namorado perdedor!

Sara olhou para sua mãe. — Josh não é um perdedor! — Debbie fechou

a porta. Sem dúvida a equipe do escritório estava fofocando sobre os gemidos e

o choro de Sara.

Debbie arrancou o que sobrou do muffin da mão de Sara:

— Sente-se e cale a boca.

Sara fez o que ela mandou. Debbie se sentou na frente dela em uma

cadeira de metal. Sara estava tão grande que teve que se sentar no pequeno sofá

de dois lugares.

— É ilegal abortar um feto com 22 semanas. E não me venha com aquela merda de —mamãe||, OK? Você tem 20 anos! Está na hora de agir como

adulta. É muito tarde para você abortar essa criança! Isso significa alguma coisa

para você?

Sara parecia confusa. Debbie sabia que Sara era um pouco lenta, mas a

maior parte disso era atuação. Droga, ela é tão desonesta e astuta quanto eu.

— Acho que vou ter que ter o bebê. Eu e Josh podemos nos casar. Você

e o papai terão um neto.

P á g i n a | **296**

— Não é tão simples assim. Deus! — Debbie se levantou e começou a

andar. Ela era tão ruim quanto seu marido bêbado. Seu mundo estava

desmoronando ao seu redor.

— Sara, Josh é um perdedor. Ele saiu da escola na oitava série. Duvido

que ele saiba o que é um espermatozoide. Os pais dele moram em um ônibus,

Sara. Você quer que um filho seu seja criado como um desabrigado? Quer?

— Não é tão ruim. Eu fico lá às vezes. Nós fazemos fogueiras e tostamos

salsichas. Adoro quando elas queimam só um pouco.

Sara era verdadeiramente estragada geneticamente.

— Bem, uma filha minha não vai criar uma criança em um ônibus. Você

entendeu? Você não vai em hipótese alguma se casar com aquele idiota sem

educação tostador de salsichas que você chama de namorado. Você consegue

imaginar que tipo de pai ele seria?

Sara riu. — Não poderia ser pior que o papai. Tudo o que ele faz é beber

e ir naquele clube idiota.

Debbie achou que Sara tinha um pouco de razão, mas não iria lhe dar o

crédito.

— Seu pai é um homem muito bem-educado. Ele teve problemas com

álcool no passado, mas está colocando as coisas sob controle. Agora, quero que

— Você vá para casa. Vou me certificar de que você receba cuidados médicos

adequados enquanto estiver grávida. Depois, no mesmo segundo em que você

parir o imbecil que está prestes a dar à luz, vai colocar para adoção. Entendido?

— Mas, mamãe, e se o Josh quiser este bebê?

— Sara, você ou o Josh fazem alguma ideia de quanto custa criar uma

criança? Não, não responda. Você não faz, e tenho certeza de que ele e os pais

dele não têm a menor ideia. E eu não sou mais tão jovem para criar outra

criança.

— Você seria uma avó. Não precisaria.

P á g i n a | 297

Sara era realmente tola.

— E sou muito jovem para ser avó! Você vai fazer o que mandei, senão...

— Senão o que, mamãe? Você vai me denunciar por inventar tudo aquilo sobre o tio Alex? Mentiras que você me fez contar. Não, não responda, mamãe.

— Vá para casa, Sara. Quero que fique um pouco com seu pai hoje.

— Mas e eu? O que falo para o Josh?

— Fala para ele manter o pau dele dentro das calças por uns tempos, é

isso que você deve falar para ele. Agora saia da minha frente. Preciso arrumar

outra bagunça.

Sara inspirou, depois expirou. Seu hálito bateu no rosto de Debbie como

atum velho.

— Vá para casa e tome um banho, Sara. Escove os dentes. Já vou para

lá.

— OK, mamãe.

Depois que Sara saiu, Debbie se sentiu em um redemoinho. Ela deveria

ter levado Sara para fazer exames há anos. Ela deve ter transtorno de

personalidade borderline retardado para agir dessa forma.

Debbie recebera uma carta do banco. Sua casa estava perto de ser executada. Alguém estava brincando com ela. Ela iria descobrir quem e,

quando o fizesse, faria essa pessoa desejar nunca tê-la conhecido antes.

P á g i n a | **298**

Kate sabia que, em sã consciência, a única coisa que deveria fazer era

confessar o que tinha feito. Ela ligou para Coleman e pediu para ele ir ao seu

apartamento. Seria mais fácil explicar as coisas se ele estivesse lá.

Coleman chegou dez minutos adiantado.

— Então isto é o que você estava escondendo.

— Acho que acertou. Vai ser mais fácil para você entender o que vou

dizer se eu mostrar algumas coisas. Venha.

Kate o levou ao pequeno quarto que ela havia transformado em escritório.

— Sente-se. — Ela o guiou até uma cadeira da cozinha que tinha colocado ali mais cedo. Ela se sentou ao lado dele em sua cadeira de escritório.

— Eu disse que queria arruinar a família Winter.

— Isto é natural depois do que fizeram você passar. Já ouvi das pessoas

uma boa quantidade de histórias, Kate.

Ela digitou sua senha e entrou na internet. Pegou o disco no minicofre e

colocou no computador. Em seguida, exibiu a informação que queria que

Coleman visse.

— Sabendo que não poderia causar danos físicos a elas, pensei sobre

Debbie. Dinheiro sempre foi sua prioridade. Até mesmo acima das garotas. Ela

veio de uma família pobre. Passou a maior parte dos anos de colegial

trabalhando em um mercado que sua mãe tinha. Acho que era obrigada, eu não

chamaria isso de pobreza de jeito nenhum, a vida de colarinho-branco de sua

mãe, mas ela almejava riqueza e o status que supôs que isso traria. Estou

especulando, então tenha paciência comigo. Depois de refletir, decidi que a

melhor maneira de prejudicar os Winter seria financeiramente.

Ela girou em sua cadeira, liberando espaço para que Coleman chegasse

mais perto do monitor. — Isto foi o que aprendi nos últimos cinco anos.

Kate permitiu que ele lesse os relatórios financeiros na tela.

— Depois de trabalhar na Receita por todo aquele tempo e de fazer aulas, eu pude, posso entrar em quase qualquer sistema. Bancos, escolas, companhias de cartão de crédito. Praticamente qualquer coisa.

Ela esperou Coleman comentar. Nada. Ela continuou a história.

— Eu hackeei o banco de Debbie e esvaziei suas duas contas. Agora ela

está 43 dólares negativa. Obviamente, o banco acha que ela mesma retirou o

dinheiro. Foi uma transação via internet. Tenho certeza de que o gerente achou

que Debbie estivesse mentindo quando disse que não fazia ideia do que estava

acontecendo com seu dinheiro. Disse que iria processar o banco.

— Como você sabe disso?

— Eu sabia quando o banco avisaria Debbie que suas contas estavam

negativas. O Sun Bank liga para seus clientes se suas contas estão no vermelho.

Debbie sempre fora uma boa cliente, então eles com certeza ligaram para ela.

Sabendo como trabalham, eu estava no banco abrindo uma nova conta quando

ela entrou tempesteando. Estava furiosa. Acho que se pode dizer que ri todo o

caminho de volta do banco.

Kate observou Coleman, medindo sua reação.

— Estou ouvindo, Kate. Continue.

— Hackeei os bancos de dados das companhias de cartão de crédito.

Deb tinha vários cartões, todos com dívidas, mas nenhuma terrivelmente alta.

Coloquei os cartões no limite e bloqueei as contas. Fiquei sabendo que ela tinha

três hipotecas em sua casa. Adulterei os montantes da companhia hipotecária e

agora a casa dos Winter está em encerramento.

Coleman sorriu. — Espero nunca te deixar brava.

P á g i n a | **300**

— Então, me diga, sou um monstro terrível. — Ela passou a mão no cabelo.

— Não vou dizer que o que está fazendo é certo, mas vou dizer que posso entender por que está fazendo isso. A vingança é doce, especialmente

quando você pode escolher como será entregue. Não gostaria que você fosse

pega, Kate. Alguns destes atos são federais. Adulterar banco, por exemplo.

Imagino que estava ciente disso no começo?

— Estava. E não me importava se fosse pega. Isso foi o que permitiu que

eu continuasse com o plano. Eu não tinha uma vida sem o Alex. Não

importava se passaria o restante de minha vida como uma mulher livre ou

dentro de uma cela.

— E o que mudou agora? — Coleman perguntou.

— Quero viver novamente. Não quero passar o resto da minha vida atrás das grades. Alex não iria gostar que eu acabasse assim.

— Não, não iria. Suponho que vá me dizer que tem algo mais em mente?

— Mais ou menos. Não pensei em todos os detalhes. Espero que, quando isso tudo for feito, a morte de Alex esteja vingada e a família Winter

tenha seu sofrimento, mas de outro jeito. Ainda não pensei nessa parte. Foi por

isso que você não conseguiu me encontrar nos últimos cinco anos. Não queria

distrações na minha vida. Se eu fosse arruinar os Winter, tinha que me

concentrar nisso e em nada mais. Não havia espaço na minha vida para mais

ninguém.

— Você está me dizendo que tem espaço na sua vida para alguém agora?

— Coleman perguntou.

— Eu gostaria de tentar criar espaço para alguém, Coleman. É tudo o

que posso prometer. — Kate não poderia se comprometer com mais nada.

P á g i n a | **301**

— Parece justo para mim. Agora que esclareceu os últimos cinco anos,

me diga o que posso fazer para ajudá-la... a seguir com as coisas?

Kate estava aturdida. Coleman queria ajudar?

— Você estaria disposto a... Isto é ilegal. Você acabou de me falar. Não

posso pedir para você quebrar a lei. Diabos, você é um advogado.

— Eu sei. Não vou quebrar a lei, Kate. Mas há maneiras sigilosas.

— Eu nunca tive intenção de ficar com aquele dinheiro. Depois que li a

carta de Alex, acho que ganhei uma ferramenta para negociar.

— Quer explicar? — Coleman perguntou.

Kate passou quase a noite toda repensando seu plano. Não era infalível,

mas também não era ilegal. Ela o explicou para Coleman.

— Você tem uma cabeça excelente. Daria uma oponente poderosa no

tribunal. Então quando é que a gente começa?

— Eu digo que não há tempo melhor que o agora.

Kate e Coleman passaram a tarde fazendo planos. Se tudo desse certo,

ela sairia dessa como uma mulher livre. Primeiro, ela tinha que hackear muita

coisa.

Debbie não conseguia se concentrar no contrato que esteve lendo na

última hora. Seu mundo estava desmoronando minuto a minuto. Ela não

convencera aquele idiota do banco de que não era responsável por deixar suas

contas negativas. Entrou em contato com seu advogado como prometeu, mas

ele ainda não tinha pensado em nada. Disse que levaria alguns dias. Bem,

droga, ela não tinha alguns dias! Advogados. Sempre pensam que o mundo age

de acordo com o tempo deles. Seus relógios lentos. Horas faturáveis, como

chamam isso. Debbie sabia exatamente quanto tempo levaria para que Simon

P á g i n a | **302**

Lewis fosse até o banco. A menos que ele andasse de lado como um siri, não

havia motivo algum para demorar —alguns dias||.

De todos os momentos que Sara teve para engravidar, tinha que ser

agora? Aquela garota me surpreende. Em uma hora ela age como um bebê de

três anos e em seguida como uma mulher do mundo. Sara sabe como manipular

as pessoas ao seu redor.

Claro, ela aprendera com a mestra. Debbie era uma manipuladora

expert. Só que ela escolhia o que e quem ela queria manipular muito mais

cuidadosamente do que sua filha.

Já Josh era um perdedor. Debbie ficava imaginando Sara e ele criando

uma criança juntos. Ela certamente teve todo seu trabalho interrompido com

aquela menina. Mas não podia pensar em Sara ou Don agora. Se alguma coisa

não acontecesse logo, eles ficariam todos sem um centavo e na rua.

Debbie sabia que tinha alguém atrás dela. Não sabia quem era ou por

que escolheram este momento para brincar com ela, mas iria descobrir. Quando

ela o fizesse, a pessoa ia pagar muito caro.

Enquanto isso, tinha um escritório para gerenciar. Ela esperaria... até

que esse perseguidor louco ou de que diabos pudesse chamar fosse descoberto.

De fato, até onde sabia, poderia perder seu escritório naquele dia mesmo.

Simon falou para ela chamar a polícia. Ela fora muito firme quando disse que

não. Eles eram as últimas pessoas da face da Terra que ela queria bisbilhotando

seu negócio. Obviamente não pôde explicar o porquê quando Simon perguntou.

Ela simplesmente disse não e ficou por isso mesmo. Ele não podia contatar a

polícia sem sua permissão. Deixe que ele mesmo faça o trabalho. Foi para isso

que ela o pagou.

Debbie pensou em como era sua vida quando ainda era menina. Tinha

que trabalhar duro no mercado. Quando sua mãe não estava bêbada, ela ficava

em cima de Debbie por causa de alguma coisa o tempo todo. Ela tinha cuidado

dos pedidos da semana seguinte? Onde estavam os cardápios da semana

seguinte? Por que ela pediu aquela marca de queijo? Ela tinha feito as tarefas?

Isso era frequente. O único momento em que ficava livre era quando sua mãe

P á g i n a | **303**

estava desmaiada de bêbada. O que acontecia sempre, mas não o suficiente, até

onde Debbie sabia. Ela queria uma vida diferente. Não queria vender presunto e

queijo e chucrute fedido. Ela queria luxo. Uma bela casa e carros. Roupas que

todos invejassem. Mas, mais do que tudo, ela queria um homem em sua vida

para tomar conta dela. Quando ela conheceu Don, pensou ter conhecido o

homem perfeito. Ele era tão ambicioso quanto ela. Ele também não tivera uma

vida fácil.

Juntos, eles mudariam suas vidas. Ela tinha tantas boas intenções!

Depois ela conheceu Alex Rocket. Depois de conhecê-lo, viu que havia feito a

escolha errada. Alex tinha tanto dinheiro que não sabia o que fazer com ele. Era

dinheiro da família, mas Alex era filho único. Ele acabaria colocando as mãos

no dinheiro. Já tinha uma quantia e tanto pelo carro que ele dirigia e as roupas

que usava. Don falou para ela que Alex tinha os pés no chão. Dinheiro não

significava nada para ele. Seus pais compraram as roupas e o carro. Alex se

contentava em dirigir uma pick-up velha e usada que fora de seu pai quando ele

era jovem.

Debbie não acreditava em Don nem por um minuto quando ele falava

sobre Alex. Ela tentou fazer um jogo com ele em mais de uma ocasião, mas

nunca deu em nada. Ele a provocava dizendo que tinha uma garota. Anna. Ela

era tão delicada e débil quando Debbie a conheceu. Alex tinha se casado com

ela. Não tinha nem convidado Don e ela para o casamento. Apesar de que, para

deixar claro, Alex também não tinha sido convidado para o deles. Quem teria

ido de qualquer forma? Ela e Don se casaram no fórum em uma tarde chuvosa.

Ainda assim, ela ficou chocada quando soube que Alex estava casado. Todas as

chances de agarrá-lo tinham acabado.

Depois, Anna ficou ainda mais doente. Ela não sabia por quanto tempo

eles ficaram casados, mas Alex ficou chocado quando ela morreu. Don e

Debbie foram oferecer suas condolências. Ficaram com ele por alguns dias.

Depois Don precisou voltar para o trabalho. Eles tinham acabado de se mudar

para a Flórida. Don estava trabalhando para subir de cargo. Debbie insistiu para

que ele fosse sozinho para casa, dizendo que iria ficar com Alex por mais alguns

dias.

Uma coisa levou à outra. Durante o luto de Alex, ela o seduziu.
Emily

foi o resultado.

Alguns meses depois, ela procurou Alex para dizer que estava
grávida

dele. Ele duvidou um pouco no começo. Mas depois, Emily nasceu.
Enquanto

ela crescia, ficava mais e mais parecida com Alex. Eles decidiram
não contar

para ninguém o que tinha acontecido entre eles. Debbie concordou,
mas estava

fervendo por dentro. Ele podia dormir com ela, mas não se casaria
com ela. Ela

disse que se divorciaria de Don. Alex insistiu que ele não poderia
magoar seu

melhor amigo mais do que já tinha magoado. Ele prometera cuidar
da Emily

pelo resto de sua vida.

E Debbie prometera que iria se vingar do filho da puta um dia. E ela
o

fez.

P á g i n a | **305**

Capítulo 30

Kate passou o restante da tarde trabalhando no computador. Ela tinha

muito trabalho pela frente, mas, sabendo agora qual era sua meta final, não se

importava. O único arrependimento que ela tinha era de ter perdido cinco bons

anos de sua vida. Logo ela teria 44 anos. Não era uma velha senhora pelos

padrões atuais, mas também não era uma jovem sexy.

Ela estava animada com a ajuda de Coleman. Ia ligar para Gertie. Não

tinha mais nada para esconder.

Ela discou o número.

— Alô — disse Gertie. No fundo, os cachorros estavam latindo sem parar.

— É a Kate, Gertie. Imagino que esteja no canil?

— Sim, estas criaturinhas. Eles querem comida. Por que está ligando de

novo tão rápido? Você não está presa, está? Se estiver, posso contratar aquele

mesmo advogado de Alex. O da Flórida. Ele poderá ajudar.

— Gertie! Primeiro, não estou presa, então pode parar de se preocupar.

Segundo, estou ligando para dar boas notícias.

— OK, diga.

— Estou cancelando o plano. As coisas mudaram. Ah, Gertie, me sinto

tão idiota! Todos esses anos. Eu poderia ter te ajudado. Poderia ter feito várias

P á g i n a | **306**

coisas. Tudo o que eu queria era vingança. Por que não tentou me impedir?

Esqueça. Não responda. Você tentou. Eu sei. — Kate pausou para respirar.

— Bem, não sei o que fez você mudar de ideia, mas, seja o que for, fico

feliz. Agora, quando vai voltar para casa?

Kate ainda não tinha pensado nisso. Ela não sabia onde era sua casa no

momento.

— Não sei. Ainda estou trabalhando em algumas coisas aqui. Gertie,

Coleman Fitzpatrick está aqui. Ele está me ajudando. — Kate esperou. —

Gertie, você ouviu? — perguntou Kate.

— Sim, sim, ouvi. Pensei que você disse que tinha acabado com seus

esquemas e planos. Por que diabos você envolveu um homem da lei em toda

essa bagunça?

Kate riu. É a cara da Gertie.

— Ele não está envolvido em esquema nenhum. Como você disse, ele é

um homem da lei. Ele vai me ajudar a fazer as coisas da maneira certa.

Desfazer o que fiz, mas de uma maneira diferente. Desta vez de uma maneira

legal.

— Então, esse Fitzpatrick já te beijou?

— Não! Por que fez esta pergunta boba?

— Você parece feliz, Kate. Pela primeira vez, desde a morte de Alex,

você parece a velha Kate. A Kate feliz. Quando você disse Fitzpatrick, alguma

coisa mudou na sua voz. Eu conheço essas coisas, querida.

— Bem, eu gosto dele. Vou admitir. Ele é um amigo maravilhoso. E

respondendo a sua pergunta, não, ele não me beijou! — O beijo na mão não

conta. Ou conta? Ela teve uma reação e tanto. Ela se sentiu boba. Como uma

estudante.

P á g i n a | **307**

— Quando ele o fizer, eu vou saber. Vou conseguir perceber. E, Kate,

não afaste esse homem com sua necessidade de vingança. Segundas chances só

aparecem uma vez. Agora, eu tenho um bando de animais para cuidar. Ligue

em breve.

Kate riu e colocou o telefone na base. Gertie a conhecia como ninguém.

Ela não tivera ainda oportunidade para examinar seus sentimentos por

Coleman. O que quer que fosse ainda estava no estágio de preparação. Se

perguntassem, ela teria que admitir que se sentia atraída por ele. Ele foi o

primeiro homem desde Alex de quem ela se permitiu se aproximar. E só foram

alguns dias, mas havia algo acontecendo entre eles. Quando tudo aquilo

acabasse, ela daria uma olhada melhor em seus sentimentos. Mas primeiro

precisava consertar os erros nos quais tinha se focado por tantos anos.

Ela passou os minutos seguintes desfragmentando seu computador. Isso

demoraria um pouco, então estava preparada para colocar em prática o segundo

round de seu plano.

Seria a parte mais difícil. Ela e Coleman a repassaram até não aguentar

mais. Tinha que ser assim.

Kate fez uma visita noturna ao Wal-Mart. O que as pessoas fariam sem

Wal-Marts pelo mundo? Aberto a noite toda para gente como ela. Ela comprou

descolorante e uma coloração mais próxima da sua natural que conseguiu

encontrar.

Agora, enquanto ficava na frente do espelho do banheiro esperando que

a coloração fizesse sua mágica, ela se perguntou qual seria a reação de Debbie

quando ela entrasse em seu escritório. Ela conseguiria ligar as coisas? Ela a

reconheceria como Kate Ramsey, a mulher que olhara seu apartamento?

Não importava. De qualquer jeito, ela iria continuar com seu plano.

Estava certa de que, quando Debbie soubesse que foi ela quem bagunçou sua

vida nos últimos dias, ela não poderia envolver a polícia. Kate tinha muitas

cartas na manga. Debbie iria colaborar com seu plano. Ela precisava. Se não o

fizesse, Kate iria para o terceiro round.

P á g i n a | **308**

Trinta minutos depois, seu cabelo marrom-avermelhado estava quase da

cor natural. Mais meia hora para deixar a nova cor se assentar e ela seria Kate

de novo, mas sem o cabelo longo.

Depois, enxaguou seu cabelo no banho e se secou. Seu reflexo a surpreendeu. Ela ficou contente com o que viu. Ela não tinha feito um trabalho

ruim em seu cabelo. Cortar e pintar. Quem sabe? Talvez eu tenha aptidão para

mexer com cabelo. Ela riu. Colocou um pouco de blush e rímel antes de se

vestir. Jeans e outra camiseta branca. Isso enjoaria depois de um tempo,

pensou. Colocou seu Nike. Caso precisasse correr.

Caia na real, você está sendo ridícula! Ela não tinha medo de Debbie.

Ela tinha medo de sua própria reação diante da vil Sra. Winter. Como Kate

Rocket. Kate Ramsey já era passado.

Foi direto para a imobiliária. Quando parou no estacionamento, esperou

alguns minutos antes de entrar. Não tinha ensaiado o que iria dizer. Sabia que

as palavras viriam à mente assim que visse Debbie.

Ela entrou na recepção como havia feito antes.

— Melanie — ela chamou.

— Já vou!

Aparentemente a garota estava na cozinha. Kate sentiu cheiro de pipoca.

Ela nem perdeu tempo sentando, queria ir direto para o escritório principal.

Melanie veio do corredor com um saco de pipocas e um refrigerante na

mão.

— Sra. Ramsey?

Já era a ideia de não reconhecê-la.

— Sim, Melanie, mas na verdade é Sra. Rocket. Não tenho tempo para

explicar. Por alguma razão, acho que sua chefe vai explicar no futuro. Agora

preciso falar com a Sra. Winter.

— Você devia ter ligado primeiro. Ela acabou de sair. Disse que tinha

uma emergência no banco. Ela não sabia quando e se voltaria pelo resto do dia.

Sinto muito. Há algo com o qual Randi possa lhe ajudar?

— Não. A Sra. Winter tem um celular? — perguntou Kate.

— Claro. Todos os agentes têm um celular. A Sra. Winter dá um para

cada, senão, bem, o que dizer se um cliente ligasse e eles...

— Desculpe, Melanie, não tenho tempo para ouvir sua história. Quero

que você me escute. O que vou lhe contar e a maneira como você reagir podem

lhe custar seu trabalho. Você entende? — Kate odiava fazer isso com a menina

que havia sido tão doce com ela, mas ela não tinha muito tempo para se

preocupar com isso no momento.

— O que foi? — Melanie perguntou. Ela não parecia tão doce no final

das contas.

— Quero que ligue para a Sra. Winter. Diga que há uma emergência no

escritório. Ela precisa voltar agora mesmo.

— Acho que não, Sra. Ramsey. Não agora. Ela acabou de descobrir que

sua filha mais nova está grávida. Ela gritou tanto comigo nos últimos dois dias

que não estou disposta a receber seu ódio.

— Mesmo se isso significar perder seu trabalho? — persistiu Kate.

— Não quero ser rude, mas não acho que você tenha poder para controlar o que a Sra. Winter faz com seus funcionários.

Então Melanie quer ser esperta. OK, Kate jogaria seu jogo.

P á g i n a | 310

— Tudo bem. Eu sei onde é o banco dela. E sei por que ela está lá.

Então, quando ela voltar, diga que ela teve uma oportunidade de recuperar todo

o seu dinheiro. Ela saberá do que estou falando. E pode dizer também que você

achou que não era importante ligar para ela. Tenha um ótimo dia, Melanie.

Kate estava quase na porta quando Melanie gritou:

— Espere!

Ela sabia que Melanie enxergaria as coisas do jeito dela. Ela parou e se

virou para a garota.

— Sim?

— Espere. Vou ligar para ela. Mas, se eu for demitida, acredite que vou

contar para ela como você entrou aqui e me obrigou a fazer isso.

— Não acho que será demitida. Agora, faça a ligação antes que eu mude

de ideia.

Melanie discou o número de Debbie com as mãos tremendo. Kate

odiava o que estava fazendo, intimidar uma inocente, mas precisava fazer

aquilo.

— Sim, sinto muito. Eu sei que disse para não ligar. Bem, tem uma mulher aqui que está dizendo que vai devolver seu dinheiro. Sim. No escritório.

Bem aqui. Ela quer falar com você.

Melanie deu o telefone para Kate.

— Olá, Debbie, como está?

Nada.

— Quem é?

P á g i n a | **311**

— Ah, eu acho que você sabe exatamente quem eu sou. O nome Alex

Rocket diz alguma coisa? É o seguinte, tenho quinze minutos para gastar. Posso

esperar você voltar do banco ou posso ir até a delegacia de polícia. Vou ser legal

e deixar você decidir para mim. Você gosta de tomar decisões que mudam

vidas, não gosta, Deb? Não, não responda. Venha para cá. Quinze minutos.

Kate apertou o botão vermelho do telefone.

— Vou esperar no escritório da Sra. Winter. Você fez bem, Melanie.

Obrigada.

Kate estava tremendo como uma gelatina enquanto andava pelo longo

corredor. Alguns funcionários a observaram de suas mesas.

Ela entrou no escritório branco e cromado. Sentou em uma cadeira

branca de couro atrás da mesa. Podia imaginar o olhar de Debbie ao vê-la

sentada lá.

Só por maldade, Kate bateu em algumas teclas do teclado de Debbie.

Ela travou seu sistema. Ninguém na imobiliária usaria a internet ou os

computadores. Por um tempo. Kate riu.

Menos de quinze minutos depois, Debbie apareceu no corredor e entrou

no escritório. Ela congelou quando viu Kate.

— Quanto tempo. Bem, na verdade não. A propósito, eu realmente gostei de ver o apartamento. Talvez você possa atenuar o modo como...

— Por Deus, o que é que você está fazendo no meu escritório? — Debbie chutou a porta enquanto ia em direção à mesa.

— Senta, Debbie. Senta. — Kate apontou para a cadeira na frente dela.

Debbie se sentou na cadeira que era normalmente reservada para os

clientes.

P á g i n a | **312**

— Você é igual aos cachorros que Alex criava. Acho que eu deveria dizer —boa menina||.

— Te dou trinta segundos para me dizer o que está fazendo aqui ou ligo

para meu advogado.

— Ligar para seu advogado? — Kate deu uma risada dura. — O que você acha que seu advogado vai fazer comigo? Dizer —Que vergonha, que

vergonha, vá embora. Volte outro dia||? — Kate se levantou e olhou pela janela

atrás dela. — Eu tenho uma proposta para você.

— Você não tem nada que me interesse, então por que não vai embora?

Seu marido pervertido arruinou a vida de minha filha.
Pessoalmente, acho que

você tem muita coragem de entrar aqui como se o lugar fosse seu.

Debbie pegou um cigarro em sua bolsa. Suas mãos tremiam enquanto

ela tentava acender um fósforo. Debbie se levantou.

— Sente-se, droga! Você vai me escutar. Apague este cigarro! —
Kate

levantou sua voz tão alto que ela sabia que o escritório todo tinha ouvido. Ela

nem ligava.

Debbie se sentou novamente, apagando a ponta do cigarro em um cinzeiro. — É melhor que isso seja bom, Kate Rocket. Agora, diga o que tem a

dizer e depois saia do meu escritório!

Debbie parecia um balão desinflando. Nada além de ar quente saindo de

sua boca.

— A Emily sabe que Alex é seu pai?

— Então, você descobriu. O Senhor Perfeito não era tão perfeito, era?

Sim, tivemos um casinho. Grande coisa.

— Era grande coisa para Alex. Ele cuidou da Emily. Eu sei disso e estou

orgulhosa por ter feito isso. Sempre soube que ela era diferente de você e de

Sara. Falando nisso, acabei de saber que sua monstrixha está grávida. Ela sabe

P á g i n a | **313**

quem é o pai? Esqueça que eu disse isso. Agora vou lhe dizer por que estou

aqui. Você não está morrendo de curiosidade?

— Na verdade, não. Não me interessa mesmo nada que saia da sua

boca. Você acha que pode entrar aqui e arruinar nossa vida só porque você...

você teve vontade?

— Não, na verdade passei alguns anos planejando o que eu faria quando

a visse. Onde está Emily?

— Está na faculdade de veterinária, não que seja da sua conta. Alex pode ter sido o pai de Emily, mas eu ainda sou a mãe. Não há nada que você

possa dizer ou fazer para mudar isso. Eu sei, eu sei, você sempre teve inveja

porque eu podia ter filhos e você era seca como uma erva velha. Então, a Emily

não tem nada a ver com você.

— Você está errada. Eu acho que ela tem. Agora, antes que a gente passe

o restante do dia como peixeiras, tenho uma proposta para você.

Debbie lançou um leve sorriso. — Você não tem nada que eu queira,

Kate Rocket. Deus, não acredito em você!

— Como estão as coisas no banco? Eles conseguiram encontrar todo o

dinheiro que sumiu de suas contas? E sua companhia hipotecária? Eles disseram

que sua casa está em encerramento?

Todos os anos que Kate gastou se sacrificando valeram a pena só pelo

olhar de choque no rosto de Debbie. — Como você sabe disso tudo?

— Ah, ora, Debbie. Você não é tão burra! Ou melhor, talvez você seja.

Você nunca foi a estrela mais brilhante do céu, se me lembro bem. Acho que

isso também não mudou muito.

Debbie permaneceu em silêncio. Kate viu medo em seus olhos. Ela se

perguntou se Debbie conheceria o medo que Alex sentiu quando estava sendo

esfaqueado até a morte. O medo que ele sentiu quando foi condenado por um

crime que não cometeu.

P á g i n a | **314**

— Diga o que você quer.

— Nós vamos brincar de dar e receber. Eu tenho algo que você quer.

Você tem algo que eu quero. É simples o suficiente para você?

— Fala logo, Kate.

— Estamos jogando de acordo com minhas regras, Sra. Winter, não com

as suas, então cale-se! — Kate empurrou o monitor da mesa, derrubando-o no

chão. Depois ela arremessou o cinzeiro no ar como um Frisbee.
Cinzas voaram

para todo lado.

— O quê?

Kate levantou sua mão. — Minhas regras. Lembre-se disso.

Debbie se inclinou de volta para a cadeira enquanto Kate veio para
seu

lado da mesa.

— Estas são minhas condições. Ouça, pois só vou falar uma vez.

Amanhã ao meio-dia, ou seja, 12 horas, ponteiro grande no doze,
ponteiro

pequeno no doze. Está acompanhando? Posso falar mais devagar se
quiser.

Kate adorava os olhares no rosto de Debbie. Ela daria um milhão de
dólares para que Alex pudesse estar lá para testemunhar aquilo.

— Está? — gritou Kate.

— Estou acompanhando, tá? — gritou Debbie de volta.

— Não precisa levantar a voz, posso ouvi-la bem. Eu estava
dizendo.

Amanhã ao meio-dia quero ver você, Don, Sara e Emily neste lugar.

— Kate

jogou um pedaço de papel para ela.

— Você está louca? Emily não vem para casa desde que foi para a faculdade. O que a faz pensar que pode convencê-la a voltar para casa?

P á g i n a | **315**

— Diga que sua tia Kate está esperando para vê-la. Tenho certeza de que

ela virá. Eu a conheço melhor do que você imagina.

— E o que eu ganho em troca? — Debbie lançou de volta.

— Ah, você vai ter que esperar. Não vou contar agora. Não teria graça

nenhuma. Esteja aqui amanhã. Meio-dia em ponto ou aquele dinheiro preso no

cyber espaço misteriosamente vai acabar indo para... a conta de alguém que

mereça mais. Talvez alguém como Donald Trump ou Warren Buffett. Agora

quero que você tenha um bom dia, Sra. Winter. A propósito, se descobrir que

você repreendeu Melanie de alguma forma pela pequena parte dela nisso, bem,

acho que você sabe o que posso fazer. É melhor começar a trabalhar. Tchau. —

Kate praticamente flutuou para fora do escritório.

Kate viu Coleman a observando. Eles ficaram acordados a noite toda

planejando sua estratégia. Eram 11h45 da manhã. Quinze minutos para ver se o

plano de Kate funcionaria.

— O que faremos se Emily não aparecer? — Coleman perguntou para

Kate.

— Ah, acho que ela vai. Debbie pode ser muito persuasiva quando precisa ser, especialmente se o dólar todo-poderoso estiver em jogo. Pensei

muito sobre me vingar de Debbie e Sara nesses anos. Queria isso mais do que

tudo. E agora só quero que acabe. Quero seguir em frente.

— Entendo. Mal posso esperar para ir para a minha cabana nas montanhas. — Coleman estava sorrindo.

— Você realmente gosta daquele lugar, não gosta?

— Mais do que de qualquer outro lugar.

— Sabe, você nunca me contou onde fica a cabana. Tem alguma razão?

— Kate queria colocá-lo contra a parede. Talvez ele gostasse de privacidade.

Talvez não quisesse que ninguém mais soubesse a localização da cabana.

P á g i n a | **316**

— Não, nenhuma razão. Achei que Alex pudesse ter lhe falado. Nós conversamos sobre passar alguns dias tranquilos na cabana quando ele voltasse

para casa. Black Mountain, Carolina do Norte. Eu também gosto de lá. Você

precisa conhecer e ficar na cabana, Kate. Tenho uma cozinha com tecnologia

de ponta. Qualquer coisa que eu quiser, é só pular em meu avião e voar para

Asheville, Charlotte. É o melhor dos dois mundos. Aqui no inverno, lá no

verão.

Kate olhou para ele como se tivesse ficado louco. — Achei que sua cabana fosse em... nossa, não sei onde, mas não na Carolina do Norte. Então,

quando você foi me contar sobre o Alex, você foi para sua cabana depois?

— Fui.

— Bem, não sei o que dizer. Somos praticamente vizinhos.

— Você vai voltar para Asheville, Kate?

— Na verdade ainda não pensei muito sobre isso. Não quero ficar aqui.

Acho que devo, pelo menos, ficar com a Gertie por um tempo. Dar um

descanso para ela. Ela não tira férias faz cinco anos.

Coleman andou até onde ela estava sentada. Ele pegou sua mão e a

puxou para ficar em pé. Kate sabia o que iria acontecer. De jeito nenhum ela o

iria impedir.

Com a gentileza de um sussurro, Coleman tocou seus lábios com os dele. Gentil, mas firme. Ele a puxou para perto dele, mais perto do que jamais

esteve. Ela o sentiu inteiro perto dela, ela o queria por inteiro. Em todos os

sentidos que se possa querer, ela queria. Tudo ou nada. Vagarosamente,

Coleman quebrou o beijo. — Seria atrevido de minha parte convidá-la para

jantar de vez em quando?

Kate sorriu e olhou nos olhos verdes do homem por quem ela tinha se

apaixonado. — Coleman Fitzpatrick, você vai jantar comigo mesmo se eu tiver

que ir te buscar eu mesma.

P á g i n a | **317**

— Só jantar? — ele provocou.

— Coleman, estamos na fase dos aperitivos, mas a sobremesa que está

procurando é muito boa.

Ele explodiu em risadas. — Ah, Kate, estou tão feliz... Tão feliz de termos nos encontrado depois de todos esses anos. Sinto-me como uma criança

agora! — Coleman a levantou e a girou.

Houve uma batida na porta. Os dois olharam para seus relógios.

Meio-dia. Em ponto.

Coleman abriu a porta.

— Sr. Coleman, eles estão aqui. Falaram para eu instalar primeiro.

— Sim, em qualquer lugar que achar melhor. — Coleman insistiu para

usarem seu escritório, depois sugeriu um estenógrafo de tribunal e um

cinigrafista. Kate disse a ele que não sabia se a família Winter permitiria que as

partes relevantes da conversa fossem digitadas. Coleman explicou que fazia

parte do pacote. Disse para insistir ou não haveria negócio. Agora ela estava

feliz por concordar com o plano.

O estenógrafo e o cinegrafista estavam prontos para quando fossem

começar.

Coleman pediu para sua secretária levar a família Winter até seu escritório e mandar o estenógrafo e o cinegrafista quando ele os chamasse.

Kate ficou ao lado de Coleman. Ela precisava de seu apoio para fazer

isso. Ela ficara mais firme e fortalecida por sua experiência, mas agora queria

que Coleman ficasse com ela quando implantasse a fase final de seu plano

revisado.

P á g i n a | 318

Debbie, Don e Sara entraram no escritório. Sara pesava pelo menos 100

quilos. Kate inspirou quando olhou para ela. Obviamente estava muito grávida.

Usava tanta maquiagem quanto sua mãe e uma camiseta preta com o nome de

uma banda de rock esticada em sua barriga enorme. Debbie usava branco como

sempre. Don permaneceu no fundo.

— Kate — ele disse quando a viu. Ela acenou, mas não disse uma palavra.

— Emily precisou usar o banheiro. Ela veio direto do aeroporto. Disse a

ela que não podíamos parar até que chegássemos — explicou Don para ela e

Coleman.

Kate estava chocada com a visão de Don. Ele perdera peso. Sua pele

estava flácida, amarelada. Já se fora o homem bonito do passado. Ele parecia

encolhido dentro de si mesmo. Kate sentiu uma onda de pena. Ele não tinha

feito nada para deixar a situação de Alex melhor, mas Kate sabia que ele tinha

realmente acreditado que Alex fosse culpado. Ela se perguntou como ele se

sentia agora.

Alguns minutos depois, Emily foi levada até a sala. Kate respirou fundo,

depois atravessou a sala para abraçá-la. Ela não ligava para o que a mãe e o pai

de Emily pensavam. Era Emily. Filha de Alex. Tomada por um poderoso

sentimento de amor pela menina, Kate achou que fosse desistir, mas depois

soube que tinha que continuar. Emily precisava conhecer Alex, quem e como

ele era.

Quase envergonhada, Emily falou: — Você está linda, tia Kate! Adorei o

cabelo curto.

Kate tocou seu cabelo. — Você não mudou nada, Emily. Você ainda é

linda como um quadro.

— Podemos continuar com este show em vez de vocês duas se arrulharem como dois amores perdidos? — Debbie falou.

P á g i n a | **319**

— Mãe, você sempre tem que ser tão grossa? Não vejo a tia Kate há

quase oito anos ou você se esqueceu disso também?

Kate sentiu a hostilidade entre as duas.

Coleman se levantou. — Acho que estamos prontos para começar. Isto é

um pouco heterodoxo, para dizer o mínimo. Emily, sou Coleman Fitzpatrick.

Eu era o advogado de Alex Rocket.

Ela estendeu a mão para ele.

— O que está acontecendo, Senhor Advogado? Você é muito bom para

pegar minha mão? — Sara Winter desabafou.

— Não, Srta. Winter, não sou muito bom para pegar sua mão. Apenas

penso que a ideia de o fazer me enoja — respondeu Coleman.

Sara olhou para sua mãe e estava prestes a começar uma de suas birras

quando Debbie falou pra ela se calar.

— Podemos começar. Kate.

— Obrigada, Coleman. Obrigada, Emily, por vir até aqui. Sei que não

voltava para casa desde sua formatura do colegial, então quero que saiba que eu

realmente aprecio o sacrifício.

Debbie virou os olhos.

— Sara, eu jurei que nunca mais falaria com você depois do que fez. A

atual conjuntura me obriga a falar com você.

— Não ligo se você fala comigo ou não. Eu tenho que ouvir essa merda,

mamãe?

— Sara, sente sua bunda gorda e cale-se! — gritou Debbie.

P á g i n a | **320**

Kate ficou atrás da enorme mesa de Coleman. — Antes que o estenógrafo e o cinegrafista entrem, tenho algo a dizer. Nos últimos cinco anos,

não fiz nada mais do que planejar o declínio da família Winter. — Kate pausou,

querendo ver a expressão em seus rostos. Debbie continuou virando os olhos,

enquanto Sara mascava um chiclete. Don abaixou a cabeça. Emily ouvia cada

palavra que Kate dizia.

— E eu quase completei minha meta quando, há alguns dias, Coleman

me encontrou. Ele me deu uma carta de Alex, uma carta que eu jamais veria a

menos que Alex estivesse morto. Todos sabemos o que aconteceu com Alex.

Primeiro, ele foi acusado de um crime tão sujo e vil que não suporto nem pensar

sobre isso. Depois, foi condenado. E, finalmente, foi assassinado alguns meses

mais tarde; isso depois de ficar sabendo que sua condenação havia sido

revogada e que ele teria um novo julgamento. Isso é justiça? Alex era inocente

de todas as acusações contra ele. Eu sei disso. Há pelo menos mais duas pessoas

nesta sala que também sabem disso.

Ninguém disse nada. — Na minha busca por vingança, aprendi uma

habilidade que achei que me ajudaria. E ajudou, mas, com o desenrolar das

coisas, não faria mais sentido o que eu havia planejado. Quando fiquei sabendo

do assassinato de Alex, eu quis te matar, Sara. Não conseguia pensar em nada

que me daria mais prazer do que te enforcar até a morte! Depois me lembrei de

que você era uma criança, em grande parte um produto de seu ambiente. Era

para a sua mãe que eu deveria dirigir a minha raiva. E foi isso o que fiz. Debbie,

— você se incomodaria em contar para a Sara por que ela está aqui hoje?

— Eu sei por que estou aqui, não sou burra!

— Você disse essas mesmas palavras quando deu seu depoimento. Eu

não acho que seja nem um pouco burra, Sara. Eu acho que você é lamentável,

miserável como ser humano. Vamos, Debbie, explique por que você e sua

família estão aqui hoje.

Debbie olhou para Kate. Se alguma vez houve um assassinato nos olhos

de uma mulher, seria nos olhos de Debbie.

— Alguns dias atrás eu recebi uma ligação do meu banco. Eles disseram

que eu estava negativa em 43 mil dólares. Depois recebi uma carta certificada

P á g i n a | 321

do nosso credor hipotecário. Eles estavam prestes a executar a hipoteca. Todos

os meus cartões de crédito estão bloqueados.

— Por que não me contou isso? — perguntou Don.

— Ah, você bebe demais para entender qualquer coisa. De qualquer

forma, desde quando você se importa? — Debbie falou para seu marido.

— Por favor, todos vocês, parem de discutir. Tia Kate, você pode me dizer por que estou aqui? — Emily pediu.

— Só um momento, Emily. Coleman, será que você poderia pedir para

sua secretária trazer o cinegrafista e o estenógrafo?

Depois que os dois entraram e se acomodaram, Kate olhou para Debbie.

— Quer fazer as honras?

— Emily, naquele ano — Debbie olhou para suas duas filhas, mas seus

olhos permaneceram em Sara —, Alex não molestou Sara. — Silêncio, exceto

pelos sons da câmera gravando e do estenógrafo digitando o que estava sendo

dito.

— Mas você disse. — Sara chorou antes de ser interrompida por sua mãe.

— Esqueça o que eu disse e fique quieta. Por uma única vez, Sara, mantenha sua boca fechada!

Emily olhou para sua mãe, depois para Sara. — Então... O tio Alex

morreu... Meu Deus! — Ela começou a chorar. Kate foi até ela e lhe entregou

um lenço.

— Debbie? — Coleman perguntou.

— Emily, preciso que você me escute. Quero que ouça o que tenho a

dizer. Você é uma mulher agora, tem uma vida própria, mas a querida velha tia

P á g i n a | **322**

Kate aqui, por todos aqueles anos em que desapareceu da face da Terra, Kate

Rocket tinha um plano.

— Debbie, ou você fala ou eu vou falar. Esperei muito tempo para ouvir

isso, não há necessidade de fazer que seja mais difícil para Emily do que já será

— advertiu Kate.

— OK, aí vai. Pura e simplesmente. Vinte e quatro anos atrás eu transei

com o bom e velho Alex Rocket. Você, minha filha querida, é o resultado!

Emily observou sua mãe e seu pai. — Mas, papai, você sabia?

Kate achou que Emily estava recebendo a notícia extraordinariamente

bem.

— Sim, Em, eu sabia. Mas só depois de Alex ir para a cadeia, embora

tivesse suspeitado por muito tempo que não fui o homem que gerou você. Mas

eu sempre te amei muito, fosse quem fosse seu pai biológico. Isso nunca

mudou, mesmo depois de descobrir quem era esse homem. Você era uma ótima

filha. — Don a envolveu nos braços. — Você ainda é. Eu que não valho nada.

Deixei a sua mãe mandar em mim por muitos anos. Eu sempre estava muito

ocupado tentando chegar ao topo. Eu queria ser alguém. Alguém como Alex.

Eu falhei miseravelmente, Emily. Tudo o que posso pedir é que você me

perdoe. — Os ombros de Don sacudiram com soluços.

Ninguém na sala disse nada. Não havia mais nada a dizer.

— Então, por que estamos aqui? Por que temos que ter estas — Emily

apontou para o estenógrafo e para o cinegrafista — pessoas aqui, gravando cada

palavra?

— Você pode agradecer a tia Kate por arranjar isso.

— É verdade? — Emily questionou.

— Sim, receio que sim. Esperei muito tempo para limpar o nome de Alex. Ele sentiu tanta vergonha das acusações contra ele. Ele se preocupou mais

comigo do que com ele. O que isso traria para a Kate? Ele sempre escreveu

P á g i n a | **323**

pedindo desculpas. Ele não tinha que pedir desculpas por nada! Ele morreu por

causa de uma mentira! E em troca da sinceridade de Sara, concordei em ajudar

sua mãe a limpar seus problemas no banco, os problemas com a hipoteca e os

problemas com os cartões de crédito. E, assim, consigo tirar a mancha do nome

de Alex. Espero colocar isso no ar já no noticiário das 6 horas de hoje!

— Isso não fazia parte do combinado!

— Não, você está certa, não fazia. Você realmente acreditou que fazer

Sara confessar seria suficiente? Todas as pessoas que amavam e se importavam

com Alex têm o direito de saber que ele não morreu na prisão como um

molestador sujo de crianças!

— Então, agora você quer jogar a minha família na lama? É isso que você quer, Kate, olho por olho? — Debbie gritou com ela. As veias estavam

saltando em seu rosto. — Porque, se esta fita for a público, você terá arruinado

a mim e a minha família!

— Eu sei. Agora, talvez, você fique sabendo como é. Don, tem algo que

você queira dizer? Eu sei que Coleman falou com você hoje de manhã. Ele não

me disse o que você queria falar, apenas que gostaria de ter uma chance de tirar

algumas coisas de seu peito. Você ainda quer fazer isso? — perguntou Kate.

— Sim. Sara, sinto muito se isso magoar você. Nós varremos seus problemas para debaixo do tapete por muito tempo. Eu disse para sua mãe que

você precisava de ajuda há anos. Ela supostamente cuidou disso e eu me fiz

acreditar que ela tinha mesmo cuidado. Eu não caio nessa. Não era só você que

precisava de ajuda. Debbie, você foi categórica ao fazer as acusações contra

Alex. Enquanto eu pensava que você estava conversando com Sara, você estava

dizendo coisas para ela falar! Como você pôde? Alex era meu melhor amigo!

Você não apenas dormiu com ele, mas, até onde eu sei, você o matou também!

Mais silêncio. Até Sara perdeu as palavras.

— Sara, você era uma criança quando isso aconteceu. Não te considero

inteiramente responsável, mas você sabia o que estava fazendo. Você ficou

P á g i n a | **324**

sabendo naquele dia que Emily era filha do tio Alex. E você queria vê-lo

sofrendo como sua mãe sofreu, não queria?

— Eu fiz o que a mamãe mandou, só isso. Eu...

— Além de ciúmes — interrompeu Don —, eu nunca saberei ou

entenderei o que te motivou, Debbie, mas uma coisa eu realmente entendo pela

primeira vez na vida. Nunca mais vou permitir que você me controle. Você

arruinou a Sara, e por isso nós dois vamos ter que procurar ajuda para ela.

Assim que eu sair desta sala, vou para casa. Estou indo embora, nunca mais

quero ver essa sua cara mentirosa e conivente! Você entendeu?

— Tanto faz, Don. Você é um bêbado. Agora, Kate, você conseguiu o

que queria? Que tal fazer o que prometeu?

Depois que o estenógrafo e o cinegrafista saíram, Kate foi até o

computador de Coleman. Ela já tinha recolocado o dinheiro e limpado tudo das

contas de Debbie. Só para se mostrar, tinha dito ao Coleman que precisava

desses minutos de glória. Já que ela não tinha admitido nada para ninguém,

com exceção dos Winter, ela sabia muito bem que nem Emily e nem Don iriam

testemunhar contra ela, independentemente do que Debbie fizesse, não estava

preocupada em ser pega pela justiça por sua atividade criminal.

Emily não disse nada para Kate, mas Kate sabia que ela ainda voltaria.

Don se desculpou de novo. Debbie e Sara estavam brigando antes de saírem da

sala.

Com a transcrição das partes relevantes da reunião nas eficientes
mãos

do estenógrafo e com o vídeo disponível para ir ao ar pelos âncoras
dos

noticiários das 6 horas em Naples, assim como em Asheville e as
regiões

próximas, Kate sentiu que havia cumprido o que planejara todos
aqueles anos

— arruinar a família Winter ou pelo menos metade da família.

Como bônus, a reputação de Alex seria restaurada e ela poderia
seguir

com sua vida. O resto se arrumaria sozinho.

P á g i n a | **325**

Kate olhou para Coleman. — O que você acha de preparar um
jantar

para uma garota trabalhadora?

— Só se ela beijar o cozinheiro!

Kate recebeu Coleman em seus braços.

P á g i n a | **326**

Epílogo

Um ano mais tarde...

Véspera de Natal

Flocos de neve grandes como pratos caíam do céu escuro. A luz opaca

das estrelas se escondia atrás das nuvens. A lua espreitava do topo das Black

Mountains ao longe. Fumaça ondulava da chaminé da cabana localizada ao

lado da montanha.

Do lado de dentro, a cabana estava repleta de risadas e alegria. Perfumes

celestiais de biscoitos flutuavam no ar fresco da noite. Emily Winter pensou que

isso lembrava uma cena de uma pintura de Norman Rockwell.

Ela esperava que ainda fosse bem-vinda. Fazia um bom tempo, mas

estava pronta para perdoar a tia Kate. Hesitou antes de bater. Aquela não era a

casa dela, era de Coleman. Talvez ele não a quisesse lá no final das contas. A

tia Kate enviara dezenas de cartas convidando-a para ir às montanhas. Em cada

carta, ela a convidava a passar as festas com eles, e Emily decidiu que queria

dividir essas festas especiais com alguém que amasse de verdade e que a amasse

de volta.

Bem, lá estava ela. Faça ou morra. Ela bateu na porta. Ela ouviu risadas

e um bebê chorando. Um bebê? Estranho, a tia Kate nunca mencionou nada

nas cartas sobre alguma de suas amigas ter tido um bebê. Ela bateu mais forte

uma segunda vez.

A porta se abriu quando ela estava prestes a bater novamente.

P á g i n a | 327

— Emily!

— Em carne e osso.

Coleman a convidou:

— Entre, você vai congelar aí fora. Deixe-me pegar seu casaco.

Emily sabia que tia Kate e Coleman tinham se casado em junho. Ela estava feliz por eles.

Emily entrou. A cabana parecia ser de um conto de fadas. Uma árvore

de Natal, de pelo menos quatro metros, ficava em um canto. Vermelho, verde,

azul e todas as cores do arco-íris cintilavam do brilho das luzes. Uma estrela

dourada resplandecia tão brilhante quanto o fogo da lareira de pedra no lado

oposto da sala. Isso era como o Natal na casa da tia Kate, que sempre aparecia

em seus sonhos.

Sofás vermelhos e cadeiras verde-escuras estavam espalhados pela sala

gigante. As pessoas estavam reunidas em círculos pequenos. Jovens e velhas.

Bing Crosby cantando —White Christmas|| tocava sutilmente de fundo. Seus

olhos se encheram de lágrimas com a cena. Tio Alex, —seu pai||, teria gostado

disso.

Coleman pegou seu casaco enquanto ela observava as festividades. — É

um tipo de festa de Natal, recepção de casamento e chá de bebê tudo junto.

Emily riu. — Parece maravilhoso. Agora, onde posso encontrar a tia Kate? Ah, espere, deixe-me adivinhar. Ela está na cozinha?

— Onde mais? Entre e faça uma surpresa. Vai ser o melhor presente que

ela podia ganhar — Coleman encorajou.

Emily seguiu o cheiro de cookies assados até a cozinha. Ela observou a

alegria. Isso era o que ela queria, mas com três crianças e dez cachorros. Ela viu

o golden retriever avermelhado enrolado em um canto, seu rabo balançava a

150 quilômetros por minuto.

P á g i n a | **328**

Ela deu um passo, depois outro antes de parar. Tia Kate estava tirando

bandejas de um forno enorme. Outras três mulheres estavam enchendo cestas

com cookies na mesma velocidade em que conseguiam tirá-los das fôrmas.

Sem saber quem ela era, uma das mulheres a convidou a pegar uma das

cestas. Emily fez como foi instruída. Tia Kate trocou uma das folhas por outra

antes de ver Emily do seu lado na linha de montagem de cookies.
— Emily? É

você mesmo?

Ela a agarrou e a abraçou, depois a empurrou para olhar para ela.
—

Você é tão linda, Emily. Parece um anjo.

— Tudo bem falar que eu pareço com o tio Alex. Eu sei que pareço.

— Ah, Emily, esta é a melhor festa da minha vida! Quando você chegou?

— Há alguns minutos. Coleman me deixou entrar.

— Sente-se, sente-se. Você não precisa trabalhar. Estamos assando cookies para os cachorros dos abrigos locais. Só não dê uma mordida. Não

acho que essa receita seja para consumo humano.

— A Gertie está aqui?

— Está aqui em algum lugar. Eu praticamente tive que arrastá-la para

cá. Ela se recusou a deixar o canil a menos que Lauren, que tem trabalhado

para Gertie desde o colegial, concordasse em ficar na casa.

— A cara da Gertie, teimosa como sempre.

— Quem disse que sou teimosa? — Gertie entrou na cozinha. — Emily?

Nossa, estou surpresa! Kate não me disse que você viria. Meu Deus, você ficou

tão... grande e tão bonita. Parece muito com Alex. Venha aqui, deixe-me

abraçá-la. — As duas se abraçaram. Os olhos de Gertie se encheram de

lágrimas.

P á g i n a | **329**

— Este é o melhor presente que uma velha como eu poderia receber.

Kate, por que não me disse que esta garota estaria aqui?

Emily olhou para Kate.

— Foi uma surpresa, Gertie. Para todo mundo.

Emily sussurrou obrigada para Kate.

— Então, ela sabe sobre a princesinha? — Gertie perguntou para Kate.

Kate deu um olhar —cale a boca|| para Gertie. Emily já tinha visto isso

antes.

— Sobre qual princesinha vocês estão falando?

— Emily, vamos lá para cima, vou lhe mostrar.

Kate levou a jovem que ela amava tanto como uma filha para o andar de

cima, um sótão que dava para a sala abaixo.

— Isto é tão agradável! Eu ficaria aqui em cima o tempo todo se fosse

meu quarto. — Emily se inclinou e deu uma olhada na festa embaixo.

— É uma ótima cabana. Coleman e eu, nós planejamos morar aqui.

Talvez no ano que vem. Está levando um pouco mais de tempo para ele se

aposentar do que pensou. As rodas da justiça realmente giram lentamente. —

Kate riu. — Faz quanto tempo que não vê sua família? — Emily de repente

pareceu triste, e Kate se arrependeu de tocar no assunto.

— Faz mais de um ano. Não voltei para lá desde aquele dia no escritório

de Coleman. Nunca me dei bem com eles, tia Kate. Sei que isso parece horrível.

Eles são a minha família. São diferentes. Mas recebi uma carta do papai. Ele

não bebe nada há um ano. Estou orgulhosa dele.

P á g i n a | **330**

— E você deve ficar mesmo. Ele nem sempre esteve em uma situação

fácil. — Kate sentiu pena de Don, mas ficou contente por ele ter conseguido a

ajuda de que precisava.

— Eles ainda não se divorciaram. O papai não sabe por que minha mãe

não quer assinar os papéis, mas ele disse que estava se mudando.
Está gostando

de morar em Nova York de novo. Acho que está trabalhando em
uma nova

empresa de engenharia. Ele parece feliz... A última coisa que ouvi
foi que

minha mãe foi forçada a fechar a imobiliária, vender a casa e que
tinha se

mudado para algum lugar em Geórgia, onde comprou uma
lancheonete. Sara se

casou com aquele esquisito drogado e ninguém sabe para onde foi.
Mas o que

você queria me contar, tia Kate? Sei que me trouxe aqui por uma
razão.

— Sim, trouxe. Espere aqui. Eu já volto.

Kate saiu e voltou em alguns minutos. Ela carregava um pequeno
pacote

em seus braços. — É isso o que eu queria mostrar. — Kate se
atrapalhou com o

pacote em seus braços. Ela puxou o cobertor, revelando um rostinho
pequeno.

— Nossa! Ela é tão bonita, tia Kate.

— Eu acho. Ela é um bebê muito bonito, não é? — Kate esfregou o
nariz

da pequena criança envolta nos cobertores.

— De quem ela é? Pensei mesmo ter ouvido um bebê chorando quando

bati na porta.

O bebê fez alguns barulhinhos. Kate e Emily riram. — Ela vai começar a

falar antes que você perceba. Emily, esta menina é minha e do Coleman. —

Kate pausou, dando um tempo para que ela processasse a notícia.

— Como? Você nunca disse que estava grávida naquelas cartas. Bem,

você está fantástica! Que nome você deu para esse amorzinho? — Emily pegou

a criança de Kate.

— Nós a chamamos de Alexandra Suzanne.

P á g i n a | **331**

— É bem grande, mas bonito. — Emily continuou a beijar e fazer cócegas no bebê.

— Emily, eu não dei à luz a Alexandra. Nós a adotamos.

— Bem, isso explica sua aparência. Eu acho maravilhoso. Sei que você e

o tio Alex sempre quiseram uma filha. Quanto tempo ela tem? — perguntou

Emily.

— Três meses. Sua mãe biológica era filha de um dos clientes de Coleman. A criança foi colocada para adoção privada depois que a mãe morreu

no parto. Nós demos o nome de Alexandra Suzanne, pois Suzanne era o nome

da primeira esposa de Coleman, e nós dois achamos que Alexandra era um

nome bonito, em homenagem ao Alex.

— Acho ótimo, tia Kate. A vida às vezes te joga uns limões, e você tem

que fazer uma limonada! — Quando Emily abraçou Kate, Alexandra Suzanne

chorou, e as duas riram.

— Nós vamos colocar um enfeite muito especial na árvore em um minuto. Eu gostaria que você fizesse as honras. Siga-me.

Lá embaixo, os convidados estavam em volta da árvore. Cada um tinha

um enfeite para colocar. Enfeites de casamento, de bebê e alguns ornamentos

simples estavam pendurados pela árvore.

Kate passou o bebê para Coleman. Ela bateu as mãos para chamar a

atenção de todos.

— Eu tenho um enfeite muito especial para colocar na árvore. Faz muitos anos desde a última vez que ele ficou pendurado em um galho. Esta é uma noite muito especial para mim. Tenho a filha com a qual sempre sonhei e um marido que cozinha. — Todo mundo riu. — E tenho a Emily, que sempre foi como uma filha para mim. Gostaria de lhe dar a honra de pendurar o meu próprio enfeite especial na árvore.

P á g i n a | **332**

Kate pegou uma pequena caixa e tirou o papel de seda com o qual o ornamento estava embrulhado. O primeiro enfeite de Natal dela e de Alex — sua foto de casamento gravada na estrela de cristal e aquelas palavras memoráveis. Ela entregou o ornamento para a filha de Alex. Lágrimas surgiram enquanto Emily pendurava o ornamento de seu pai na árvore. Quando ela terminou, houve aplausos lentos e depois todos gritaram —Feliz Natal|| uns para os outros.

— Tem mais uma coisa. — Kate pegou um presente do tamanho de uma

embalagem de camisa e deu para Emily. — Isto é para você. De Alex.

Não havia uma só pessoa que não estivesse emocionada enquanto observava Emily abrir o presente.

Ela removeu o papel lentamente, tomando cuidado para não rasgar.

Tirou uma pilha de papéis envoltos em uma fita vermelha. Depois tirou a fita e

deu uma olhada nos papéis.

— É a escritura do canil!

— Feliz Natal, Emily! — sussurrou Kate. Mais tarde, quando todos os convidados haviam ido embora e a noite estava tranquila, Kate foi para fora no

ar gelado de inverno.

Ela removeu a tampa do recipiente que carregava. Ela estava no alto da

montanha, na terra que amava. Com lágrimas nos olhos, jogou as cinzas que

carregara por tanto tempo.

— Você está em casa agora, Alex. Em casa de verdade.

FIM





P á g i n a | **333**

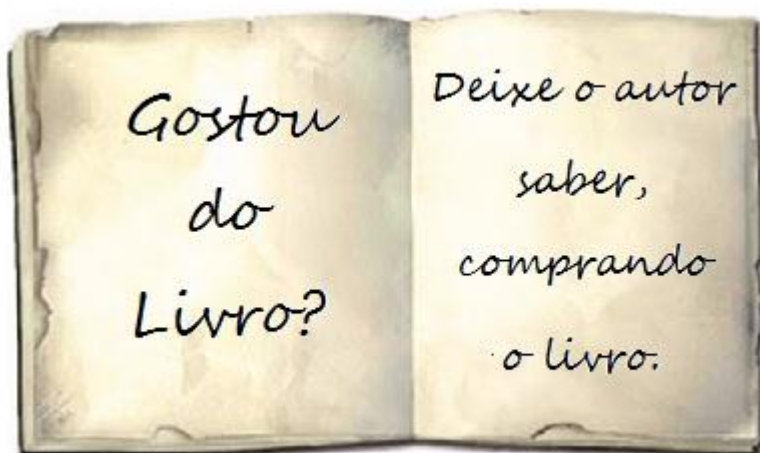
Michaels Fern (nascida **Mary Ruth Kuczki**) é uma autora Americana

de romances e suspense, incluindo quase 50 melhores livros de vendas com

mais de 70 milhões de cópias impressas.

Seu USA Today and New York Times de livros mais vendidos incluem *Family Blessings*, *Pretty Woman*, and *Crown Jewel*, como também Texas quartet e a série The Captive.





Página | **334**

Livro publicado pela Editora Novo Conceito